UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS

MARIA GORETTI DE ARAÚJO BOUDENS

PROPOSTA DE ESTUDO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM INSTITUIÇÃO MILITAR DE ENSINO

UBERLÂNDIA
2017

MARIA GORETTI DE ARAÚJO BOUDENS

PROPOSTA DE ESTUDO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM INSTITUIÇÃO MILITAR DE ENSINO

Trabalho de Conclusão Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino.

Orientadora: Profª. Drª. Adriana Cristina Cristianini.

UBERLÂNDIA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

B756p 2017

Boudens, Maria Goretti de Araújo, 1964-
Proposta de estudo de variação linguística em instituição militar de ensino / Maria Goretti de Araújo Boudens. - 2017.
443 f. : il.

Orientadora: Adriana Cristina Cristianini.
Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduacão em Letras (PROFLETRAS).
Disponível em: http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.951
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Teses. 3. Língua portuguesa - Variação - Teses. I. Cristianini, Adriana Cristina. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduacão em Letras (PROFLETRAS). III. Título.

CDU: 801

Gerlaine Araújo Silva – CRB-6/1408

MARIA GORETTI DE ARAÚJO BOUDENS

PROPOSTA DE ESTUDO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM INSTITUIÇÃO MILITAR DE ENSINO

Trabalho de Conclusão Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Uberlândia, 28 de julho de 2017.

Profª. Drª. Adriana Cristina Cristianini – UFU – Orientadora

Profª. Drª. Eliana Dias Pafumi – UFU - Examinadora

Profª. Drª. Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto - UEG - Examinadora

In memoriam,

a *Emile Paulus Johannes Boudens*,

grande homem, meu pai, meu referencial de vida, meu mentor e minha inspiração,

que deixou uma grande herança em forma de exemplo e de paixão pelo conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Demonstrar gratidão é uma virtude e um ato de nobreza, pois sempre precisamos uns dos outros em todos os momentos da nossa vida. E, nesta etapa final do curso, reconheço a importância das pessoas que estiveram comigo nessa trajetória.

À minha mãe, Aylde Boudens, pelo apoio incondicional e pelo incentivo para eu concluir o Mestrado.

Aos meus filhos, Thales Johannes Boudens, Taýla Hendrika Boudens e Caio Boudens, razões da minha vida, pela colaboração em casa, por me terem dado suporte durante as longas ausências.

À minha adorada neta, Helena Boudens Homrich, que me proporciona muita alegria, que nunca me dá sossego para escrever, que sempre está ao meu lado, que me traz intensa felicidade.

Aos meus irmãos, Paulo, Jaqueline, Clara, Rafael, Luís Antônio, Francisca, Ângela e Emília, pela presença constante e pela parceria eterna.

Ao meu sobrinho, Johann Boudens, pela prestimosa ajuda e solicitude nos momentos necessários.

À direção do colégio, que me propiciou as condições necessárias para a realização da minha pesquisa dentro do ambiente escolar e que me incentivou a estudar, a investigar, a ter oportunidade de melhorar minha prática educativa.

Aos meus colegas da equipe de Língua Portuguesa do nono ano, os professores Cássia Alessandra, Elizete Cristina e Gênesis Juscelino, por me ajudarem na aplicação da proposta de intervenção, dando sugestões, tecendo críticas, destacando aspectos positivos e negativos.

Ao professor, parceiro de profissão e amigo, Francisco Caldas, que me ajudou, tanto profissional quanto emocionalmente.

Ao professor Leandro Batista, colega de trabalho, que me apresentou o PROFLETRAS e que me ajudou na seleção de fontes de consulta.

Aos meus alunos do nono ano das minhas duas turmas de 2016, fonte inesgotável de saberes, colaboradores eficientes, que participaram das oficinas, que me trouxeram informações valiosas.

À Laura de Oliveira Romão, por ter criado o desenho que ilustra a capa do vocabulário dos termos militares, um dos produtos finais desta pesquisa.

Aos colegas do Mestrado, Sandro Teles, Vilmar Lourenço, Luciana, Ivan pelo companheirismo, pela cumplicidade. Com vocês, descobrir o verdadeiro significado da

palavra amizade. À Fátima Mello, pelas conversas longas durante as viagens e pela colaboração mútua.

À amiga Neubiana Silva Veloso Beilke, por quem tenho imenso carinho e admiração, que trouxe importantes colaborações para a realização deste trabalho.

Aos integrantes dos grupos de pesquisa GPDG e GPS, com os quais pude aprender bastante a respeito do assunto e me aprofundar nos estudos relacionados ao tema escolhido para este trabalho.

À Jorcelina Azambuja e à Lazuíta Goretti, que cuidadosamente fizeram a revisão deste trabalho.

Ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia - ILEEL - e à coordenação do Programa de Mestrado Profissional - PROFLETRAS, que desempenharam as suas atribuições com eficiência.

Aos professores que ministraram aulas durante o curso e demonstraram que a abordagem do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa pode realizada sob uma perspectiva diferente.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos, ajuda financeira indispensável para cumprir as metas do curso.

Aos examinadores da banca de qualificação e de defesa, que aceitaram ler e avaliar este trabalho, oferecendo contribuições para o enriquecimento da obra com um todo.

Às demais pessoas que, de variadas formas, me ajudaram durante todo o tempo de duração do curso.

Agradeço por tudo.

Obrigada.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Por toda a nossa vida, estabelecemos contato com os nossos semelhantes, pois fazemos parte de diversos contextos sociais e interagimos neles o tempo todo. E é com base nessa convivência que vamos delineando a nossa personalidade, o nosso caráter, o nosso futuro.

Durante minha jornada, encontrei pessoas que ajudaram a construir a história da minha vida. Muitas delas contribuíram para a minha formação educacional; outras influenciaram a minha escolha profissional; umas serviram como inspiração e como modelo de integridade para mim. Mesmo das adversidades é possível extrair lições dos acontecimentos que nos rodeiam, porque nesses momentos nos descobrimos mais fortes e mais dispostos a alcançar nossos objetivos.

O Mestrado Profissional em Letras, realizado depois de muitos anos distante das carteiras das salas de aula de uma universidade, constituiu verdadeiro desafio para mim. Neste curso, há excelentes professores, verdadeiros mestres na arte de ensinar, detentores de imensurável saber acadêmico. Todos contribuíram imensamente para que eu ampliasse os meus conhecimentos e repensasse a minha prática pedagógica, visando a um novo enfoque na abordagem da Língua Portuguesa nas aulas ministradas por mim.

Entretanto, aprendi a principal lição, a de vida, com a minha orientadora, a professora Adriana Cristina Cristianini, a quem declaro gratidão por nunca ter desistido de mim e por não ter-me deixado desistir. Com seu jeito meigo e carinhoso, com suas risadas repletas de alegria contagiante, com suas histórias entremeadas de humor, com sua autenticidade, com seus exemplos, ela conquistou ainda mais o meu respeito e a minha admiração. Ela me apoiou em todas as etapas do curso, demonstrando que se importava com o meu bem-estar físico e o emocional, acolhendo-me, aconselhando-me, animando-me.

Certa ocasião, durante palestra em uma conferência, ela disse que “A intelectualidade não pode superar a humanidade nunca”. Essa frase ficou gravada na minha memória e provocou reflexões; mas o mais marcante foi perceber que a Adriana revela, na prática, essa ideologia de vida com atitudes e com ações, mostrando o quanto o autêntico professor faz a diferença na vida de um aluno. Por isso, eu declaro a ela: “obrigada por ser parte da minha vida”.

"(...) A Língua é um conjunto de variantes".

(NEVES, M. H. M. 2003).

RESUMO

Este trabalho visa minimizar algumas lacunas detectadas a respeito da abordagem das variações linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa no contexto escolar. Trata-se de uma proposta de revisão do enfoque centrado no estudo da gramática normativa, a qual privilegia o uso das regras prescritivas e pouco valoriza as formas correntes e coexistentes de usos. Tal atitude cria a falsa ilusão de que a língua é única para todos falantes e que deve ser utilizada do mesmo modo em qualquer situação social. O lócus de estudo e de intervenção é um colégio militar da rede federal de ensino regular, localizado em Brasília, no Distrito Federal. A visão geralmente atribuída à referida instituição, como atrelada ao tradicionalismo, precisa ser esclarecida na medida em que a disciplina exigida dos alunos no que concerne ao cumprimento das regras determinadas e primadas pela referida instituição não restringe a didática utilizada pelo professor na condução das aulas. Pelo contrário, a escola tem procurado adequar sua prática pedagógica às exigências das novas demandas, adequando o currículo às orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, permitido ao docente reestruturar e reformular as suas ações no processo de ensino e de aprendizagem, inclusive reconhecendo e trabalhando as variações linguísticas em sala. Nesta pesquisa, adota-se o posicionamento de que a diversidade linguística no país não pode ser ignorada, tendo em vista que a língua é um "produto social da faculdade da linguagem, constituída por símbolos, pertencente a uma comunidade de fala; fator interacional que faz parte da cultura e categoriza o mundo natural; sistema heterogêneo, passível de variação" (FROMM, Votec, 2012). Com base nessa perspectiva, acredita-se que a língua é um produto da interação e está em constante processo de mudança. Portanto, no ambiente escolar, faz-se necessário considerar uma visão crítica em relação ao ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, reformulando estratégias para lidar com essa realidade, promovendo modificação no comportamento dos envolvidos, professor e aluno, os quais, conscientes de que "a língua está relacionada à questão cultural do sujeito" (CRISTIANINI, 2012), ampliem suas concepções linguísticas e combatam o preconceito linguístico. Dessa forma, defende-se a ideia de que a sala de aula constitui um espaço propício para discutir, entender, reconhecer e validar a realidade do uso das variações linguísticas. Assim, o presente trabalho, desenvolvido em duas turmas do nono ano do Ensino Fundamental II, formadas por estudantes oriundos de diversos estados do Brasil, propõe atividades focadas especificamente no que tange a uma educação linguística tanto no caráter inclusivo quanto no aspecto da heterogeneidade. Essa riqueza inerente a esses alunos possibilitou o conhecimento de outras formas de expressões linguísticas, bem como o acréscimo de itens lexicais ao vocabulário ativo dos estudantes. A proposta de intervenção foi aplicada em forma de oficinas pedagógicas, de modo a integrar a teoria à prática. A abordagem desse tema fundamentou-se em pressupostos teóricos de diversos autores. Dentre eles, destacam-se Labov (1972), Bagno (1999; 2002; 2007), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Cyranka (2007), Faraco (2009), Azeredo (2009), Ilari & Basso (2007). Avalia-se que o conhecimento foi construído em conjunto, ao serem compartilhadas experiências entre os envolvidos no processo, a partir da leitura de textos de autores oriundo de diferentes pontos geográficos do país e de outros produzidos em épocas distintas, da exibição de vídeos, da audição de letras de música. As atividades propostas foram compiladas em um caderno, apresentado em duas versões: uma para o professor e outra para o aluno. O produto obtido da análise dos dados coletados durante a realização das oficinas resultou em um glossário – contendo o registro de palavras e de expressões recorrentes das regiões brasileiras - e um vocabulário de termos empregados no ambiente militar de ensino.

Palavras-chave: Variação linguística. Ensino. Colégio militar. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This work focus on minimizing the amount of holes detected when comes about the approaching of linguistic variations on Portuguese classes in schools. It brings a reviewing proposal of the focus on the normative grammar studying which privileges the use of prescriptive rules and hardly values the current and coexisting ways of using it. Such attitude creates a false illusion that the language is unique to all speakers and it should be used in only one way in any social situation. This study and intervention took place in a regular federal military school network located in Brasília, Distrito Federal. The vision generally attributed to this institution as attached to traditionalism needs to be cleared by the time the discipline demanded from the students when comes about concerning with the rules applied by the institution do not restrict the didactic used by the teachers while conducting classes. On the contrary the school has been looking to adequate its pedagogical practice to the new demands shaping its curriculum to the orientation of the National Curriculums Parameters allowing the teacher to restructure and reformulate his actions during the process of teaching and learning besides recognizing and working the linguistic variations in class. This research adopted the point of view that the linguistic diversity in the country cannot be ignored focusing that the language is a "social product of language college constituted by symbols which belong to a speech community; the interactional system that is part of the culture and categorize the natural world; heterogenic system capable of variation" (FROMM, Votec, 2012). Based in this perspective it is believed that the language is an interaction product and it is a constant changing process. So at the school environment it's necessary to consider a critical vision over the theaching-learngin relation in Portuguese Language reforming strategies to deal with this reality promoting modifications on the involved behaviors (teacher and student) which are conscious that "the language is related to a subject's cultural matter" (CRISTIANNI, 2011) amplify their linguistic conceptions and fight the preconception of the language. For that the present study developed in two ninth grade classes of middle school formed by students from several Brazilian states proposes activities focused specifically around a linguistic education as well as the inclusive form as the heterogenic aspect. This wealth from these students made possible the knowledge of other linguistic expressions vocabulary. The intervention proposal was applied in the shape of pedagogical shops making a way to integrate the theory to the practice. This theme's approach had bases on theoretical assumptions from several authors. Among them Labov (1972, Bagno (1999; 2002; 2007),
Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Cyranka (2007), Faraco (2009), Azeredo (2009), Ilari & Basso (2007). It evaluates the knowledge built together by beeing shared among those involved in the process starting with the Reading of texts written by authors from different places around the country and others written in distinguished times from the exhibition of videos, to rearing lyrics. The activities proposed were compiled in a notebook which was presented in two versions: one for the teacher and the other one for the student. The result of the analizys of the data collected during the shops resulted in a glossary – containing the registration of current words and expressions used in each Brazilian region – and a vocabulary with the expressions applied in the military school.

Keywords: Linguistic variation. Teaching. Military school. Portuguese language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa dos estados brasileiros que possuem representantes na Turma 1 e na Turma 2 43
Figura 2: Ciclo da pesquisa-ação 75
Figura 3: Fotos do mural. 110
Figura 4: Mapa das variações lexicais encontradas nos estados do Brasil 111
Figura 5: Diagrama relacionando algumas variações lexicais encontradas nas pesquisas feitas com os alunos. 112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Levantamento da diversidade de origem dos alunos 40
Quadro 2: Levantamento da origem dos pais dos 70 alunos-colaboradores. 44
Quadro 3: Dois Tipos de norma 57
Quadro 4: Dicionário, vocabulário e glossário. 67
Quadro 5: Registro das palavras em quadro criado pelos alunos das Turma 1e 2 na Oficina 1, Módulo 1. 101
Quadro 6: Ampliação da lista de expressões recorrentes na região Sul 132
Quadro 7: Expressões indicadas pelos alunos a respeito do falar gaúcho. 132
Quadro 8: Palavras do Português brasileiro originárias de língua indígena 138
Quadro 9: Significado de palavras do glossário dos alunos 145
Quadro 10: Palavras da fala diária relacionadas pelos alunos. 148
Quadro 11: Vocabulário dos neologismos do texto “Hipotrélico” 152
Quadro 12: Questionário aplicado após a realização das cinco oficinas 153

LISTA DE GRÁFICOS

Gráficos 1 e 2: Faixa etária dos alunos da Turma 1 e da Turma 2. 39
Gráficos 3 e 4: Gênero dos alunos da Turma 1 e da Turma 2 40
Gráfico 5: Levantamento da diversidade de origem dos 70 alunos colaboradores. 42
Gráficos 6 e 7: Origem dos alunos da Turma 1 e da Turma 2. 43

LISTA DE ABREVIATURAS E DE SIGLAS

AE - Avaliação de Estudos

ALiB - Atlas Linguístico do Brasil

AP - Avaliação Parcial

CA - Corpo de Alunos

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

CM - Colégio Militar

COPEVAL - Caderno de Oficinas Pedagógicas para estudo das Variações Linguísticas

DE - Divisão de Ensino

DOC - Documento de texto com formatação

GPS - Grupo de Pesquisa em Sociogeolinguística

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE - Nacional de Educação

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático - Dicionários

PSD - Plano de Sequência Didática

PTB - Português Brasileiro

QS - Questionário Sociolinguístico

QSL - Questionário Semântico Lexical

SAEB - Sistema Nacional de Avaliação Básica

SGL - Sociogeolinguística

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

VI - Verificação Imediata

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 17

2 ASPECTOS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL E DO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA 26

2.1 A EDUCAÇÃO NO BRASIL 26
2.2. O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA 28
2.3 O LÓCUS DESTE ESTUDO: O COLÉGIO MILITAR 32

3 UMA VISÃO SOCIAL DA LÍNGUA 47

3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA E A ABORDAGEM DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS 47
3.2 DISTINÇÃO ENTRE SISTEMA, NORMA E FALA 54
3.3 AS NORMAS 56
3.4 AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E A NOÇÃO DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO 63

4 LÉXICO 66

4.1 CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO 69

5 MÉTODO E PROCEDIMENTOS 74

6 DESCRIÇÃO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS 83

6.1 AS OFICINAS PEDAGÓGICAS 87
6.2 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS 91

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 161

REFERÊNCIAS 166

ANEXOS 170

ANEXO A – QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO 170
ANEXO B – QUESTIONÁRIO A RESPEITO DAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA 170

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo inaugural, são apresentadas as motivações para a realização do presente trabalho, a contextualização e a constatação do problema investigado, o tema, a justificativa, a hipótese e as perguntas de pesquisa. Além disso, delimita-se o objetivo geral e os objetivos específicos, bem como se explica como este trabalho está organizado.

Iniciando a reflexão acerca do tema proposto para a presente investigação, acredita-se que é relevante lembrar que todo ser humano integra mais de um contexto social, nos quais desempenha papéis diferentes. E, para que uma pessoa consiga exercer bem cada função que lhe é atribuída, é importante saber como explorar os recursos da língua, de forma a conseguir compreender o outro e vice-versa. Além disso, também precisa estar ciente das possibilidades de usos dos elementos lexicais adequados às variadas situações de vida nas quais se envolve.

É fato que a apropriação da linguagem acontece, primeiramente, na modalidade falada. Logo na infância, uma criança automaticamente tem acesso – mesmo que de maneira inconsciente – aos recursos da língua no que concerne à organização das ideias, ao conjunto de palavras e de expressões recorrentes na sua comunidade, de modo que seja possível estabelecer contato com os outros indivíduos com quem se convive no ambiente familiar, na igreja, na sociedade em geral. Dessa maneira, torna-se inevitável a assimilação e a apropriação do modo como a língua é utilizada pelos seus pares nesses contextos sociais, reproduzindo o que se ouve e o que se observa.

Ao ingressar na escola, essa criança inicia o processo de alfabetização e, a partir de então, descobre os mecanismos necessários para decodificar e para escrever palavras, bem como organizá-las em textos e, posteriormente, compreender as mensagens transmitidas pelos variados meios de comunicação. À medida que vai aprofundando nos estudos, avançando nas séries escolares, o aluno passa a ter, no currículo obrigatório, aulas de Língua Portuguesa. Ele descobre, então, a existência da gramática normativa, a qual preconiza um uso do idioma de forma mais rígida e um pouco distante do uso diário que se faz dele. Muitas vezes, inclusive, os exemplos utilizados para ilustrar algumas regras desse tipo de gramática são textos (ou fragmentos) de escritores consagrados da literatura nacional, sendo que muitos deles nem sempre são conhecidos pela maioria dos estudantes brasileiros. Isso faz com que surja um abismo entre o que se espera desses estudantes – no que tange ao emprego da gramática normativa – e o uso efetivo que eles fazem da língua. A partir daí, frequentemente se ouvem esses mesmos alunos dizerem que não sabem Português, ou que Português é muito difícil.

Aparentemente a língua oficial de um país apresenta uma concepção de homogeneidade, já que existe uma normatização para determinados contextos e usos da língua. Entretanto, há que se reconhecer a variação linguística nos usos diários que o falante faz da língua materna, evidência da heterogeneidade sistemática da língua. Essa realidade encontra respaldo em Labov (1972), segundo quem "O caráter sociolinguístico da variação está fundamentado no estudo da estrutura e da evolução da língua no contexto social da fala". Ou seja, não se pode ignorar o princípio da diversidade.

Entende-se que compete à escola apresentar as regulamentações do uso – pelo menos, o culto – da Língua Portuguesa, mas que ela deve também reconhecer e aceitar as outras formas praticadas pelos falantes nas situações do cotidiano, conforme sejam os diversos contextos sociais do seu convívio, de maneira que não se crie um distanciamento entre o real e o ideal. É preciso que o aluno entenda que não existe uma única maneira de organizar as palavras em uma frase, ou que o significado de um termo nem sempre é o mesmo, mas que as escolhas lexicais dependem, principalmente, da ocasião em que os itens lexicais são usados.

Portanto, quanto à questão do ensino e da aprendizagem da Língua Portuguesa na escola, Ilari e Basso (2007, p.197) argumentam que "[...] é preciso tratar de dois processos que, historicamente, foram decisivos para configurar essa língua: a estandardização e a fixação de uma norma". Ou seja, os autores reconhecem que houve um processo em que uma variedade de uso se tornou o padrão (ou *Standard*) e que este foi fixado como norma, exigida no âmbito oficial. Embora haja uma concordância com os autores quanto a esses processos pelos quais a Língua Portuguesa passou, é preciso reforçar o fato de que a escola reconheça e inclua outras variedades que não estão representadas nesse padrão. Elas constituem a fala normalmente usada no cotidiano brasileiro, visto que, nas situações de fala concreta, inclusive no ambiente escolar, o uso linguístico espontâneo foge às normas pré-estabelecidas e apresenta uma vasta gama de variações.

No Brasil, o professor de Língua Portuguesa se depara com uma multiplicidade de falares, de vocabulários ativos diferentes, e compete a ele lidar com essa situação. Dessa forma, a instituição responsável por educar formalmente o aluno não pode ficar à margem dessa realidade. Em virtude desse fenômeno sociocultural, tornou-se urgente reformular o currículo, no que concerne à abordagem dos conteúdos, de modo a se conduzir o processo de ensino-aprendizagem valorizando, também, a variação linguística. Tendo em vista essa realidade, os órgãos governamentais responsáveis por estruturar o processo educacional do

país criaram, em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais[1] - PCN, documento oficial, que traz orientações para os docentes embasarem a sua prática pedagógica, inclusive com a prerrogativa dessa variação.

De acordo com o estabelecido nos PCN, a escola precisa, na medida do possível, tentar conhecer a realidade linguística do seu aluno para, então, elaborar o projeto pedagógico a ser aplicado, no sentido de que

> A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa, está se falando de uma unidade linguística que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam- se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes das comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (BRASIL, 1998, p.29).

As diretrizes estabelecidas por esse documento, além de gerarem polêmicas, causaram impacto em vários segmentos da sociedade, à medida que esse novo olhar para o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa conduziu ao entendimento de que se faz premente o replanejamento das práticas pedagógicas, comumente centralizadas no tradicionalismo, na memorização e na mera repetição de regras como única forma válida de utilização da língua materna. Apesar da sensibilização que essas medidas despertaram no professor, alertando-o de que não é mais possível ficar indiferente ao multilinguismo brasileiro, nas aulas ministradas diariamente ainda não se efetuaram as mudanças pertinentes.

Importa, aqui, destacar que se entende não ser fácil a tarefa de lidar com as variações linguísticas presentes em uma sala de aula e que o professor nem sempre consegue se desvincular dos preceitos da gramática normativa. Além disso, sabe-se que não se dispõe de fórmulas mágicas para solucionar essa questão e que são inúmeras as dúvidas a respeito de como administrar esse desafio. Os livros didáticos – apoio pedagógico frequentemente utilizado pelo docente - têm um enfoque mais centrado no estudo dos gêneros textuais, ou na produção deles, ou nas estruturas sintáticas tradicionais, ou no emprego desta ou daquela regra gramatical.

A língua se ajusta às mudanças decorridas dos acontecimentos históricos na sociedade e, por conseguinte, está suscetível às transformações que naturalmente ocorrem. Esse fenômeno se reflete mais significativamente na constituição do léxico do falante. A

[1] Ressalta-se a importância de o professor ler os PCN, a fim de conhecer a proposta pedagógica elaborada com o propósito de se trabalharem as habilidades e as competências adequadas para o processo de ensino- aprendizagem.

riqueza do léxico em uma língua é perceptível, especialmente quando se observam os vários fatores que interferem na fala de cada sujeito, sejam eles a faixa etária dos envolvidos na comunicação, o gênero, o espaço geográfico, o contexto cultural e o ambiente social, dentre outros. Mesmo ao se comparar o vocabulário de pessoas que integram determinada comunidade marcada pela uma identidade cultural, notam-se traços linguísticos peculiares na fala dessas pessoas, na forma como se apropriam das expressões, das palavras. Ou seja, o sujeito dispõe de múltiplas estratégias, a fim de interagir nas situações em que se envolve, o que possibilita a comunicação efetiva com outros indivíduos, adequando-se às situações do momento em questão.

Quando ingressa na escola, a criança já entende o falar das pessoas com quem convive e se faz entender, pois a organização dos termos obedece a uma lógica já estabelecida para o idioma. Durante o tempo em que permanece na escola, o estudante precisa ser preparado para saber lidar com as situações do cotidiano de forma apropriada às situações vivenciadas, e não apenas memorizar regras ou conhecer somente um emaranhado de normas que estabelecem um padrão de utilização dos mecanismos de estruturação de sentenças. A partir do momento em que ele se conscientiza dessa necessidade, torna-se apto a promover a interação social em qualquer contexto ou em qualquer ambiente.

Portanto, a escola e o professor de Língua Portuguesa não devem ficar indiferentes a esse fenômeno[2]: o de que há variação na escolha e na forma de uso de um item lexical[3] para se nomear um objeto, uma ação, um fato, uma pessoa, o que representa maneiras válidas de enriquecimento da língua, ampliando as possibilidades de o falante interagir em variados contextos de situações comunicativas. Até mesmo em um único ambiente social, percebe-se a convivência de variedades distintas. Isso é o que ocorre, por exemplo, na escola.

E uma vez que se reconhece a existência de palavras e de expressões que assumem formas distintas, porém com igual valor semântico, para ilustrar com apenas um exemplo, já não se pode mais ignorar a heterogeneidade da língua. Por isso, o fato de a professora-pesquisadora[4] atuar como regente do componente curricular Língua Portuguesa em uma instituição militar de ensino foi determinante para a escolha do tema.

---

[2] Considera-se, neste trabalho, fenômeno como fato ou evento que pode ser observado, descrito e explicado cientificamente (HOUAISS, A. 2001).

[3] Neste trabalho, opta-se pelo emprego de "item lexical" em detrimento de "palavra" e de "lexema". Considera-se item lexical como correspondente à lexia. Segundo Biderman, lexema é a unidade léxica abstrata em língua, que se manifesta, no discurso, por meio de formas ora fixas, ora variáveis. Lexias são as formas que aparecem no discurso. Léxico é o acervo dos lexemas de uma língua e vocabulário é o conjunto das lexias registradas na obra de um autor (BIDERMAN, 2001, p.169-170).

[4] O termo foi usado para se referir à autora deste trabalho, a qual também aplicou a proposta de intervenção nas duas turmas em que ministra aulas.

Trabalhar com alunos oriundos da maioria das regiões geográficas brasileiras levou à tomada de consciência de que essa característica do aluno constitui motivo relevante para realizar uma pesquisa que envolva o tema da variação linguística. Além disso, não se encontrou material didático, para ser usado como apoio pedagógico, que trouxesse embasamento teórico tanto para o professor quanto para o aluno e atividades que abrangessem questões relacionadas à temática da variação linguística. Percebeu-se, dessa forma, um campo vasto para investigação a respeito da ampliação vocabular e lexical do discente e que a melhor fonte de consulta para atender aos objetivos desta pesquisa estava à disposição: os próprios alunos. O que faltava, até o momento, era uma proposta sistemática – a intervenção – a fim de explorar mais essa pluralidade cultural em função de enriquecer o conjunto de palavras e de expressões usado pelos discentes. Essa constatação foi o fator preponderante para a definição do assunto analisado, estudado, investigado.

Durante o período de desenvolvimento deste trabalho, ficou claro que a sala de aula constitui o espaço apropriado para se promoverem discussões a respeito do reconhecimento das variações linguísticas e para desenvolver a consciência crítica do estudante acerca da validade das diferentes formas de se utilizar a língua, mesmo que nem sempre elas estejam de acordo com a norma estabelecida como parâmetro de correção. Compete à escola reconhecer e validar essas variações.

A partir da compreensão da necessidade de uma possível mudança de postura quanto às falsas crenças de que uma forma de falar é melhor que a outra, o docente encontra vasto campo para trabalhar as variações linguísticas. Reforçando esse ponto de vista, remonta-se ao conteúdo dos PCN, quando estes destacam que "[...] o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa." (BRASIL, 1998, p. 82).

Assim, fica claro que compete à escola traçar o perfil adequado para o currículo a ser aplicado, considerando o saber que o sujeito já traz consigo. A partir daí, aproveitando esse conhecimento de mundo, o docente pode unir essas informações adquiridas às competências básicas exigidas pela instituição educacional.

Em virtude dessas constatações, a escola tem, diante de si, uma difícil tarefa: fugir à mesmice pedagógica tradicional, praticada há tanto tempo em muitas escolas do país. Hoje as crenças são outras e se faz necessário atentar para as demandas da realidade vivenciada pelo estudante. Todo e qualquer novo enfoque dado a um acontecimento exige determinação e coragem, além de tempo para preparo e para execução. E, quanto ao docente, a quem compete

a tarefa de ministrar aulas de Língua Portuguesa, são inúmeras e válidas as dúvidas que lhe assolam a mente. Ele ainda se vê repetindo conceitos estagnados nas gramáticas descritivas, ao passo que, no dia a dia, depara-se com situações relevantes para a ampliação da competência linguística do aluno. Esse profissional, então, encontra-se diante de um dilema e passa a travar uma luta interna, outra com a própria escola e uma até com os pais dos estudantes, na tentativa de encontrar um caminho, um norteamento para lidar com essa nova realidade. Além disso, ele não encontra material didático disponível e suficiente para servir como referencial para a promoção das mudanças, bem como não dispõe de orientações bem delineadas quanto à forma de se praticarem essas mudanças exigidas pela atual demanda social.

Ao se propor a realizar esta pesquisa, a professora-pesquisadora teve, como ponto de partida, as seguintes constatações: i) as diferenças linguísticas dos estudantes não são consideradas, quando da reconstrução e da ampliação do vocabulário ativo do aluno; ii) os alunos não têm consciência da riqueza vocabular presente na sala de aula e iii) ainda se nota preconceito quanto a certos usos da língua.

E, entendendo que essa variedade de falares e de usos precisa ser percebida como uma forma válida nas diversas situações comunicativas, de acordo com a adequação ou a inadequação aos contextos, procedeu-se à efetivação dessa investigação no espaço escolar. Desse modo, a hipótese da pesquisa consiste em verificar se a diversidade linguística encontrada no espaço escolar serve como pretexto para promover a ampliação do léxico ativo do aluno.

É importante estabelecer hipóteses e testá-las, em busca de que um caminho seja delineado e que se dê continuidade à investigação na tentativa de descobrir uma ou mais maneiras de se abordar o tema durante as aulas de Língua Portuguesa. Nesse sentido, com base em Faraco (2009), é possível afirmar que ainda não se rompeu o limite entre uma prática escolar que valoriza a diversidade, por exemplo, avaliações formais em que prevalecem as cobranças quanto ao uso da gramática tradicional e uma visão de língua pautada na validação das outras formas de uso. Parece que a definição de “certo” e de “errado” ainda está longe de sofrer reformulações e continua preponderante nas questões relacionadas ao emprego da Língua Portuguesa.

Há muitos questionamentos para os quais se procuram respostas. E elas não estão prontas, à disposição do professor. No caso desta pesquisa, por meio da qual a professora também busca alternativas que permitam a reformulação da abordagem linguística trabalhada na escola, são feitas quatro perguntas: 1) De que maneira o professor de Língua Portuguesa

conseguirá cumprir os objetivos determinados pelos currículos escolares ou pelos planejamentos pedagógicos elaborados pela instituição – e que precisam ser cumpridos - e considerar a variabilidade dos falares, situação perfeitamente comum em uma nação constituída por uma mistura de etnias e que sofre as influências recorrentes da passagem do tempo e das transformações culturais?; 2) Será que existe o reconhecimento, por parte do aluno e do professor, de que há mais de um modo de se utilizarem os elementos lexicais da nossa língua e de que há mais de uma forma para um mesmo objeto/ser/ação?; 3) Efetivamente, as diferenças linguísticas são utilizadas como pretexto para a reconstrução do significado e para a ampliação do vocabulário do aluno? e 4) Um trabalho ou um conjunto de atividades pedagógicas com foco no aspecto semântico-lexical traz resultados efetivos na valorização de usos não prestigiados da Língua Portuguesa?

Essas perguntas nortearam a condução da investigação e o preparo das atividades da proposta de intervenção a ser aplicada nas duas turmas de nono ano na instituição de ensino, na qual a pesquisadora é professora.

Percebeu-se que, com a produção de material complementar para o estudo das variações linguísticas, sem prejudicar ou sem comprometer o cumprimento do planejamento básico da instituição, seria possível trazer um diferencial em relação ao que já fora estudado acerca do tema. Entretanto, sabe-se que somente uma sugestão de atividades não solucionará o problema e nem será a única forma de abordagem de um assunto tão amplo e em constante processo de mudança. Não se descarta a certeza de que ainda há muito para ser investigado a respeito da língua, seja no reconhecimento dela como um bem cultural do sujeito, seja na maneira como essa relação falante-língua-comunidade se processa.

E, tendo em vista os propósitos e as motivações que levaram ao estudo desse tema, determinou-se, como objetivo geral, contribuir com o professor de Língua Portuguesa, por meio de uma proposta de intervenção, para que ele tenha uma sugestão e um norte para trabalhar as atividades elaboradas em forma de oficinas pedagógicas, como uma ferramenta a mais para promover a ampliação do léxico, para reconhecer os processos de variação lexical e para identificar as possibilidades de usos do léxico. Espera-se que, com a aplicação e a realização dessas atividades, seja possível evitar as atitudes de preconceito, inclusive o linguístico, bem como aceitar outras maneiras de utilização dos itens lexicais de que o falante dispõe para se comunicar.

Com a realização das atividades, esta pesquisadora pôde verificar a eficácia dos exercícios elaborados para esse fim, identificar possíveis falhas, de modo a reestruturar a proposta de intervenção, caso seja necessário.

Após a consecução dessas atividades, se o aluno entender a língua em seu aspecto social, a qual representa a interação entre os sujeitos, ele passará a compreender que é nas diferentes situações de comunicação que as variações linguísticas se realizam e que elas não são "erros", mas formas variadas que se adequam, ou não, a determinados contextos. Dessa forma, ter-se-á conquistado o propósito principal desta pesquisa.

E, além da finalidade mais ampla desse trabalho, também se propõe, de forma mais estreita, a cumprir os objetivos específicos, tais sejam eles: 1. Promover, por meio da reflexão e do debate, a partir de textos motivadores, condições para se minimizarem atitudes de preconceito linguístico no ambiente escolar.; 2. Propiciar condições para que o aluno construa o conhecimento a respeito da existência dos diversos tipos de variação linguística de forma consciente, entendendo o uso mais amplo da língua e 3. Gerar um produto a partir do trabalho interativo desenvolvido entre o professor-pesquisador e os alunos-colaboradores[5].

Com a proposta de intervenção elaborada, foram aplicadas as atividades programadas. Depois disso, procedeu-se à análise dos resultados por meio dos dados obtidos e, dessa forma, verificou-se se os objetivos delineados foram alcançados, se se confirmaram as hipóteses e se houve respostas para as questões de pesquisa.

Na sequência, passa-se a mostrar a organização deste trabalho de conclusão final. São sete os capítulos da obra, incluindo-se as considerações iniciais já apresentadas e descritas na abertura deste capítulo.

No capítulo dois, apresenta-se um panorama geral da educação no Brasil, com especial atenção para o ensino da Língua Portuguesa, e um detalhamento das características da instituição escolar administrada por um segmento militar das Forças Armadas, a qual constitui o lócus desta pesquisa.

No capítulo três, para fundamentar este estudo, são tecidas algumas discussões teóricas básicas a respeito da definição de norma linguística, do conceito de norma, de sistema e de fala, bem como da existência das variações linguísticas, tendo, como fundamento básico, os estudos desenvolvidos pela Sociolinguística. Já no capítulo quatro, trata-se especificamente da constituição do léxico do Português brasileiro, com a apresentação de um breve histórico do surgimento da Língua Portuguesa, das modificações ocorridas ao longo dos anos, da implantação nesse idioma no território nacional, dos processos de formação de itens lexicais.

No capítulo cinco, é feito o detalhamento do método adotado e dos procedimentos desenvolvidos a fim de se cumprirem os propósitos deste projeto. Portanto, define-se o

[5] São denominados alunos-colaboradores os setenta estudantes que integram a Turma 1 e a Turma 2, nas quais a professora atua como regente de classe.

conceito de pesquisa-ação e se descreve cada etapa do processo, desde a sua concepção até a sua culminância.

No capítulo seis, são expostos os resultados alcançados, além da análise deles e da verificação analítica e crítica da intervenção realizada. Ainda nessa parte, são avaliadas as hipóteses do ponto de vista da confirmação ou da refutação delas, bem como se verifica se as perguntas de pesquisa foram respondidas e se houve o cumprimento dos objetivos. Encerra-se esta seção com um balanço a respeito das possíveis contribuições advindas das oficinas pedagógicas desenvolvidas.

No capítulo sete, são estabelecidas relações entre as fundamentações teóricas e as práticas efetivadas no que tange ao estudo das variações linguísticas no contexto da instituição militar de ensino, onde se realizou a pesquisa e se aplicou a proposta de intervenção. São feitas as considerações finais a respeito de como a concepção linguística da variação contribuiu para a vivência docente da professora-pesquisadora no contexto da sala de aula.

Ao fim do presente volume, estão listadas as referências bibliográficas e se localizam os anexos, contendo documentos e materiais complementares.

Como adendo deste volume, encontram-se os três produtos resultantes: um caderno de oficinas em duas versões – uma para o professor e outra para o aluno -, um glossário de palavras e de expressões recorrentes nas regiões brasileiras e um vocabulário de termos empregados no ambiente militar de ensino.

2 ASPECTOS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL E DO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo, serão abordados aspectos relacionados à educação brasileira, destacando-se, em especial, o ensino público, uma vez que o lócus desta pesquisa possui essa característica. Pretende-se mostrar as bases legais necessárias para a compreensão das propostas educacionais no que se refere à abordagem da variação linguística no contexto escolar.

2.1 A educação no Brasil

No nosso país, o ensino básico abrange o Ensino Fundamental I e II, além do Ensino Médio. A criança ingressa na escola aos seis anos, quando tem início o ciclo da alfabetização, e finaliza essa etapa aos 18 anos, em média.

Um dos documentos no qual se encontram as regulamentações dessa fase escolar do estudante é a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o Plano Nacional de Educação – PNE, Lei nº 10.172/2001. Dessa forma, com base nesses princípios, ficou determinado que os estabelecimentos de ensino, com a colaboração dos professores, elaborassem a proposta pedagógica norteadora do processo ensino-aprendizagem. Durante a vida escolar, segundo os documentos oficiais que legislam e orientam a respeito da educação formal, compete à instituição responsável por essa educação proporcionar ao estudante condições de atuar como cidadão consciente das suas obrigações e dos seus direitos, de fornecer subsídios para prosseguir na carreira profissional almejada, de prepará-lo para progredir nos estudos futuros.

Em 1998, o governo brasileiro propôs uma modificação no enfoque dado aos conteúdos trabalhados em sala de aula, passando a considerar os valores e os conhecimentos adquiridos pelos estudantes no percurso de vida antecedente ao escolar, com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN. Assim, cada componente curricular passa a ter sua abordagem feita por meio de áreas de conhecimento. Essa nova proposta, sob a perspectiva do Estado, traz mais importância à linguagem e a seus significados, elementos necessários para o domínio da leitura e da escrita nos diversos âmbitos sociais. Nesse documento, afirma-se que

> Sem uma interpretação do mundo, não podemos entendê-lo. A interpretação é uma leitura do pensar, do agir e do sentir dos homens e das mulheres. Ela é múltipla e revela que a cultura é uma abertura para o infinito. [...] A capacidade de interpretar o mundo amplia-se com a criação contínua da linguagem e com a capacidade crescente de socializá-las (BRASIL, 1998, p.9).

Isso leva ao entendimento de que se atribui à escola a função de conduzir o aluno à reflexão, de modo que ele compreenda a língua de maneira ampla, permitindo que esse estudante saiba transitar adequadamente nos muitos contextos sociais de que faz parte.

Com a LDB, estabeleceu-se que o currículo do ensino básico das escolas (inclusive a pública militar) precisa ter uma base nacional comum - Português e Matemática -, a qual deve ser complementada por uma parte diversificada, conforme as particularidades da região e da própria instituição educacional. Essa lei permite que haja flexibilidade nesse currículo, adequando-o às necessidades tanto do estudante quanto da sociedade da qual a escola faz parte. Dessa forma, as inovações trazidas pelos PCN promovem a valorização das diversidades, possibilitando ao aluno utilizar diferentes linguagens para se expressar, para se comunicar, para emitir opiniões de maneira crítica e responsável, considerando as situações interativas nas quais está envolvido.

Todas essas medidas constituíram importantes passos no que se refere a uma nova postura da escola diante da realidade em que o mundo vive atualmente. Não se pode ficar indiferente às inovações tecnológicas que acontecem de maneira bastante acelerada, o que, de certo modo, obriga todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem a repensarem a prática pedagógica, buscando metodologias e abordagens diferenciadas que aproximem a rotina da sala de aula do intenso ritmo de mudanças, inclusive as linguísticas, que essa geração está vivenciando.

E, com a chegada do século 21, essas mudanças são reconstruídas em intensa velocidade, por meio da televisão, da internet, dos jogos interativos, dos novos valores sociais. O acesso à informação está cada vez mais ao alcance da grande massa da população, a qual vive uma realidade pautada em transformações. No entanto, mesmo frente a essa premente necessidade de revisão do enfoque dado ao entendimento do que seja língua e dos usos que dela se fazem, ainda se vê, em algumas escolas, o formato pedagógico com os moldes antigos: salas de aula lotadas de alunos, todos eles sentados em carteiras enfileiradas, o professor ministrando aulas expositivas. Por vezes, o que se pratica nesse espaço restrito da sala de aula se contrapõe à realidade externa. E, em meio a esse contexto, o professor nem sempre está devidamente preparado para lidar com essa nova clientela e nem a escola está adaptada para essa demanda.

Por isso, não basta reconhecer as falhas, identificá-las, sem, entretanto, promover uma revisão curricular mais efetiva, sem modificar os critérios dos processos avaliativos, sem oferecer condições para o docente se inteirar das novas pesquisas acerca dos estudos desenvolvidos em relação aos usos da língua. É preciso romper com antigos modelos e ousar

apostar em uma abordagem multicultural, considerando esse aspecto – marca da constituição do nosso povo – como elemento primordial para uma mudança linguística de fato. Conforme Fleuri,

> A interação (...) contribui para que uma pessoa ou um grupo modifique o seu horizonte de compreensão da realidade, na medida em que lhe possibilita compreender ou assumir pontos de vista ou lógicas diferentes de interpretação da realidade ou de relação social (FLEURI, 2000, p.23).

Assim sendo, na escola, devem-se enfatizar os padrões de fala dos sujeitos como uma evidência de aprendizagem adquirida pelo indivíduo no período que antecede o seu ingresso na instituição escolar e que as divergências percebidas entre os estudantes de uma mesma sala de aula devem ser tomadas como mote para a valorização da cultura, da sociedade e da pessoa.

2.2 O ensino da Língua Portuguesa

Há tempos se vêm promovendo discussões a respeito de uma reestruturação do ensino de língua na escola. Esse debate se intensificou a partir da década de 70, quando os estudos da Sociolinguística passaram a figurar entre as questões importantes a serem consideradas nesse ambiente. O precursor dessa nova visão de língua foi William Labov (2008), segundo quem se faz necessário conhecer o funcionamento de uma língua no seio de uma sociedade, na fala cotidiana dos indivíduos que a constituem.

Esse pesquisador americano desenvolveu um intenso trabalho de pesquisa de campo, na Ilha de Martha's Vineyard, localizada no estado de Massachusetts. A escolha desse lugar se deu em função de ela ser uma unidade independente, de estar separada geograficamente dos Estados Unidos e por ser constituída por uma população culturalmente diferenciada entre si: há os moradores nativos, os que para ali se mudaram por razões financeiras e os que passam um período de férias neste lugar. Labov (2008) se propôs a investigar a mudança na posição fonética dos elementos iniciais de dois ditongos, buscando a fundamentação no contexto social do lugar, levando em conta fatores tais como faixa etária, profissão, gênero, etnia. Ele acreditava que a mudança linguística envolve esses fatores, já que as escolhas feitas pelos falantes não são aleatórias, mas fruto das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos.

Até essa época, no Brasil, o ensino da Língua Portuguesa estava mais sedimentado no ensino da gramática de tradição normativa, o que, em tese, garantiria ao estudante a condição de se comunicar com eficiência. A partir dos anos 80, com o aprofundamento nos estudos da teoria da variação linguística, essa visão mais restrita da língua não mais satisfazia esses

pesquisadores e os professores que atuavam diretamente com o aluno em sala de aula. A prática mais convencional era apresentar e cobrar do estudante a utilização da variedade padrão, pois era a mais encontrada em materiais pedagógicos, tais como livros e textos didáticos. A língua passa a ser tida como uma instituição social, conforme se encontra respaldo também nos trabalhos etnográficos desenvolvidos por Labov (2008).

Com a publicação dos PCN (BRASIL, 1998, p. 18), aconteceu uma tomada de consciência, principalmente por parte do governo, que percebeu a necessidade de se repensarem estratégias mais eficazes para a promoção do letramento dos estudantes. Esses, por sua vez, já não mais se contentavam em memorizar regras, reproduzi-las e tentarem imitar o modelo de uso muito distante da realidade deles. Era um ensino muito pautado no tradicionalismo, ao qual se começaram a fazer críticas frequentes, tais como a de não se considerar a realidade e o interesse desses alunos. Esse método consiste, muitas vezes, no uso do texto para ensinar valores morais ou para trabalhar questões gramaticais.

Mesmo que ainda não se tenha alcançado um patamar no qual a linguagem seja considerada tanto o ponto de partida quanto o de chegada, conforme preconizam os PCN, quando prevalece uma atitude corretiva e preconceituosa em relação à transformação do ensino da Língua Portuguesa, é possível se perceberem os avanços e as conquistas nessa área. Muito já se ouve falar em mudanças, seja no que concerne às medidas institucionais, seja na prática pedagógica dos professores, seja na formação continuada desses profissionais. Não se concebe mais ignorar os fatores sociais como os responsáveis pela variação linguística. Para Bagno (2001, p.16), as variações resultam da intervenção consciente ou inconsciente dos falantes, em virtude de aspectos de natureza social, cultural e até política, ou seja, são os próprios falantes que provocam as mudanças. Segundo esse estudioso,

> A mudança decorre sociocognitivamente da interação entre processamentos cognitivos da língua e fenômenos sociais como contato linguístico, a variação social, a conquista de um povo por outro, a escravização (BAGNO, 2001, p.78).

E, se a escola representa um lugar onde existe uma multiplicidade de saberes convivendo em um mesmo espaço, entende-se que é o ambiente ideal para que essas mudanças, de fato, ocorram. Conforme Castilho (2009, p.22), a aula de Português deveria funcionar como um "laboratório da língua", já que caberia ao professor a tarefa de descobrir estratégias eficazes e eficientes para ampliar a visão de língua desses alunos, mostrando-lhes as inúmeras possibilidades de novas combinações, de novos sentidos, de compreensão dos sentidos e da relação lógica entre as partes de um enunciado. Se o profissional admite, ele mesmo, a existência das variantes e conduz seus alunos para desenvolverem o pensamento

crítico, o docente conseguirá que esses alunos se tornem mais aptos a fazerem julgamentos acerca dos textos lidos. De acordo com Silva,

> [...] ensinar língua portuguesa compreende também oferecer leituras que ampliem a aquisição de significados e que, além disso, ofereçam critérios para que, através da compreensão do texto, o aluno possa chegar a julgamentos racionais. Do mesmo modo, ensinar as regras gramaticais consiste em levar o aluno à compreensão da natureza da língua e isso implica ser capaz de discernir, por meio do raciocínio, as funções dos elementos morfossintáticos que compõem o período (SILVA, 2000, p. 65-66).

Com base nas orientações constantes nos PCN, o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa devem ser considerados como resultantes da articulação entre o aluno, os conhecimentos com os quais se operam nas práticas de linguagem e a mediação do professor. Dessa maneira, o objeto em torno do qual serão empregadas essas estratégias pedagógicas é a língua. É por meio dela que a pessoa organiza suas ideias e seus pensamentos a fim de participar dos muitos eventos sociais, nos contextos em que está inserido e atuando. Sob essa ótica, a organização de atividades para a sala de aula deve estar pautada nas situações vivenciadas pelos sujeitos, ou seja, pelos estudantes. Isso exige do professor um trabalho dedicado de preparação, de seleção, de adaptação dos conteúdos a serem ministrados à realidade social do grupo discente com o qual ele lida. Não há, por exemplo, perspectivas de sucesso quando se tomam elementos linguísticos de forma descontextualizada ou que não façam parte do universo cultural desses alunos.

Fundamentando-se nessa observação, entende-se que o texto deve ser tomado como referência para se estudarem as peculiaridades da língua, criando oportunidades para o estudante colocar em prática a sua própria visão de mundo, os seus conhecimentos prévios. Quando se depara com situações familiares, ele adquire mais autonomia, mais confiança em si mesmo, sentindo-se confortável nesse contexto. Essa tem sido a tese defendida por estudiosos dos fenômenos relacionados às variações linguísticas, os quais têm publicado inúmeros trabalhos acerca dessa questão. Têm-se, na literatura acadêmica, textos de autoria de Bagno (2001), de Bortoni-Ricardo (2005), de Castilho (2010), de Neves (2009).

Em se tratando dos textos a serem lidos e analisados em sala de aula, encontra-se nos PCN a recomendação de que sejam escolhidos aqueles que favoreçam a reflexão crítica, a elaboração do pensamento, a fruição estética dos usos da língua, de modo que o sujeito adquira condições plenas para participar de uma sociedade letrada. Espera-se que a escola consiga proporcionar condições para que o estudante se torne um usuário competente da língua nas diversas situações comunicativas.

Portanto, faz-se necessário que a seleção de textos englobe tanto os da modalidade oral quanto os da escrita, de modo a capacitar o aluno a dominar a fala pública e a compreender as especificidades dos gêneros escritos.

Nesse documento, registra-se que

> Vale considerar que a inclusão da heterogeneidade textual não pode ficar refém de uma prática estrangulada na homogeneidade de tratamento didático, que submete a um mesmo roteiro cristalizado na abordagem de uma notícia, um artigo de divulgação científica e um poema. A diversidade não deve contemplar apenas a seleção dos textos, mas também a diversidade que acompanha a recepção a que os diversos textos são submetidos nas práticas sociais de leitura (BRASIL, 1998, p. 26).

Em virtude desses novos caminhos traçados para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, não se justifica mais a abordagem dos aspectos gramaticais desvinculados do texto. A gramática deve, sim, receber outro enfoque, um que não seja o de mera memorização das descrições encontradas nos manuais prescritivos. Ela deve servir para que os alunos consigam realizar, de forma competente, as atividades de produção, de análise e de escuta de textos. Por conseguinte, não há como se abandonar o ensino da gramática, mas é preciso saber usá-la como suporte para a organização dos enunciados bem como para o entendimento deles.

É fato que Língua Portuguesa representa a língua oficial do Brasil. Ela possui relativa unidade, que se constitui de muitas variedades, identificadas tanto na pronúncia quanto no emprego de palavras ou no sentido atribuído a elas. Por meio delas, é possível identificar os falantes de comunidades de diferentes espaços geográficos do país, bem como os diferentes integrantes de um mesmo grupo social. Nesse sentido, novamente se procura ancoragem nos PCN, em cujo texto se encontra o respaldo para que o professor não hesite em reconhecer a importância da abordagem de língua centrada nos usos.

> O uso de uma ou outra forma de expressão depende, sobretudo, de fatores geográficos, socioeconômicos, de faixa etária, de gênero, da relação estabelecida entre os falantes e do contexto de fala. A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre 'o que se deve e o que não se deve falar e escrever' não se sustenta na análise empírica dos usos da língua (BRASIL, 1998, p. 29).

O professor precisa ter ciência de que o aluno – principalmente o do Ensino Fundamental – escreve como fala ou tenta reproduzir oralmente o pensamento por meio dos padrões próprios da escrita. Assim que conclui essa etapa escolar, espera-se que esse estudante tenha adquirido competência linguística que lhe permita solucionar conflitos nas

situações do cotidiano. Tendo em vista essa finalidade, estabeleceu-se, nos PCN, que o ensino de Língua Portuguesa visa a que a escola construa situações de modo a não repetir comportamentos de discriminação linguística, pois "[...] o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa" (BRASIL, 1998, p. 82)

Nesse sentido, então, reforça-se o fato de que os alunos precisam conhecer os diferentes padrões de usos da língua, as normas variantes e, a partir daí, adotar os critérios de discernimento necessários para conduzi-los às escolhas mais apropriadas para construir a sua mensagem.

2.3 O lócus deste estudo: o colégio militar

Uma instituição militar federal de ensino representa o contexto de trabalho da professora-pesquisadora. Esse tipo de escola, na qual se encontram alunos oriundos de vários estados brasileiros e também do exterior, levou a muitas reflexões acerca da necessidade de se abranger as variações linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa com mais atenção. Foi nesse espaço, em duas turmas do nono ano do Ensino Fundamental II, que se desenvolveu e se aplicou a proposta de intervenção elaborada para a finalidade de verificar se existe o aproveitamento dessa diversidade cultural e social em prol da ampliação lexical do estudante, bem como se ocorre o reconhecimento e a valorização desses usos.

O colégio militar integra um sistema organizacional composto por treze unidades de ensino, sediadas em diferentes cidades do território brasileiro. Esse sistema é regulado, por sua vez, por uma diretoria de educação, diretamente subordinada a um departamento de educação do Exército. A proposta de ensino está fundamentada nos princípios gerais e nos preceitos contidos no regulamento interno próprio, elaborado em consonância com o estabelecido na LDB da Educação Nacional.

Cada instituição integrante do sistema representa uma organização militar, na qual se ministra a educação básica, nas modalidades do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio.

As informações apresentadas a respeito do sistema militar educacional se baseiam em pesquisa realizada, verificada e analisada a partir dos dados contidos no site da instituição, bem como do cruzamento de dados checados no arquivo da secretaria da escola, de outros obtidos em entrevista com o responsável pela seção de supervisão escolar da unidade em questão (o militar com mais tempo de atuação no referido colégio) e de dados advindos da

experiência docente da professora-pesquisadora[6]. Portanto, esses elementos indicadores de quantitativos estão fundamentados neste conjunto compilado de dados examinados.

A idealização de um colégio militar surgiu desde a época da participação brasileira na Guerra do Paraguai, quando muitos soldados, ao perderem a vida nos combates, defendendo a sua pátria, deixavam a família desamparada financeiramente. Era de interesse e de necessidade do governo que esses soldados, enviados aos campos de batalha, participassem de lutas internas e também fora do país. Percebeu-se, dessa maneira, que era preciso estabelecer uma política de incentivo, de modo que esses lutadores tivessem algumas garantias, principalmente no sentido de que os seus dependentes usufruíssem do auxílio monetário, concedendo-lhes, inclusive, o direito à educação formal para seus dependentes..

Desse modo, concebeu-se a ideia da criação de uma instituição de ensino administrada por uma das Forças Armadas, na qual os alunos – filhos/netos desses soldados – pudessem cumprir regularmente o currículo escolar vigente no país e recebessem gratuitamente essa educação. Ao longo de anos, foram promovidas discussões, surgiram impedimentos devido a argumentos contrários, mas existiram defensores. Todavia, ainda no Século XIX, foi fundada a primeira unidade do sistema. O governo brasileiro forneceu a ajuda de custo necessária para a implantação da escola, que, desde aquela época, vem se consolidando nessa área de atuação.

Atualmente estabilizada, essa instituição tradicional de ensino inclui, nas práticas diárias, a vivência de valores morais tais como o respeito à pátria, à disciplina, à organização e ao cumprimento das normas militares. Destaca-se que, nessas escolas, não se tem, como objetivo principal, preparar jovens para a carreira militar. Entretanto, alguns dos alunos optam por esse caminho, o que se justifica na origem do contexto familiar.

Com o passar do tempo, a instituição, cada vez mais solidificada no âmbito da educação, foi se expandindo para várias regiões brasileiras, passando a constituir um sistema escolar integrado, com uma organização estruturada em torno de um currículo comum, por meio da implantação de uma metodologia uniformizada. Além disso, caracteriza-se pela forma de conduzir o processo de ensino-aprendizagem, aliando aspectos do tradicionalismo no que se refere ao cumprimento das regras e das metas estabelecidas a uma prática pedagógica cada vez mais inovadora, tendo seu embasamento teórico e metodológico nas orientações dos PCN, sempre visando à formação integral do aluno.

Para ministrar os conteúdos dos componentes curriculares, no início, e até em meados dos anos de 1970, militares de outras forças eram convocados - Aeronáutica, Marinha, Polícia

[6] A professora-pesquisadora integra o corpo docente da instituição militar de ensino desde 1994, quando foi aprovada em concurso público para preenchimento de vagas destinadas a professores civis.

Militar -, desde que tivessem formação pedagógica. À época, para frequentar as aulas nessas unidades de ensino, só se admitiam estudantes do sexo masculino e dependentes de militares do Exército.

Somente a partir de 1980, a instituição abre as portas para a entrada de alunos dependentes de militares de outras forças (transferidos de diferentes regiões militares para servir em local determinado); filhos de militares que já residem na cidade sede do colégio (acontece um sorteio de vagas no início do ano letivo e aqueles que não foram contemplados são incluídos em uma lista de espera e convocados para ocupar uma vaga tão logo ela surja) e filhos de civis, os quais somente ingressam por meio de aprovação em concurso público (apenas para o sexto ano do Ensino Fundamental II e para o primeiro ano do Ensino Médio). Ou seja, as vagas em uma turma são ocupadas de acordo com esse índice de prioridade. É importante destacar que, em cada turma, o número máximo é de 35 alunos. Então, caso algum estudante seja transferido ou mesmo desista de permanecer na escola, outro é convidado a preencher a vaga, o que pode acontecer em qualquer época do ano.

As meninas também passaram, ainda na década de 1980, a ter oportunidade de se inserirem em um ambiente antes totalmente masculino, e as salas de aula se tornaram mistas. Além da presença de estudantes desvinculados das forças armadas, o mesmo fato aconteceu com os professores, uma vez que foram admitidos, por meio de concurso público, docentes civis em todas as áreas do conhecimento.

É fato que mudanças – tanto culturais quanto sociais - foram e vêm ocorrendo ao longo do tempo e a instituição militar, nesse novo e recente contexto, não pode mais simplesmente ser rotulada de fechada, intransigente, impositiva. Ao contrário, o sistema tem procurado cada vez mais se adaptar às necessidades da vida moderna, reconhecendo a importância de adequação do currículo ao ensino por competências e habilidades, além de estar se preparando para atender alunos com necessidades especiais. Desse modo, assume o caráter de ser uma escola inclusiva, modificando as instalações físicas, promovendo cada vez mais melhorias na educação oferecida pela instituição.

E, se o mundo não para, se as mudanças continuam a acontecer, a sociedade vai assimilando as exigências da vida moderna. Assim, frente a essas mudanças e inserido nesse novo contexto, o colégio militar não ficou à margem desses fenômenos. A instituição vem se adaptando aos novos tempos – sem perder a sua marca principal da manutenção da tradição militar.

Todas as unidades do sistema funcionam de forma integrada, atendendo a um currículo único e em rede. Por isso, sob alguns aspectos, há uma padronização, por exemplo,

no que tange à trimestralização do ano letivo, à aplicação da avaliação cumulativa ao final de cada período, à recuperação paralela do conteúdo, à utilização de instrumentos diversificados de verificações imediatas. No entanto, esses fatores não implica uma limitação nas ações ou nas decisões dos professores no que diz respeito à forma como são ministradas as aulas. Ao contrário, existe flexibilidade para que determinada unidade adote alguma medida pedagógica que considere necessária e vantajosa para a promoção efetiva do processo ensino-aprendizagem.

Na instituição, as aulas de Língua Portuguesa são preparadas de acordo com o Plano de Sequência Didática - PSD, comum a todos os colégios integrantes do sistema, procurando cumprir as orientações dos PCN[7]. No Ensino Fundamental II, esse componente curricular possui carga horária semanal de cinco horas/aula, ministradas pelo mesmo professor, de modo a abarcar os conteúdos gramaticais, a interpretação e a produção de textos.

Em cada trimestre, está determinado o gênero textual obrigatório a ser trabalhado durante o período e também outros são sugeridos. Sendo assim, no nono ano, no primeiro trimestre, determinou-se o estudo do poema (cordel, haicai, soneto) de forma fixa e do de forma livre. O professor pode, também, utilizar letras de música. No segundo trimestre, tem- se o conto e o miniconto como o gênero a ser abordado, podendo ser, também, trabalhada a crônica. Já no terceiro trimestre, o texto dissertativo-argumentativo é o foco das aulas, ficando o resumo como texto opcional.

Por esses motivos, a fim de que as atividades elaboradas para a proposta de intervenção pudessem ser inseridas no PSD, foi necessário fazer um ajuste nos conteúdos do terceiro trimestre, de modo a dar mais ênfase ao tratamento da variação linguística, tema desta pesquisa. Esse fato não acarretou problemas e nem representou descumprimento do planejamento da escola, uma vez que a abordagem da variação linguística já estava prevista nesse documento, atendendo ao que está regulamentado nos PCN, conforme se atesta no trecho seguinte:

> [...] o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e as condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e de estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa – dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige [...] (BRASIL, 1998, p.31).

[7] De acordo com os PCN (1998), são três os eixos norteadores do currículo de Língua Portuguesa: prática e escuta de textos orais e leitura de textos escritos, prática de produção de textos orais e escritos e prática de análise linguística.

Portanto, acredita-se que o estudo das variações linguísticas no contexto da instituição militar de ensino representa rica oportunidade de exploração dessa temática, uma vez que, nessa instituição também se tem o parâmetro do ensino-aprendizagem da norma culta da Língua Portuguesa. Por outro lado, ela representa um contexto favorável ao reconhecimento e à valorização de outras formas de uso do léxico, em razão da diversidade de origens dos estudantes e de seus pais, propiciando um ambiente que permita a ampliação da visão de língua como algo heterogêneo.

A unidade escolar, na qual esta professora-pesquisadora trabalha, funciona, até 2017, em dois turnos assim divididos: o matutino destina-se aos alunos do Ensino Médio e o vespertino, aos do Ensino Fundamental II. No total, são 2 380 alunos matriculados (censo escolar de 2016)[8], sendo 280 no sexto ano; 280 no sétimo; 350 no oitavo; 409 no nono; 560 no primeiro ano; 525 no segundo ano e 490 no terceiro ano. Desse total, 35 estudantes ingressaram por meio de concurso[9] (30 deles no sexto ano e cinco no primeiro ano do Ensino Médio); 130 vieram transferidos de outras unidades do sistema e 300 obtiveram a vaga por meio do sorteio[10].

O aluno permanece durante um turno no colégio, no qual acontecem as aulas regulares dos componentes curriculares obrigatórios (Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Ciências Físicas e Biológicas, Desenho Geométrico, Educação Física e Inglês) e também as instruções militares, as aulas de civismo, a aprendizagem dos hinos brasileiros, com grade horária pré-estabelecida. São seis tempos de aula, com duração de 45 minutos cada. No contraturno, é possível realizar atividades de práticas esportivas, participar da banda de música, do corpo de baile, do grupo de teatro, dos clubes de xadrez e de leitura, além de integrar grupos de estudos religiosos, dentre outras atividades extracurriculares. São oferecidas, também, aulas de apoio pedagógico e de acompanhamento psicológico para alunos com dificuldade de aprendizagem.

Quanto ao contexto específico das turmas enfocadas nesta pesquisa, trata-se de duas classes de estudantes do nono ano, cada uma composta por 35 alunos – quantidade máxima estabelecida pelo sistema -, nas quais a professora-pesquisadora é regente. Esclarece-se que essa série escolar é composta por treze turmas, com um total de 409 alunos (informação

[8] Os dados foram obtidos no mês de maio 2016, quando se deu início à redação deste trabalho, na Secretaria da escola.

[9] O concurso público é realizado anualmente em cada unidade do sistema, para ingresso no sexto ano do Ensino Fundamental e no primeiro ano do Ensino Médio. Em 2016, foram ofertadas 30 vagas para o sexto ano e cinco para o primeiro ano (Fonte: arquivo da Secretaria da escola).

[10] O sorteio é feito no início do ano e, durante todo o período letivo, para suprir vagas ociosas e é realizado com base na lista de espera, organizada pela Secretaria da escola, com nomes de filhos de militares residentes na cidade (Fonte: arquivo da Secretaria da escola).

apresentada anteriormente). Desse montante, nove são concursados, três são estrangeiros[11] e os demais são filhos ou dependentes de militares. Esses alunos estão incluídos na faixa etária de 13 a 17 anos e há representantes do gênero masculino e do feminino.

Conforme já mencionado e, agora ressaltado, o planejamento trimestral deve ser cumprido concomitantemente por todos os professores, já que a Avaliação de Estudos[12], realizada ao final de cada trimestre do ano letivo é a mesma para todos os estudantes das turmas de uma mesma série escolar. E, por essa razão, as oficinas da proposta de intervenção foram aplicadas nas treze turmas, como atividades programadas para as aulas regulares da disciplina Língua Portuguesa. No entanto, para a coleta de dados e para a análise dos resultados, foram consideradas as informações obtidas apenas por meio dos setenta alunos- colaboradores, integrantes das duas turmas nas quais a autora deste trabalho ministra aulas. Entretanto, não se desconsiderou o material produzido pelas outras onze turmas; ao contrário, ele foi compilado em um arquivo, com vistas a ser usado como fonte de consulta para trabalho futuro.

Ressalta-se que aplicação de todas as etapas desta pesquisa, incluindo a realização das atividades criadas pela professora-pesquisadora, teve a anuência da direção e da coordenação pedagógica da escola.

Para fins de cumprimento das exigências estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP/UFU[13] -, as duas turmas do nono ano passam a ser identificadas, a partir de agora, como Turma 1 e Turma 2, uma vez que foi assegurado o anonimato dos alunos-colaboradores.

Nas duas referidas turmas, após a análise dos dados coletados por meio do Questionário Sociolinguístico[14] (doravante QS), constatou-se que há variação quanto à faixa etária dos alunos que cursam o nono ano. Isso se justifica pelo fato de que alguns deles estão cursando a série pela primeira vez; de haver outros que, em virtude de terem permanecido um tempo no exterior, necessitaram concluir a série no ano seguinte e de haver alunos que estão

[11] Referem-se a estudantes filhos de militares do exterior, originários de países que mantêm acordo internacional com o Brasil, que, por intermédio da ONU, têm o estudo assegurado no CM. Esses estudantes, muitas vezes em virtude do impedimento de comunicação pelo idioma, precisam frequentar as aulas e realizar as avaliações. Cumpridos esses quesitos, a aprovação é automática, somente pelo período de dois anos. Após esse período, eles passam a cumprir as exigências normais do colégio (Fonte: arquivo da Secretaria da escola).

[12] A Avaliação de Estudos – AE – tem caráter cumulativo e corresponde a 50% da composição da nota (grau) do trimestre.

[13] De acordo com a Resolução 466/12, qualquer pesquisa dessa natureza somente poderá ser colocada em prática após a emissão do parecer de aprovação do CEP. Para tanto, a apresentação dos documentos será feita por meio da Plataforma Brasil.

[14] A versão do Questionário Sociolinguístico, que foi adaptada para esta pesquisa, será descrita no Capítulo referente aos Métodos e Procedimentos.

repetindo a série ou que repetiram uma série anterior. Além desses fatores, ocorre, também, que alunos aprovados em concurso público já cursavam o sexto ano à época dessa aprovação, de forma que ingressaram no sexto ano ou que cursaram a série novamente.

No que concerne ao gênero dos alunos, apesar de o militarismo ser uma carreira que abarca mais representantes do gênero masculino, nas duas turmas ocorre relativo equilíbrio entre a quantidade de estudantes dos dois gêneros. Nesse aspecto, a escola procura, no momento de formação das turmas, obedecer ao critério de que o quantitativo de meninos e de meninas seja igualado, na medida do possível.

A respeito da localidade de origem dos alunos das duas turmas, verificou-se que há representantes de 23 estados brasileiros, de modo que se constata que a pluralidade geográfica é o quesito mais significativo nas duas turmas. Os dados quantitativos referentes à faixa etária, ao gênero e ao estado de origem dos alunos das duas turmas estão descritos de modo mais detalhado sob a forma de gráficos. A seguir, encontram-se os Gráficos 1 e 2, nos quais se representam as informações relacionadas à faixa estaria dos estudantes dessas duas turmas.

Gráficos 1 e 2: Faixa etária da Turma 1 e da Turma 2.



Faixa Etária dos alunos

Quantidade	Turma 1	Quantidade	Turma 2
10	13 anos	10	13 anos
22	14 anos	21	14 anos
2	15 anos	4	15 anos
1	17 anos		
35		35	



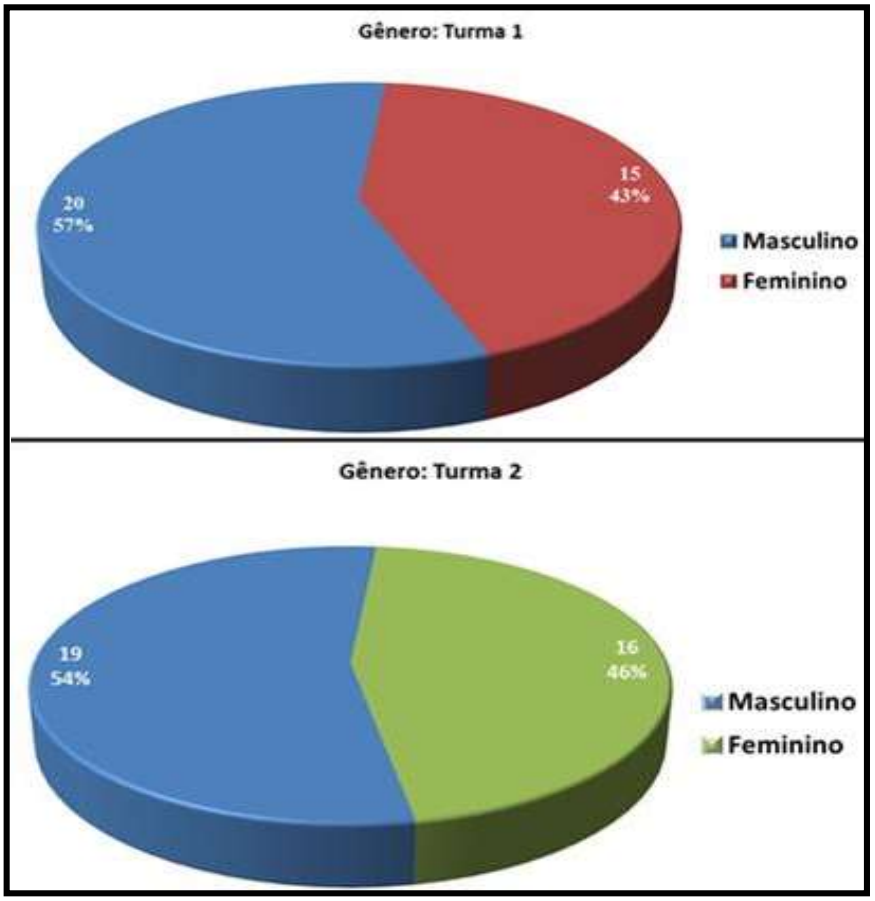
Fonte: Elaboração própria, com base nos dados obtidos por meio de questionário.

Os dados apresentados nos Gráficos 1 e 2, referentes à racionalização das informações acerca da quantidade de alunos de acordo com a faixa etária, estão distribuídos em duas "pizzas" em formato tridimensional (3D) para melhor visualização. Elas referem-se à idade dos alunos-colaboradores, que varia entre 13 a 17 anos na Turma 1 e entre 13 a 15 anos na Turma 2.

De acordo com as informações contidas no Gráfico 1 (considerando as duas "pizzas"), grande parte dos alunos possuem idade considerada adequada ao nono ano, pois 10 deles têm 13 anos; 22 estão com 14 anos; dois, com 15 e apenas um com 17. Além dessas informações relativas à turma, acrescenta-se que 22 alunos são amparados[15]; quatro estudantes ingressaram por meio de concurso público e, portanto, estudam na escola desde o sexto ano; e sete ingressaram neste ano, por intermédio de sorteio[16]. Não há, nas duas turmas, nenhum aluno estrangeiro.

Quanto ao gênero dos alunos, não há disparidade entre o número de meninos e de meninas. Os dados referentes ao gênero dos alunos das turmas 1 e 2 estão descritos, a seguir, por meio dos Gráficos 3 e 4, que contém duas "pizzas" em formato 3D.

Gráficos 3 e 4: Gênero dos alunos da Turma 1 e da Turma 2.



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados obtidos por meio de questionário.

Há uma variedade significativa em relação ao estado de origem dos alunos. Apesar de haver mais estudantes nascidos no Distrito Federal, encontram-se, levando-se em conta o total

[15]São considerados "amparados" os alunos filhos/dependentes de militares, cujos pais vieram transferidos para Brasília e estão servindo em alguma unidade pertencente às Forças Armadas.

[16]No início do ano letivo, os estudantes filhos/dependentes de militares residentes no Distrito Federal se inscrevem para concorrer a uma vaga na escola e são convocados para se matricularem assim que surge a vaga, de forma a completar o número máximo de 35 alunos por turma.

de 70 alunos, representantes de 24 estados brasileiros. A discriminação da localidade de origem dos alunos por turma encontra-se detalhada no Quadro 1, a seguir. Essa constatação permite entender a riqueza cultural e vocabular presente no ambiente em que se desenvolveu a pesquisa.

Quadro 1: Levantamento da diversidade de origem dos alunos-colaboradores da Turma 1 e da Turma 2.

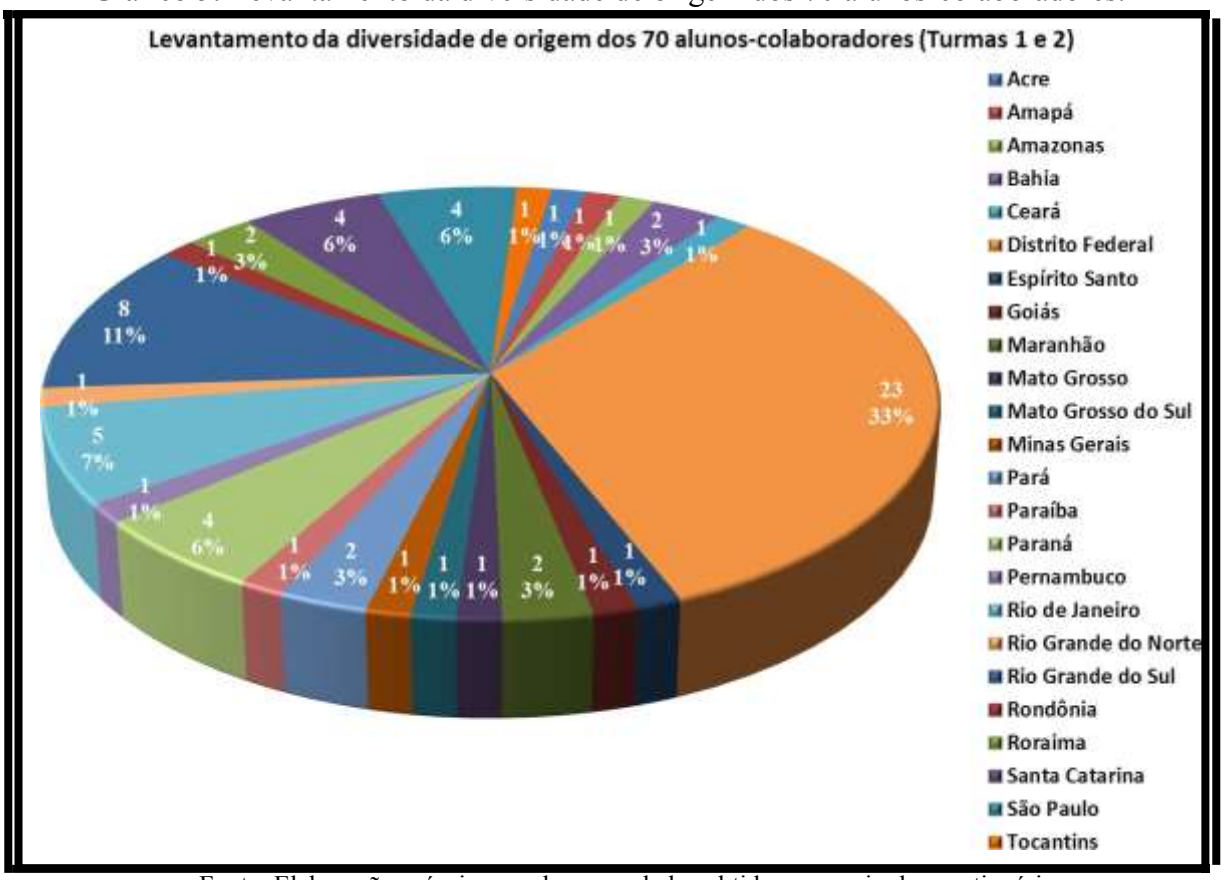
Levantamento da diversidade de origem dos 70 alunos-colaboradores			
Estado	**Turma 1**	**Turma2**	**Quantidade total de Alunos**
1. Acre	0 aluno	1 aluno	1 aluno
2. Amapá	1 aluno	0 aluno	1 aluno
3. Amazonas	0 aluno	1 aluno	1 aluno
4. Bahia	0 aluno	2 alunos	2 alunos
5. Ceará	1 aluno	1 aluno	2 alunos
6. Distrito Federal	9 alunos	14 alunos	23 alunos
7. Espírito Santo	1 aluno	0 aluno	1 aluno
8. Goiás	0 aluno	1 aluno	1 aluno
9. Maranhão	2 alunos	0 aluno	2 alunos
10. Mato Grosso	1 aluno	0 aluno	1 aluno
11. Mato Grosso do Sul	1 aluno	1 aluno	2 alunos
12. Minas Gerais	0 aluno	1 aluno	1 aluno
13. Pará	2 alunos	0 aluno	2 alunos
14. Paraíba	1 aluno	0 aluno	1 aluno
15. Paraná	2 alunos	2 alunos	4 alunos
16. Pernambuco	0 aluno	1 aluno	1 aluno
17. Rio de Janeiro	2 alunos	2 alunos	4 alunos
18. Rio Grande do Norte	1 aluno	0 aluno	1 aluno
19. Rio Grande do Sul	2 alunos	6 alunos	8 alunos
20. Rondônia	1 aluno	0 aluno	1 aluno
21. Roraima	2 alunos	0 aluno	2 alunos
22. Santa Catarina	3 alunos	0 aluno	3 alunos
23. São Paulo	2 alunos	2 alunos	4 alunos
24. Tocantins	1 aluno	0 aluno	1 aluno
Total:	35 alunos	35 alunos	70 alunos

Fonte: Elaboração própria, com base em dados obtidos por meio de questionário.

Dos 27 estados brasileiros (incluindo o Distrito Federal, que foi considerado como um estado, por ter autonomia política e econômica), encontram-se, como já dito, representantes de 24 estados. Dentre os 70 alunos-colaboradores, não havia estudantes oriundos apenas dos estados de Alagoas, de Sergipe e do Piauí. No Gráfico 5, é possível identificar a quantidade de

alunos por estado de origem, além do percentual representativo em relação aos 70 alunos-colaboradores.

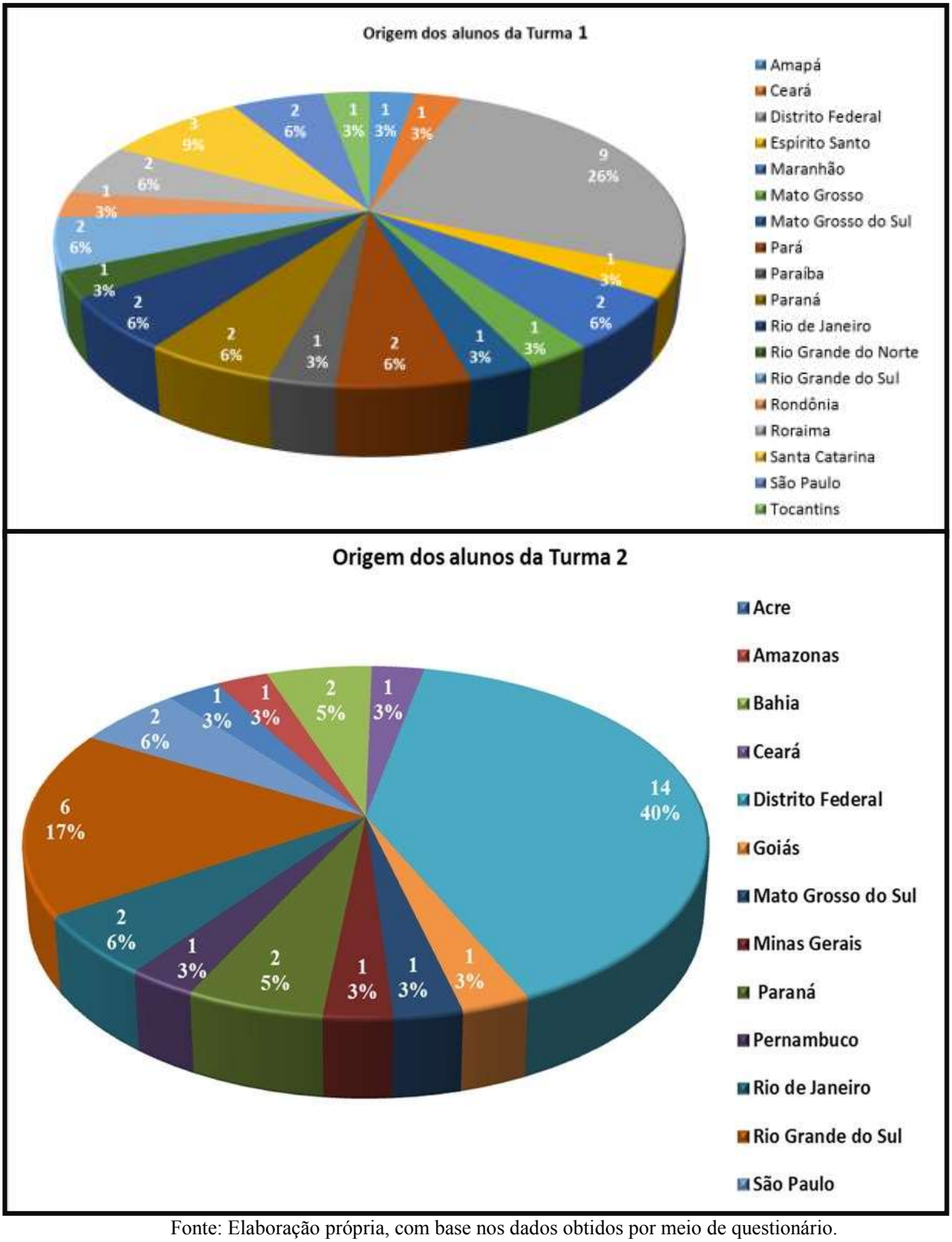
Gráfico 5: Levantamento da diversidade de origem dos 70 alunos-colaboradores.



Fonte: Elaboração própria, com base em dados obtidos por meio de questionário.

Os Gráficos 6 e 7 foram estruturados em forma de duas “pizzas” em formato 3D, cada uma contendo os dados de uma turma (“Pizza” 1 – Turma 1 e “Pizza” 2 – Turma 2). Nele se encontra representado o valor numérico da quantidade de alunos naturais dos estados listados na legenda, bem como o respectivo percentual, no contexto de cada turma.

Gráficos 6 e 7: Origem dos alunos da Turma 1 e da Turma 2.



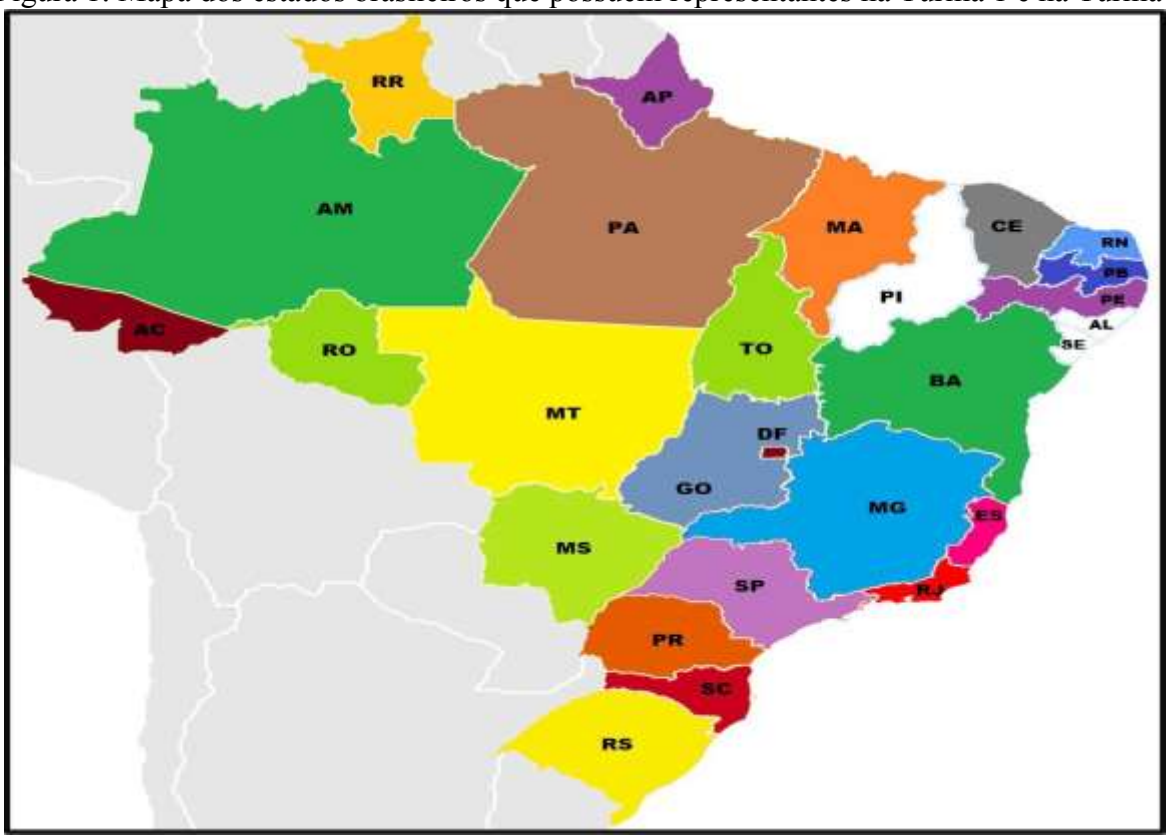
Fonte: Elaboração própria, com base nos dados obtidos por meio de questionário.

Observando esses gráficos, verifica-se que, na Turma 1, existe representatividade de mais estados brasileiros, e, na Turma 2, há menos estados dos quais os alunos são oriundos,

embora nela também haja uma considerável variedade de origens. Portanto, em duas turmas já se percebe um dos fatores que pode explicar a multiplicidade de falares desses discentes, ou seja, o lugar em que nasceram.

Para melhor compreensão dos dados relativos à diversidade dos estados de origem dos alunos, expõe-se, na Figura 1, a seguir, um mapa produzido para visualização geral da variedade e da quantidade de falares do Brasil, contempladas no lócus desta pesquisa.

Figura 1: Mapa dos estados brasileiros que possuem representantes na Turma 1 e na Turma 2.



Fonte: Base cartográfica do Mapa do Brasil retirada do Google imagens, com adaptação e edição criativa própria[17]. Os dados relativos aos estados de origem dos alunos foram obtidos por meio de questionário.

Ainda com a propósito de reforçar a pluralidade linguística presente nas duas turmas, resultante da naturalidade dos alunos de vários estados do Brasil, apresenta-se, no Quadro 2, a origem dos pais dos 70 alunos-colaboradores, o que se entende como mais um elemento influenciador na constituição do falar desses estudantes e indício da variável diatópica, no que se refere às variações linguísticas.

Quadro 2: Levantamento da origem dos pais dos 70 alunos-colaboradores.

[17] As cores usadas para destacar cada estado brasileiro onde os alunos das duas turmas nasceram foram escolhidas para esse fim. As letras em negrito, que indicam a sigla de cada estado, também foram inseridas com propósito específico. Para o uso desses recursos, recorreu-se aos programas do *Paint* e do *PowerPoint*.

LEVANTAMENTO DA ORIGEM DOS PAIS DOS 70 ALUNOS-COLABORADORES							
Turma 1				Turma 2			
	ALUNO	PAI	MÃE		ALUNO	PAI	MÃE
1.	AP	RS	RS	1.	DF	DF	SP
2.	PA	RN	RN	2.	DF	RS	DF
3.	SP	SP	SP	3.	PE	RN	RN
4.	PR	PR	PR	4.	RJ	RJ	RJ
5.	ES	RJ	MG	5.	PR	RS	AC
6.	MA	RS	RS	6.	DF	RJ	BA
7.	MA	RS	RJ	7.	DF	PR	GO
8.	MT	RJ	RS	8.	DF	PR	DF
9.	RS	CE	RJ	9.	RJ	SP	MG
10.	RS	RS	RS	10.	MS	RJ	SP
11.	PR	PR	PR	11.	DF	MG	RS
12.	MS	GO	AM	12.	SP	ES	BA
13.	PB	PE	PE	13.	DF	PE	MA
14.	SC	RS	RS	14.	SP	RS	RS
15.	DF	RJ	PE	15.	AC	MG	GO
16.	DF	DF	RJ	16.	RS	RS	RS
17.	DF	RS	RS	17.	DF	RJ	RJ
18.	CE	DF	RJ	18.	RS	RJ	RJ
19.	RJ	RJ	RJ	19.	DF	PA	RJ
20.	RN	RN	BA	20.	DF	PE	DF
21.	DF	SP	DF	21.	PR	PR	RJ
22.	DF	MG	AM	22.	BA	RJ	RJ
23.	DF	DF	DF	23.	BA	SP	MG
24.	DF	PE	DF	24.	AM	RJ	AM
25.	DF	PI	PI	25.	MG	MG	PE
26.	DF	SP	MG	26.	GO	CE	RN
27.	RR	PI	PI	27.	RS	RJ	SP
28.	SP	MG	DF	28.	RS	GO	MG
29.	RJ	DF	DF	29.	RS	RJ	TO
30.	RR	PA	PA	30.	DF	MA	RJ
31.	RO	PI	PB	31.	DF	PR	RS
32.	SC	AM	AP	32.	DF	SC	SC
33.	SC	MA	BA	33.	RS	SP	RJ
34.	PA	PB	PB	34.	RS	SC	RN
35.	TO	SP	PE	35.	RS	PR	BA

Fonte: Elaboração própria, com base em dados obtidos por meio de questionário.

Fica evidente que, quando se considera o total de 210 pessoas (alunos-colaboradores e seus pais), a quantidade de naturais do Distrito Federal é relativamente pequena – são 36 sujeitos, aproximadamente 17% - e existe uma variedade significativa de representantes dos demais estados brasileiros. Portanto, o contexto da sala de aula constitui um ambiente propício para se identificar de que maneira algumas variáveis sociogeolinguísticas, tais como faixa etária, gênero e naturalidade, influenciam na construção do vocabulário utilizado no cotidiano pelos estudantes.

3 UMA VISÃO SOCIAL DA LÍNGUA

No contexto atual, há um enfoque da língua mais amplo, uma vez que os estudos da Sociolinguística têm considerado as variáveis sociais, conforme se constata principalmente nas pesquisas desenvolvidas por Labov (1972). Adota-se, então, uma perspectiva de língua fundamentada nos usos que o falante faz para se comunicar. A partir das ideias divulgadas por esse investigador, torna-se essencial levar em consideração as variáveis que influenciam os fenômenos linguísticos, visto que a língua é um fato social e o social não se desenvolve sem a língua: os dois são inseparáveis e ambivalentes.

3.1 A Sociolinguística e a abordagem das variações linguísticas

Não se pode negar que as línguas se modificam em virtude das novas posturas adotadas pela sociedade, das novas concepções de mundo, dos avanços na área da tecnologia e de inúmeros outros fatores. Para se constatar esse fenômeno, basta comparar os escritos em obras de outras épocas com os da atualidade. Ou então, pode-se observar a fala de pessoas de diferentes faixas etárias, dos grupos sociais, dos contextos interacionais. É visível a influência dessas e de outras variáveis nas escolhas lexicais dos falantes.

O que poderia explicar as mudanças ocorridas em uma língua? Segundo Lyons (1987), não existe consenso no que diz respeito a como responder a essa questão. De forma ampla, poder-se-ia afirmar que os homens sempre mudam e, com eles, as coisas que compõem a realidade cotidiana deles, dentre elas, a língua. Na medida em que a sociedade cria novas entidades, elas precisam ser nomeadas, do mesmo modo que as palavras referentes aos objetos obsoletos podem desaparecer.

Ainda de acordo com Lyons (1987), existe uma tendência geral de os sentidos dos elementos linguísticos mudarem, já que os envolvidos nas situações comunicativas estabelecem as regras de convivência entre si, o que repercute nos usos que os indivíduos fazem da língua. É como se houvesse uma "negociação" entre eles a respeito dos sentidos a serem atribuídos a esses elementos linguísticos, levando-se em consideração a maneira interativa com que eles atuam nos contextos específicos de comunicação, em que um dos envolvidos sugira ao outro que faça inferências em busca de novos sentidos a partir do contexto vivenciado. Os falantes transferem para os elementos linguísticos outros e diferentes sentidos em função do contexto que possibilitar a inferência. Quando esse novo conceito é aceito pela comunidade e quando são ampliados os usos dessas novas palavras, o item é incorporado de forma mais convencional, o que implica a inclusão dele no sistema da língua.

Desse modo, fenômenos de variação linguística têm influência nos diferentes níveis estruturais que compõem o idioma.

Levando-se em conta as frequentes discussões acerca dos fenômenos linguísticos, debatidos por estudiosos da Sociolinguística, exige-se, na época atual, uma postura diferenciada, por parte dos professores no que se refere ao ensino-aprendizagem da língua e dos aspectos a ela relacionados. Reforçando essa abordagem, Mollica e Braga (2003, p. 10) afirmam que "[...] a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores". A partir dessa concepção, a diversidade de usos ganhou destaque no meio escolar e, assim, a instituição responsável pela educação formal do estudante não pôde ficar indiferente a esse acontecimento.

Com base nos apontamentos de Antunes (2012), chega-se à reflexão de que o homem vive em constante interação com o outro, em determinado contexto social. Portanto, para que a comunicação aconteça de forma eficiente, faz-se necessário escolher as palavras – que formarão os enunciados – apropriadas a cada evento. O significado desses itens lexicais depende de fatores, os quais interferem de modo relevante nesse processo de seleção vocabular: os indivíduos envolvidos, o ambiente, a intenção do falante. Dessa forma, a palavra passa a desempenhar função importante nessa troca de informações, uma vez que, por meio dela, torna-se possível construir os sentidos da mensagem.

Dessa maneira, cada falante de uma língua tem o domínio de um vocabulário constituído por termos comumente empregados no seu cotidiano e também de outros utilizados em situações específicas. Para tanto, recorre aos mecanismos de funcionamento do idioma, de forma que ele possa expressar adequadamente o pensamento. E as palavras representam o meio pelo qual se processa a organização textual.

Busca-se, novamente em Antunes (2007), o embasamento para a constatação de que a língua não é apenas um sistema de regras a serem seguidas por todos os usuários e por meio da qual se estabelece comunicação. Antes de tudo, ela deve ser considerada como uma instituição social e cultural. A variação encontrada em nível lexical é tida como mecanismo essencial da língua. Desse modo, pode-se afirmar que a variação linguística de um grupo social não acontece de forma aleatória, uma vez que o indivíduo vivencia as mais diversificadas situações no seu cotidiano, tais como culturais, psicológicas, econômicas. Por essa razão, a existência desses falares está fundamentada no contexto em que se processou a aquisição dos conhecimentos adquiridos, desenvolvidos e introjetados pelo falante, com o uso estendido para as novas comunidades sociais das quais ele passa a fazer parte.

Em virtude de se constituir um espaço que abriga estudantes com características sociais bastante diversificadas, em sala de aula existe grande variação no uso da língua. E, em todos os ambientes sociais há regras, que determinam o modo como serão realizadas as ações, as justificativas para as escolhas lexicais, conforme seja o papel de cada sujeito no momento em que acontece a interação com o outro. Ou seja, todo e qualquer usuário da língua sente necessidade de se adequar à situação do momento em que se encontra, pois esses espaços possuem características distintas.

É comum, em variados espaços, que se exija do professor de Língua Portuguesa que ele sempre fale "certo" ou que, por se estar em presença desse profissional, os demais interlocutores precisam escolher bem as palavras, como se a função dele fosse tão somente a de ficar apontando erros na maneira dos falantes se expressarem. Limitar a atuação desse docente ao papel de um corretor gramatical é bastante inapropriado.

Na opinião de Faraco (2015, p. 7),

> [...] a língua continua sendo forte elemento de discriminação social, seja no próprio contexto escolar, seja em outros contextos, como no acesso ao emprego e aos serviços públicos em geral. A realidade sociolinguística brasileira precisa ser analisada sob o ponto de vista de que a gramática normativa não é falada pela maioria da população. Pelo contrário, o modelo idealizado de língua não representa uma variedade autêntica (FARACO, 2015, p. 7).

A gramática normativa aparece, quase exclusivamente, em textos escritos em que ocorre mais monitoramento quanto ao estilo e ao vocabulário empregado. Entretanto, já se identificam inovações linguísticas que caracterizam o falar do povo brasileiro.

Por isso, ainda em consonância com as ideias de Faraco (2008), defende-se o ensino/estudo da língua focado no reconhecimento das variações, às quais o estudante deve ter acesso no espaço escolar. Além disso, a prática da reflexão linguística tem grande importância na formação intelectual do aluno. Ela ocorre por meio da investigação de fatos linguísticos reais, em manifestações faladas ou escritas, e do confronto crítico entre as abordagens tradicionais e as contemporâneas. Assim sendo, será possível o discente escolher entre uma ou outra forma mais apropriada à situação de uso. Essas afirmações encontram respaldo também em Faraco (2008).

O falante de um idioma, como já foi dito, traz em si os conhecimentos básicos do funcionamento da língua. Em razão disso, na sala de aula, não se deve apenas ensinar a língua de forma tradicionalista, considerando-a como algo estático, sem levar em conta quem a usa, onde ela é falada e o quanto a ela é um fenômeno dinâmico. Quando se atém somente às

regras prescritivas, tem-se, como consequência, o preconceito linguístico, aparentemente invisível, mas absolutamente poderoso e sensível.

Consoante Bagno (1999, p. 19), apesar de a realidade linguística ser marcada pela diversidade, o preconceito linguístico permanece enraizado no cotidiano escolar, norteando as práticas pedagógicas e se fazendo presente tanto nas atitudes dos professores quanto nas dos alunos, mesmo entre aqueles que sofrem processos de exclusão devido à sua forma de falar.

A falta de uma política linguística bem traçada, bem delineada, gera situações em que determinados grupos sociais exercem pressão sobre outros segmentos da sociedade. Não há como se propagar uma unidade linguística no Brasil, quando, de fato, o monolinguismo é uma ficção. Essa afirmação encontra respaldo em vários estudos linguísticos desenvolvidos no Brasil, tais como os de Bagno (2007), no sentido de que a língua falada neste país é, de fato, heterogênea, e não há como ignorar esse aspecto.

A Língua Portuguesa falada no Brasil, pela maioria da população, apresenta alto grau de diversidade e de variabilidade. O país, por sua grande extensão territorial, lida com questões relativas às diferenças regionais, com enorme desigualdade na distribuição de renda, o que também explicaria a existência de um abismo linguístico entre os falantes de determinadas variedades, provenientes de estratos socioeconômicos diferentes. Essa constatação se torna mais grave quando se tenta adotar a norma padrão como modelo idealizado de língua correta e quando é vista como norma de prestígio social.

No nosso país, a educação de qualidade ainda é privilégio de uma minoria. Muita gente permanece à margem da população que frequenta a escola e adquire conhecimentos propiciados por esse meio dessa instituição responsável pela transmissão de saberes formais.

Portanto, é preciso que a escola e demais instituições educacionais repensem a ideia de unidade do Português brasileiro e reconheçam e, mais ainda, que considere legítima a diversidade linguística do país, a língua verdadeira, ou melhor, as variedades da língua, aquelas que constituem o falar realmente em uso ativo na sociedade.

Ultimamente, no país, muitos problemas relacionados à dificuldade de aprendizagem têm sido propagados no meio escolar, o que pode ser constatado pelos resultados obtidos por meio de avaliações internas e externas, tais como a Prova Brasil[18], o Saeb[19] e o Pisa[20].

[18] "A Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). O objetivo é avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional aos alunos do quinto e do nono ano do Ensino Fundamental II brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos. Nos testes aplicados na quarta e oitava séries (quinto e nono anos) do ensino fundamental, os estudantes respondem a itens (questões) de língua portuguesa, com foco em leitura" (Fonte: site do Ministério da Educação – MEC).

Observa-se a facilidade com que se atribuem rótulos a alunos que não conseguem obter êxito no desempenho acadêmico. Esses alunos, por vezes, apenas não entendem a linguagem empregada na transmissão das informações ou utilizada em algum contexto do qual ele não faz parte. A escola quase sempre pressupõe que todo estudante fala a Língua Portuguesa, mas aquela forma urbana de prestígio. E, assim, não realiza proposta de intervenção pedagógica que leve em consideração a diversidade dialetal presente na turma.

É função da escola promover oportunidades para a aquisição de saberes e para o domínio daquilo que o estudante ainda não conhece. No caso específico da língua, o estudante deve saber ler e escrever transitando entre os diversos usos existentes. O trabalho didático precisa estar centrado nos recursos estilísticos das variedades, principalmente da norma culta e da norma padrão tradicionais, conhecidas somente por intermédio da escola. Deseja-se que todo brasileiro, independentemente da condição social/econômica esteja apto a ler e a compreender textos e obras de diversos gêneros, entender a finalidade de cada um deles, assimilar as informações transmitidas, assim como se tornar um telespectador assíduo de programas jornalísticos, um usuário competente não apenas em nível de alfabetização, mas também do letramento, das tecnologias, da capacidade de leitura e de compreensão do mundo e das suas diferentes concepções.

Essa realidade linguística, marcada pela diversidade, já é reconhecida pelas instituições oficiais responsáveis por planejar a educação no Brasil. Nos PCN, documento em que se estabelece, como principal objetivo, ampliar e aprofundar um debate educacional envolvendo escolas, pais, governo e grupos sociais, de forma que o resultado final seja uma transformação positiva no nosso sistema educacional, lê-se que

> No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falarem certo, mas permitir-lhes a escolhas da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou

---

[19] O Saeb - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – é realizado pelo Inep/MEC, de modo a abranger estudantes das redes públicas e privadas do país, seja em área rural seja em urbana, matriculados na 4ª e 8ª séries (ou 5º e 9º anos) do Ensino Fundamental e também no 3º ano do Ensino Médio. São aplicadas provas de Língua Portuguesa e Matemática. A avaliação é feita por amostragem. (Fonte: site do Ministério da Educação – MEC).

[20] "O *Programme for International Student Assessment* (Pisa) – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – é uma iniciativa de avaliação comparada, aplicada de forma amostral a estudantes matriculados a partir do 8º ano do ensino fundamental na faixa etária dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países. O Pisa é coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), havendo uma coordenação nacional em cada país participante. No Brasil, a coordenação do Pisa é responsabilidade do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Legislação e Documentos)". Fonte: site oficial do Inep.

> escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (BRASIL, 1998, p.31).

E, mais uma vez retomando os PCN, no terceiro e quarto ciclos, encontra-se a orientação de que tanto o ensino quanto a aprendizagem da Língua Portuguesa devem estar pautados em três variáveis: o aluno, os conhecimentos a serem operados nas práticas de linguagem e a mediação do professor. Dessa forma, o aluno se torna o sujeito da ação de aprender, aquele que age sobre o objeto do conhecimento. Este, por sua vez, abrange os elementos discursivos textuais e os linguísticos envolvidos nas práticas sociais, sendo necessária a percepção do professor para organizar a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

Então, novamente considerando o conteúdo dos PCN, se o objeto de ensino e de aprendizagem é o conhecimento linguístico que o sujeito utiliza nas ações sociais, é fundamental planejar atividades nas quais se recriem situações vivenciadas pelo sujeito no seu cotidiano, fora do ambiente escolar, a fim de tematizar esses momentos e, assim, transformar o espaço da sala de aula em algo mais amplo. Desse modo, o estudante terá oportunidade de se revelar e de construir novos saberes com base na própria experiência e na do outro. Essa postura encontra reforço na afirmação de Travaglia, quando ele diz que "Para produzir expressões linguísticas, um falante não atua nem por imitação nem por invenção, mas acionando um conhecimento implícito adquirido na comunidade em que vive" (TRAVAGLIA, 2002, p. 30).

A escola deve constituir espaço privilegiado para o estudante desenvolver sua capacidade intelectual e linguística, proporcionando-lhe condições favoráveis para o aperfeiçoamento da competência discursiva. Isso representa, na prática, o contato com textos de gêneros variados e a adequação da linguagem às situações interativas. Assim o aluno entenderá que, em circunstâncias específicas, deverá escolher variantes adequadas ao contexto de uso. Todos esses norteamentos estão devidamente fundamentados também nos PCN.

E, para cumprir bem a missão de tornar o estudante um usuário competente da língua, a escola precisa se livrar do mito de que só existe o modelo de correção estabelecido pela gramática normativa tradicional. O que deve ficar claro para o aluno é que o falar e o escrever adequado implica a escolha dos recursos expressivos da língua de acordo com a finalidade, com o interlocutor, com o contexto.

Os PCN, ainda em relação ao processo de variação linguística, esperam que o aluno "seja capaz de verificar as regularidades das diferentes variedades do Português,

reconhecendo os valores sociais nelas implicados e, por conseguinte, o preconceito contra formas populares em oposição às formas dos grupos socialmente favorecidos". (BRASIL, 1998, p. 52)

Buscando-se apoio em Antunes (2007), julga-se necessário que seja feita a observação da língua em uso, de maneira que a variação intrínseca ao processo linguístico seja considerada como resultante de variáveis geográficas, históricas, sociológicas, psicológicas, técnicas (aquelas que variam de acordo com cada área do conhecimento) e que ela se manifesta em componentes do sistema do idioma, como o léxico. Dessa maneira, promover- se-á a ampliação do repertório lexical do aprendiz, que poderá conhecer novas palavras, escolher aquelas que sejam mais apropriadas para determinadas situações, selecionar as que representem melhor a modalidade escrita ou a modalidade falada, usar os termos de acordo com o nível de formalidade, respeitando a intenção do autor do texto.

Está lançado o desafio às autoridades, à instituição escolar e aos professores, no sentido de que a aula de Língua Portuguesa se torne um momento para a descoberta de uma metodologia que atenda aos anseios dos alunos e também leve ao cumprimento das metas estabelecidas por parte do docente. Todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem precisam estar cientes de que não há uma única maneira de se dizer uma coisa e muito menos uma que seja mais correta que a outra, conforme postula Bortoni-Ricardo (2005). Nesse ambiente educacional, é preciso deixar sempre claro que os usuários não falam todos da mesma maneira, que um único indivíduo emprega formas para se expressar que, muitas vezes, são diferentes daquela ensinada na escola e que, principalmente, cada um desses usos é tão valioso quanto o outro. Essa noção da realidade linguística brasileira torna-se imprescindível para desenvolver, no estudante, atitudes de respeito pela maneira de uma pessoa falar que não seja igual à sua própria.

Compete ao professor de Língua Portuguesa criar um ambiente propício às diversas manifestações linguísticas, sem que os estudantes se sintam envergonhados ou constrangidos pelo sotaque, pela pronúncia, pelas estruturas sintáticas, pelas escolhas lexicais que norteiam o seu falar. Contudo isso não implica negligenciar o ensino da variedade mais prestigiada, mas mostrar a esses alunos que a questão não é falar ou escrever certo, mas saber utilizar a língua de forma adequada à situação comunicativa, o que está em consonância com Bagno (2007).

Com isso, espera-se que os discentes tenham a oportunidade de conhecer as variações linguísticas e que, a partir de uma postura consciente e crítica, possam combater o preconceito contra as formas de falar consideradas de menor prestígio. Os alunos precisam entender que

“[...] todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana” (BRASIL, 1998, p. 82).

Em suma, não se pode, frente ao fenômeno da variação linguística, apresentar ao estudante uma única forma de uso da língua, pautada em prescrições normativas. Ao contrário, quando se encontra em sala de aula, o professor precisa levar em consideração a realidade que se lhe apresenta: os alunos revelam, pela fala, a sua identidade social, cultural, geográfica, etária. Torna-se, então, imprescindível criar oportunidades de compartilhamento de experiências entre os colegas, de modo que haja possibilidades de cada estudante utilizar a variedade do seu contexto de origem. Importa, também, que esse professor oriente os alunos a usarem, com proficiência, as variedades em consonância com as intenções comunicativas que os motivam e com as necessidades que surgem em sua vida social. Dessa forma, para que haja essa apropriação efetiva das variações por parte dos estudantes, o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa deve estar centrado no uso efetivo da língua, entendido como um sistema dinâmico, mutável, variável.

3.2 Distinção entre sistema, norma e fala

Uma língua pode ser definida como um bem coletivo, por meio da qual se processa a interação social entre os indivíduos. No entanto, mesmo que assim ela seja conceituada, o usuário, no momento em que reproduz suas experiências, suas emoções, suas opiniões, seus sentimentos a um interlocutor, utiliza os elementos linguísticos de forma única, individual. Barbosa alega que “[...] todo ato de fala é exclusivo e jamais se repete em idênticas condições” (BARBOSA, 1981, p.43).

Em Azeredo (2010, p. 61), encontra-se a alegação de que “A mudança na língua é causada por fatores diversos, mas é certo que nenhum deles opera independentemente e que, para que atuem e produzam seus efeitos, é indispensável uma condição: que a língua esteja em uso e integrada no cotidiano dos que a falam”. Portanto, não há como se processar o ensino da língua em sala de aula sem que se tenha o conhecimento acerca da origem social e cultural do usuário.

Entendendo a língua como um sistema de natureza abstrata, que pode ser reconhecida nos usos que os falantes fazem dela, seja na modalidade oral seja na modalidade escrita, ela é, em princípio, um ato individual. Esse sistema ganha concretude quando há enunciadores e destinatários em uma multiplicidade de situações. No entanto, mesmo que esse ato assuma um caráter subjetivo, particular, é necessário que haja uma espécie de acordo entre os envolvidos,

para que sejam estabelecidos os sentidos dos sinais empregados em cada contexto comunicativo. Ou seja, a fim de que os participantes do processo de interação se entendam, para que haja uma efetiva troca de experiências, a língua precisa apresentar uma regulamentação, uma normatização que seja de conhecimento dos sujeitos envolvidos.

Conforme afirma Azeredo (2013, p. 63), "Esse modo coletivo de usar a língua constitui uma norma, isto é, um conjunto de realizações fonéticas, morfológicas, lexicais e sintáticas produzido e adotado mediante um acordo tácito, pelos membros da comunidade".

Assim, com base nessa sistematização, Coseriu (1979, p. 28) contribuiu, com seus estudos, para distinguir três características da língua, propondo três conceitos: o sistema, que corresponde à língua como uma estrutura abstrata, um denominador comum a todos os seus usos, indispensáveis e funcionais; a fala, que seria o ato concreto de falar/ouvir ou escrever/ler a língua, o uso efetivo observado nas manifestações individuais e a norma, que seria a soma dos usos mais ou menos constantes, consagrados e adotados (variados e variáveis) por um grupo social como um padrão que se repete. Esse pesquisador assegurou que esse uso regular da língua apresenta uma constância, mas não é fixo e nem estático, uma vez que "[...] há várias normas parciais (sociais, regionais), dado que a norma, por sua própria índole é sempre menos geral que o sistema" (COSERIU, 1979, p. 61).

É por isso que a pluralidade linguística é real, é palpável, é tangente e pode ser constatada pela existência das variações linguísticas encontradas na Língua Portuguesa.

Faraco (2008, p. 31) confirma que

> [...] uma língua é constituída por um conjunto de variedades. Em outras palavras, não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades do outro, como muitas vezes se acredita no senso comum: empiricamente a língua é o próprio conjunto de variedades. Trata-se, portanto, de uma realidade intrinsecamente heterogênea.

Considerando-se as observações apresentadas, é possível atestar que sistema é um conjunto de normas, ou melhor, dentro do sistema estão contidas mais de uma norma, visto que nelas algo remete ao sistema. Não se foge dele, mas entende-se que ele representa algo particular, específico, não geral.

Uma vez que a população do Brasil resultou da mistura de muitas etnias, naturalmente, fez com que houvesse empréstimos e assimilações de itens lexicais dessas línguas em constante contato, permitindo a ampliação do léxico à disposição do falante. Por isso, a compreensão e a análise dos mecanismos de funcionamento do sistema de uma língua constituem fatores fundamentais para a eficiência dos muitos atos comunicativos nos quais o

indivíduo se envolve, seja qual for a situação em que ele se encontrar. Todavia, faz-se oportuno entender e conhecer as possibilidades oferecidas por esse sistema, por meio de uma investigação minuciosa das variações que surgem nas manifestações de fala.

3.3 As normas

Em sala de aula, o foco do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa deve incidir sobre a reflexão acerca da situação de uso em que o falante se encontra para que, a partir desse momento, os alunos possam aprimorar a compreensão de textos e a produção oral e escrita. A esse respeito, Travaglia ressalta que "[...] não há por que, ao realizar atividades de ensino-aprendizagem da língua materna, insistir no trabalho apenas com uma das variedades [...]".

Coseriu (1979) afirmou que uma norma está diretamente relacionada àquilo que se diz em determinado âmbito social, ou seja, aos fenômenos linguísticos que apresentam regularidade no uso em uma comunidade de fala. Trata-se dos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais recorrentes, habituais em certos grupos de indivíduos. Em relação a esse aspecto, Faraco (2008, p.35) alega que "[...] toda e qualquer norma (toda e qualquer variedade constitutiva de uma língua) é dotada de organização". Portanto, "[...] é impossível falar sem gramática".

E, uma vez que toda norma possui uma organização estrutural, como fundamenta o autor citado anteriormente, se existe previsibilidade quanto à frequência de certo uso, não se concebe a disseminação do conceito de "erro" em língua. Da mesma maneira que fica evidenciada a existência de hábitos culturais diferentes em uma comunidade com características culturais e sociais afins, pode-se alegar que todo falante domina alguma norma. É perfeitamente possível encontrar, em um mesmo espaço social, várias normas. Esse fator está vinculado à multiplicidade de saberes presentes no interior de um conjunto de pessoas que compartilham experiências coletivas.

Novamente se busca em Faraco (2008, p. 38) a confirmação de que

> Em cada uma dessas comunidades, costuma haver modos peculiares de falares (ou seja, há normas específicas) e o comportamento normal do falante é variar sua fala de acordo com a comunidade de prática em que ele/ela se encontra. É parte do repertório linguístico de cada falante um senso de adequação, ou seja, ele/ela acomoda seu modo de falar às práticas correntes em cada uma das comunidades de prática a que pertence. Por isso, se diz que cada falante é um camaleão linguístico. Obviamente, ele/ela pode romper as expectativas por diferentes razões, entre outras: causar riso,

> provocar conflito ou assinalar que seus laços com aquela comunidade estão se tornando tênues.

A partir do momento em que a língua se tornou objeto de estudo, a respeito das quais são feitas análises de caráter científico, têm surgido teorias que tentam apresentar a definição que englobasse o caráter da variabilidade. Se um indivíduo se acomoda a uma norma linguística, isso poderá limitar o próprio pensamento. Para Preti (2003, p. 55), "[...] existe uma 'variedade na uniformidade' linguística. As tendências unificadoras, num plano mais amplo, acabam por fragmentar-se em tendências unificadoras menores".

Em Azeredo (2013, p. 63), encontra-se uma abordagem bastante significativa, quando ele diz que as normas podem surgir do uso recorrente em uma região, dos usos no ambiente familiar, das marcas características de algumas profissões, dos traços linguísticos das gerações. Em virtude desses fatores, percebe-se que, paulatinamente, os falantes se adaptam e se acomodam àquelas práticas comuns aos seus pares, o que pode ocasionar rejeição por determinadas manifestações linguísticas externas ao contexto em que estão inseridos. Entretanto, isso não implica a definição de um caráter rígido desse uso, porque o próprio sistema é constituído por mecanismos por meio dos quais podem ocorrer renovações.

A respeito dessa questão, Faraco (2008, p. 42) estabelece que "Não existe, em suma, uma norma 'pura': as normas absorvem características umas das outras – elas são, portanto, sempre hibridizadas. Por isso, não é possível estabelecer com absoluta nitidez e precisão os limites de cada uma das normas – haverá sempre sobreposições, desbordamentos, entrecruzamentos".

Em função do reconhecimento dessa realidade, marcada pela heterogeneidade e pelo multiculturalismo, surgem mudanças linguísticas promovidas por diversos fatores. Lucchesi (2004, p. 74) ressalta que a variação faz parte da língua, porque, dessa forma, "[...] ela pode desempenhar plenamente as suas funções dentro da estrutura complexa e heterogênea da comunidade que a utiliza". Assim acontece uma espécie de fusão entre o aspecto funcional e o social da língua, já que não há como se analisar um deles sem o estudo do outro.

Para o termo "norma", podem ser encontradas algumas acepções. Nessa área, existem estudos elaborados por linguistas acerca do tema e, para o presente trabalho, ter-se-á como base uma proposta apresentada por Savioli e Fiorin (2003), na qual eles indicam dois tipos de norma e enumeram as características de cada uma. Cristianini (2007, p. 103) faz uma esquematização dos apontamentos desses autores, conforme se verifica no quadro abaixo.

Quadro 3: Dois tipos de norma.

A	B
Normativo.	Normalidade.
Determinação de um ideal; orientação do que deve ser.	Constatação do real; a discussão do que é de fato.
Conformidade com uma regra.	Diz respeito à determinação e à descrição de uma normalidade de um fato corrente e geral.
Corresponde melhor à ideia tradicional de gramática como "arte de falar e de escrever bem".	Estado habitual, de uso corrente, costume concordante com a maioria dos casos.
Ideia de obediência; julgamento de valor.	Concepção de média; frequência estilística; tendência geral ou habitual.
As características orientam para o caráter dos estudos linguísticos da gramática normativa.	Visão de estudo da língua de acordo com a descrição de uma normalidade.

Fonte: SAVIOLI & FIORIN (apud CRISTIANINI, 2007, p. 103).

Como se nota, na coluna B, encontram-se as descrições de norma fundamentadas nos estudos linguísticos, que se destinam à análise dos fatos correntes em uma comunidade de fala, incluindo-se, aí, os fenômenos da variação.

A norma como regularidade e a norma como prescrição podem ser entendidas com base no quadro acima. Essas descrições são compartilhadas por autores como Antunes (2007), Bagno (2002), Faraco (2008), Ilari e Basso (2007), as quais estão reproduzidas neste trabalho.

Entendendo-se a norma em sentido mais restrito, prescritivo, fundamentado no uso legitimado, em sua maioria, por grupos de falantes escolarizados e com a comunicação mais centrada na escrita, ou seja, um cânone gramatical, então se pode empregar a denominação "norma culta". Com base em preceitos históricos, na escola esse conceito tem sido o mais amplamente adotado como parâmetro para o processo ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Esse conceito abrange as regras estabelecidas pela gramática normativa, que traz um modelo tido como o mais prestigiado socialmente. Nesse caso, são observadas as regulamentações da sintaxe da regência, da concordância, da colocação pronominal, aspectos mais evidenciados nessa norma. Para Faraco (2008, p.71), "A expressão norma culta/comum/standard designa o conjunto de fenômenos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações de mais monitoramento de fala e escrita". Ela representa

um ideal inatingível, que se contrapõe ao uso espontâneo das pessoas em situações do cotidiano.

Ora, é exatamente essa questão do monitoramento e com, ainda, uma atribuição de supremacia da escrita sobre a fala que conduz os indivíduos a revesti-la de um prestígio social elevado. Por isso, essa representação ganhou status mais valorativo em detrimento de outras formas de uso. É por causa desses fatores que surgem os preconceitos, os tabus de "certo" e de "errado". E, como não se podem negar as variações que vêm ocorrendo ao longo dos tempos, há que se considerar a interferência delas sobre a língua. Não se podem desvincular as variações da língua, uma vez que "A língua é em si o conjunto das variedades" (FARACO, 2008, p.71). Portanto, a norma culta pode ser entendida como uma das variedades da língua, já que ela é usada em contextos bastante específicos. O prestígio social a ela conferido deriva, principalmente, de fatores culturais e sociais.

Em Faraco (2008, p. 72), encontra-se a seguinte explicação:

> [...] todas (as variedades) são igualmente organizadas, todas são igualmente complexas. Isso não significa que todas as variedades se equivalham socialmente. Há uma diferenciação valorativa que hierarquiza as variedades. Por razões históricas, os grupos sociais vão atribuindo diferentes valores às diferentes variedades. Assim, algumas variedades recebem avaliação social positiva, enquanto outras são desprestigiadas e até estigmatizadas. O importante é entender que tais valorações não são 'naturais', não são puramente linguísticas, mas resultam do modo como se constituem historicamente as relações entre os grupos sociais.

Tendo em vista a argumentação apresentada, pode-se concluir que o prestígio alcançado pela norma culta deve-se ao fato de ela ter sido institucionalizada como uma gramática. Antunes (2007, p.88) conclui que a norma culta

> não implica o uso efetivo em todas as situações de interação verbal – restringe-se a algumas delas, apenas; é uma exigência da comunicação que envolve certo grau de formalidade; não é exigida, por exemplo, nas situações informais da coloquialidade própria da vida privada; está vinculada àqueles grupos sociais que mais diretamente exercem atividades no âmbito da comunicação escrita, sobretudo àqueles grupos ligados à divulgação das informações e ao controle do poder político-administrativo (ANTUNES, 2007, p. 88).

Uma vez que as mudanças passaram a ser vistas como um processo inerente à língua, reconhecendo-lhe o caráter heterogêneo, procurou-se estabelecer, também no Brasil, por meio de um instrumento normativo sob a forma de gramática e de dicionário, um padrão linguístico que servisse para amenizar a diversidade linguística: uma norma padrão. De acordo com Bagno (2007), essa norma padrão não é exatamente uma variedade da língua, mas "um

construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização". É como se fosse uma forma abstrata da língua, um modelo único a ser seguido, tanto no aspecto lexical quanto no gramatical, a que é usada como referência a projetos políticos de padronização. Em se considerando essas características, é notória a ausência de marcas dialetais na norma padrão, conquanto ela pressupõe a existência de uma língua homogênea, o que está em total dissonância da realidade heterogênea da língua.

Desse modo, é possível alegar que o projeto da norma-padrão no Brasil se fundamentou basicamente no desprestígio às variedades do português faladas pela população em geral. De acordo com Faraco (2008, p. 80), "[...] os formuladores e os defensores da norma-padrão se opuseram com igual furor às características das variedades populares e às das variedades cultas faladas aqui. O excessivo artificialismo do padrão que estipularam impediu, porém que ele se estabelecesse entre nós".

Essa norma padrão foi criada com o propósito de tentar garantir certa unidade na língua, com realce para o geral, sem considerar os casos particulares, tais como os regionalismos. Trata-se de uma tentativa de tornar mais fácil a comunicação entre os indivíduos, uma vez que todos usariam a língua da mesma maneira. É como se os brasileiros saíssem todos de uma mesma forma, tivessem os mesmos hábitos, adotassem as mesmas crenças, fossem culturalmente iguais.

A sociedade brasileira se constituiu a partir de uma mistura de etnias, de saberes, de costumes, de línguas diferentes, o que lhe confere a característica da pluralidade cultural. E, se levado em conta esse aspecto, há que se considerar o fenômeno da variação linguística como algo absolutamente natural. E mais ainda: é o que enriquece a língua.

Está mais do que comprovado que é a língua em uso que deve ser analisada, estudada, considerada, validada. Ela representa a sociedade brasileira em sua formação antropológica, étnica, reproduzindo o universo cultural em que o povo está inserido E, tentar calar essas vozes, tentar suprimir os vários falares, tentar impor uma forma estanque de língua, é acabar, aos poucos, com a grande riqueza cultural que existe em todos os cantos desse país.

E, a escola, ambiente que abriga sujeitos com uma diversidade tão marcante, seja pela cor da pele, seja pelo gênero, seja pela origem, não pode ser omissa quanto a esse fenômeno. Antes de tudo, o professor de Língua Portuguesa deve estar atento a esses aspectos, considerando o estudante, na medida do possível, na sua individualidade, não tomando o grupo como um único ser.

Durante muito tempo, era uma prática escolar adotar a norma padrão como a mais "correta" e não se aceitavam outros modos de expressão que não fossem condizentes com os

preconizados nesses manuais chamados de gramática. Era um verdadeiro processo de mecanização, de memorização, que se servia ao propósito de aprovação em exames de vestibulares ou em concursos públicos. Como o mundo não para, como surgem avanços em muitas áreas do conhecimento, essa transformação se estende à língua. Ela é um mecanismo vivo, sujeito a mudanças, a renovações. Após discussões no meio acadêmico e nas esferas governamentais, chegou-se ao consenso de que não se pode simplesmente negar a existência das variações linguísticas e que o modelo de ensino-aprendizagem precisa ser reestruturado, de modo a atender às características do povo. Felizmente, na época atual, conseguem-se encontrar, nos dicionários e nas gramáticas, tentativas de flexibilizar, de reconhecer e de acolher outras formas de usos que não sejam aquelas estabelecidas como referência pela norma padrão.

Bagno (2011, p. 31-32) argumenta que o surgimento de uma norma padrão se deve à elaboração de um modelo descritivo e prescritivo feito por um grupo restrito de escritores. Esse estudioso reforça que

> [...] não se deve ensinar norma-padrão na escola. A educação em língua materna não é sinônima de um ensino exclusivo de uma única modalidade da língua, muito menos de uma modalidade obsoleta e anti-intuitiva. Educar em língua materna é permitir o acesso dos aprendizes ao maior número possível de modalidades faladas e escritas de sua língua, modalidades que só se realizam empiricamente, concretamente, na forma de gêneros textuais.

Ainda se analisando as ideias defendidas pelo autor citado anteriormente, ele associa a norma padrão a uma prática pedagógica conservadora, que visa à uniformização, à homogeneização, além de se apresentar descontextualizada. Dessa forma, com essa visão de língua, o estudante fica impedido de conhecer outras maneiras possíveis e válidas de usos. A partir do momento em que esse aluno entende que não existe somente uma maneira de se expressar por meio da língua, ele dispõe de oportunidades para a ampliação do seu léxico e das condições necessárias para produzir sentenças que atendam ao propósito comunicativo.

No que se refere à escola, vale insistir, como propõe Neves (2003, p.18), que o aluno tenha a oportunidade de conhecer o padrão valorizado da língua. Para isso, torna-se importante que a leitura e a análise de textos tenham mais destaque no contexto escolar, devendo ser elas o ponto de partida para o estudo linguístico das estruturas que o compõem, fornecendo pistas para o leitor desvendar os segredos desses textos. É importante que, de fato, o aluno possa ter condições para o desenvolvimento da competência comunicativa, fazendo as escolhas adequadas à situação de uso. Essas alegações encontram respaldo nas palavras de Antunes (2007, p.102): "[...] no domínio da comunicação e da interação verbal, a tolerância à

diversidade e às diferenças também representa uma condição da convivência madura e plenamente cidadã".

Para Castilho (2010, p. 205), não existe uma variedade melhor que a outra. De acordo com ele, falar "errado" é quando o sujeito não se faz entender no meio em que convive, é quando esse indivíduo emprega uma sentença inadequada ao contexto de interação. Ele defende, além disso, que ninguém é um falante exclusivo de uma ou de outra variedade, porque se trata da mesma língua. Para ele, variação se faz definida pelas características intrínsecas a ela e o traço que torna uma distinta da outra é a frequência de uso.

O professor de Língua Portuguesa precisa mostrar ao aluno como se processa o funcionamento da língua, comparando, por exemplo, textos escritos em épocas diferentes, mostrando ao estudante o caráter dinâmico da língua. Ademais, o discente, por intermédio da escola, deve estar preparado e apto a compreender os sentidos de diferentes gêneros textuais pela linguagem empregada neles. Essas afirmações de Barbosa (2007, p. 50) revelam a necessidade de revisão de enfoque do ensino da língua na escola, cuja opinião é a de que

> É preciso ensinar gramática como um ponto de partida a ser complementado pelo professor, que não é apenas um porta-voz do texto escrito, mas o profissional treinado para desenvolver habilidades de codificação e de decodificação dos textos orais e escritos.

Encontra-se, ainda em Castilho (2004, p. 29), a opinião de que compete ao professor sensibilizar o aluno para a questão da variação linguística, estabelecendo ligação entre os usos e as situações sociais em que o falante está envolvido. Esse é um dos maiores desafios da atualidade: fazer com que o ensino da gramática esteja pautado na descoberta científica, de maneira que o estudante identifique a que finalidade se destina este ou aquele emprego, que mudanças de sentido são provocadas por uma ou outra escolha, seja ela de natureza lexical, semântica, sintática, fonológica.

E essa continua sendo uma batalha que linguistas e filólogos vêm travando há algumas décadas, no sentido de que a natural diversidade linguística brasileira seja aceita como representação válida da fala de determinados grupos sociais do país. Já existe uma uniformização da escrita das palavras, a qual se encontra registrada no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a responsabilidade da Academia Brasileira de Letras. A discussão que se faz no momento é se há, de fato, a necessidade de que os fenômenos sintáticos sejam regulamentados, insistindo-se em um modelo estático, distante da fala real das pessoas. Essa norma padrão possui caráter limitador. Faraco diz que "Objetivamente a

língua precede sempre os instrumentos e estes devem, portanto, estar sempre em consonância com ela" (FARACO, 2008, p. 86).

Realmente essa deve ser a função do professor: desvendar o universo particular do aluno para, a partir daí, construir o conhecimento coletivo, compartilhado, constituído de muitas e de tantas vozes presentes em uma sala de aula.

3.4 As variações linguísticas e a noção de preconceito linguístico

Já se constatou que a língua sofre, ao longo do tempo, mudanças causadas por fatores, que operam em conjunto, uma vez que ela está em uso e integrada ao cotidiano dos que a falam. As variações linguísticas estão presentes no convívio diário e cotidiano das pessoas e os diversos modos de falar, de usar a língua, são igualmente eficientes nas interações sociais em que esses sujeitos se envolvem. Essas variações são ocorrências naturais em uma língua, próprias da natureza dela, resultantes da multiplicidade de ambientes sociais e estão presentes em nosso convívio com os semelhantes. Em relação a esse assunto, Bagno (2007) diz que

> [...] a variação e a mudança linguística é que são o 'estado natural' das línguas, o seu jeito próprio de ser. Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas [...].

A língua, já se constatou, só tem existência em sociedade, quando é utilizada pelos falantes nos diversos contextos sociais dos quais faz parte, pois, se uma forma não é usada, ela tende a desaparecer. Quando uma forma está em uso frequente, a variação surge inevitavelmente. Não há como refreá-la ou impedir que ela aconteça. Seria o mesmo que podar os galhos de uma árvore, na tentativa de impedir que eles se expandam. E, uma vez que o indivíduo participa de situações sociais diferentes – igreja, família, amigos, escola -, vão surgir padrões de usos. Ou seja, a língua é um fato social, situado em um tempo e em um espaço concretos, com funções definidas (Antunes, 2007, p. 104).

A tão propagada uniformidade do Português brasileiro não passa de um mito, pois a adaptação dos falantes aos diferentes contextos constitui um processo natural. Essas manifestações são nomeadas, pelos estudiosos da área da Sociolinguística, como variações. Elas podem ser diacrônica, diatópica, diastrática, diamésica, diafásica.

De acordo com Ilari e Basso (2007), toda a sociedade evolui com o passar do tempo, em virtude de eventos históricos e de mudanças culturais e sociais. Esse fator se estende à língua, refletindo-se nas construções gramaticais, na fonologia, na morfologia e, em especial, no léxico. Essa variação diacrônica pode ser percebida ao se compararem falas de pessoas de gerações distintas, observando as gírias, por exemplo. Nesse processo de mudança, ocorrem dois fenômenos bastante comuns: o da gramaticalização e o da lexicalização.

O primeiro se caracteriza por ser um processo de mudança linguística que altera o valor semântico de uma palavra ou de uma expressão, no sentido de o seu significado lexical perder importância em relação ao seu significado gramatical. É o que aconteceu, a saber, com o atual advérbio de concessão "embora". Conforme atesta Teyssier (2004, p.85-86), essa atual grafia é uma evolução da saudação "(vai-te) em boa hora", usada para se desejar boa sorte a alguém que estivesse partindo para algum lugar. O segundo se origina na mudança do valor morfológico de uma palavra ou de uma expressão, tal qual pode ser atestado com o uso de "os entretantos", em que a conjunção coordenativa adversativa passou a ser empregada como um substantivo. Essas situações comprovam que a língua passa por muitas inovações, ocorridas com o passar do tempo, fazendo com que surjam novas palavras e que outras deixem de ser usadas.

A variação diatópica se caracteriza por apresentar diferenças encontradas na mesma língua dentro de um determinado espaço geográfico. Isso pode acontecer, por exemplo, entre países que adotam uma mesma língua oficial e entre as regiões de um país, como é o caso do Brasil. Essas alterações podem ser percebidas na pronúncia de alguns sons, na preferência por certas estruturas gramaticais, no emprego de determinados itens lexicais. Cita-se, para exemplificar, o uso de "grossista" no Português europeu para nomear o que, no Português brasileiro, se denomina de "atacadista"; na região Sul, emprega-se o vocábulo "negrinho" para se referir ao doce conhecido como "brigadeiro" em outras regiões.

Por variação diastrática, entende-se a diferença no modo de falar entre os grupos sociais escolarizados e os menos (ou não) escolarizados (ILARI; BASSO, 2009). Ela está bem marcada pela fonética, quando ocorre monotongação de ditongos crescentes em posição final (sustança em vez de substância), mas se manifesta também na morfologia e na sintaxe.

Para se referir às mudanças a que a língua está sujeita conforme os meios de comunicação ou meios de expressão em que é utilizada, usa-se a denominação de variação diamésica. Essas diferenças podem ser observadas, especificamente, entre o uso da língua na modalidade falada e na modalidade escrita.

Bagno (2007) descreve a variação diafásica como aquela que trata do uso que cada indivíduo faz da língua, levando-se em consideração o grau de monitoramento que ele atribui à adequação da linguagem a cada contexto. Essa é uma variação de estilo, que depende dos interlocutores, da classe social, do gênero, da idade. Até mesmo em um grupo homogêneo, de uma mesma época e de uma região, sendo todos os indivíduos do mesmo nível social, pode ocorrer variação.

Ainda tendo como base as ideias desse autor, é possível constatar que cada variação linguística se distingue uma da outra e a melhor maneira de se trabalhar esse assunto na escola é apresentar ao estudante como se processam essas mudanças. Cunha (1994, p.79) alega que as mudanças que ocorrem na língua são contínuas, porquanto ela é a expressão da vida. Ele diz que

> Nenhuma língua permanece uniforme em todo o seu domínio, e ainda num só local apresenta um sem-número de diferenciações de maior ou menor amplitude. Porém, essas variedades de ordem geográfica, de ordem social, e até individual – pois cada indivíduo tem o seu idioleto, como hoje se diz, isto é, procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento não prejudicam a unidade superior da língua nem influem na consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção.

A variação linguística é um fato, faz parte da identidade de uma pessoa. Por isso, na escola, a finalidade básica deve ser a promoção do letramento do estudante, de modo que ele consiga transitar por vários ambientes, com a habilidade necessária para entender o outro e se fazer entender. É importante o aluno conhecer os tipos de variações, o contexto em que elas são e podem ser utilizadas, o que não prejudica o sistema linguístico. Acredita-se que, se são criadas oportunidades para que o aluno tenha essa concepção, a escola terá cumprido a sua missão, qual seja ela a de preparar esse estudante para ser atuante na sociedade da qual faz parte, de forma consciente e crítica.

4 LÉXICO

Neste capítulo, apresenta-se a definição de léxico e de Lexicologia. Além disso, são mostradas as diferenças entre palavra, vocábulo, lexia, para fundamentar a elaboração do glossário e do vocabulário[21], dois produtos finais desta pesquisa.

Pode-se entender o léxico de uma língua como o conjunto de unidades significativas - as palavras -, as quais, por seu turno, estão submetidas às regras estruturais e gramaticais que regem essa língua. Portanto, o léxico e a gramática representam os mecanismos fundamentais para que aconteça a produção das mensagens elaboradas pelo falante e a compreensão delas por parte do interlocutor (Rey-Debove, 1984, p. 45-69). Dessa maneira, um indivíduo, no processo de aquisição de uma língua natural, passa a incorporar tanto o léxico quanto o sistema de normas.

Por meio de pesquisas desenvolvidas na área da Geolinguística, além das pesquisas de variação diatópica com frequente interesse na identificação da norma, tem-se demonstrado uma preocupação em investigar as variáveis sociais que interferem nos atos linguísticos (Cristianini, 2012, p. 22). A Geolinguística incumbe-se de pesquisas relacionadas a diversos aspectos da língua, quais sejam eles de caráter fonético-fonológico, morfossintático, semântico-lexical, pragmático, entre outros.

Neste trabalho, buscaram-se fundamentos também nos estudos da Geolinguística e da Sociogeolinguística. Para Cristianini (2012), a palavra vista como elemento central das sentenças elaboradas para a manifestação de uma ideia ou de um pensamento e que, desvinculada de um contexto, ela não adquire significação, a escolha de itens lexicais por um falante está diretamente vinculada à visão que o sujeito-falante tem do mundo, às suas vivências, às suas experiências. De acordo com a referida autora,

> [...] é no léxico de uma língua que primeiramente encontramos o repositório do saber linguístico de uma comunidade, a configuração da realidade extralinguística e a representação da imagem vista pelo sujeito de si mesmo, bem como do mundo que o abriga.

Ainda com base nas constatações de Cristianini (2012, p. 22), certifica-se que é por meio do acervo de itens lexicais de uma comunidade que se podem identificar as características desse grupo de indivíduos, uma vez que se tornam evidentes as crenças, os valores, as ideologias, os costumes praticados por essas pessoas, bem como se pode traçar um

[21] Julga-se importante e necessário informar que não se pretendeu elaborar o Glossário e o Vocabulário conforme a regulamentação da Lexicografia, mas apenas compilar os dados obtidos nessa pesquisa em um volume.

panorama da evolução histórica – incluídas as transformações culturais, sociais, políticas por que passaram ao longo dos anos.

Essa teoria encontra respaldo em Santos (2012, p. 37), quando ela observa que em sua atividade discursiva, a todo instante, os sujeitos se servem da língua para transmitir e reiterar significações e informações. A inclusão a um dado grupo pode ser notada quando se observa que, no discurso, os sujeitos expressam sentimentos, crenças e valores que não são exclusivamente seus, mas do grupo social a que pertencem.

Em Soares e Cavalcante (2012, p. 52), encontra-se fundamento para o fato de que é a relação de um item lexical com o ambiente exterior que leva o falante a reconhecê-lo, a identificá-lo e, a partir de então, utilizá-lo em variados contextos. Dessa forma, começa-se a perceber a existência de um mesmo item lexical com acepções diferentes em lugares diferentes, assim como o emprego de diferentes itens para nomear um mesmo ser. É importante e fundamental saber que esse item possui uma história, um contexto de formação, um propósito comunicativo, uma intencionalidade implícita, de responsabilidade do falante.

Sendo assim, a Lexicologia

> estuda as diversas relações do léxico com outros sistemas da língua e, principalmente, as relações internas do próprio léxico. Essa ciência abrange diversos domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e a importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se necessariamente com a fonologia, com a sintaxe e, em particular, com a semântica. (ABBADE, A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. 2011, p. 1332)

Nesse campo de estudos, depara-se com uma questão problemática: a distinção entre lexia, palavra e vocábulo. Pottier (1979) estabelece que a lexia é uma unidade memorizada; o vocábulo é a lexia em estado de dicionário e a palavra, a ocorrência em um texto.

Na linguística tradicional, a palavra é um elemento linguístico significativo composto por um ou mais fonemas. Essa sequência é suscetível de uma transcrição escrita compreendida entre dois espaços em branco; ela conserva sua forma, total ou parcialmente, em seus diversos empregos sintagmáticos; a palavra denota objeto (substantivo), uma ação ou em estado (verbo), uma qualidade (adjetivo).

O conceito de palavra, conforme Biderman (1999, p.81), é problema complexo em Linguística, não sendo possível defini-la de modo universal. Segundo ela, "O termo palavra é operacional apenas como elemento da linguagem comum. Num uso específico, é a designação pertinente, já que qualquer falante do idioma identifica o seu *designatum* sem problemas".

Já a lexia, de acordo com Pottier, é a unidade de comportamento léxico. Ela se opõe à morfema (menor signo linguístico) e à palavra (unidade mínima construída). Portanto, é a

unidade funcional significativa do discurso. A lexia simples pode ser uma palavra; a lexia composta pode conter várias palavras em vias de integração ou integradas; a lexia complexa é uma sequência estereotipada.

Tendo como ponto de partida a tricotomia norma/sistema/fala proposta por Coseriu (1979), pode-se dizer que a lexia é tida como unidade léxica no nível do sistema; que o vocábulo é a unidade léxica no nível da norma e que a palavra é cada uma das ocorrências da lexia/vocábulo em um texto. Com base nesses estudos, Barbosa (2001, p. 39) chegou à conclusão de que os dicionários de língua se encaixariam no nível do sistema, trabalhando com todo o léxico disponível e se manifestando por meio das lexias; os vocabulários estariam relacionados à norma e trabalhariam com conjuntos, manifestando-se por meio dos vocábulos ou dos termos; já os glossários se encontrariam no nível da fala e trabalhariam com os conjuntos, manifestando-se pelas palavras. Essas definições podem ser observadas no quadro abaixo, organizado por FROMM (2004).

Quadro 4: Dicionário, vocabulário e glossário.

Dicionário	Vocabulário	Glossário
Nível do sistema.	Nível da norma.	Nível da fala.
Trabalha todo o léxico disponível e o virtual.	Trabalha com conjuntos manifestados dentro de uma área de especialidade.	Trabalha com conjuntos manifestados em um determinado texto.
Unidade: lexema (significado abrangente; frequência regular).	Unidade: vocábulos/termos (significado restrito; alta frequência).	Unidade: palavras (significado específico; única aparição).
Apresenta (teoricamente) todas as acepções de um mesmo verbete.	Apresenta todas as acepções de um verbete dentro de uma área de especialidade.	Apresenta uma única acepção do verbete (dentro de um contexto determinado).
Perspectivas: diacrônica, diatópica, diafásica e diastrática.	Perspectivas: sincrônica e sinfásica.	Perspectivas: sincrônica, sintópica, sinstrática e sinfásica.

Fonte: FROMM (2004).

Na próxima seção, será apresentado um breve histórico da formação da Língua Portuguesa e das características do idioma falado no Brasil. Além disso, serão descritos alguns processos por meio dos quais são criadas as palavras que estão à disposição do falante.

4.1 Constituição do léxico do Português Brasileiro

A Língua Portuguesa, língua românica de origem latina, tem, desde a sua chegada às terras brasileiras, manifestado a característica da heterogeneidade, intrínseca a todas as línguas. É composta, em sua substância, por itens lexicais provenientes de diferentes lugares, apresentando uma "mistura" resultante dos vários usos existentes, incorporando e assimilando variedades linguísticas, como empréstimos lexicais oriundos de outras línguas faladas pelos povos nativos, apresentando alterações tanto na pronúncia quanto na grafia. Assim, as características linguísticas vão sendo definidas e redefinidas constantemente, devido às suas propriedades de variação e de mudança inerentes (LABOV, 1972). Desse modo, a ampliação do léxico do Português brasileiro se deu ao longo do curso de um processo dialético de transformações sociais, culturais e históricas.

Cabe lembrar que, segundo os pesquisadores Ilari (1997) e Azeredo (2009), a Língua Portuguesa, durante a fase colonial, convivia com o Tupi, com o Guarani e com línguas africanas. Eles apontam que, nos primórdios da história da língua brasileira, chegaram a existir as chamadas "línguas gerais", forma de comunicação adotada pelos jesuítas no processo de catequização, as quais surgiram da necessidade de adoção de uma variedade que intermediasse o contato com os nativos. Como exemplo de língua geral, destaca-se o *nheengatu,* da região amazônica, e a língua geral paulista.

Ainda com base nos referidos autores, pode-se dizer que a partir da segunda metade do Século XVII, com a imigração de muitos portugueses para o Brasil, começa a se intensificar o fenômeno da variação, pois várias línguas coexistiam no território brasileiro.

Uma vez que as línguas indígenas não desapareceram totalmente e eram faladas por um grupo de sujeitos, os quais utilizavam o próprio idioma e as línguas gerais, foi inevitável a incorporação de termos indígenas para designar, principalmente, pessoas, animais, seres míticos, vegetais, moradia, topônimos, antropônimos. Assim, conforme Azeredo (2009), passou-se a empregar termos como "caipira", "jirau", "arara", "pitanga", "Iracema" e "maracanã", oriundos do tupi e do tupi-guarani e que hoje são constituintes do léxico do Português brasileiro.

De acordo com o autor, os africanos também contribuíram para a constituição do léxico da Língua Portuguesa. Logo que desembarcavam nestas terras, essas pessoas eram separadas, para que não houvesse comunicação, evitando que se rebelassem. Houve um processo de fragmentação linguístico-cultural, pois eles não podiam se unir em agrupamentos por origem étnica, nem por meio da língua, nem por meio da família. Então diferentes línguas africanas estiveram em contato e se espalharam pelas regiões do Brasil, possibilitando que o léxico fosse incorporando-se progressivamente ao Português, visto que os africanos também precisaram aprendê-lo.

Dessa forma, Azeredo (2009) também aponta que a Língua Portuguesa assimilou um grande número de palavras das línguas africanas, tais como "minhoca", "cachimbo", "maxixe", "dengue", "angu" e tantas outras, oriundas do Quimbundu, do Suaíli e do Iorubá. Uma vez que os negros provieram de diferentes regiões da África, com eles vieram também termos do árabe, falado pelos negros muçulmanos. Como exemplo de lexias de origem árabe incorporadas ao português, pode-se citar "açafrão", "alazão", "alambique".

Mais tarde, já no século XIX, segundo Ilari (1997) e Azeredo (2009), começaram a vir para o Brasil um grande número de italianos, de japoneses, de alemães, de turcos, de espanhóis, todos em busca de trabalho nas lavouras, de uma vida mais promissora. Nas comunidades das quais faziam parte, muitas vezes restritas ao campo, cada grupo de imigrantes falava o próprio idioma. Todavia, eles precisaram aprender a se comunicar no idioma nacional. Havia, então, a convivência de, pelo menos, duas línguas em um mesmo espaço geográfico.

Como exemplo de palavras de origem italiana, pode-se listar "avaria", "bússola", "charlatão"; de palavras de origem alemã, citam-se "kombi", "hamster", "encrenca", e até "gás" (do holandês *gas*). Quanto a palavras de origem oriental, que também transitam no vocabulário brasileiro, encontram-se "ofurô", "sumô", "origami", "tempurá". Sem contar as inúmeras palavras originárias do inglês que hoje estão incorporadas ao léxico do Português brasileiro, tais como "futebol", "piquenique", "blecaute", dentre muitas outras.

Em decorrência do convívio com línguas estrangeiras, houve o enriquecimento lexical dos falantes, por meio da adoção de termos para designar aspectos relacionados à cultura, principalmente no tocante às atividades do cotidiano. Para Azeredo (2009), surgem, então, muitas lexias usadas para nomear alimentos, objetos, utensílios, instrumentos.

O léxico pode ser definido como o amplo acervo de palavras[22] que está à disposição dos falantes para estabelecerem contato entre si. Segundo Antunes (2012, p. 24), "O léxico deve ser visto como elemento de composição do texto, em suas funções de criar e de sinalizar a expressão dos sentidos e das intenções, os nexos de coesão, as pistas de coerência".

O Português do Brasil resulta de um processo histórico, com as influências dos povos que aqui vieram morar e que trouxeram contribuições para o conjunto de lexias, as quais são escolhidas e empregadas de diferentes formas em diferentes contextos. Nesse processo de interação social, palavras desaparecem, enquanto outras são criadas, em função de variáveis como crenças, valores, cultura, características sociais, gênero, faixa etária. Ou seja, o léxico está em constante movimento: renovou-se, adaptou-se, ampliou-se.

A constituição do léxico do Português do Brasil foi um processo que ocorreu por meio de fenômenos de nomeação do universo referencial. Na opinião de Ilari e Basso (2007, p.135), esse processo se deu com a utilização de quatro grandes conjuntos de palavras e de expressões. Para esses autores, basicamente

> [...] podemos distinguir, no léxico do português do Brasil quatro grandes conjuntos de palavras e de expressões: a) as que remontam ao latim vulgar, como resultado do seu desenvolvimento fonético; b) os empréstimos recebidos das línguas com que o português teve contato; c) palavras eruditas, tiradas diretamente do latim e do grego clássicos; d) as criações vernáculas, isto é, palavras criadas no interior da própria língua com base em palavras preexistentes.

Em relação ao primeiro e ao terceiro conjunto, não será feita uma abordagem mais aprofundada, pois eles estão diretamente atrelados à origem da Língua Portuguesa e não estão necessariamente vinculados à temática desta dissertação.

Por outro lado, entendendo que o segundo e o quarto conjunto estão efetivamente relacionados às variações linguísticas, focalizar-se-ão apenas esses dois conjuntos, que são os empréstimos e as criações vernáculas, elementos constituintes da Neologia. Para Azeredo (2009), a Neologia é "o surgimento de novas lexias, as quais vão sendo incorporadas ao léxico", "processo de renovação lexical de uma língua", "fenômeno atribuído às formas de acepções criadas ou absorvidas pelo seu léxico" (AZEREDO, 2009, p. 399). Ressalva-se, ainda segundo o autor, que a duração de um neologismo é determinada pelo tempo de uso feito pela comunidade na qual ele veicula.

Quanto ao segundo conjunto, os empréstimos, estes podem ser classificados, de acordo com Azeredo (2009, p. 401), como (i) xenismos (estrangeirismos): quando a palavra mantém

[22]Para os linguistas, não há uma definição precisa para "palavra", que, segundo Biderman (1999, p. 83), "[...] seria uma sequência fônica que constitui uma emissão completa e após a qual a pausa seria possível".

a grafia original, por exemplo, *show*, *pen-drive*, *selfie*; (ii) adaptações: processos de "aportuguesamento", adotando-se a grafia da língua que assimilou as novas palavras/expressões, como se pode perceber em "basquete", "clicar", "hambúrguer"; (iii) decalques: traduções literais da palavra de língua estrangeira, tais como "arranha-céu", "cachorro-quente", "jardim de infância"; (iv) siglas: surgem da utilização das iniciais das palavras que constituem o estrangeirismo, tais como "GPS" (*Global Positioning System*) e "DNA" (*Deoxyribo Nucleic Acid*); (iv) acrônimos: surgem da leitura silábica das letras iniciais das palavras que constituem o estrangeirismo, tais como *Aids* (*Acquired Immune Deficiency Syndrome*) e *Ipod* (*International Patent Organism Depositary*).

Quanto ao quarto conjunto, correspondente às criações vernáculas, Azeredo (2009, p. 400-401), destaca que elas podem ser (i) formais (morfológicas) – uma vez que se faz uso dos processos de formação de palavras próprios do idioma, como a prefixação, a sufixação, a composição, a ser observado, por exemplo, em "sambódromo", "bota-fora"*;* ou (ii) semânticas – a palavra adquire novo sentido conforme o contexto, o que se verifica em "jacaré" (pessoa que assalta os companheiros de cela) e em "pardal" (radar eletrônico de trânsito).

Outra forma bastante recorrente de criar palavras é a corruptela. Trata-se de uma espécie de deformação da grafia original do item lexical, o que pode ter sido causada pela má compreensão, seja pela audição, seja pela rápida visualização. Então surge uma nova materialização e a posterior reprodução, resultante de um lento e gradual processo de transformação. Essa modificação pode acontecer na pronúncia, na grafia e até mesmo na semântica. Às vezes, o emprego de outro modo de se expressar se justifica em razão de se preferir um eufemismo ao uso de uma expressão de valor negativo ou a uma de baixo calão, como acontece com a palavra "putz".

Entende-se que, de fato, a língua passa por constante renovação. No entanto, nem sempre é possível precisar quem ou quando algumas palavras foram "inventadas". Da mesma maneira, não se encontra a explicação do por que elas deixam de ser utilizadas. Apesar disso, pode-se encontrar essa origem explicada por histórias modificadas pela ação do tempo. Para exemplificar esse caso, considere-se, como exemplo, o dito popular "cor de burro quando foge", que, segundo registros da cultura popular, é uma variante da frase "corra do burro quando ele foge". Em nível de palavras, um dos casos mais recorrentes é o de "estambo" (estômago).

E como já se tem reafirmado tantas vezes, inclusive ao longo deste trabalho, o caráter de heterogeneidade da língua e da alta frequência com que ocorrem renovações no léxico, não

se pode deixar de considerar o surgimento do “internetês”, uma linguagem criada com o propósito de agilizar as conversas produzidas no meio virtual. Ela compreende uma maneira bem peculiar se se tentar reproduzirem, pela escrita, as marcas típicas da oralidade de um sujeito, tais como a expressão fisionômica, as reações emocionais, a entonação. Para isso, foi criado um sistema próprio de símbolos e de sinais diacríticos por meio dos quais o falante tenta dar conta de se fazer entender pelo outro. À primeira vista, parece um monte de desenhos e de traços aleatórios, mas há uma lógica ordenada nesse conjunto de elementos que estão à disposição do falante que promove interação social por meio de conversas via computador.

Se, por um lado, as características desse sistema organizado de troca de informações levam ao errôneo entendimento de que se trata de uma linguagem sem normatização, desorganizada, sem uma estrutura típica, por outro, pode-se observar que, por meio dele, o contato, a conversação, a troca de informações proporciona uma interação cada vez mais frequente, que flui com grande eficiência comunicativa.

Para Soares (2002, s/p), a tela, dir-se-iam as telas (de diferentes aparelhos) que permitem o acesso aos ambientes digitais são “um novo suporte para a leitura e escrita; um novo espaço de escrita” que “traz[em] mudanças significativas nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo entre o ser humano e o conhecimento”.

Com base nessa resumida descrição da constituição do léxico do Português brasileiro, foi possível delinear, em linhas gerais, a ideia de que a heterogeneidade presente nas manifestações linguísticas é parte constituinte do processo de formação de qualquer língua. Considera-se o caráter da variação linguística, principalmente no que se refere ao conjunto de palavras e de expressões que formam o léxico. Não há, portanto, como negar a existência do multilinguismo no Brasil, visto que as influências na Língua Portuguesa foram e ainda são bastante significativas.

5 MÉTODO E PROCEDIMENTOS

Neste capítulo, apresenta-se o método utilizado na realização desta pesquisa, bem como são descritos os procedimentos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho, tanto no que se refere ao passo a passo da preparação da fundamentação teórica, que embasa os conceitos apresentados, quanto na aplicação das oficinas pedagógicas em sala de aula.

Uma vez que este trabalho foi desenvolvido em ambiente escolar, optou-se por empregar o método da pesquisa-ação. Trata-se de um processo utilizado para investigar determinado problema comum a um grupo social que faz parte de um contexto específico para o qual se buscam soluções.

Segundo Tripp (1993, p. 447), a "[...] pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza as técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática". Conforme o autor, para que se conquiste a melhoria pretendida, faz-se necessário aliar a teoria à prática, de forma ética: precisa-se ter clareza de que a atividade realizada não deve trazer qualquer tipo de prejuízo para o outro; e o colaborador precisa dar seu consentimento para se envolver no processo. Para esse pesquisador, a pesquisa-ação pode ser caracterizada como inovadora, contínua, pró-ativa estrategicamente, participativa, intervencionista, problematizadora, deliberada, documentada, compreendida e disseminada.

O ponto de partida é a identificação do problema. A etapa seguinte consiste em planejar a estratégia a ser empregada para a implementação da proposta de intervenção, tendo em vista os objetivos estabelecidos. Nessa etapa, busca-se conhecer as características do contexto social onde acontece a investigação. Também são definidos os instrumentos metodológicos que permitirão o acesso do pesquisador às informações essenciais para a elaboração da proposta de intervenção - no caso desta pesquisa, esses instrumentos foram os questionários. Em seguida, essa proposta é planejada e aplicada. Logo depois, durante a aplicação, o pesquisador faz o acompanhamento das atividades, a fim de que sejam obtidos os dados necessários para a verificação da eficácia da proposta. Essa verificação é feita com base na análise dos resultados da aplicação, momento no qual também se realiza o julgamento dessas atividades por meio dos dados e das evidências coletadas, sempre tendo em vista o aperfeiçoamento da situação em estudo.

Por essa razão, é preciso que esse problema esteja definido, a fim de que sejam procuradas soluções adequadas. E, nessa perspectiva, o planejamento de todas as etapas da atividade precisa estar bem delineado, com os objetivos traçados, com os procedimentos detalhados e escolhido o método a ser aplicado.

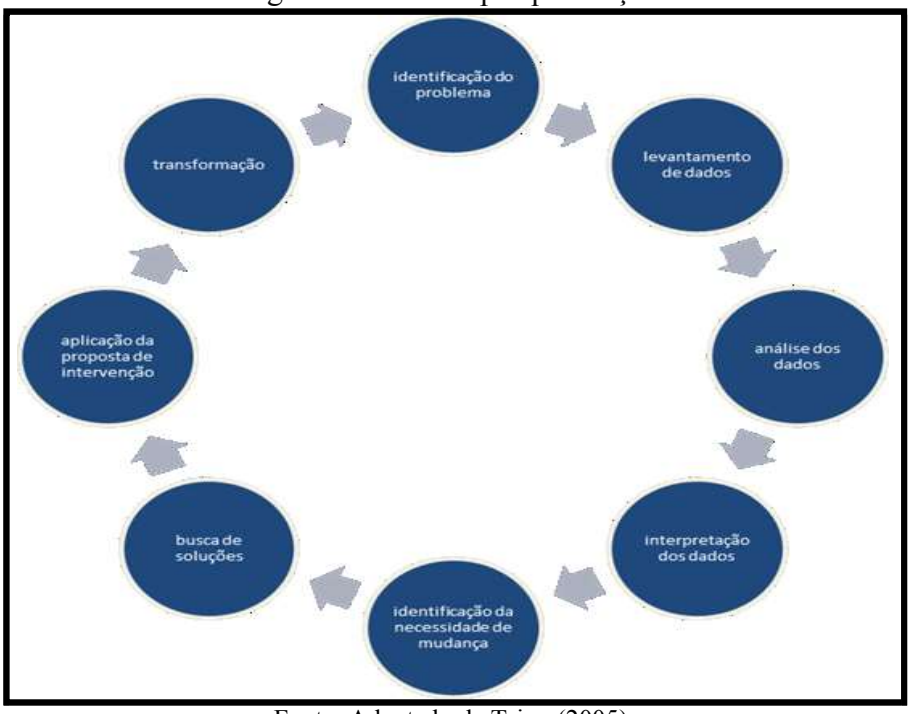
Conforme Fonseca (2002, p.34),

> A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa.

Ainda com base nas ideias apresentadas pelo autor em sua obra, a pesquisa-ação tem, como finalidade, a análise de uma situação social que envolve determinado grupo de sujeitos. Por isso, os resultados obtidos a partir desse contexto são bastante significativos para que se possa observar o processo de mudança ocorrido nesse ambiente a partir da interferência do pesquisador, o qual, por sua vez, participa das atividades propostas e não atua como mero observador. E, de certa maneira, também é responsável pelas transformações ocorridas, pois traz consigo um conjunto de saberes e de conhecimentos que influenciarão na sua intervenção e na análise das variáveis consideradas.

Já no início da investigação, o pesquisador deve ter consciência de que a palavra- chave desse processo é reflexão, a qual deve estar inserida em todas as etapas do projeto, pois é por meio dela, que se poderá chegar às conclusões esperadas. Esse tipo de pesquisa se desenvolve em ciclo, porque o resultado final não está desvinculado das demais etapas; ao contrário, é preciso que todos os passos estejam alinhavados, encadeados, conforme se pode observar na figura.

Figura 2: Ciclo da pesquisa-ação.



Fonte: Adaptado de Tripp (2005).

Durante todas as etapas de execução desse processo, a aplicação da proposta de intervenção precisa ser acompanhada de perto pelo coordenador do trabalho - o professor -, de forma a serem observados os aspectos positivos e os negativos da atividade, por meio da avaliação de todos os passos desenvolvidos. O que se pretende ao utilizar esse tipo de pesquisa é verificar a eficácia da solução apresentada para o problema a que se propôs a analisar.

A fim de se conseguir uma melhoria efetiva da prática pedagógica, o método da pesquisa-ação precisa ser contínuo. Ele deve ser utilizado durante todo o processo da aplicação da proposta de intervenção – nas atividades do dia a dia escolar -, de modo que se possa reestruturar alguma etapa, modificar algum exercício ou até mesmo adequar o tempo destinado a cada módulo, caso se perceba a necessidade. Isso se justifica em virtude de se alcançarem os objetivos propostos. Para tanto, conforme Tripp (2005, p.452-3), o envolvimento dos participantes – professor e alunos – é fundamental para o sucesso da pesquisa. Além disso, não há como prever quais serão exatamente os resultados, já que eles dependem também de fatores externos. Por essa razão, o pesquisador precisa ter as metas bem traçadas, estar consciente do caminho a ser seguido e das ações a serem praticadas.

O ideal é que, em sala de aula, o professor não se coloque como instrutor ou como detentor do conhecimento, mas como um mediador, de forma que esse saber seja construído, gradativamente e que todo resultado – positivo ou negativo – sirva como pretexto para a reformulação dos procedimentos adotados. E, para que isso aconteça, torna-se fundamental saber a origem do estudante, entender a sua realidade social e cultural e, a partir dessas informações, elaborar o planejamento das ações, de acordo com o perfil da comunidade escolar com a qual vai trabalhar. Essa prática encontra respaldo em Tripp (2005, p. 454), quando ele afirma que "[...] ao planejar, planeja-se o planejar, começa-se a planejar, monitora- se o progresso do plano e avalia-se o plano antes de ir adiante para implementá-lo".

Um dos instrumentos utilizados para a coleta de dados foi o questionário. Ele representa uma forma mais rápida de se ter acesso a um maior número de informações a respeito de determinado grupo, pois permite que o pesquisador consiga coletar um grande número de dados em curto espaço temporal. Entendido como uma técnica de investigação, ele é composto por um rol de questões a serem respondidas pelo público-alvo da pesquisa.

O passo inicial para a aplicação das oficinas pedagógicas propostas pela autora desta pesquisa consistiu em conhecer o público com o qual serão desenvolvidas as atividades e também saber a opinião dos alunos em relação ao estudo e às aulas de Língua Portuguesa. Para tanto, foram elaborados dois questionários.

O primeiro, ao qual se denominou Questionário Sociolinguístico (doravante QS) se destinou a traçar o perfil social e cultural dos integrantes de cada turma, identificando a origem dos alunos (onde nasceram), o tempo de permanência deles na localidade onde se desenvolve o trabalho, os demais lugares em que viveram. Assim foi possível traçar o perfil sociolinguístico desses estudantes, uma vez que as influências recebidas por eles ao longo de sua vida repercutem na constituição do vocabulário que eles utilizam no seu cotidiano.

O questionário utilizado para se cumprirem os fins desta pesquisa foi adaptado pela professora-pesquisadora a partir do modelo proposto pelos elaboradores do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2014)[23]. Ele é composto de questões simples e diretas, estruturadas com linguagem objetiva e de clara compreensão, conforme se pode constatar por meio da versão do QS, identificado como apresentado no Anexo A.

O segundo questionário utilizado nesta pesquisa também foi elaborado pela professora-pesquisadora. Por meio dele, propôs-se obterem opiniões do estudante a respeito das aulas e do ensino da Língua Portuguesa, entendida na qualidade de componente curricular obrigatório. Nesse questionário, havia questões mistas, dentre elas as do tipo aberto[24] e as do tipo fechado[25], apresentadas, na íntegra, no Anexo B.

Ressalta-se que apenas as questões relativas ao entendimento do aluno quanto ao significado de norma e de variação linguística foram consideradas na análise dos dados para delinear as características da turma a respeito do tema desta pesquisa. As demais serviram para conhecer a opinião dos alunos acerca das aulas de Língua Portuguesa, da prática da leitura e da escrita, do estudo da gramática.

Com a aplicação desses dois questionários, a professora-pesquisadora pôde conhecer um pouco a origem da turma, considerando dados relevantes para o desenvolvimento da temática abordada neste trabalho: faixa etária, gênero, origem do estudante e dos pais, além de identificar a opinião deles quanto à instrumentalização das aulas de Língua Portuguesa. Esses dados são apresentados na seção em que se fazem as análises dos resultados.

Após a definição do problema a ser investigado, a professora-pesquisadora entrou em contato com o diretor da escola, com o intuito de entregar-lhe o Termo de Consentimento [26] para a realização da pesquisa. Apresentou-se o esboço do projeto, no qual constavam os objetivos propostos, o passo a passo da aplicação das atividades. Em conversa informal, foi

[23]A elaboração do modelo de questionário do ALiB foi iniciada em 1996 e o atlas foi publicado em 2014.
[24]As questões abertas têm caráter discursivo, para as quais as respostas são apresentadas textualmente e de forma livre. (GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas S.A., 2008.)
[25]As questões fechadas se caracterizam por apresentarem respostas definidas por meio de opções ou de alternativas previamente definidas. (GIL, A .C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.)
[26] O Termo de Consentimento é o mesmo que o CEP-UFU indica como modelo.

esclarecido que o tema da pesquisa constava no planejamento do nono ano da escola e, portanto, não comprometeria o cumprimento dos descritores previstos para o trimestre em que seriam aplicadas as atividades. Obtida a autorização, deu-se início à etapa seguinte: reunião pedagógica com a equipe de professores de Língua Portuguesa do nono ano.

Esclarece-se que o trabalho pedagógico anual do colégio militar funciona em rede para todas as unidades que compõem o sistema dos colégios militares, havendo certa flexibilidade para que sejam feitas adaptações curriculares. Neste caso, as atividades da proposta de intervenção foram incorporadas ao Plano de Sequência Didática, já que o tema [27] está previsto para ser estudado na série alvo desta pesquisa. Desse modo, apenas se fez uma adaptação do planejamento do terceiro trimestre, de modo que as oficinas pedagógicas da proposta de intervenção fizessem parte das atividades a serem realizadas em sala de aula. Assim, durante o horário de coordenação pedagógica semanal com a equipe de professores de Língua Portuguesa, a autora deste trabalho apresentou para os integrantes os objetivos das atividades, como elas seriam desenvolvidas e a metodologia para a aplicação delas. Cada um dos cinco integrantes da equipe recebeu uma pasta catálogo, na qual continha o planejamento trimestral, a descrição das cinco oficinas pedagógicas, o material a ser usado pelo aluno e uma *pen-drive* (onde estavam gravados os vídeos, os clipes, os slides em *PowerPoint*) e os textos de apoio teórico. Foi solicitado a esses professores que relatassem à professora-pesquisadora as suas impressões em relação à validação das atividades, no que tange ao propósito para o qual foram criadas; que descrevessem as reações dos alunos durante as oficinas; que apresentassem os pontos favoráveis e os desfavoráveis das atividades propostas. Essas informações foram reproduzidas em forma de conversas durante as reuniões semanais, de modo que a pesquisadora pôde considerar a viabilidade das oficinas, se elas atendiam aos objetivos estabelecidos, bem como pôde conhecer os aspectos em que seria necessária qualquer tipo de reformulação de qualquer uma dessas atividades.

No início do terceiro trimestre, agendou-se uma reunião com os pais dos alunos das duas turmas do nono ano, nas quais a professora-pesquisadora atua como regente de classe. Na ocasião, foi apresentada a proposta de intervenção a ser aplicada, a finalidade deste trabalho e solicitada a autorização, por escrito, dos responsáveis pelos menores colaboradores da pesquisa. Foi entregue uma carta, na qual constavam essas informações e onde deveria ser registrada a aceitação ou não, por parte dos pais, em relação à atuação dos menores como coparticipantes desta pesquisa. A professora-pesquisadora assegurou o sigilo quanto à

[27]O estudo da variação linguística está recomendado nos Parâmetros Curriculares Nacionais do terceiro e quarto ciclos e, portanto, incluído no Plano de Sequência Didática (PSD) do CM.

identificação do aluno, garantindo que não seriam divulgadas quaisquer informações de dados pessoais ou de registros escritos nos quais houvesse possibilidade de reconhecimento do colaborador. Do total de 70 pais/responsáveis, 55 estiveram presentes e concordaram em assinar o documento de autorização; para os outros 15, foi encaminhada individualmente, pelo sistema de comunicação via internet, por meio do site da escola, uma carta com as informações transmitidas durante a reunião, mencionada anteriormente, a fim de que eles também pudessem confirmar ou não o envolvimento do(a) filho(a) na pesquisa. Após esse procedimento, foi obtida a autorização de todos os pais, que concordaram com a participação do estudante neste estudo.

Em sala de aula, então, a professora conversou com a turma, explicou o propósito da pesquisa e como seriam aplicadas as atividades. Esclareceu que o tema abordado estaria inserido no conteúdo programático do trimestre e que, dessa forma, as atividades da proposta de intervenção fariam parte do planejamento do terceiro trimestre. Mesmo ciente desse fato, ainda assim o aluno recebeu o Termo de Assentimento livre e esclarecido para o menor[28], a fim de que o assinasse e, dessa forma, tivessem garantidos os seus direitos quanto ao anonimato.

Uma vez concluída a etapa dos esclarecimentos devidos, iniciou-se efetivamente a fase da coleta de dados, com a aplicação do questionário (conforme consta no Anexo A). Trata-se de um instrumento que serve ao propósito de investigação feita com um grupo de características semelhantes, de modo que se obtenham respostas para questões elaboradas com uma finalidade específica em curto espaço de tempo. Foram empregadas questões fechadas[29], que partiam do geral para o específico, de modo que o aluno assinalasse a resposta mais adequada entre as opções apresentadas e também completasse os espaços em algumas lacunas. Pretendia-se, com a utilização desse método, obter informações dos alunos a respeito de alguns aspectos fundamentais para a realização desta pesquisa: faixa etária, gênero, local de origem, tempo de residência na cidade onde se localiza a escola. Além disso, aproveitou-se para conhecer um pouco mais a respeito do contexto social e cultural dos estudantes, tais como o estado onde os pais nasceram, em que lugares o estudante residiu, as razões por que aconteceu a mudança para outras cidades/país. Entende-se que é primordial conhecer o ambiente no qual o estudante mantém as relações familiares, para então, conduzir o processo do ensino-aprendizagem.

[28] O Termo de Assentimento livre e esclarecido é o mesmo que o CEP-UFU indica.
[29] A definição de perguntas fechadas encontra-se em GIL (2008).

As atividades que compõem a proposta de intervenção foram elaboradas pela professora-pesquisadora, com o intuito de verificar se a diversidade cultural dos alunos de uma instituição militar de ensino é considerada, ao se promover a ampliação do acervo vocabular dos alunos. Foram utilizadas charges, cartuns, histórias em quadrinhos, tirinhas, contos, minicontos e crônicas de autores brasileiros, além de notícia[30].

Para a análise dos resultados encontrados, optou-se pelo emprego do método qualitativo e do método quantitativo. Os desdobramentos da pesquisa contêm dados que podem ser apreendidos e ponderados por meio de informações numéricas, por exemplo, a quantidade de alunos-colaboradores e a quantidade de regiões brasileiras diversas das quais eles provêm. Era necessário ter acesso a dados acerca de algumas características da turma, bem como apresentar os resultados obtidos. Para esse fim, usou-se também o método quantitativo, que consiste na utilização de algumas estratégias para a obtenção de dados essenciais para o conhecimento da realidade social, cultural e linguística dos estudantes: aplicação de questionário[31], construção de gráficos[32], observações diretas[33], anotações em diário de campo[34] (FONSECA, 2002). Ou seja, o estudioso das variações linguísticas também pode lançar mão dos instrumentos de análise – a saber, os referidos métodos e meios utilizados nessa dissertação – que a tornam objetiva.

Já o método qualitativo, concomitantemente utilizado nesta pesquisa, permite ao investigador se aprofundar na compreensão das características sociais do grupo que participa de forma colaborativa do estudo. Não se tem, nesse caso, uma preocupação com ênfase em resultados numéricos, mas com uma descrição mais aprofundada dessa comunidade. Mesmo que esse pesquisador atue em todas as etapas da pesquisa, ele deve evitar estabelecer juízo de

[30]Todos os gêneros textuais citados foram trabalhados nos dois primeiros trimestres do nono ano, conforme registro contido no PSD do colégio.

[31]Um questionário é um instrumento de pesquisa constituído por uma serie de questões acerca de determinado tema, construído com a finalidade de garantir a padronização e a comparação dos dados entre os entrevistadores, aumentando a velocidade e a precisão dos registros e facilitando o processamento dos dados. VIEIRA, S. Como Elaborar Questionários. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

[32]De acordo com Meira e Pinheiro (2007, p.101), o gráfico serve para construir o conhecimento a respeito dos dados obtidos na pesquisa e que necessitam ser apresentados de forma visual, para depois serem explicados em forma de texto. Desse modo, o pesquisado procura facilitar a compreensão do leitor a respeito das informações apresentadas.

[33]A observação direta, conforme Fiorentini e Lorenzato (2006) é uma técnica de coleta de dados, que consiste em ver, ouvir e examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. É um elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa de campo como abordagem qualitativa, podendo servir também para a pesquisa conjugada a outras técnicas ou de forma exclusiva.

[34]O diário de campo corresponde a uma espécie de relatório das impressões da professora a respeito da participação e do envolvimento da turma nas atividades, das respostas aos questionamentos feitos na modalidade oral e na modalidade escrita, bem como das críticas positivas e negativas às tarefas propostas. Esse instrumento de registro, conforme afirmam Lewgoy e Arruda (2004), "[...] consiste em uma fonte inesgotável de construção e reconstrução do conhecimento profissional e do agir de registros quantitativos e qualitativos [...]".

valor e emitir opiniões que explicitem seus próprios conceitos e pré-conceitos, de forma a não interferir nos resultados (GOLDENBERG, 1997, p. 34), principalmente porque eles são imprevisíveis. Na verdade, de acordo com Deslauriers (1991, p. 58), o que de fato importa é que, com a pesquisa realizada, novas informações sejam produzidas. Portanto, o que se espera, ao utilizar esse método para a análise dos dados, é a explicação de como se processam as relações sociais. Para Minayo (2001, p.14), "[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis".

Entende-se que o uso desses dois métodos traz mais esclarecimentos a respeito do tema em estudo, no sentido de que se torna viável associar os fatos às causas do problema com a dinâmica da realidade vivenciada pelos estudantes. Assim, esses métodos combinados, de acordo com Vergara (2006), contribuem para que se possa analisar determinado fenômeno sob pontos de vista diversificados.

Novamente, para se fundamentar a escolha do método qualitativo e do quantitativo, se busca respaldo em Fonseca (2002, p.20), quando ele afirma que "A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente".

Para a aplicação da referida proposta de intervenção, elaborada pela pesquisadora, definiu-se pela aplicação de oficinas pedagógicas, uma vez que estas representam uma forma de se trabalhar em grupo. Como a pesquisadora é também a professora regente da classe, ela pôde participar de cada etapa do processo de aplicação das oficinas, observando a reação dos alunos, considerando os comentários tecidos, intermediando as trocas de informações. Além disso, por não apresentar uma estrutura rígida, esse método de oficinas permite que se façam modificações nas atividades ou mesmo que sejam dados novos enfoques ao tema. Elas são consideradas como dispositivos e/ou recursos didáticos que permitem a dinamização do processo de ensino-aprendizagem.

Candau (1999, p. 23), a esse respeito, afirma que se trata de uma "[...] construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e de intercâmbio de experiências". Dessa maneira, transforma-se o espaço da sala de aula em um lugar onde o aluno possa se expressar, trocar informações e, ao final, produzir novo conhecimento. Para isso, são propostas atividades coletivas, por meio das quais se busca a solução para o problema investigado, promovendo a interação e a integração dos estudantes entre eles e com o professor.

Corcione (1994, p.5), acerca das oficinas pedagógicas, alega que

> Quem pensa em oficina lembra logo, por associação de ideias, de troca de peças, trabalho, conserto, reparo, criatividade, transformação, processo, montagem. São todas as ideias que compõem o significado da oficina que se constitui num espaço privilegiado de criação e descoberta.

Certamente, é importante que haja essa troca de informações, a fim de que se tenha acesso ao conhecimento prévio do estudante e que se permita a ele um momento de expor suas ideias, seu posicionamento acerca do assunto em discussão. No que concerne a esse compartilhamento de saberes por meio do diálogo, vale observar o posicionamento de Veiga (2006, p. 106), no sentido de que

> O diálogo não é uma técnica pedagógica, mas é a posição do professor em relação aos estudantes e ao conteúdo. Assim, a relação professor e estudantes não é somente interpessoal, afetiva e amistosa, mas fundamentalmente social e político-pedagógica. É uma comunicação democrática, que invalida as relações dominantes, reduz a obscuridade.

O educador, na aplicação das oficinas pedagógicas, assume a função de coordenador, para conduzir o diálogo com os estudantes. Nas palavras de Freire (2002, p. 133), "Meu papel, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno, a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto, em lugar de recebê-la, na íntegra de mim".

6 DESCRIÇÃO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS

As atividades foram organizadas em cinco oficinas, divididas em dois módulos – que constitui uma etapa da oficina, representando um segmento do tema a ser estudado. Procurou-se abordar a temática da variação linguística semântico-lexical de forma gradativa, levando o aluno a refletir a respeito do assunto, a perceber a existência de outras palavras para se nomear um ser, a aceitar a diferença linguística no ambiente escolar em que esse estudante está inserido.

As atividades estão compiladas em um Caderno - Copeval -, produto apresentado em duas versões: uma para o professor e outra para o aluno.

No primeiro, elaborado para o docente, há mais detalhamento dos procedimentos a serem adotados na condução das atividades, com a especificação dos objetivos propostos para cada módulo; com a indicação das estratégias a serem empregadas na aplicação dos exercícios; com boxes cotendo informações adicionais e/ou explicações complementares para orientar o docente na condução de todo o processo. Cada oficina tem uma sugestão de atividade para a culminância. Além disso, em anexo ao Caderno, encontra-se um *cd-rom* contendo os arquivos e os recursos audiovisuais empregados e selecionados para as oficinas, no qual estão gravados os vídeos, os slides em extensão ppt (*PowerPoint)*, os clipes das músicas utilizadas nas oficinas.

No segundo, destinado ao discente, as atividades também obedecem ao mesmo formato (cinco oficinas, com dois módulos em cada): os objetivos estão descriminados e os exercícios propostos vêm apresentados em linguagem direcionada ao discente, conduzindo-o a participar das oficinas sob a orientação do professor, com vistas a se conquistar o propósito estabelecido.

Uma das estratégias de realização das atividades consiste na leitura de textos diversificados quanto à estrutura, quanto ao gênero, quanto ao propósito comunicativo. No desenvolvimento das atividades de cada oficina, apresenta-se, como ponto de partida para as discussões, a leitura de um texto tanto na modalidade oral quanto na escrita. Essa escolha se justifica pelo fato de os gêneros textuais apresentarem, na sua estrutura, uma característica comunicativa marcante, já que se torna possível identificar o contexto social em que se

desenvolveram os acontecimentos relatados, compreender o momento histórico, vivenciado pelos protagonistas dos fatos descritos, com base na linguagem utilizada pelo autor. De acordo com Dolz e Schneuwly (2004), o trabalho com os gêneros permite aos estudantes analisarem em quais condições sociais a produção de determinado texto ocorreu. Além disso, possibilita a compreensão do conteúdo e das unidades linguísticas empregadas.

Para reforçar a importância do texto, busca-se a fundamentação em Azambuja e Souza (2016, p.51), segundo as quais

> [...] estudar o texto é trabalhar nele de modo analítico e crítico, desvendando-lhe sua estrutura, percebendo os recursos utilizados pelo autor para a transmissão da mensagem, descobrindo o objetivo do autor, antevendo as hipóteses, testando-as, confirmando-as ou refutando-as.

Nesse sentido, concorda-se com a autora, pois o momento em que se tem o texto como ponto de partida para o reconhecimento de outros aspectos que o constituem. Esse exercício de descoberta das informações contidas nas entrelinhas, nos subentendidos, é extremamente importante para que o estudante, nesse momento, possa pôr em prática o seu conhecimento de mundo. Dessa forma, com a diversidade de saberes presentes no contexto da sala de aula, são inúmeras as possibilidades de interpretação – válidas e fundamentas nos elementos linguísticos que constituem o texto. O aluno se envolve nas discussões coordenadas, faz a sua voz ser ouvida, escuta o colega, pondera a intervenção feita pelo professor e, então, chega ao entendimento das ideias apresentadas por um determinado escritor com base no conhecimento compartilhado pelos integrantes da turma. Essa forma de discutir a estrutura e a construção da mensagem, considerando aspectos de natureza sintática, morfológica, semântica, pragmática faz com que sejam sugeridos caminhos possíveis rumo ao desvendamento da riqueza lexical do texto.

Em alguns momentos na condução das atividades, a professora-pesquisadora também recorre ao estudo dirigido, utilizado de forma mais simplificada, já que, conforme atesta Veiga (2016, p. 79), "é uma técnica calcada nos princípios do modelo sistêmico do processo de ensino, preocupada com as modificações comportamentais e com a aquisição das habilidades de estudar". Como, nesta pesquisa, o que se espera é que haja efetivamente uma conscientização da diversidade linguística no país, que sejam reconhecidas e validadas outras formas de usos do idioma, que sejam minimizadas atitudes de preconceito linguístico, o uso dessa estratégia do estudo dirigido tem sua serventia no cumprimento da tarefa de contribuir para que essas mudanças ocorram.

Para corroborar essa característica da troca de informações entre os colegas no ambiente da sala de aula, destinaram-se momentos para que houvesse a discussão e o debate. De acordo com Castanho (2016),

> São estratégias que não permitem o aluno a aceitarem, de forma passiva, uma ideia, uma opinião, uma informação sem que ele mesmo tenha refletido a respeito, contestado, discordando dela ou concordando com ela. O que realmente importa é o processo cognitivo que ele desenvolve para, com base na análise das informações apresentadas – seja por meio do texto seja por outros instrumentos -, colaborar para o entendimento do assunto em questão, esclarecendo detalhes, defendendo um ponto de vista.

Quanto ao debate, ainda fazendo referências às ideias apresentadas por essa autora, entende-se que ele

> [...] é um recurso para que se confrontem diferentes pontos de vista. É competição intelectual, disputa. Cabe em todos os momentos em que os alunos, já munidos de informações resultantes de estudos bibliográficos e de campo e de experiências as mais variadas, devem cotejar diferentes posições, teorias, pontos de vista. Enriquece o trabalho intelectual porque permite que a análise abarque vários pontos de vista e não apenas um.

Para o estudo de texto, propõem-se questões para discussão oral, de maneira que os alunos possam manifestar sua opinião acerca do tópico em debate. Torna-se possível ao mediador/professor conhecer cada vez mais o público com o qual está lidando, de forma que possa adotar a melhor estratégia para trabalhar com determinado grupo. Assim, é possível, ao mesmo tempo, proporcionar momentos para que o estudante seja ouvido, para que ouça o outro e para que faça a seleção apropriada de palavras para representar a sua fala. Com o uso dessa metodologia, ocorre o compartilhamento de informações, de experiências, de ideias, com vistas a aprimorar o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

Reforçando a importância da leitura de textos de naturezas diversas como elemento produtor de conhecimento e motivador da aquisição de novos saberes, faz-se pertinente citar Paulo Freire (1986, p.22), quando ele afirma que

> Eu digo que ler não é só caminhar sobre as palavras, e também não é voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo. É descobrir a conexão entre o texto e o contexto do texto, e também como vincular o texto/contexto com o meu contexto, o contexto do leitor.

Dessa forma, apresentando ao estudante uma gama variada de textos, escolhidos por terem sido escritos em épocas distintas ou elaborados por escritores de regiões diferentes, por se destinarem a propósitos comunicativos diversos, por possibilitarem ao estudante multiplicidade de interpretações, por representarem o contexto sociocultural de determinados

ambientes, por promoverem oportunidade de o discente conhecer outros itens lexicais para nomear seres, objetos e ações, criam-se mais e mais situações para o processamento das ideias contidas em um discurso. E isso só ocorrerá se houver o entendimento dos valores sociais e dos culturais do autor, os quais estão subjacentes nele, já que os traços identitários de uma pessoa se revelam pelo uso que elas fazem da língua.

Visto que o foco desta pesquisa está centrado no uso da palavra, faz-se importante o uso do dicionário como um dos instrumentos necessários no desenvolvimento de atividades em torno do léxico. Deve-se, portanto, levar em conta que o falante da Língua Portuguesa tem o domínio do vocabulário comum, o qual abrange palavras/expressões utilizadas no dia a dia, e que, conforme a exigência de uma determinada situação, ele recorre a outros termos de sentido específico. Dessa forma, pode-se concluir que nenhum usuário consegue empregar todas as palavras constituintes de seu idioma e nem utilizar todos os recursos disponíveis para contato com o interlocutor nos diferentes contextos comunicativos com os quais se depara. Por isso, entende-se que consultar o dicionário representa uma possibilidade para o estudante resolver problemas ligados ao sentido de vocábulos que não façam parte de seu acervo lexical e/ou de seu vocabulário ativo, nem do contexto comunicativo em que ele está inserido. O dicionário traz, também, os significados que podem ser atribuídos ao elemento linguístico estranho a esse estudante.

De acordo com o Programa Nacional do Livro Didático – Dicionários[35] (2012, p.13), entende-se que

> Dicionários são, portanto, descrições mais ou menos extensas, mais ou menos detalhadas do léxico de um idioma. Resultam de crenças teóricas distintas, quanto à natureza da língua e/ou do léxico, e podem organizar-se de formas bastante diversas, visando públicos e objetivos distintos, na forma de uma determinada proposta lexicográfica.

Esse material de consulta representa auxílio importante na realização de algumas atividades, mas se tem consciência de que somente ele não resolve os problemas relacionados ao significado de determinados itens lexicais.

Desse modo, uma vez que os colaboradores desta pesquisa são discentes do nono ano do Ensino Fundamental II, o dicionário recomendado como material de apoio em sala de aula é do tipo 3, pois se trata de um público jovem e escolarizado. Esses dicionários, ainda fazendo referência ao conteúdo do PNLD – Dicionários (2012, p. 32), "[...] têm uma estrutura de

[35]O Programa Nacional do Livro Didático - PNLD (2012) foi criado pelo governo federal e consiste na disponibilização de dicionários para as escolas, para que os alunos tenham acesso a esse material de consulta nas aulas de Língua Portuguesa. Além disso, traz um guia para o professor utilizar, com mais propriedade, essa obra didática.

verbete mais complexa que os dicionários dos dois tipos anteriores; trazem um maior número de informações linguísticas sobre as palavras registradas [...]".

À medida que cada oficina era concluída, eram feitas anotações em um diário de campo, com a finalidade de se descreverem as atividades desenvolvidas, de maneira sistematizada, seja a respeito do método e dos procedimentos adotados seja acerca da participação dos estudantes sejam as observações da pesquisadora em relação ao cumprimento das metas estabelecidas. Esse instrumento constituiu importante ferramenta para se analisarem as emoções, as ações e as reações da turma nos momentos de discussão oral coordenada, de manifestação do pensamento e exposição de opiniões. Conforme atestam Lewgoy e Arruda (2014, p. 123-124),

> O diário de campo consiste em um instrumento capaz de possibilitar o exercício acadêmico na busca da identidade profissional à medida que através de aproximações sucessivas e críticas, pode-se realizar uma reflexão da ação profissional cotidiana, revendo seus limites e desafios. É um documento que apresenta um caráter descritivo, analítico, investigativo e de sínteses cada vez mais provisórias e reflexivas. O diário consiste em fonte inesgotável de construção do conhecimento profissional e do agir de registros quantitativos e qualitativos [...].

Com a utilização desses recursos, a pesquisadora teve acesso aos dados relevantes para a análise dos resultados obtidos com a aplicação das oficinas pedagógicas. Tornou-se possível verificar os aspectos em que os propósitos estabelecidos foram cumpridos, bem como identificar os pontos a serem aperfeiçoados ou reestruturados.

6.1 As oficinas pedagógicas

A abordagem do tema da variação linguística, nas atividades que compõem as oficinas pedagógicas, foi feita de forma gradual, levando o aluno a conhecer a origem da nossa língua, a perceber as razões por que ocorre variação nos usos dos itens lexicais, a aceitar a diferença linguística no ambiente escolar, bem como a identificar os mecanismos de formação, de criação, de desaparecimento de palavras ou de vocábulos, tais como arcaísmos, deslexicalização[36], lexicalização[37], relexicalização[38].

A concepção da proposta de intervenção em forma de oficinas pedagógicas se deu em virtude de se entender que elas constituem uma estratégia eficiente para a construção coletiva

[36]A deslexicalização pode ser entendida como o processo que leva determinado item lexical ao desuso, mesmo que ele ainda integre o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP. Castilho (2010, p. 117) define esse fenômeno como a *morte das palavras*.

[37]A lexicalização é incorporação de novos termos ao vocabulário de uma determinada comunidade social, os quais são partilhados pelos integrantes desse grupo (FIORIN, 1999, p. 93-99).

[38] Relexicalizar significa gerar "novas palavras que são estabelecidas como alternativas às existentes, ou em oposições a elas" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 240).

de conhecimentos, representando uma oportunidade de interação entre os envolvidos. Os alunos-colaboradores, durante a realização das atividades, têm oportunidade de manifestar opiniões, de concordar com a dos colegas ou de discordar delas, de questionar, de refletir, de desmitificar preconceitos e, principalmente, de reconhecer que a Língua Portuguesa é, de fato, heterogênea.

As atividades planejadas para a discussão acerca da temática desta pesquisa foram concebidas em virtude do repertório linguístico bastante diversificado que existe no país e, especialmente, em uma instituição militar de ensino. Acredita-se que, desse modo, seja possível criar condições para que o estudante possa ampliar seu repertório linguístico, levando-o a entender que a variação linguística semântico-lexical é o reflexo de uma sociedade, uma vez que nem todos os integrantes de um mesmo grupo falam de uma só maneira, pois há que se considerarem vários fatores: idade, etnia, gênero.

Quando a professora-pesquisadora procedeu à seleção do material que comporia o Caderno de Atividades para o estudo da variação linguística, já havia sido traçado um perfil social e cultural das duas turmas dos alunos-colaboradores. Portanto, no momento da seleção dos textos a serem usados para a discussão e a reflexão do tema, procurou-se dar prioridade àqueles em se percebessem os muitos motivos que justifiquem o surgimento e a existência das variações linguísticas, tais como as marcas de regionalismos, os neologismos, a herança indígena na constituição do léxico, os fenômenos culturais e sociais que interferem nos usos linguísticos de certas comunidades.

E, por entender que para se promoverem condições para a construção do saber, o caminho mais apropriado para o ambiente da sala de aula se dá por meio de oficinas, definiu-se por essa metodologia para a aplicação da proposta de intervenção. Dessa forma, a proposta de intervenção contém cinco oficinas, cada uma delas estruturada em dois módulos.

Há, em cada uma delas, como já dito anteriormente, a especificação dos objetivos estabelecidos para a realização das atividades previstas; a indicação das estratégias sugeridas para serem empregadas na aplicação dos exercícios; a descrição dessas atividades; os procedimentos a serem adotados; boxes com informações adicionais e/ou explicações complementares para orientar o docente quanto à metodologia de desenvolvimento de um ou mais tópicos. Adotou-se uma estrutura básica de abordagem do tema: um texto motivador inicial, que pode ser um poema, uma letra de música, uma charge, um texto em prosa. A partir desse texto, são promovidas discussões relacionadas ao assunto em questão para, com base no conhecimento prévio da turma, se proceder à resolução das atividades programadas. Os estudantes terão oportunidade de verbalizar ideias, pensamentos, bem como de pesquisar

acerca de algo desconhecido, de trocar informações com o colega e de se manifestar por meio da escrita. Após a execução dos dois módulos, apresenta-se uma sugestão de atividade para a culminância do trabalho desenvolvido, de modo a se observar se houve uma mudança de postura quanto ao reconhecimento das variações linguísticas, quanto ao conceito de "erro", quanto à minimização de atitudes de preconceito linguístico, e principalmente no que concerne à ampliação lexical.

E, como resultado desse processo, tornou-se possível organizar um glossário com termos recorrentes no lugar de origem do estudante; uma exposição com palavras/expressões indicadas pelos próprios alunos e que representam a diversidade linguística no país; a retextualização[39] de uma história em quadrinhos, com o uso de termos/expressões extraídas do glossário já elaborado por eles; uma mostra de termos de origem Tupi-Guarani que passaram a constituir o léxico da Língua Portuguesa; uma pesquisa a respeito de palavras/expressões em desuso e apresentadas em mural na escola; uma produção de poema com o uso de neologismos; uma elaboração de texto que represente uma conversa em ambiente virtual de comunicação, com o uso de termos próprios dessa linguagem; um vocabulário com termos utilizados no ambiente militar de ensino. Além do material impresso, o professor encontrará, ao final deste volume, em anexo, um *cd-rom* (contendo os arquivos dos vídeos, dos slides em extensão ppt (*PowerPoint)*, dos clipes das músicas utilizados nas oficinas).

Na Oficina 1, intitulada "O Português no e do Brasil", procura-se, no Módulo 1, sensibilizar o estudante para que ele reconheça as variadas formas de diversidade – inclusive a de aspecto semântico-lexical -, a importância delas para a construção da cultura de um povo. Ainda se espera que haja uma minimização de atitudes de preconceito de qualquer natureza, principalmente o linguístico. Já no Módulo 2, trata-se especificamente da variação linguística como resultante de fatores relacionados ao contexto sociocultural do falante e de aspectos que promovem a constituição do léxico de um idioma.

A Oficina 2, nomeada "Uma língua; vários usos", basicamente está centrada na origem e na formação da Língua Portuguesa. Faz-se um breve estudo do percurso histórico da língua falada no Brasil, destacando a influência dos povos indígenas nativos, dos africanos escravizados e dos colonizadores das terras na estruturação da cultura, bem como na constituição do léxico do Português brasileiro.

[39]De acordo com Marcuschi (1999, p.133), a retextualização representa a passagem da fala para a escrita, o qual envolve operações de compreensão do que foi dito por alguém.

Na Oficina 3, denominada “Não há uma língua portuguesa, há línguas em português”, tem-se como foco as variações que acontecem na Língua Portuguesa, os fatores sociais que influenciam o surgimento e o desaparecimento de palavras e de expressões, além dos parâmetros utilizados para a(s) definição(ões) mais recorrentes de “norma”. Com esses subsídios, já será possível promover discussão com a turma acerca do que se considera “certo” e “errado” em relação aos usos da Língua Portuguesa. No Módulo 1, apresentam-se textos produzidos por escritores de diferentes regiões do país, a fim de que os alunos possam comparar os itens lexicais recorrentes desses lugares, conhecê-los e, a partir daí, possam ampliar o próprio acervo lexical; no Módulo 2, pretende-se que o aluno conheça as denominações atribuídas às variações linguísticas, fundamentadas nos estudos Sociolinguísticos, e que ele tenha clareza quanto à necessidade de adequação da fala aos contextos de usos.

Na Oficina 4 - “Palavras vêm; palavras vão” -, procura-se analisar o caráter mutável da língua, cujo reflexo se dá principalmente no léxico. No Módulo 1, expõem-se alguns processos que promovem a incorporação de palavras de outros idiomas bem como a criação de novos termos. No Módulo 2, pela leitura de textos, procura-se levar o aluno a tentar compreender o sentido de palavras estranhas ao seu contexto de uso, recorrendo aos próprios elementos linguísticos ou fazendo consultas ao dicionário, por exemplo. Ainda nessa parte, destina-se um espaço para o reconhecimento das relações semânticas que o aluno possa estabelecer com base no contexto endofórico, antes de partir para as relações com o contexto exofórico.

Na Oficina 5, intitulada “No colégio militar se diz assim...”, com base nas características específicas dessa instituição de ensino e dos termos empregados em situações do cotidiano escolar, visa-se levar os alunos a compilarem esses termos e agrupá-los em um vocabulário.

Para o desenvolvimento das atividades das oficinas, foram previstas 16 horas/aula, assim distribuídas: duas para a Oficina 1; três para a Oficina 2; quatro para a Oficina 3; quatro para a Oficina 4; e três para a Oficina 5. Importa ressaltar que o estudo da variação linguística semântico-lexical faz parte do conteúdo trabalhado no terceiro trimestre do ano letivo de 2016, e as atividades da proposta de intervenção fizeram parte do Plano de Sequência Didática do nono ano.

Reafirmando o que já foi dito, cada oficina foi elaborada em dois módulos. Em cada módulo, encontram-se, também, a indicação dos *PowerPoints* (registrados no *cd* em anexo ao caderno de atividades) com a teoria necessária para a fundamentação do conteúdo estudado e

algumas recomendações/orientações – em boxes – para o professor que, eventualmente, possa aplicá-las. Essas oficinas estão compiladas em um Caderno de Atividades para o Professor. Para o aluno, todos os exercícios das cinco oficinas foram organizados em forma de um Caderno de Atividades, apresentados como apêndices desta pesquisa. Como produto pretendido, construído a partir dos dados obtidos na aplicação das oficinas, criou-se um glossário (com palavras/expressões recorrentes dos estados de origem dos alunos) e vocabulário (com termos utilizados no contexto de uma escola militar), ambos publicados sob a forma de livreto. Cada aluno recebeu um exemplar desses dois materiais, entregue durante a formatura solene[40], realizada pela companhia do nono ano, na última sexta-feira do mês de novembro.

6.2 Tratamento e análise dos resultados

Nesta seção, são apresentados os procedimentos utilizados para se extraírem os dados que constituem o resultado da aplicação das oficinas. Além disso, demonstra-se a maneira como essas informações foram interpretadas, sempre tendo em mente o motivo pelo qual se está realizando a pesquisa: o aperfeiçoamento da prática.

Uma vez que a proposta de intervenção foi aplicada nas duas turmas nas quais a professora-pesquisadora ministra aulas, o quantitativo de alunos-colaboradores é de 70. Vale lembrar que as atividades dessa proposta foram aplicadas nas demais turmas (perfazendo um total de 13), em razão da exigência da instituição de que o planejamento seja o mais unificado[41] possível, mas que, apesar de terem sido observadas pela autora deste trabalho, a análise dos resultados das outras onze turmas não foi considerada para a pesquisa desenvolvida. Eles estão arquivados e poderão ser utilizados em trabalho futuro.

Para a realização dos dois módulos da oficina, o aluno recebeu o material sob a forma de Ficha de Exercícios entregue na aula destinada à aplicação de cada módulo. Somente após a conclusão de todas as atividades, elas passaram a compor o Caderno de Atividades – Copeval -, versão aluno. A estratégia de elaboração dessas fichas e de cada exercício ter sido realizado separadamente, como uma parte de um conjunto, foi considerado um fator negativo,

[40]Toda sexta-feira, o último tempo de aula é destinado à formatura geral do turno, que consiste em um desfile, no pátio da escola, em marcha por todos os alunos do sexto ao nono ano, acompanhados pela banda marcial do colégio. São formados pelotões só de garotos e só de garotas, agrupados conforme a série escolar que estudam. Eles encerram esse desfile em frente ao palanque onde se encontra o comandante e outras autoridades da instituição, quando há algum momento solene, tais como a entrega da boina, a entrega do alamar, a entrega de medalhas conquistadas em olimpíadas internas e externas.

[41]O professor da instituição militar tem um cronograma semanal para ser cumprido. Todos os integrantes da equipe devem procurar desenvolvê-lo no prazo estabelecido, respeitando-se as particularidades de cada turma e do próprio professor.

pois nem sempre todos os estudantes da turma conseguiam cumprir as atividades no tempo previsto. Destaca-se a importância das discussões e dos debates orais – bastante enriquecedores –, os quais ocupavam grande parte do tempo destinado a cada módulo da oficina e que continham informações bastante significativas para o tratamento dos dados obtidos. Algumas questões, inclusive, ficavam sem resposta, porque, ao término da aula prevista para esse fim, a professora recolhia a apostila de cada aluno. Talvez, se eles tivessem tido a oportunidade de concluir alguma delas em casa, houvesse mais dedicação, mais empenho, mais pesquisa para consolidar a atividade.

No início do terceiro trimestre, em setembro de 2016, foi aplicada a Oficina 1 (Apêndice A)[42], dividida em dois módulos – conforme se constata no capítulo destinado à apresentação do método e dos procedimentos. Para iniciar a discussão do primeiro módulo, reproduziu-se o clipe da música, *Diversidade*, do compositor e cantor brasileiro Lenine, com o intuito de se promover um breve debate a respeito das diferenças entre as pessoas. No vídeo, há várias imagens em que são retratados aspectos por meio dos quais os indivíduos se distinguem entre si. Encontram-se, também, fotografias de personalidades do meio cultural, incluindo-se uma da poetisa Cecília Meireles, uma do compositor e cantor Zé Ramalho e uma do próprio Lenine, autor da letra e intérprete da canção. A professora aproveitou a oportunidade para instigar a turma a respeito dessas personagens, mas a maioria não as conhecia. Muitos estudantes não tinham ouvido falar nem na escritora, nem nos dois intérpretes e autores de músicas do repertório brasileiro. Então, foram feitos alguns esclarecimentos acerca de cada um deles, principalmente em relação à área em que atuam. Em seguida, os alunos foram orientados a, caso quisessem ampliar o conhecimento a respeito dessas pessoas, pesquisarem o assunto em livros impressos ou em sites no espaço virtual. Organizou-se, então, a turma para uma conversa orientada a respeito das possíveis diferenças entre os seres humanos, as quais podem ser notadas ao se observar a cor da pele, a maneira de vestir, os traços fisionômicos, ou seja, levando-se em conta a aparência, o exterior. Promoveu- se uma pequena discussão a respeito do tema, criando oportunidade para que os alunos pudessem se manifestar oralmente. Dentre os comentários, destacou-se a fala de um aluno a respeito de que o cantor revelava traços no sotaque, quando ele pronuncia a palavra "pueta".

Além da discussão desses aspectos que promovem as diferenças entre as pessoas, foram indicados outros fatores que interferem na construção da identidade individual ou da coletiva, tais como os costumes de um povo, a religião, a tradição cultural, o modo de vestir, a

[42]Todas as oficinas estão compiladas no Caderno de Atividades – Copeval.

cor da pele, o lugar. Os estudantes foram instigados a refletir acerca da importância da diversidade para o estabelecimento do respeito mútuo entre os cidadãos, pondo em prática ações contra a discriminação em qualquer âmbito. Depois de abrir espaço para que fossem ouvidas as opiniões dos discentes, a professora entregou um bloco de folhas, no qual constava a letra da música impressa e as questões a serem respondidas por escrito. Não foram encontrados impedimentos ou obstáculos de nenhuma natureza, nem mesmo se percebeu resistência do estudante, quando da realização da atividade e ela pôde ser concluída no tempo de duas horas/aula destinadas para essa etapa, com momentos de produção individual e de produção coletiva.

Eram estas as questões propostas:

1) Que tipo(s) de diferença(s) pode(m) haver entre as pessoas?

2) Em relação à Língua Portuguesa, é possível perceber alguma diferença?

No que se refere à primeira pergunta, apresentam-se as respostas transcritas.

(i) "As principais diferenças entre as pessoas são étnicas, culturais, religiosas, sexuais, físicas e linguísticas";

(ii) "Entre as pessoas, existem diferenças étnicas, físicas, sociais e individuais";

(iii) "Podemos perceber a diferença na religião";

(iv) "As principais diferenças que podemos notar entre as pessoas é a diferença de opinião, a maneira de falar, a cor da pele, o tamanho";

(v) "As principais diferenças são culturais, como, por exemplo, o modo de vestir, diferenças religiosas, diferenças étnicas, em relação à nação/região a que a pessoa pertence, às diferenças linguísticas referentes às palavras que a pessoa emprega e ao modo de falar";

(vi) "As pessoas nunca serão iguais umas às outras. Isso é importante, porque podemos aprender coisas diferentes com cada uma delas. Imagine se todos fossem iguais?";

(vii) "Tem pessoas de todo jeito do mundo: umas são claras, outras são escuras, umas são baixas, outras altas. Isso faz com que as pessoas aprendem a respeitar os outros pelo que são";

(viii) "É possível perceber que, em todos os cantos do mundo, as pessoas são diferentes. Elas têm a aparência, a religião, a língua, os costumes, a cultura que não são iguais para todos";

(ix) "Já imaginou se todas as pessoas fossem iguais em, pelo menos, alguma coisa? Isso faria o mundo ser sem graça. A diferença é que traz a riqueza na cultura";

(x) "Desde que o mundo foi criado, já existiam diferenças entre as raças. Hoje nós estamos mais preparados para conviver com as pessoas que, por alguma razão, não são iguais a nós.

Estamos aprendendo a ser mais tolerantes e a aceitar as diferenças. Afinal de contas, ninguém é igual ao outro".

Para a seleção dos enunciados acima, a professora adotou o parâmetro de escolher cinco frases de cada turma, de modo que houvesse registro de falas de cinco meninos e de cinco meninas, já que a faixa etária dos estudantes (indicada em forma de gráfico no início desta pesquisa) não era um fator em que notasse muita divergência. Ficou claro que os alunos percebem a diferença entre as pessoas no que se refere aos parâmetros mais evidentes, tais como a etnia, a origem, a religião, os costumes, o modo de vestir, a língua, o sotaque. Foram tecidos alguns comentários acerca de problemas que ocorrem no mundo, a saber, guerras, destruição, dizimação de pessoas, motivados pela falta de tolerância com o outro, pela falta de respeito com as opções de certos grupos sociais. E ainda acrescentaram que, na escola, essas pessoas diferentes têm sofrido *bullying* por parte dos colegas, apenas por serem mais ou menos estudiosas, por exemplo. Percebeu-se que há um bom nível de conscientização quanto aos problemas oriundos da falta de aceitação do que não se enquadra modelos preestabelecidos pela sociedade, sejam eles em qualquer âmbito.

No que tange à segunda questão, foram selecionadas e anotadas as seguintes respostas:
(i) "Há, na Língua Portuguesa, diferentes modos de se comunicar, como exemplo, o sotaque, uma maneira de falar, representando uma característica de cada região do Brasil. Com isso, desenvolvem-se várias expressões típicas utilizadas por certos grupos de pessoas. Embora usemos o uso informal da língua no cotidiano, em determinados momentos é necessário o uso formal";
(ii) "Existem diversos sotaques, meios de falar tal como gírias e palavras diferentes, mas com o mesmo significado";
(iii) "Em alguns lugares do país, podemos perceber a diferença na pronúncia de algumas palavras ou gírias de cada região";
(iv) "Regionalismos, gírias, o uso de determinadas situações";
(v) "As diferenças que podemos notar em relação à Língua Portuguesa são as diferenças de pronúncia de certas palavras e as diversas palavras que significam uma coisa só";
(vi) "Podemos perceber a linguagem diferente em determinado lugar";
(vii) "Às vezes, quando observamos as palavras usadas por uma pessoa de uma região do país, não entendemos nada do que ela diz. É tão diferente, que parece outra língua";
(viii) "Principalmente nas regiões Sul e Nordeste do Brasil há muita diferença na maneira como as pessoas falam: a pronúncia, o sotaque, as palavras";

(ix) "Ninguém fala igual ao outro. Mesmo no nosso país, há diferenças entre o modo de falar dos gaúchos, dos nordestinos, dos goianos. Em cada lugar do Brasil, a Língua Portuguesa sofreu influência dos imigrantes, o que fez com que surgissem formas variadas de usar uma mesma palavra";

(x) "Além dos sotaques, há palavras e expressões que são usadas com um sentido em um lugar e com outro sentido em outro".

Para a escolha dessas frases, obedeceu-se ao seguinte parâmetro: cinco respostas de cada turma, elaboradas por alunos naturais de diferentes estados do país.

Nessa primeira parte da oficina, concluiu-se que os alunos têm bem delineado o conceito de diferença – ponto de partida para a abordagem da temática desta pesquisa e para a aplicação das atividades da proposta de intervenção. Essa constatação foi percebida nas muitas respostas, apresentadas tanto na forma escrita quanto na oral. Pôde-se perceber um relativo nível de conscientização acerca da importância de se considerarem essas diferenças entre as pessoas para a prática efetiva da cidadania, do respeito, da preservação dos bens culturais. Quanto à Língua Portuguesa, os alunos identificaram aspectos que são distintivos entre os falantes das diversas regiões brasileiras, uma vez que há sotaques, usos, estruturas sintáticas, léxico próprio de determinados grupos sociais e que essa variedade de saberes e de falares é característica inerente ao povo brasileiro, tendo em vista a vasta abrangência territorial, o processo de colonização do país e a mistura ocorrida na formação étnica da população. Ficou evidente, também, que a variação linguística foi entendida como característica constituinte da diversidade cultural, decorrente dessa multiplicidade cultural que marca o povo brasileiro.

E, assim, concluiu-se esse módulo, reforçando a necessidade de se reconhecerem as diferenças que se manifestam em relação à cor da pele, à religião, à cultura, ao modo de vestir, ao uso da língua, às crenças e que esses fatores são preponderantes para a construção da identidade de um grupo social.

Na aula seguinte, continuando a discussão coordenada a respeito desse assunto, a professora entregou uma nova apostila, com a segunda parte da Oficina 1 – o Módulo 2. Como texto motivador, apresentou-se um cartum, produzido pelo argentino Quino, para ser lido pelos alunos. No referido texto, por meio da linguagem não verbal, são retratadas as diferenças entre os seres humanos. Nele estão representadas pessoas de várias etnias e podem ser notados alguns detalhes típicos da cultura da comunidade de que cada personagem faz parte. As perguntas relativas a esse texto envolviam, principalmente, a interpretação da imagem e serviram para retomar as discussões relacionadas à diversidade, as quais se

iniciaram na aula anterior. Os alunos anotaram as respostas por escrito, na ficha de exercícios. Uma vez que essa atividade já contemplava as questões discutidas por ocasião da leitura e da interpretação da música analisada, no Módulo 1, não se julgou necessária a reprodução das respostas dos alunos.

Na sequência, foi exibido o vídeo *Jornalismo - Série sobre a língua portuguesa explica a origem dos sotaques* - Bloco 1, no qual se trata a respeito da existência da variação linguística no Brasil. Logo depois, a professora promoveu uma discussão orientada a respeito das semelhanças e das diferenças entre o modo de falar das pessoas moradoras das regiões do território nacional. Foram feitos alguns questionamentos para que o aluno refletisse a respeito da existência da variação linguística, por exemplo, buscando compreender os fatores que influenciaram o surgimento desse fenômeno. Procurou-se investigar o conhecimento prévio da turma quanto à formação da Língua Portuguesa. Além disso, coordenando a troca de informações, a professora perguntou se, na opinião, dos alunos, há alguma região em que se fala melhor/pior do que em outra. Somado a esses aspectos, visava-se também verificar se, na acepção dos alunos, ocorre preconceito em relação à maneira de falar de algum grupo social. Destinou-se um tempo para que os estudantes trocassem suas impressões e compartilhassem opiniões com os demais colegas dentro de um pequeno grupo, a fim de que pudessem comparar pontos de vistas semelhantes e divergentes. Finda essa parte, a professora retomou a palavra e ouviu aqueles que quisessem se manifestar. Vale destacar que houve maturidade da maioria dos alunos na construção dos argumentos utilizados para fundamentar suas ideias, apresentando razões e motivos bem estruturados.

Na próxima etapa, pediu-se que todos abrissem a apostila entregue na aula anterior de exercícios na página onde havia o Mapa Geográfico do Brasil[43], um quadro e o esboço de um gráfico. No mapa, o aluno deveria assinalar, com um X, o estado em que nasceu, e escrever, no espaço abaixo dele, um pequeno texto para descrever essa localidade. Percebeu-se relativa dificuldade, por parte dos alunos, no cumprimento dessa tarefa, pois muitos tinham se mudado da terra natal quando ainda eram muito novos. Então, a professora os orientou a pedirem aos pais que os auxiliarem nessa atividade ou que fizessem consulta a livros impressos ou a sites da internet. Desse modo, eles puderam concluí-la em domicílio e apresentá-la na aula seguinte. Essa medida surtiu efeito bastante positivo, porque cada aluno- colaborador teve a oportunidade de, ele mesmo, exercer a função de investigador, de pesquisador.

---

[43] Em virtude de o contexto escolar, onde se desenvolveu a pesquisa, estar localizado no Distrito Federal, ele foi considerado como estado.

Concluída essa parte da atividade, em outra aula, a professora-pesquisadora afixou, no quadro de giz, um mapa em tamanho maior. Ela, perguntava ao aluno o nome do estado de onde ele era oriundo, e ia registrando, nesse quadro, ao lado do nome de cada estado brasileiro, a quantidade de estudantes nascidos em determinada localidade. De posse dessas informações, o aluno elaborou um gráfico no esboço entregue a ele, no início da aula (Ficha de Exercícios), de modo que fossem representados os dados anotados pela professora na lousa.

Feita a análise do gráfico[44] construído com os dados fornecidos em conjunto, sob a supervisão da professora, os integrantes de cada turma puderam traçar um panorama geral da naturalidade dos componentes da sala e conhecer um pouco da história de vida de cada um. Isso porque, além das informações de caráter quantitativo, eles puderam ouvir os colegas discorrerem a respeito do estado onde nasceram, do tempo em que viveram lá, dos lugares onde moraram posteriormente, da chegada dele a Brasília. Eles puderam perceber, além desses fatores, pela dinâmica desenvolvida e pela expressão oral a respeito do assunto, o quanto há variedade linguística na própria sala onde estudam. Pela maneira como cada estudante se manifestava por meio da fala, a turma pôde notar como essa diversidade linguística se faz notar tanto na pronúncia quanto nas escolhas lexicais feitas pelo aluno na hora de expor ideias e pensamentos. Isso constituiu uma novidade, pois eles não haviam se atentado, tão claramente, para o fato de que as pessoas não falam igual às outras. É a mesma língua, mas com formas variantes, devido ao lugar onde cada um nasceu, bem como às influências recebidas do ambiente onde o aluno conviveu. E, a partir daí, foi interessante notar como esses aspectos passaram a ser analisados com mais atenção, na tentativa de delinear as características de uma ou de outra variação usada pelos colegas.

Com base nas informações obtidas por meio do gráfico, os alunos chegaram à conclusão de que a maior porcentagem correspondia a alunos nascidos no Distrito Federal, havendo, minimamente, um representante dos demais estados do Brasil, com exceção apenas de Sergipe, de Alagoas e do Piauí. Algumas reações merecem destaque, como o fato de se encontrar, entre eles, aluno nascido no Acre, o que gerou algumas piadas e brincadeiras do tipo: "O Acre existe?". Mas a situação não fugiu ao controle e nem se percebeu qualquer intenção maldosa com os comentários, mas tão somente o estranhamento por conhecerem alguém que nasceu em um estado pequeno e do qual se fala tão pouco, pelo menos no Distrito Federal.

[44] Os gráficos construídos pelos alunos não foram aqui reproduzidos porque neles continham as informações no gráfico elaborado pela autora deste trabalho.

Diante dessas constatações, foram dirigidas a eles algumas perguntas para a introdução da temática da variação linguística, com o intuito de identificar se a turma tinha consciência desse fenômeno, se os estudantes percebiam essas variações, o quanto eles conheciam a respeito desse assunto, se esse fenômeno era positivo ou negativo para a constituição da língua. Tratava-se de três questões para serem respondidas por escrito na ficha de exercícios e que, depois, foram recolhidas pela professora. São elas:

1) Na sua opinião, por que existem variações no uso da Língua Portuguesa nas diferentes estados brasileiros?
2) Que fatores podem influenciar na existência da variação nos usos da Língua Portuguesa?
3) A existência da variação linguística compromete a interação entre os falantes da Língua Portuguesa?

Destaca-se que, para a seleção dos enunciados selecionados para embasar a análise dos dados obtidos, foi adotado o critério de utilizar cinquenta por cento de respostas elaboradas por alunos de cada uma das turmas. Para a escolha delas, procurou-se registrar falas de meninos e de meninas. Dessa maneira, levou-se em consideração o fator do gênero, já que a diferença na faixa etária não era tão expressiva.

Para a primeira questão, foram apresentadas as seguintes respostas:

(i) "*Com o passar do tempo, começou a ter influência de diferentes partes do mundo presente em cada região do país, aliada ao desenvolvimento histórico de cada lugar, fez com que surgissem regionalismos, ou seja, expressões típicas";*

(ii) "A Língua Portuguesa sofre variações nas diferentes regiões brasileiras, por conta dos diferentes povos. A vinda de estrangeiros, a colonização e outros fatores fizeram com que as línguas se misturassem, formassem sotaques diferentes. As gírias e as expressões também vieram desses fatores";

(iii) "Existem variações nas diferentes regiões pelos diferentes imigrantes que se instalaram em diferentes locais do país, como os italianos e os alemães no sul, por exemplo, pelas diferentes formas de gíria, vocabulário, estrutura sintática";

(iv) "As variações no uso da Língua Portuguesa ocorrem devido à influência dos imigrantes que vieram para o nosso país, miscigenando com os povos nativos que aqui existiam";

(v) "Como o Brasil é muito grande, cada região foi desenvolvendo sua própria gíria, suas próprias expressões, influenciadas por palavras africanas, indígenas, árabes";

(vi) "Desde 1500, o Brasil recebeu um grande número de imigrantes, resultando em uma grande mistura étnica e cultural";

(vii) "Devido a diversos imigrantes e escravos que vieram para o Brasil no decorrer da história, com culturas e com linguagens diferentes se misturando, formando essas variações";
(viii) "Há uma grande variação no uso da Língua Portuguesa nas diferentes regiões brasileiras, porque cada região do Brasil teve imigrantes de diferentes países, fazendo ter variações";
(ix) "As variações no uso da língua portuguesa existem por causa das diferentes culturas, etnias, costumes e por causa dos imigrantes";
(x) "O Brasil foi colonizado por vários povos (negros, italianos, japoneses), mais os indígenas que já viviam aqui. Isso fez com que houvesse uma mistura muito grande de línguas, criando uma diferente da de Portugal".

Quanto a segunda questão, segue-se a transcrição de algumas respostas:

(i) "A imigração (contribuindo com sotaques e várias palavras e expressões), a colonização, a tentativa da população de usar palavras e expressões com significados diferentes";
(ii) "As culturas e o convívio com pessoas de lugares diferentes podem influenciar na existência da variação nos usos da Língua Portuguesa";
(iii) "Existem diversos fatores que podem influenciar a existência da variação nos usos da Língua Portuguesa, dentre eles, o maior, em minha opinião, é a presença de culturas estrangeiras em cada estado";
(iv) "Os fatores que podem influenciar a variação linguística são as regiões, pois cada lugar tem um modo de falar, as gírias e expressões de cada região, os grupos que são mais formais, outros informais, entre outros";
(v) "Os fatores que podem influenciar na existência da variação nos usos da Língua Portuguesa são as culturas e o contínuo contato com as pessoas de diferentes lugares";
(vi) "A vinda de pessoas de outras etnias, e de origens diferentes, acaba influenciando na variação da língua Portuguesa";
(vii) "A idade, cultura podem influenciar na existência da variação nos usos da língua portuguesa";
(viii) "Isso depende da criação da pessoa, depende também do lugar onde foi criada e na sua convivência com a família (do que a pessoa escuta eles dizerem)";
(ix) "Há muitos fatores, principalmente o ambiente em que convivem, as influências dos grupos dos quais fazem parte";
(x) "Todos os acontecimentos na vida de uma pessoa são importantes para definirem a maneira como ela fala e como ela age".

Em relação à terceira questão, alguns alunos, conforme transcrição abaixo, responderam que

(i) "Sim, pois pode ter algumas palavras que certas pessoas falam que outras não entendem, por exemplo, biju, tapioca";

(ii) "Na minha opinião, não compromete, pois todos nós falamos o mesmo idioma, o que pode acontecer é a pessoa não entender a palavra que a outra falou, por a palavra ser diferente em sua região, a mesma coisa com as gírias";

(iii) "Com certeza. Existe muitas gírias, de algumas regiões que acabam tirando o 'r', e isso acaba prejudicando as pessoas na hora de escrever, fazer uma redação, por exemplo. Muitos sotaques e palavras usadas em cada região interfere muito no modo que a população escreve e/ou fala";

(iv) "As variações linguísticas não comprometem a interação entre pessoas, com exceção de alguns casos onde a variação reflete muito do seu lugar de origem e apenas pessoas de lá conseguem entender. As variações normalmente podem ser facilmente entendidas pelo contexto";

(v) "O fator relatado acima pode sim comprometer a interação entre os falantes da Língua Portuguesa, porque, às vezes, por exemplo, uma palavra em determinada região é diferente da outra como a macaxeira ou aipim, mandioca, o que acaba criando um desentendimento. Outro exemplo muito utilizado hoje em dia é o uso das gírias em que a parcela jovem da sociedade consegue se comunicar com a mesma, mas há, geralmente, desentendimento com a parcela adulta, comprometendo assim a interação entre os falantes da Língua Portuguesa";

(vi) "A variação linguística de certa forma compromete a interação, pois, muitas vezes, pessoas não entendem o que o outro fala porque é de outro lugar. Portanto não conhece as expressões típicas, mas é uma boa forma de aprender um pouco mais sobre aspectos de outras regiões".

Levando-se em consideração as respostas emitidas pelos estudantes, nesta parte da pesquisa, conclui-se que os alunos entenderam que a variação linguística está presente nas regiões brasileiras. Esse fato tem origem na época da colonização do país, quando vieram para cá representantes de muitas nacionalidades, os imigrantes, de quem algumas marcas linguísticas foram assimiladas pelos falantes da Língua Portuguesa – já imposta como idioma oficial –, a qual, por sua vez, sofrera influência das línguas indígenas dos nativos que habitavam estas terras. Foi esclarecido que, apesar de as variações terem surgido há muito tempo, outros fatores a promovem e que, devido ao caráter dinâmico da língua, elas sempre vão existir, enquanto essa língua estiver em uso. Eles também perceberam que, de acordo com

a faixa etária, com o gênero, com a intenção comunicativa, com o interlocutor, com o grupo social, surgem gírias e expressões próprias de alguns grupos. Houve divergências quanto ao entendimento de que a variação compromete ou não a interação, pois as diferenças se encontram mais significativamente representadas no léxico e isso, às vezes, faz com que surjam situações inusitadas e até mesmo desconcertantes. Por exemplo, no Sul do país é comum usar o item lexical "cacetinho" para denominar o pão francês, enquanto essa palavra, em outros lugares, pode ser usada para designar – de forma pejorativa - o órgão sexual masculino.

E, para finalizar essa etapa, a professora promoveu uma discussão coordenada, apresentando, em forma de slides em *PowerPoint*, para a turma, as respostas selecionadas e acima transcritas. Para trazer mais subsídios para fundamentar a questão da variação linguística, a turma assistiu ao vídeo *Sotaques do Brasil desvenda as diferentes formas de falar do brasileiro,* encerrando essa etapa com os comentários dos estudantes que desejassem expressar sua opinião.

Na continuidade, a professora-pesquisadora solicitou a cada aluno que preenchesse o Quadro 1, no ficha de exercícios, com dez palavras recorrentes da região onde ele nasceu e o respectivo sentido de cada uma delas. Novamente, deparou-se com outro obstáculo, visto que muitos alunos migraram muito cedo do estado de origem. A solução encontrada foi pedir que anotassem palavras que, comumente, ouviam dos pais, dos parentes, ou que de alguma forma, fossem do conhecimento deles. Eles puderam realizar essa atividade em casa, consultando familiares e sites da internet. Essa atividade só pôde ser concluída, então, no dia seguinte.

Retomando a atividade, já na aula seguinte, os alunos foram organizados em grupos, considerando o estado em que nasceram, a fim de compararem e/ou completarem a lista de palavras. Por meio dos resultados apresentados no gráfico elaborado pelos alunos, no módulo anterior, a professora-pesquisadora já possuía as informações para organizar esses grupos, o que constituiu um facilitador para intermediar esse momento. De volta à formação original da classe, a professora solicitou a cada aluno que lesse uma palavra de sua lista e informasse o sentido ou o significado daquele item lexical na região em que ele nasceu. Enquanto isso, os demais iam preenchendo o Quadro 2 (Ficha de Exercícios). Essa parte da oficina suplantou as expectativas, pois os alunos dedicaram-se ao que foi proposto e até demonstraram bastante interesse por conhecerem novos itens lexicais, pedindo aos colegas que falassem outras palavras e outras expressões. Muitos alunos, inclusive, procuraram reproduzir o sotaque da sua região no momento em que pronunciava a palavra que ele tinha registrado na própria lista.

Foi organizado um quadro referente a cada turma, no qual se registraram duas palavras (retiradas da lista elaboradas pelos estudantes da própria turma, no Módulo 1, da Oficina 1) recorrentes em cada estado brasileiro do qual há aluno oriundo. A seleção desses itens lexicais obedeceu ao critério do desconhecimento deles pela maioria dos integrantes da turma, depois que eles foram lidos em voz alta pela professora.

Quadro 5: Registro das palavras criado pelos alunos da Turma 1 e da Turma 2 na Oficina 1, Módulo 1.

Estado brasileiro	Palavra/expressão	Significado
Acre	aço	bebida alcoólica
	afoçado	qualidade daquele que tem força para carregar muito peso
	base	ideia; cálculo
	buiado	sortudo
	distiorar	destruir
	izipas	alergia
	macetona	grande
	pau	dinheiro
	piseiro	festa
	solecar	sair repentinamente de um lugar
Amapá	asilando	paquerando
	charlar	exibir-se
	chutado	correndo
	dizar	fugir
	jacinta	libélula
	malaco	ladrão
	o carro pregou	o carro enguiçou
	pissica	feitiço
	porrudo	gigante
Amazonas	atochar	apertar
	bacaba	mentira

	catinga	cheiro forte
	embiocar	descer
	engilhado	enrugado
	grafite	lapiseira
	lombrado	bêbado
	panema	infeliz
	vomitar	provocar alguém
Bahia	arrodear	ficar em torno de algo ou de alguém
	babatar	querer pegar algo e não conseguir
	bago mole	pessoa lenta
	bufento	sem cor
	chimango	biscoito de vento
	despongar	descer do ônibus
	engrisilha	confusão
	levar um chapo	levar um fora
	pacuçu	mulher feia
	peito de velho	estalinho
Ceará	abestado	bobo
	alpercata	sandália de couro
	arenga	briga
	cagaço	bronca
	catiripapo	tapa
	custar	demorar
	emboléu	discussão
	enrabichado	apaixonado
	galalau	rapaz alto
	judiar	maltratar
Distrito Federal	baú	ônibus
	bater umas brocas	comer
	bicudo	intrometido
	camelo	bicicleta

	careta	cigarro
	chegado	conhecido
	esparro	exagero
	pardal	câmera de vigilância
	pegar o beco	Ir embora
	treta	confusão
Espírito Santo	corumba	demorado
	dar tilt	estragar
	duplicar	enlarguecer
	gastura	incômodo
	injuriado	nervoso
	pocar	estourar; ir embora
	pongar	pegar carona
	saltar	descer do ônibus
	sem doce	relacionado a alimento sem açúcar
	taruira	lagartixa
Goiás	baguá	que se esconde; que não assume responsabilidade
	birita	bebida
	capanga	maleta de couro
	espatifar	quebrar
	estafermo	bobo
	gazo	cego
	jardineira	ônibus
	panema	azar
	pé de boi	trabalhador
	vianda	comida de hotel ou de pensão
Maranhão	aziado	estraga-prazeres
	cuida	apressa
	desafiado	o próximo time no jogo de futebol

	ficar cheinho	ficar satisfeito (alimentado)
	fuleiro	de má qualidade
	maroca	aquele que espiona a vida alheia
	quarilha	homossexual
	ralado	chato; inconveniente
Mato Grosso	abiscoitar	receber dinheiro
	agoniar	ficar aflito
	badulacos	utensílios pobres de uma casa
	bafume	aflição
	cadiquinho	pouquinho
	chifraina	coisa de pouco valor
	doce	açúcar
	empachar	fichar inchado
	gambirar	barganhar
	foba	ruim
Mato Grosso do Sul	aloito	luta
	bandulho	briga corporal
	bombona	garrafão de água
	brusco	nevoeiro
	chaté	pessoa baixa
	cutuba	muito bom
	é mato	diz-se de algo em grande quantidade
	incômodo	menstruação
	invisive	grampo para cabelo
	muxiba	pele mole
Minas Gerais	acanho	vergonha
	amoitar	disfarçar
	arredar	afastar; mover algo do lugar
	babujado	sujo

	bololô	confusão
	burriscado	rabiscado
	buxinha	elástico para prender os cabelos
	cambito	perna fina
	é divera	é verdade
	fragar	entender
Pará	acesume	assanhamento
	acocar-se	abaixar-se
	benjamim	adaptador de tomada
	bustela	meleca
	calombo	inchaço
	estirão	caminhada longa
	furdunço	bagunça
	gastura	inquietação
	joça	porcaria
	maluvido (mal ouvido)	desobediente
Paraíba	afolozado	preguiçoso
	aperreado	preocupado
	arisia	bobagem
	barreado	confuso
	confeito	bala
	filar	colar na prova
	gazear	faltar à aula
	infitete	aproveitador
	pabulage	contar vantagem
	xexero	devedor
Paraná	baia	casa
	bonde	ônibus
	broa	pão
	bucuva	pancada na cabeça
	cancha	quadra esportiva
	cartucho	saco de papel

	chineque	pão doce
	gaiota	carroça
	tongo	pessoa sem muito conhecimento
Pernambuco	amulegar	abraçar
	canhão	mulher feia
	diadema	tiara (enfeite de cabelo)
	fuleiro	de má qualidade
	girador	rotatória
	greia	zoação
	jerimum	abóbora
	malamanhado	desarrumado
	peitica	insistente
	relar	arranhar
Rio de Janeiro	22	pessoa louca
	advogado de pobre	fofoqueiro
	babou	deu errado
	bizu	dica
	bolado	preocupado
	cabaço	pessoa atrapalhada
	caneta	perna
	caxangá	residência
	da uru	produto falsificado
	pregadeira	prendedor de cabelos
Rio Grande do Norte	abilolado	doido; pessoa que perdeu o juízo
	apombalhado	bobo
	aviar	ir
	bagana	lanche rápido
	baludo	cheio de dinheiro
	bufa	peido
	caboré	esquisito
	chope	espécie de sorvete em

		saquinho
	desembestar	correr
	fastiado	sem fome
Rio Grande do Sul	arrelia	pirraça
	batida	bebida feita com frutas e leite, misturada no liquidificador
	classe	mesa destinada ao aluno para uso escolar
	cupincha	amigo
	cusco	cachorro
	entrevero	bagunça
	lomba	ladeira
	patente	vaso sanitário
	peleia	briga
	prenda	mulher do gaúcho
Rondônia	bacural	vigia noturno
	bamburrar	ficar rico
	bregueço	qualquer coisa
	cutião	isolado
	jacamim	padrasto
	pindaíba	pobreza
	piseiro	festa
	rebenque	chicote
	sinaleira	semáforo
	tilinga	prostituta
Roraima	amojada	grávida
	bisonho	desatento
	ciscado	desconfiado
	embaçar	criar confusão
	jaca	que não é confiável
	maceta	grande
	manjado	comum

	morgado	cansado
	quepe	boné
Santa Catarina	bestunto	tolo
	coça	surra
	escarangado	encolhido
	istepô	pessoa de mau caráter
	lagartear	tomar sol
	mandrião	preguiçoso
	moscão	distraído
	tanço	desajeitado
	toró	temporal
São Paulo	bagulho	qualquer coisa
	baiano	pessoa que chama a atenção por ser brega
	bater uma xepa	almoçar
	bicuda	chute forte
	coxinha	policial
	fubanga	mulher feia
	mordido	chateado
	trampo	trabalho
	vazar	sair
	zoar	bagunçar
Tocantins	apetrechada	bonita
	biloca	bola de gude
	boroca	mata
	breado	sujo
	brocoró	caipira
	buliçoso	que mexe em tudo
	cevado	gordo
	cigarreira	banca de revista
	coletivo	ônibus
	queijinho	rotatória

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora, a partir dos exemplos apresentados pelos alunos da Turma 1 e da Turma 2.

Posteriormente essas palavras e essas expressões coletadas foram apresentadas em um mural da escola (Figura 3), localizado próximo às salas de aula do nono ano, durante a reunião de responsáveis e mestres. O visitante lia a palavra ou a expressão na ficha e, caso não soubesse o respectivo significado, bastava olhar no verso da ficha, onde havia as informações relativas a esse item. Essa exposição foi bastante apreciada, pois se notou que muitas pessoas não conheciam o sentido de vários itens lexicais. Todos os itens lexicais coletados durante a realização dessa oficina foram agrupados em um glossário, o qual foi publicado em forma de livro e entregue a cada um dos alunos da Turma 1 e da Turma 2. Para que se obtivesse o maior número possível desses itens, os alunos puderam estender a pesquisa aos familiares, a sites da internet, e, com o aval da turma e da professora, houve um acréscimo de palavras e de expressões recorrentes das regiões brasileiras onde os alunos das duas turmas nasceram.

Figura 3: Fotos do mural.



Fonte: Fotos tiradas pela professora-pesquisadora.

Como parte da exposição mencionada, foi apresentado um mapa do Brasil, conforme se pode constatar na figura abaixo, no qual foi registrada uma palavra recorrente nos estados brasileiros de origem dos estudantes de duas turmas. Essa foi uma iniciativa da professora-pesquisadora, que levou o mapa mencionado para a sala e o apresentou para os estudantes, pedindo que anotassem cada item lexical no caderno e registrasse, ao lado dele, o respectivo significado. Tal atividade complementar, criada com o propósito de, em um ambiente de descontração, verificar se cada palavra indicada no mapa já fazia parte do acervo lexical do aluno, ou se, dado o grande volume de itens lexicais que foram coletados pelas turmas ainda era necessário consultar o dicionário ou o glossário para conhecer o significado desses itens.

Figura 5: Mapa das variações lexicais encontradas nos estados do Brasil.



Fonte: Elaboração própria. [45]

As palavras que constam no mapa foram retiradas de uma atividade realizada na Oficina 1.

Mesmo não estando previsto inicialmente na elaboração da oficina, durante as aulas, foi notório o interesse da turma em identificar diferentes palavras para nomear determinado ser. Dessa maneira, a professora-pesquisadora, tendo como base as palavras e as expressões coletadas durante a realização do Módulo 1 da Oficina 1, selecionou os itens lexicais que foram citados pelos alunos. Esses estudantes, então, foram levados ao Laboratório de Informática, onde puderam pesquisar, na internet, os itens lexicais das regiões brasileiras onde os alunos da turma nasceram. As informações foram entregues à professora, que organizou

[45] A base cartográfica do Mapa do Brasil foi retirada do Google. Já as palavras foram inseridas por meio do programa *Paint.*

um quadro, apresentado abaixo, com essas palavras e essas expressões, o qual foi mostrado à turma. Esse exercício revelou-se muito enriquecedor para promover a ampliação do léxico dos alunos, pois surgiu da vontade de grande número de alunos e representou uma real oportunidade de conhecer mais a variação lexical da Língua Portuguesa falada no Brasil. Esse fato pode ser constatado por meio dos exemplos apresentados no diagrama a seguir (Figura 5).

Figura 5: Diagrama relacionando algumas variações lexicais encontradas nas pesquisas feitas com os alunos.













Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora.

Ao término da oficina, percebeu-se que o fato de alguns estudantes terem se mudado, há algum tempo, do local onde nasceram, constituiu relativa dificuldade na consecução da etapa em que se solicitou a eles que escrevessem palavras/expressões recorrentes em sua terra natal. Portanto, talvez fosse viável repensar essa estratégia ou apresentar outro desdobramento. Além desse aspecto, observou-se que o tempo destinado para a realização da oficina – duas horas aula – não foi suficiente para concluir todas as atividades programadas, uma vez que surgiram situações não previstas inicialmente, mas que foram aproveitadas por representarem excelente oportunidade para se promover a ampliação lexical dos estudantes. Com relação ao envolvimento dos alunos na Oficina 1, foi notório o interesse demonstrado por eles ao descobrirem tantos itens lexicais que eles nem imaginassem que compusessem o nosso vocabulário, o que se comprovou com o desdobramento de uma das atividades. Em ocasiões como esta, o coordenador da oficina precisa estar atento às situações que surgem durante a realização de uma atividade, aproveitando todas elas a favor da pesquisa em andamento.

Para começar a Oficina 2, a professora fez uma explanação a respeito do surgimento da Língua Portuguesa, apresentando um panorama histórico das conquistas portuguesas, usando o recurso da exibição de slides em formato de *PowerPoint.* Foram discutidas questões relacionadas à oficialização dessa língua no país, aos eventos que nortearam esse processo, as interferências de outros idiomas na constituição do léxico brasileiro. Foram mostrados os mecanismos pelos quais ocorre a incorporação de novos elementos linguísticos a um idioma, como isso se processa, de maneira ele passa a ser aceito pelo consenso. Logo depois, propôs-se a leitura do texto "Unificação linguística, que clareza!", escrito por Millôr Fernandes. Nele o autor aborda a questão da unificação da Língua Portuguesa, proposta pelo governo brasileiro. Esse texto foi apresentado ao aluno em duas partes: a primeira, escrita em Português europeu; a segunda, em Português brasileiro. A reação inicial dos estudantes foi de surpresa, quando eles leram a primeira parte e perceberam que houve dificuldade para entender a mensagem por causa do léxico. Muitas palavras e expressões eram desconhecidas e outras possuíam significado diferente do que eles estavam acostumados. Quanto à estrutura das sentenças, dos parágrafos e à organização sintática, os estudantes identificaram muitas semelhanças entre os dois usos da língua.

Alguns alunos (conforme anotações da professora no diário) afirmaram que

(i) "O texto lido causou muito estranhamento, pois muitas das palavras usadas no texto eu não conhecia muito menos sabia o significado";

(ii) "Foi difícil de ler normalmente, pois apesar de haver uma unificação o vocabulário é bastante diferente da língua portuguesa do Brasil";
(iii) "Na parte de Portugal, não dava para entender muito bem, pois são gírias diferentes de que usamos no dia a dia brasileiro";
(iv) "Eu tive dificuldade com o primeiro texto devido à dificuldade com o vocabulário que não é comum para o tipo de leitora que sou";
(v) "A mensagem do texto mostra que o português do Brasil, apesar de ter surgido do de Portugal é bastante diferente. O escritor do texto usa ironia para mostrar que a unificação não seria fácil";
(vi) "No texto, há uma grande diferença na organização das frases e lexical, o vocabulário, provocando numa dificuldade na leitura";
(vii) "Nem parece que é a mesma língua, porque muitas palavras são diferentes aqui no Brasil e em Portugal. Algumas até ficam engraçadas no texto";
(viii) "O Português é um só, pois é possível ler todas as frases e perceber qual é o sujeito e o verbo. Mas algumas palavras têm sentidos diferentes, o que nos deixa confusos na hora de ler o texto com os termos usados em Portugal";
(ix) "Apesar de haver algumas palavras esquisitas, como 'caganitas', o restante do texto deu para entender a mensagem. Só mais outras palavras eu não conhecia o significado, mas entendi a história";
(x) "Não tem como dizer que é uma língua só, porque as palavras usadas em um e em outro texto são muito diferentes. O vocabulário é um ponto importante para se identificar as diferenças entre as duas línguas, apesar de elas terem o mesmo nome."

Basicamente os comentários estavam fundamentados no mesmo aspecto: a diferença entre o PB e o PE quanto ao léxico. Durante a leitura da primeira parte do texto, as reações dos alunos foram do riso ao estranhamento, pois eles não conseguiram compreender a mensagem como um todo, já que havia palavras que não eram usadas no Brasil e outras que tinham sentidos diferentes aqui no país e em Portugal. Somente com a leitura da segunda parte foi possível levar os alunos ao entendimento global das ideias do texto. A professora aproveitou a oportunidade para comentar a respeito do projeto de unificação linguística, explicando que se tratava de uma proposta de padronização da grafia, da acentuação gráfica, visando minimizar as diferenças existentes entre a língua usada no Brasil e a usada em outros países lusófonos. Estendendo-se um pouco mais a discussão dessa questão, a professora instigou os alunos a pensarem e a se questionarem se, com uma reforma dessa natureza, deixariam de existir diferenças linguísticas entre os países que têm a Língua Portuguesa como

oficial. Assim que vários estudantes apresentaram seu ponto de vista, a professora retomou a palavra e resumiu os aspectos apontados pela turma. Chegaram à conclusão de que não há como se utilizar uma mesma língua de uma mesma maneira em países distintos e nem mesmo dentro de um mesmo país, já que vários fatores interferem nos usos que são feitos dessa língua.

Apresentou-se, logo depois, uma notícia a respeito de futebol, publicada em um site lusitano. A respeito desse texto, foi feita a seguinte pergunta:

1) Durante a leitura do texto, considerando as escolhas lexicais feitas pelo jornalista, houve palavra (s) que lhe causou (aram) estranhamento? Justifique a resposta. Dentre as respostas emitidas pelos estudantes, apresentam-se estas:

(i) "Pelo contexto, foi possível compreender a mensagem. Mas algumas palavras eram diferentes das que estamos acostumados a usar - futebolista, golos e camisola";

(ii) "No Brasil, palavra "camisola" é empregada em sentido diferente do texto. Além dessa, há outras palavras que são utilizadas com outro significado";

(iii) "Para mim, não ocorreu nenhum estranhamento, pois vejo alguns vídeos de youtubers de Portugal";

(iv) "Algumas palavras são diferentes, mais com o sentido do texto ajudou no esclarecimento para as palavras";

(v) "O emprego de algumas palavras, como "camisola", fez com que a mensagem ficasse um pouco engraçada";

(vi) "Mesmo que o autor tenha empregado algumas palavras que têm outro sentido no Brasil, a mensagem pode ser lida e entendida, porque a estrutura das frases é muito parecida com as nossas";

(vii) "Eu gosto muito de futebol e como é uma notícia de futebol, eu li e entendi tudo. Só achei estranho que o autor falou que os jogadores usavam 'camisola', pois para mim isso quer dizer outra coisa. Mas eu entendi assim mesmo todas as informações. Ah, eu também achei estranho que ele falou 'golo'";

(ix) "Não tem muita diferença entre o jeito de escrever o texto. Só algumas palavras mudam o sentido e algumas não são usadas no Brasil";

(x) "De jeito nenhum as duas línguas são diferentes. Todas duas são Português. Só algumas palavras que mudam de um lugar para outro".

Em geral, as observações dos alunos se relacionaram a esse aspecto do texto: alguns seres são nomeados de maneira diferente no Brasil e em Portugal e o sentido de certas palavras varia de um país para o outro. Isso, ainda segundo eles, não comprometeu o

entendimento integral das ideias, mas parecia esquisito o uso de determinados itens lexicais, principalmente a palavra "camisola", empregada para se referir à camisa dos jogadores.

Dando continuidade às atividades programadas, foi solicitado aos alunos que eles preenchessem uma cruzadinha com palavras utilizadas no Brasil que correspondessem às empregadas em Portugal, as quais estavam listadas na coluna denominada Vertical e na Horizontal. Na realização desse exercício, notou-se que a maioria das palavras/expressões era desconhecida pelos integrantes da turma. Então a professora intercedeu e perguntou se um ou outro aluno sabia a correspondência entre o PB e o PE, o que surtiu resultado. Com pelo menos duas ou três palavras já anotadas, os estudantes continuaram tentando completar os demais quadrinhos. Mesmo assim, foi necessário auxiliá-los na consecução da tarefa. Além disso, como um elemento facilitador, havia um quadro com sugestões de possíveis respostas. Mesmo assim, a interferência da professora aconteceu durante vários momentos da realização dessa tarefa, pois muitos estudantes não tinham a prática de resolver palavras cruzadas.

Os alunos observaram que algumas palavras lusitanas possuíam elementos estruturais que permitiam relacioná-las ao Português falado no Brasil. No entanto, muitas delas não forneciam qualquer tipo de pista. Finda essa parte, na sequência foi apresentado o vídeo *Idiomaterno – o Português brasileiro*, com informações a respeito do Museu da Língua Portuguesa: finalidade, propósitos. Pretendia-se verificar se alguém da turma conheceu o local, se eles já visitaram alguma exposição, se sabiam que o acervo desse museu era a própria Língua Portuguesa. Pelo título do referido vídeo, a intenção da professora era apresentar à turma peculiaridades do idioma falado no Brasil, fatores que interferiram tanto na maneira de utilizar algumas estruturas sintáticas quanto no emprego de palavras e de expressões. Para complementar as informações, mostrou-se, em slides, uma notícia acerca do incêndio ocorrido na Estação da Luz, em São Paulo, local que abrigava esse espaço cultural, com imagens da destruição. Apesar de a estrutura desse museu ter sido destruída, a professora esclareceu que as exposições nele exibidas ainda se encontram disponíveis no meio virtual, de modo que o estudante ainda pode conhecer o trabalho desenvolvido pelos curadores das várias mostras ocorridas nesse museu diferente. Ela destacou, também, a importância de um espaço cultural como esse, criado com o propósito de se mostrar as peculiaridades do idioma nacional, de se apresentarem obras de autores brasileiros, de levar ao conhecimento do público curiosidades a respeito da "língua brasileira", das variações encontradas na modalidade falada e na modalidade escrita.

Para ampliar o assunto, a professora chamou a atenção dos alunos para o fato de que esse museu trazia uma característica bastante diferente desses espaços culturais: a

modernidade. Tratava-se de um espaço totalmente interativo. E, para mostrar um pouco mais a respeito desse lugar, a professora levou os alunos ao laboratório de informática, para que eles tivessem acesso a mais informações a respeito desse museu, acessando sites, verificando fotografias e imagens.

No Módulo 2, para se começar o estudo do tema, foi apresentado um vídeo intitulado "Variação linguística", no qual se explora, de maneira mais específica,a variação lexical. Foram feitos alguns comentários em relação à existência de termos diferentes usados para nomear o mesmo ser. Uma questão intrigou os estudantes: Por que, em algumas regiões brasileiras, o modo de falar, o sotaque, o vocabulário são diferentes? Para que essa interrogação fosse respondida, a professora levou os alunos à biblioteca da escola, onde eles puderam pesquisar, em livros de História e em gramáticas, para obterem as informações relacionadas ao período da colonização dos estados brasileiros. Sob a orientação da professora-pesquisadora, de posse dos dados obtidos, eles preencheram um quadro com o nome do povo colonizador de cada estado e as razões históricas ou os fatores por que isso aconteceu. Essa estratégia foi utilizada com o intuito de mostrar para os estudantes que a língua sofre influência de outras línguas, de outras culturas, uma vez que ela é passível de mudanças. Não foram transcritas as respostas dadas a essas questões, porque a intenção era a fundamentação da existência da variação linguística tão fortemente presente na língua em uso no Brasil, mostrando que essas mudanças vêm ocorrendo ao longo dos anos e que continuarão a acontecer.

Duas questões foram propostas para que o estudante respondesse.

1) Quais os principais fatores que interferiram na constituição do léxico do português falado no Brasil?
2) Desde a oficialização da Língua Portuguesa no Brasil, que tipos de mudanças ocorreram em relação ao léxico?

Em resposta à questão 1, os alunos disseram que

(i) "A inserção de vocábulos oriundos de outros países ou de outras nações, ao longo dos anos, provoca alterações no léxico da Língua Portuguesa";

(ii) "A classe social, as condições de vida e o grau de estudo dos falantes, além da extensa dimensão geográfica do país e da diversidade cultural, são fatores que promovem a incorporação de novas palavras ao léxico";

(iii) "O principal fator foi a miscigenação de etnias e de culturas";

(iv) "No Brasil, já havia os indígenas, que já falavam o tupi e o guarani; depois vieram os escravos africanos; depois, outros imigrantes de diversos lugares do mundo. Essa mistura de

culturas interferiu na constituição do léxico, porque a língua portuguesa sofreu influência desses povos";

(v) "Como o Brasil é muito extenso, muitos imigrantes de diferentes lugares do país se instalaram em várias regiões. Isso fez com que houvesse uma interferência no vocabulário empregado pelas pessoas";

(vi) "Na constituição do povo brasileiro, já houve uma grande mistura: eram os indígenas que moravam aqui, depois vieram os africanos, depois outros povos. Essa grande miscigenação teve influência na construção da nossa cultura e também no nosso idioma";

(vii) "A Língua Portuguesa foi imposta aos indígenas, que acrescentaram a ela palavras e expressões do tupi e do guarani; depois, vários termos de outros idiomas foram se incorporando a ela, por causa dos imigrantes que vieram morar aqui";

(viii) "Nossa língua é resultado da mistura de várias outras, que contribuíram com o empréstimo de palavras. Dessa forma, houve uma grande influência de muitos povos na constituição do vocabulário usado no Brasil";

(ix) "Toda língua passa por transformações. No caso do Português, a maior influência veio dos indígenas e dos africanos, que foram obrigados a falar essa nova língua. Mas eles não deixaram a deles de lado, ao contrário, continuaram a usar palavras e expressões que eles estavam acostumados e aí ficou uma grande mistura";

(x) "Quando os portugueses descobriram o Brasil, eles obrigaram os indígenas a falar a língua deles. Mas esse povo não abandonou completamente o tupi-guarani e, dessa maneira, usavam termos das duas línguas. Mais tarde, com a chegada dos negros africanos, novas palavras foram incorporadas. E assim isso vem acontecendo até hoje".

Já para a questão 2, obtiveram-se as seguintes respostas:

(i) "Logo no início, ao chegarem ao Brasil, a língua portuguesa sofreu influência das línguas indígenas, acrescentando-lhes novas palavras. Posteriormente, devido à presença africana na nossa terra, novas expressões e vocábulos foram inseridos ao léxico. Além disso, imigrantes que vieram para cá em busca de trabalho também contribuíram para a expansão lexical do idioma";

(ii) "Algumas palavras deixaram de ser usadas, assim como novas foram criadas";

(iii) "Ocorreram vários empréstimos vocabulares de línguas diferentes, os quais passaram a ser usados pelos brasileiros. Alguns desses termos nem foram registrados no dicionário, mas são utilizados em certos lugares do país";

(iv) "Muitas palavras são escritas na forma do idioma original. Já houve uma unificação da ortografia e existem sotaques diferentes nas várias regiões brasileiras";

(v) "Houve alterações na ortografia, na sintaxe, no sotaque e, principalmente, no léxico";
(vi) "Com o passar do tempo, é natural que ocorram mudanças em qualquer língua, devido ao contato com outras culturas. Isso se vê, principalmente, no vocabulário";
(vii) "Os brasileiros foram adaptando a língua portuguesa à sua maneira, à sua cultura. Assim, ocorreram mudanças na maneira de falar, na maneira de escrever certas palavras, no vocabulário, principalmente";
(viii) "A partir do momento em que os portugueses obrigaram o Brasil a falar a Língua Portuguesa, várias mudanças aconteceram. Isso é um pouco natural, porque aqui já moravam os índios, que falavam o tupi-guarani. Por isso, muitas palavras de outras línguas passaram a ser utilizadas pelo nosso povo";
(ix) "São muitas as mudanças que vêm acontecendo na Língua Portuguesa, principalmente na utilização de palavras e de expressões que vão surgindo com o passar do tempo";
(x) "A maior modificação pode ser percebida no vocabulário, pois muitas influências foram recebidas de outros idiomas, que 'emprestaram' várias palavras para o nosso Português".

Pela fala da muitos, pôde-se identificar que, para eles, as modificações sofridas na Língua Portuguesa têm início com a vinda de pessoas de vários lugares do mundo para o Brasil, com a miscigenação das raças, das culturas. Além disso, ainda há que se considerarem as diferentes línguas faladas no país. Mencionaram, também, a grande influência dos africanos, que chegaram logo no início da colonização do país e também das línguas indígenas, que já eram faladas no território nacional. Esses fatores interferiram, principalmente, na constituição do vocabulário dos falantes, porque trouxeram novos termos que passaram a ser utilizados. A esses fatores, somam-se outros que estão diretamente relacionados ao contexto de vida dos indivíduos. Pelas respostas registradas, nota-se uma conscientização acerca do fenômeno da variação, que é inerente a toda língua ativa. Os estudantes perceberam que as palavras vão se renovando com o passar do tempo, em virtude de fatores como estrato social, gênero, faixa etária, contexto de uso, o que faz com que o léxico esteja em constante processo de renovação.

Por meio dessas respostas, foi possível constatar a percepção dos alunos quanto ao fenômeno da variação linguística, a qual resulta de uma combinação de fatores resultantes das relações humanas e sociais.

Para a culminância da oficina, cada aluno produziu um texto na modalidade escrita, contando os eventos retratados nas cenas que compõem a história em quadrinhos, elaborada em linguagem não verbal. O estudante deveria empregar, na fala da personagem, palavras

e/ou expressões registradas na lista elaborada na Oficina 1, conforme a origem de cada personagem Abaixo, foram transcritos cinco desses textos.

(i) "– Moço, sacode esse trambolho.

- Senhor, leve o lixo, por favor.

- Espera, ainda faltam esses bagulhos.

- O que é isso, sô? Aquele mininu robô a lata de lixo.

- Vamos pegar esse guri!

- Se avie, cabra!";

(ii) "– Olha o caminhão do lixo passando! – grita o condutor do veículo.

- Toma aqui, sinhô, minhas sacola. Brigadu, viu? – fala a mãe do Cebolinha.

- Ô tio, leva esses negócios para mim, beleza? – diz a Mônica.

- Moço, toma logo esses trem aqui, sô. Agardecido! – pediu o homem.

- Adeus! Lá vamos nós para a outra rua. Uai, mas o que está acontecendo ali? – pergunta o homem que recolhe os sacos de lixo.

- Oxente! Mas que menino danado da moléstia! Ele surrupiou as sacolas de dentro da camionete.";

(iii) "- Lá vem o caminhão para recolher o lixo. Anda logo, menino, vá buscar os sacos de lixo – disse a mãe do Mônica.

- Oxente, mainha! Não fique aperreada! Já estou indo – respondeu Mônica.

- E aí, guria! Tu estás muito devagar. A la fresca! – disse o condutor do caminhão.

- Moço, não fique avexado. Espera só um pouquinho, que vou buscar uns trens lá no quintal de casa – falou Magali, que chegava também à rua – Nuuuuhhh, como tá pesado! Armararia!

- Agora já posso chavear a traseira do caminhão e seguir meu caminho. Bah, thcê! Mas o que é aquilo lá? Tem um piá que saiu correndo com um cesto de lixo na mão! Volte aqui1 Que servicinho mais difícil! Até a próxima, pessoal.";

(iv) "O motorista do caminhão que recolhe lixo buzinava para avisar que estava passando pela rua onde moravam Cebolinha, Cascão Mônica e Magali. A mãe do Cebolinha apareceu na janela, logo que avistou o carro.

- Aqui, ó moço, está o nosso cesto de lixo. Muito obrigada por vir buscá-los. É ruim quando o lixo fica acumulado – disse ela, entregando o cesto de lixo para o homem.

- Agardecido, dona. É meu serviço, mas faço com muito prazê. Gosto de ajudar os ôtro – respondeu o motorista do caminhão, despejando o conteúdo do cesto na caçamba.

- Peraí, sô! – disse o pai do Cebolinha, chegando todo esbaforido. – Eu também trouxe umas coisinhas para pôr aí nesse baú. Estou parecendo um estafermo!

- Meu Jesuscristinho! Oia aqueli mininu robano saco de lixo!

E, ao longe, se via o Cascão correndo com um cesto de lixo na mão.";

(v) "Era um belo dia de sol. O caminhão do lixo apontava na esquina. O motorista tocava a buzina, para avisar que estava passando para recolher os sacos e os latões.

- Bãos dia, dona – falou o motorista, parando em frente da casa do Cebolinha.

- Bom dia, seu Pedro. Como está o senhor? – pergunta a mãe do Cebolinha.

- Arguns dia tô mió, noutro pió. Uma hora Deus há de miorá a nossa vida – respondeu o homem.

- Espera um pouco, meu senhor! – gritou o pai do Cascão – Já estou chegando com as sacolas de lixo.

- Mas óia só aquilo. Um mininu pego os saco de lixo do caminhão. Vorta, aqui, seu fio de uma peste.

Cascão já corria longe, com uma cesta de lixo na mão."

Nessa atividade, houve um cuidado dos alunos na construção dos diálogos, no que concerne ao emprego de palavras e de expressões recorrentes em determinadas regiões brasileiras. Também eles se preocuparam em reproduzir, pela escrita, a maneira como os falantes usam a variação deles. Há vários traços indicadores dessas variações, o que se considera um aspecto positivo quanto à apropriação do tema pelos estudantes.

A Oficina 3 teve, como motivação inicial, a leitura da letra da música *Só o ôme*, cantada por Noriel Vilela, seguida do áudio da gravação original. Os alunos, no começo, não entenderam a mensagem transmitida pelo compositor. Haviam sido propostas algumas questões para a turma responder, apenas com base na leitura do texto e na escuta da música. Como a intenção era, de fato, observar se, com a análise dos alunos quanto aos itens lexicais empregados pelo autor, juntamente com as informações fornecidas a respeito da época em que esse texto foi escrito, bem como do escritor e do intérprete, seria possível caracterizar o ambiente e as personagens descritas. Esta pesquisadora não interferiu na realização da tarefa, nem mesmo para esclarecer o significado de qualquer palavra. Foram propostas três questões
– relacionadas abaixo -, mas, logo de início, foi notória a dificuldade em relação à apreensão das ideias contidas no texto. Mesmo assim, a pesquisadora insistiu para que as respostas fossem registradas por escrito. Na sequência, seguem os registros obtidos das anotações feitas pelos discentes para cada questão.

Eram estas as questões:

(1) Que elementos lexicais caracterizam o grupo social do qual o falante (no caso, o protagonista da história) faz parte?

(2) Em que ambiente social os fatos relatados no texto aconteceram?

(3) Que outras marcas linguísticas (além das lexicais) podem ser percebidas nas falas reproduzidas na letra da música? Com que finalidade elas foram empregadas?

Em relação à primeira questão, foram registradas as respostas abaixo.

(i) "As palavras como 'marafo' e 'candonga' condizem que o falante possa ter nascido no interior do Rio de Janeiro, por conta do vocabulário carioca";

(ii) "As palavras que caracterizam o grupo social do falante são 'ôme', 'fio' e 'suncê';

(iii) "O homem contado na história, pela música, pertence a um grupo social de classe baixa, devido ao seu vocabulário";

(iv) "Os elementos lexicais que caracterizam são 'suncê', 'ôme', 'rêia', 'bão', 'candonga';

(v) "O falante é, provavelmente, do interior do Nordeste, pois ele emprega palavras como 'ôme'";

(vi) "As expressões 'garrafa de marafo', 'meia noite na incruziaida', 'galo vai cantá', 'botou feitiço em suncê' caracterizam o falante como uma pessoa que se envolve com macumba e que não estudou muito";

(vii) "As palavras que mostram indícios do grupo social da personagem são 'garrafa de marafo', 'incruziaida', 'galo' e 'feitiço'";

(viii) "Expressões como 'garrafa de marafo', 'galo vai cantá', 'fez candonga', dentre outras, indicam que o falante pertence (provavelmente é um praticante) ao candomblé";

(ix) "Os termos 'garrafa de marafo', 'botou feitiço em suncê', por exemplo, têm origem no candomblé da Bahia";

(x) "Tendo em vista o vocabulário que a personagem principal usa, ele é provavelmente alguém de uma classe social mais baixa, alguém mais pobre".

Para a segunda pergunta, foram transcritas estas respostas.

(i) "A história é relatada provavelmente em uma cidade do interior, onde o vocabulário é bem diferente de uma área urbana";

(ii) "Os fatos relatados no texto acontecem na periferia";

(iii) "Os acontecimentos apresentados ocorrem em um lugar onde há condições sociais baixas, provavelmente num terreiro de candomblé";

(iv) "É possível que tudo tenha acontecido em um local onde se pratica o candomblé";

(v) "A história ocorreu em algum ambiente relacionado à prática do candomblé, em que o personagem aconselha um amigo a uma visita que solucionará seus problemas";
(vi) "O ambiente social é um centro de candomblé";
(vii) "A história se passa em um lugar onde são costumeiras a prática da macumba, em que o personagem diz a um amigo para frequentar esses lugares, pois lá ele conseguirá resolver seus problemas";
(vii) "O ambiente social do protagonista se trata de um terreiro, onde se pratica o candomblé";
(viii) "Os eventos se desenvolvem em um lugar mais rural, por causa do vocabulário utilizado por pessoas típicas do interior";
(ix) "Seria um local simples e pobre";
(i) "É um ambiente social bastante informal, de classe baixa, com pessoas de pouco poder aquisitivo e de difícil acesso à educação".

Em relação à terceira questão, foram registradas as seguintes respostas.

(i) "O sotaque da personagem pode ser percebido na música, quando ele canta e mostra a região do interior onde ele mora";
(ii) "Outra marca linguística que pode ser percebida na música é o sotaque carioca, que, provavelmente, foi empregado com a finalidade e 'entrar' no personagem da letra da música";
(iii) "A pronúncia das palavras remetem ao fato de que o falante possui baixa escolaridade, como, por exemplo, 'ôme', 'fio', 'mô'";
(iv) "O falante não frequentou a escola por muito tempo, pois ele não pronuncia direito as palavras";
(v) "No texto, foram utilizadas pronúncias e repetições, com a finalidade de destacar o ambiente e o contexto em que o autor se encontrava";
(vi) "Nas falas reproduzidas, podemos perceber marcas fonológicas (da pronúncia) e sintáticas (da forma de elaborar os períodos), que foram usadas para destacar ainda mais a classe social do falante";
(vii) "Podem ser percebidas marcação linguística, como os acentos nas palavras";
(viii) "Percebemos que palavras como 'suncê','dizê', 'contá', entre outras, indicam que o cantor possa morar no interior de alguma região do Brasil, por conta da fonética das palavras";
(ix) "Na letra da música, percebe-se as palavras escritas de maneira errada, com o intuito de fazer referência à classe apresentada no texto";

(x) "Além do léxico, a pronúncia de algumas palavras indicam que somente os moradores da região iriam entender".

Com base nas afirmações feitas pelos estudantes, nota-se que eles assimilaram a noção de variação linguística, apesar de haver alguns trechos em que se percebe uma relativa confusão quanto à representação da fala por meio da escrita, por exemplo. Em algumas frases, os alunos associaram a maneira como se pronunciam as palavras à baixa escolaridade do falante ou à classe social menos favorecida economicamente. Para muitos deles, essa representação da fala, no texto, está vinculada à noção de "erro", e à baixa escolarização do falante/da personagem, que pouco ou que não frequentou a escola. Verifica-se, por meio de algumas expressões empregadas por eles, que há uma associação muito forte entre o fato de uma pessoa viver "na roça" e a maneira como esse indivíduo se apropria da língua. Na resposta (x) à segunda questão, fica evidente o julgamento que se faz das pessoas de classes sociais denominadas "baixas": elas têm pouco poder aquisitivo; consequentemente não frequentaram a escola e, por isso, não falam direito. Na opinião de muitos estudantes, existiu uma tendência a repetir esse discurso ainda embutido de um caráter revestido de preconceito. Percebeu-se a necessidade de trabalhar um pouco mais detidamente a questão relacionada à norma, aos usos da língua.

No que se refere às respostas dadas à questão 3, houve mais percepção quanto à pronúncia como forma de identificar o contexto social do falante. Destaca-se a enunciação do estudante autor da frase (x), ao notar a presença de elementos linguísticos que relacionam o modo de falar e o emprego do léxico a certa região. Esse fator compromete o entendimento do texto por pessoas de outros locais, desconhecedoras de certos itens lexicais recorrentes em determinada comunidade social. A tarefa constituiu uma excelente oportunidade para se trabalhar a questão da variação linguística, de introduzir a discussão a respeito da noção de "certo-errado", para se comentar a respeito da gramática prescritiva e do uso corrente da língua (objeto de estudo desta oficina), para se reforçar a diversidade linguística presente no país. Logo após se promover a reflexão acerca desse fenômeno, os alunos puderam reler as próprias respostas e comentá-las, caso assim algum deles desejasse, considerando as intervenções da professora-pesquisadora. Isso fez com que o tempo destinado à realização dessa atividade se prolongasse e, novamente, a previsão de aulas para essa etapa precisa ser revista ao se aplicá-la em sala de aula. No entanto, mesmo não cumprindo o planejamento inicial, considera-se que o surgimento dessas opiniões representou um momento integralmente proveitoso e produtivo, já que surgiu em um momento propício para se discutir a temática desta pesquisa com a turma.

Conforme já mencionado anteriormente, ficou evidente a dificuldade dos alunos em responder às questões propostas. Para tanto, fez-se necessária a mediação da professora, que foi fornecendo pistas, levando-os a perceberem as informações implícitas no texto. Ela foi mostrando os elementos lexicais que os levariam a identificar os elementos linguísticos presentes no texto, os quais são responsáveis pela produção dos sentidos. Um dos fatores a que se pode atribuir esse empecilho foi o desconhecimento do significado de palavras/expressões alheias ao contexto social da turma. Aliado a isso, não se pôde ignorar os conceitos arraigados neles: o que há uma forma única de se falar e de se usar a língua. De fato, ficou constatado que a escola precisa desmitificar esse pré-conceito de homogeneidade e promover efetivamente a conscientização de que existe uma multiplicidade de sentidos dos itens lexicais que compõem o acervo de um falante. Ademais se faz urgente promover o entendimento dos alunos quanto ao caráter mutável da língua, comprovando que esta decorre dos contextos sociais e culturais de interação do usuário.

A respeito do desenvolvimento da atividade, verificou-se que poucos estudantes conheciam o significado de alguns dos itens lexicais utilizados para a construção do texto, enquanto a maioria não os relacionou ao contexto em que se desenvolviam os acontecimentos relatados na letra canção. Não houve compreensão geral do conteúdo desse texto, por parte de muitos estudantes, o que se atribui ao emprego de determinados itens lexicais. Durante a leitura e a discussão das ideias contidas no texto, teorias foram apresentadas, tais como "a história se passa no Nordeste", ou "o ambiente descrito é uma roça". Portanto, entende-se que seja preciso rever a estratégia de aplicação dessa parte do módulo, com a professora proporcionando momentos de discussão com a turma, bem como esclarecendo o sentido dos elementos constitutivos do texto. Até mesmo a leitura feita em voz alta pela professora pode ser uma boa estratégia para confirmar – ou não – as hipóteses suscitadas pelos estudantes foram válidas para que houvesse a compreensão do conteúdo.

Como não se previu esse resultado, a consulta ao dicionário, por exemplo, não aconteceu, porque não houve uma preparação prévia para o uso desse recurso pedagógico[46]. Portanto, foi notória a necessidade de se promoverem situações de contato dos alunos com textos produzidos por autores de épocas, de lugares, de gêneros diferentes. Esse recurso permitirá que eles possam ter o conhecimento de outros itens lexicais, ampliando o

[46]Há, na escola, dicionários em quantidade suficiente para o uso individual do aluno em sala. Entretanto, esses livros ficam em uma sala apropriada para o uso deles, o que limita o professor lançar mão desse recurso durante a aula.

vocabulário ativo deles. Isso comprova a importância de valorizar a riqueza cultural e linguística presente na literatura nacional.

Depois dessa etapa, reproduziu-se, mais uma vez, o áudio da música, com o intuito de que os estudantes tentassem identificar as informações apresentadas. Por conseguinte, houve assimilação mais ampla a respeito do contexto social em que se passaram os fatos relatados na letra da referida música, de modo que os alunos analisaram o texto sob um novo enfoque, porque receberam as devidas orientações. Dessa forma, o planejamento precisou ser reformulado, já que o tempo previsto para essa atividade foi além do previsto.

Dando continuidade às atividades programadas ainda para o Módulo 1, foi solicitado que a turma lesse o conto "Trezentas onças", de Simões Lopes Neto, escritor gaúcho, e acompanhasse a exibição do videoclipe dessa história. Esse recurso – audiovisual - foi uma boa medida, porque se tratava de um texto mais longo. Durante esse procedimento, era possível ouvir comentários do tipo "Não estou entendendo nada" ou "Esse texto não está escrito em português". Muitos estudantes manifestavam esse pensamento em voz alta, para a classe e para a professora. Então eles foram orientados a sublinhar as palavras ou as expressões presentes nesse texto que não fizessem parte do vocabulário de cada leitor. Novamente as reações vieram de imediato, pois não havia, na sala, uma quantidade expressiva de alunos que nasceram nessa área do país. A representação da história por meio de animação permitiu mais entendimento dos acontecimentos, apesar da presença maciça de itens lexicais recorrentes nessa porção geográfica do Brasil. Aliás, foi exatamente a estranheza deles no que se refere ao vocabulário que tornou essa atividade mais envolvente, despertando nos alunos a curiosidade no que concerne à existência de certas palavras constitutivas do léxico da Língua Portuguesa. Procedeu-se, dessa maneira, à realização da tarefa proposta, que consistiu em levar o aluno a caracterizar o espaço, a identificar as personagens, a reconhecer a situação inicial, o conflito e o clímax da narrativa. A professora-pesquisadora conduziu a atividade, discutindo com a turma a ideia central do texto, de forma que os alunos indicassem as características dos envolvidos no evento relatado e apresentassem a definição do espaço social em que se desenrolaram os fatos.

A fim de verificar o grau de entendimento dos alunos a respeito do texto, perguntou-se o seguinte:

(1) Durante a leitura do texto, houve algum aspecto que comprometeu o entendimento do enredo? Justifique a resposta.

(2) Em que tipo de ambiente os fatos relatados ocorreram?

(3) Descreva o protagonista da história.

(4) Qual o conflito vivido pelo protagonista?

(5) Como foi o desfecho da história?

As respostas abaixo transcritas correspondem à primeira questão.

(i) "No texto, o linguajado desconhecido da personagem dificultou a compreensão do texto em algumas partes";

(ii) "Houve o aspecto da linguagem que comprometeu o entendimento da história do enredo, já que se pode notar que o homem é da roça, da fazenda, e, pelas expressões usadas, ele é gaúcho";

(iii) "A linguagem utilizada pelo autor comprometeu o entendimento do texto, visto que muitas palavras e expressões presentes nele são comuns da região Sul";

(iv) "Já que o autor empregou muitos termos típicos do gaúcho, isso fez com que não entendesse muito bem a história";

(v) "A linguagem foi o maior problema, porque eu não uso muitas palavras que têm no texto no meu dia a dia";

(vi) "Fica difícil ler o texto de maneira contínua, porque é preciso parar toda hora para descobrir o significado de alguma palavra";

(vii) "O texto já começa com algo acontecendo, o que torna a compreensão um pouco difícil. Além disso, é uma linguagem tipicamente gaúcha, contendo palavras que eu não entendo";

(viii) "Ao ler o texto, tive problemas para interpretá-lo, porque existem muitas palavras e expressões que eu não conheço";

(ix) "No desenvolver do texto, cria-se uma barreira pelo fato do autor ser gaúcho e utilizar palavras pouco conhecidas pelo restante do Brasil";

(x) "A linguagem, no que se refere à escolha das palavras e das expressões empregadas, foi o fator de mais dificuldade, comprometendo o entendimento da história. Foram usados termos típicos da região Sul, de maneira que os habitantes de outras regiões não os conhecem".

Com relação à segunda questão, abaixo estão expostas algumas respostas.

(i) "Os acontecimentos se desenvolvem nos pampas gaúchos. A narrativa aparenta passar durante a revolução Farroupilha";

(ii) "A narrativa se passa no interior do Rio Grande do Sul, na estância da Coronilha, local rural destinado geralmente à criação de gado. Nas redondezas, nota-se a vegetação típica do lugar, com uma estrada e um rio com pedregulhos";

(iii) "Os fatos relatados acontecem em um ambiente simples, aparentemente no interior, com uma linguagem informal";

(iv) "Os fatos ocorreram em um ambiente rural";

(v) "É um local muito arborizado, provavelmente perto de um lago. Deve ser uma chácara ou uma fazenda";

(vi) "Certamente a história está ambientada no Sul do país, um espaço rural, no interior do estado. Lá existem fazendas, nas quais trabalham tropeiros, boiadeiros e pessoas mais humildes, além dos patrões, que são os donos do gado";

(vii) "Os eventos ocorrem numa zona rural";

(viii) "Possivelmente a história se desenvolveu em um local rural, bem seco, no Nordeste";

(ix) "Como o personagem usa regionalismos para se expressar, pode-se concluir que a história se passa nos pampas gaúchos, numa fazenda do Rio Grande do Sul";

(x) "Em relação ao ambiente, levando-se em consideração o vocabulário utilizado no texto, os fatos podem ter ocorrido nos pampas gaúchos, uma região com forte influência do espanhol".

Para a terceira questão, registram-se estas respostas.

(i) "O personagem principal é um típico caipira, tendo em vista a sua profissão. Mas ele também reflete muito sobre sua vida, durante sua jornada de trabalho";

(ii) "O protagonista é um típico gaúcho interiorano, que trabalha para sustentar sua família";

(iii) "O personagem central é um idoso de 88 anos, experiente, honesto, leal e é um gaúcho típico. Era um vaqueiro, pois conhecia bem a região";

(vi) "O homem da história possui um patrão, é de família humilde e tinha que entregar algo ao patrão do lugar onde trabalhava";

(v) "O personagem é um homem de cabelos escuros, de olhos claros e de pele branca. Usa roupas típicas gaúchas";

(vi) "O personagem é caracterizado por um jovem viajante, habitante das redondezas rurais, que provavelmente está buscando uma condição melhor de vida, pois na história é mencionado que ele é pobre";

(vii) "O protagonista da história era um boiadeiro muito pobre e muito humilde, que comprava gado e carregava para seu patrão";

(viii) "O texto é narrado em primeira pessoa, por um homem que viajava sozinho a cavalo, acompanhado apenas pelo seu cachorro. Esse homem levava certa quantia em dinheiro para pagar um gado que compraria para seu patrão";

(ix) "O protagonista da história é um boiadeiro pobre que compra e transporta gado para seu patrão. Ele é o narrador dos fatos e possui uma forma bem gaúcha de falar. Viajava a cavalo, acompanhado de um cachorro, nas suas jornadas para comprar gado";

(x) "O gaúcho é o protagonista da história, mora na fazenda, nada no rio, tem um cachorrinho e é 'pau mandado' de um cara".

No que se refere à quarta pergunta, obtiveram-se as respostas transcritas a seguir.

(i) "O homem perdeu um pertence do seu patrão e voltou ao local para procurar";

(ii) "Durante sua jornada, o protagonista perdeu o dinheiro que o patrão lhe dera para comprar gado";

(iii) "O protagonista, no momento em que fez uma parada durante a cavalgada, perdeu o dinheiro do patrão que ele levava para pagamento do gado que iria comprar para seu patrão";

(iv) "O protagonista perdeu o dinheiro do seu patrão, que supostamente era muito bravo";

(v) "O boiadeiro, enquanto estava se lavando em um rio, esqueceu todo o seu dinheiro, com o qual iria pagar o gado ao seu chefe";

(vi) "O homem acaba perdendo o dinheiro que estava levando para seu patrão";

(vii) "O vaqueiro perde as 'onças' do seu patrão e teme ser acusado de tê-las roubado";

(viii) "O personagem principal acidentalmente deixa animais, que estavam sob sua custódia, escaparem, pensando que seu patrão iria brigar com ele";

(ix) "O protagonista acaba perdendo o dinheiro do seu patrão e, desesperado, passa a procura-lo";

(x) "O homem estava angustiado porque perdeu o dinheiro do patrão e não tinha condições financeiras para pagar a ele".

A respeito da quinta pergunta, foram selecionadas as respostas abaixo.

(i) "Os amigos do protagonista encontraram o dinheiro perdido e o guardaram, com a intenção de dar um susto no homem";

(ii) "O personagem passou por um momento de tensão e de susto. Depois todos riram do acontecido";

(iii) "O protagonista voltou para casa, depois de não ter achado o pertence e encontrou seus amigos com o que ele procurava. Na verdade, os companheiros pregaram uma peça nele";

(iv) "O protagonista reencontra seu patrão e este o perdoa por ter perdido os animais";

(v) "O homem consegue encontrar o dinheiro que ele perdeu e percebe que foi apenas uma brincadeira dos amigos dele";

(vi) "Os colegas do protagonista encontraram o que ele tinha perdido";

(vii) "A situação foi resolvida quando o personagem chegou ao seu destino e percebeu sua bolsa em cima da mesa e todos riram";

(ix) "O personagem, por fim, voltou à estância, e lá estavam alguns companheiros que encontraram o dinheiro perdido por ele".

Ao se analisarem as frases empregadas pelos alunos na construção das respostas, percebe-se que houve entendimento global das ideias do texto, apesar de eles afirmarem que o vocabulário foi fator que dificultou a compreensão do texto. De maneira geral, as partes constitutivas do enredo foram reconhecidas, pois os estudantes conseguiram definir a situação inicial, o conflito, o clímax e o desfecho. Em poucas respostas, nota-se que ocorreu uma divergência de opiniões, por exemplo, quando um deles afirma que o protagonista perdeu o gado que transportava. Considera-se que a apresentação da história por meio de imagens colaborou positivamente para que acontecesse a interpretação dos eventos descritos pelo narrador. Quanto ao léxico empregado pelo autor do conto, de fato predomina o uso de itens lexicais bastante recorrentes na região Sul do país, o que causou estranhamento a muitos alunos que não estão familiarizados com essa variação da língua.

Dessa forma, mais uma vez, considera-se que seja de fundamental importância o acesso dos alunos à leitura de textos produzidos em diferentes regiões do país, a fim de que haja oportunidade de eles se conhecerem e de se apropriarem de novos itens lexicais, passando a usá-los, de novos itens lexicais que comporão o acervo pessoal deles.

As questões motivadoras, propostas para resolução logo após a leitura e a discussão do conto, serviram como pretexto para investigar se a utilização de palavras e de expressões de determinadas regiões, ou seja, uma variação geográfica compromete ou prejudica a compreensão de uma mensagem. Ficou claro, pelas afirmações feitas pelos alunos, que, à primeira vista, tem-se a impressão de que não houve clareza quanto ao sentido de muitos elementos linguísticos utilizados pelo autor, quanto à presença de itens lexicais que não fazem parte do vocabulário ativo do estudante.

Desse modo, considera-se que os objetivos estabelecidos para essa atividade foram cumpridos, de modo que os alunos foram capazes de reconhecer os elementos formadores do enredo. Destaca-se que, na hora em que elaboraram as respostas, eles empregaram palavras e expressões usuais na região descrita no texto, tal como "pampa". A percepção a respeito da diversidade e da variação, reconhecidos como aspectos constitutivos da língua, amplia o universo de ação do estudante. Conforme afirma Possenti (1996:34), "[...] a variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel entre indivíduos ou grupos, essas diferenças se refletem na língua".

Ainda com relação ao conto “Trezentas onças”, apresentou-se ao aluno uma lista com algumas expressões utilizadas nesse texto, para que ele escrevesse o significado ou explicasse o sentido de cada uma delas. Com o desenvolvimento dessa tarefa, criou-se uma ótima oportunidade para elaborar um glossário do texto de forma coletiva, discutindo-se o significado de palavras e de expressões indicadas por esta professora e ampliando a relação com outras sugeridas pela turma.

Quadro 6: Ampliação da lista de expressões recorrentes na região Sul.

expressões recorrentes na região Sul	**significado/explicação do sentido**
tirante a roxo	ficando apavorado
tocar a meia rédea	segurar a rédea do animal para fazê-lo voltar
num vu (variação de puíta)	num instante; rapidamente
engoli a língua	fiquei com receio, com medo; fiquei com a boca seca
num pajonal	em um campo alagado
lá dos meus pagos	da época da infância
no pino do meio-dia	no momento em que o sol estava mais forte

Fonte: Elaboração própria.

Quanto ao glossário com palavras comumente empregadas pelos gaúchos, a relação de palavras sugeridas por esta pesquisadora pôde ser ampliada e, no Caderno do Professor já havia o significado dessas palavras.

E, para concluir essa atividade, pediu-se aos alunos que eles retirassem do texto expressões típicas da oralidade representativa dos habitantes do Sul do país. Encontraram-se os elementos escritos no quadro a seguir.

Quadro 7: Expressões indicadas pelos alunos a respeito do falar gaúcho.

boas tardes	mui	patrício	ah	vancê
le	entonces	Jesu-Cristo	Eh, pucha!	Qual!

Fonte: Elaboração própria.

Logo que foi concluída a Oficina 3, esta professora-pesquisadora retomou a discussão oral com a turma, a fim ressaltar que não existe uma única maneira de se usar a Língua Portuguesa, até porque ela varia de acordo com uma série de fatores a serem considerados. E, conforme se constatou até o momento, a coexistência de múltiplos falares representa uma oportunidade para a ampliação e para o enriquecimento do vocabulário de uma pessoa. Vale reforçar essa afirmação com base em Antunes (2012), no trecho em que a autora afirma que o léxico tem função importante na construção e na compreensão de um texto, principalmente no que diz respeito à coesão e à coerência. Por essa razão, considera-se que tenha sido bastante proveitoso o trabalho direcionado à constituição linguística de um texto, para, a partir daí, focar a atenção nos itens lexicais escolhidos para elaborar a mensagem transmitida por determinado autor. É por meio desses itens que se pode identificar o que o escritor tem a dizer, qual o suporte do texto, qual o propósito comunicativo, qual o nível de formalidade do texto, quem é o interlocutor em foco, qual o gênero em que o texto vai se realizar, onde ocorre a interação.

Depois da leitura desse conto, foi exibido o vídeo de um goiano, conhecido pelos "causos" que ele conta em programas de televisão e na internet. Na sala de aula, os alunos ouviram "O causo da bicicleta", por Geraldinho. Esperava-se que, pela fala da personagem, os alunos conseguissem reconhecer os elementos que influenciaram as escolhas lexicais feitas por ele, bem como as marcas linguísticas típicas do contexto social do qual ele faz parte. Para isso, foram propostas as questões descritas a seguir.

(1) Descreva a personagem, considerando o contexto social e cultural em que ela vive.

(2) Registre, por escrito, um trecho da história contada por Geraldinho. Que marcas de variação podem ser percebidas na fala dessa personagem?

(3) Em sua opinião, Geraldinho fala "certo" ou "errado"? Justifique a resposta. Que critérios você utilizou para formular essa opinião?

Quanto à personagem da história, os alunos escreveram que

(i) "Geraldinho é um roceiro, uma pessoa muito simples, que não se preocupa tanto com a aparência. Ele conta uma história acontecida com ele mesmo, mas faz isso de um jeito muito engraçado. Ele relata a experiência dele de andar de bicicleta pela primeira vez e, da maneira como ele fala, compara o veículo com um animal";

(ii) "O protagonista vive no campo, não teve muito estudo. Mas ele conta a história de modo muito coerente, tanto que a gente consegue entender tudo que aconteceu com ele, menos algumas palavras que ele usa";

(iii) "O homem mora na roça, o que se pode perceber pelas roupas que ele veste e pelo lugar onde ele se encontra (o que aparece no vídeo). Pela fala dele, a gente sabe que ele não pôde estudar muito, pois emprega a linguagem típica de pessoas que não tiveram acesso à norma culta";

(iv) "O protagonista parece um comediante, porque ele conta uma história engraçada, mas que aconteceu com ele mesmo. É uma pessoa simples, morador do campo, sem muito estudo. Para contar a experiência dele de andar de bicicleta pela primeira vez, ele utiliza palavras e expressões que estão relacionadas com o contexto social do qual ele faz parte";

(v) "A história é contada por um homem humilde, da roça. Quando ele vai descrever a experiência dele com a bicicleta, parece que ele está domando um boi bravo. É engraçada a maneira como ele vai contando o que aconteceu, o que tornou a história bem interessante";

(vi) "Pode-se perceber que Geraldinho vive em uma fazenda, no interior, pois ele usa muitas palavras que indicam isso. Ele também parece não ter estudado muito, porque sua fala tem muitas marcas do contexto social de pessoas que tiveram pouco acesso à escola. Ele também é meio desleixado com as roupas que veste e com ele mesmo";

(vii) "É um verdadeiro roceiro, que gosta do que faz. Ele fala de maneira cômica, fazendo a gente rir da história dele";

(viii) "O personagem principal vive em um sítio ou uma fazenda, pois isso é mostrado no vídeo. Ele é um homem muito simples, muito humilde e engraçado. A linguagem dele está de acordo com o ambiente social dele, pois ele emprega várias palavras que estão ligadas com esse lugar";

(ix) "Parece que Geraldinho nasceu e sempre morou na roça, não tendo muita oportunidade de estudos. Ele é um homem bastante simpático, agradável e conta a história de uma maneira bem engraçada. Algumas palavras ficaram difíceis de entender, pois ele fala depressa e meio enrolado";

(x) "Geraldinho usa roupas bem simples e tem a aparência de uma pessoa sem muitos cuidados. Ele fala de uma forma estranha, usando palavras desconhecidas por nós. Mesmo assim, conseguimos entender a história que ele contou da bicicleta".

Como respostas à terceira questão, anotou-se que

(i) "Geraldinho não fala errado, pois é a maneira como ele está acostumado a se comunicar. No lugar onde ele vive, é comum as pessoas falarem desse jeito";

(ii) "Cada pessoa usa a língua de acordo com o que aprendeu, de acordo com os ambientes em que vive, de acordo com a convivência. Por isso, não se pode dizer que uma pessoa que vive na roça, que não estudou muito fala errado";

(iii) "Algumas pessoas da cidade podem achar que Geraldinho fala errado, pois essas pessoas acham que todo mundo deve falar igual está escrito na gramática. Mas isso não é verdade, porque é preciso levar em conta o lugar onde a pessoa vive, as coisas que ela aprendeu, as pessoas com quem ela convive. O personagem não estudou muito e, na roça, todos falam igual a ele. Isso não é errado";

(iv) "Nós aprendemos que uma pessoa não fala igual à outra, porque isso depende de muitas coisas. A língua portuguesa tem variações e uma não é mais certa do que a outra. Todos falam certo, dependendo da situação. O importante é a pessoa se comunicar";

(v) "A fala de Geraldinho é comum nas comunidades onde as pessoas não tiveram muito acesso à escola e, mesmo assim, todos se entendem muito bem. O importante é que cada um saiba respeitar o modo do outro falar, sem fazer julgamentos, sem criticar";

(vi) "Se o protagonista vive na roça e lá é comum as pessoas falarem igual a ele, então não está errado. Pode ser um pouco estranho para nós, que estudamos a gramática e aprendemos a norma culta. Mas isso não é motivo para dizermos que alguém fala errado só porque fala diferente de nós";

(vii) "Não existe uma única maneira de se usar a Língua Portuguesa para se comunicar. Cada um de nós tem uma forma própria de falar, pois ninguém é igual ao outro. Não se pode falar em erro, porque Geraldinho aprendeu a falar de um jeito, do jeito onde as pessoas do lugar onde ele mora falam";

(viii) "Mesmo a Língua Portuguesa sendo uma só, há variações na maneira como as pessoas a usam para se comunicar. Isso depende de diversos fatores, como a escolaridade, o lugar, o ouvinte. Por isso, não podemos afirmar que Geraldinho fala errado, porque foi assim que ele aprendeu";

(ix) "Só existe erro para aquelas pessoas que são muito exigentes quanto à Língua Portuguesa e que pensam que todos sabem a gramática de cor. Como uma pessoa que vive na roça, que nunca estudou, consegue contar tão bem suas histórias? Então ele não pode falar errado, senão ninguém entenderia nada";

(x) "Na escola, a professora nos ensina a importância de conhecermos a norma culta, para usá-la em situações de mais formalidade. Mas também ficou bem claro que há muitas outras maneiras de as pessoas se comunicarem e todas elas estão corretas, pois há vários fatores envolvidos no processo de interação social".

Pelo conteúdo das respostas, é possível observar que a muitos alunos assimilaram bem a ideia da existência de mais de uma forma de uso da língua, ou seja, que ocorre variação, já que elas representam um fenômeno natural. Elas constituem um fato social, resultantes dos

diferentes contextos em que essa língua é empregada. Eles entenderam que a personagem central da história usa a língua de acordo com o ambiente social no qual vive.

Portanto, parece que o trabalho de conscientização surtiu efeito, já que se observou, nas respostas dos alunos, o entendimento do caráter da variação inerente a toda língua e que a coexistência de variadas formas é perfeitamente possível em um país. Pelos depoimentos dos estudantes, ficou evidente que eles reconheceram a validade de outros usos que não sejam o deles mesmos ou o "ensinado" na escola.

Além disso, eles demonstraram que, mesmo para uma pessoa não escolarizada, é possível promover situações de interação social e que o uso diferente da língua não torna o falante melhor ou pior. Esta pesquisadora considera que foi dado um passo significativo rumo ao rompimento das barreiras do preconceito linguístico. A leitura de textos de autores de várias regiões do país proporcionou momentos de valiosas discussões, levando os estudantes ao entendimento de que a seleção linguística não é aleatória e talvez nem mesmo consciente, já que é fruto das vivências do produtor do texto.

Para reforçar ainda mais essa questão, apresentou-se, na aula seguinte, um texto do escritor Carlos Drummond de Andrade, intitulado "As mineiras". Pela discussão oral com a turma a respeito das ideias do texto, os alunos chegaram à conclusão de que o escritor considera que as mulheres nascidas em Minas Gerais possuem um sotaque bastante encantador, poder-se-ia dizer até mesmo sedutor. Isso se deve principalmente à entonação dada às palavras, ao prolongamento de alguns sons, à supressão de sílabas. De acordo com a descrição feita pelo cronista, essas mulheres têm uma maneira muito peculiar de se expressar, o que lhes confere bastante graciosidade. Os estudantes observaram o fato de o autor se referir, principalmente, ao sentido atribuído a algumas palavras, tal como "mexer". Alguns deles comentaram o uso da palavra "deslizes", considerando a intencionalidade comunicativa do cronista. Segundo eles, ficou a impressão de que Drummond entendia a ausência do plural, por exemplo, como uma espécie de erro cometido pelas falantes. Esta pesquisadora considerou essa questão bastante pertinente para um debate e, assim, provocou os demais estudantes a se manifestaram quanto a esse aspecto. E, dessa forma, eles chegaram à conclusão de que, por ser um autor renomado e por empregar mais frequentemente a norma culta, esse escritor tinha o hábito de fazer a flexão do plural nas palavras.

No entanto, o fato de ele se referir às mulheres mineiras de maneira geral, entendeu-se que essa ausência representava um charme a mais, caracterizando um modo de uso da língua. Por essa razão, não era tida como erro. Essa constatação pode ser confirmada mais adiante, quando ele afirma que "Preciso avisar à Língua Portuguesa que gosto muito dela, mas prefiro,

com todo respeito, a mineira", deixando implícita a ideia de uma língua mineira. Muitos estudantes destacaram o sentido ambíguo da palavra "mineira" empregada nessa frase. O texto proporcionou uma leitura aprazível para a turma, notando-se que houve, inclusive, a tentativa de reproduzir oralmente a representação gráfica de alguns sons empregados pelo escritor.

Na sequência, para finalizar o módulo, a professora apresentou para a turma um grupo de rap formado por indígenas da região de Dourados, no Mato Grosso do Sul. Os cantores usaram uma linguagem que continham palavras e expressões da Língua Portuguesa e do Guarani Kaiwoá, língua materna deles. Os estudantes se mostraram surpresos por haver um conjunto musical constituído por indígenas. Foi entregue a letra impressa, para que eles pudessem acompanhar a exibição do clipe oficial. Alguns comentários foram registrados no diário de campo, anotados durante o momento em que a turma assistia ao vídeo.

(i) "A língua deles parece japonês".

(ii) "Eles falam duas línguas tão diferentes. Como eles aprenderam a falar o Português?"

(iii) "Até hoje eles falam o tupi-guarani? Eles frequentam a escola?";

(iv) "A língua deles é muito diferente da nossa. Eles devem ter dificuldade para aprender o Português";

(v) "Os indígenas usam a língua deles no lugar onde eles vivem. E quando eles vão à cidade, como eles fazem para se comunicar?".

Várias outras questões dessa natureza foram levantadas e se pôde notar a curiosidade deles em relação à vida desse povo. Foram prestados alguns esclarecimentos, mostrada uma notícia a respeito desse grupo e os estudantes, orientados a fazerem pesquisas acerca do tema. Pela tradução da letra da música, foi possível identificar o processo cultural desse povo, que luta para manter as tradições e, ao mesmo tempo, se inserir na comunidade do homem branco. Percebe-se o clamor dessas pessoas para que elas não sejam consideradas diferentes, mas para que seja respeitado.

Quanto à língua materna deles, esta pesquisadora chamou a atenção da turma para que eles ouvissem atentamente a pronúncia das palavras, com o intuito de reconhecer alguns traços característicos do idioma. Com essa orientação, identificaram-se muitos sons nasais e uma tendência a manter o acento na última sílaba.

Foi realizada, por parte da professora, intensa pesquisa para se obter a tradução da letra da música para o Português. Houve contato direto com o produtor musical, por e-mail, que, após quase dois meses, enviou a tradução, que se encontra registrada no Caderno do Professor. Além disso, eles enviaram a letra de outra música (em Guarani Kaiwoá e em

Português), que não fazia parte do cd de divulgação. Essa troca de informações foi bastante enriquecedora, pois foi possível encaminhar perguntas dos alunos para os rapazes integrantes do grupo de rap[47].

Uma vez que uma das maiores influências na constituição do léxico da Língua Portuguesa veio do Tupi e do Guarani, no sentido de que os empréstimos que ocorreram desde a colonização do Brasil permitem reconhecer a etimologia de muitos itens lexicais já incorporados ao Português. A culminância dessa oficina se deu com a realização de uma pesquisa a respeito dos termos em uso na atualidade que tiveram origem na língua indígena. Os alunos elaboraram um quadro com o registro dessas palavras em fichas. Destaca-se que muitos nomes se referem à moradia, à alimentação, a tropônimos e a antropônimos, conforme se pode constatar no quadro abaixo.

Quadro 8: Palavras do Português brasileiro originárias de língua indígena.

abá: homem ; ser humano .
açaí: fruta que chora; fruta de onde sai líquido.
acemira: o que faz doer; o que é doloroso (moacir).
açu:grande, considerável, comprido, longo.
aguapé: redondo e chato, como a vitória-régia; plantas que flutuam em águas calmas.
aisó: formosa.
ajubá: amarelo.
amana: chuva.
amapá: árvore da família das apocináceas, de madeira útil, de cuja casca, amarga se extrai látex medicinal, de aplicação no tratamento da asma, bronquite e afecções pulmonares, tendo seu uso externo poder resolutivo e cicatrizante de golpes e feridas.
apoena: aquele que enxerga longe
aracema: bando de papagaios (periquitos, jandaias, araras), bando de aves.
araxá: lugar alto onde primeiro se avista o sol.
babaçu: fruto grande.
baquara: sabedor de coisas; esperto; sabido.
buriti: árvore alta de alimento ou de vida.
caatinga: o mato ralo.
cacau: caroço.

[47] Até o momento em que se concluiu a dissertação, a professora-pesquisadora ainda não havia recebido a resposta dos indígenas integrantes do grupo Brô MC's para as perguntas dos alunos.

cacira: vespa de ferroada dolorosa.
canoa: embarcação a remo, esculpida no tronco de uma árvore.
capim: mato fino; folha delgada.
capivara: comedor de capim.
carioca: casa do branco.
curumim: menino.
cutia: indivíduo que se assenta para comer.
eçaí: olho pequeno.
ibitinga: terra branca.
igarapé: caminho d'água.
itaúna: pedra preta.
jabuti: o que nada; o que respira.
jaçanã: ave que possui as patas sob a forma de nadadeiras, como os patos.
mandioca: aipim, macaxeira, raiz.
maracanã: muitos papagaios juntos.
peba: branco.
piranha: peixe diabo.
tiba: abundância, cheio.
tiririca: erva daninha famosa pela capacidade de invadir velozmente terrenos cultivados; estado nervoso das pessoas, provocado por um motivo que parece incessante.
ubá: canoa (geralmente feita de uma só peça de madeira); árvore usada para fazer canoas.

Fonte: Elaboração própria, com base nas pesquisas realizadas pelos alunos.

Em relação às atividades programadas para o Módulo 2, houve um momento de conversa informal com a turma para a professora apresentar para a turma, de maneira mais específica, os tipos de variação linguística reconhecidos pela literatura acadêmica. Foi exibido um vídeo acerca de uma mostra produzida pelos organizadores do Museu da Língua Portuguesa, intitulada "Menas - o certo do errado, o errado do certo". O conteúdo desse vídeo era bastante didático, consistindo um verdadeiro passeio pelos setores dessa exposição, conduzido por um dos seus idealizadores. Totalmente interativa, essa mostra apresentava basicamente uma coletânea de frases e de expressões bastante usuais e recorrentes, porém consideradas em desacordo com a gramática prescritiva. Ainda havia uma seção em que o visitante conhecia as três "Normas", assim personificadas, que esclareceriam para o público as acepções dessa palavra, relacionando-as ao ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. O

próprio título dessa exposição foi analisado no debate, com o intuito de que os estudantes desmitificassem de vez a noção de "certo" e de "errado" e passassem a adotar o conceito de "adequado" e "inadequado". Essa é, de fato, a prática pedagógica mais indicada para se levar os alunos a uma consciência linguística, a quebrar tabus, a valorizar as diversas maneiras de usos da língua, a respeitar a forma como o outro se apropria da língua, a ampliar o seu repertório lexical.

Na sequência, esta professora projetou slides em forma de *PowerPoint,* com a finalidade de fazer uma explanação mais teórica a respeito dessa temática. Foram explicados os fatores que interferem nas escolhas linguísticas dos falantes para se comunicarem, de modo que os alunos entendessem a importância de adequarem o discurso à situação interativa na qual se encontram. Logo depois, foi entregue uma ficha de exercícios, na qual se apresentavam algumas situações de fala em forma de charges, de cartuns e de tirinhas, para que os estudantes analisassem a escolha dos itens lexicais feitas pelos indivíduos envolvidos na situação comunicativa em que estão envolvidos, considerasses os fatores que os levaram a fazer essas escolhas.

E, como culminância, os alunos foram convidados a produzirem um miniconto com base em uma situação relacionada à variação linguística. Abaixo estão transcritos dois textos de cada turma.

(i) "E agora?

A bela estampa do homem atraía os olhares das moças interessadas em um bom partido. Charmoso, elegante, educado. Era um verdadeiro herói. Só faltava o cavalo branco. Mas brancas ficavam essas garotas, quando ele abria a boca e se dirigia a elas. Espanto, admiração e uma bela fuga em retirada!

O mundo ainda não está preparado para lidar com as diferenças."

(ii) "Ela se aproximou dele lentamente. O que mais agradou nele foram os seus gestos delicados, os traços bonitos do rosto, a roupa fina e de bom gosto. Ele exalava um cheiro tão bom! Trocaram sorrisos, verdadeiras promessas de um possível romance. Ah, as palavras! Elas estragaram tudo!"

(iii) "De imediato, ela se encantou por ele. Na rua onde se viram pela primeira vez, ela ficou paralisada a fitá-lo com aquele ar meio abobalhado das pessoas apaixonadas. Fora irremediavelmente fisgada. Tudo nele era perfeito: as roupas, o cabelo, o rosto, os gestos. E o melhor: ele vinha em direção a ela. Coração a mil! Ela, toda desconcertada, um misto de sentimentos dominando seu corpo e sua alma. Então ele falou com ela. E seu mundo desabou inteiro a seus pés! Fugiu em disparada".

(iv) "Andando por uma calçada, a moça o viu. Ela olhou para ele e foi correspondida. Um turbilhão de emoções tomou conta dela. Era a primeira vez que experimentava um sentimento tão profundo, tão intenso, tão vibrante. Tentou disfarçar, mas não conseguia. Ele caminhava em direção a ela. Ela parou, quando ele a alcançou. Presenteou-a com seu mais belo sorriso, o que a fez se sentir a mulher mais linda da face da Terra. E então veio o golpe fatal: as malditas palavras que saíram da boca daquele homem maravilhoso. Foi tudo por água abaixo".

Os grupos conseguiram retratar a situação reproduzida na tirinha, demonstrando que não é muito fácil combater o preconceito. As pessoas ainda não estão realmente preparadas para lidar com o diferente e que a tendência é se afastarem do que não esteja de acordo com os parâmetros estabelecidos por elas. O mesmo ocorre com a língua, pois é comum que cada um procure se relacionar com seus semelhantes, inclusive no que se refere ao uso da língua.

Na aplicação das atividades da Oficina 4, no Módulo 1, iniciou-se com a letra da música "Como uma onda", do cantor e compositor Lulu Santos, como texto motivador para a discussão a respeito de mudanças. O debate com os alunos girou em torno dos eventos que as promovem e da natureza delas. Foram considerados os fatores históricos, os avanços tecnológicos, o contato com as diferentes culturas como os principais responsáveis pelas mudanças ocorridas na sociedade e na vida das pessoas de modo geral. Sendo inevitáveis, não há como interferir no curso dos acontecimentos e os indivíduos precisam se ajustar a elas. Fenômeno semelhante acontece com uma língua em uso, a qual sempre está sujeita a transformações, principalmente no léxico, uma vez que é comum o surgimento de novos itens lexicais para designar novos seres ou novas ações, o desaparecimento de outros que nomeiam elementos obsoletos, a incorporação de palavras ou de expressões de línguas faladas pelos imigrantes. Todos esses processos são absolutamente naturais, já que a língua é dinâmica e está passível de modificações.

Logo depois, os alunos leram e analisaram texto de gêneros textuais diversificados e produzidos em épocas diferentes: uma história em quadrinhos de 1869; um texto publicitário de 1909; a página da primeira edição do Correio Braziliense de 1808; um poema escrito no final do Século XX, por Cacaso; um poema digital veiculado na internet em 2000. Os estudantes associaram o emprego de determinadas palavras e expressões ao contexto social da época em que o texto foi criado, bem como observaram os valores culturais implícitos nesses mesmos textos. Eles comentaram que a língua vai sofrendo modificações com o passar do tempo e que isso é natural, já que são os falantes que a mantém viva. Julga-se que houve produtividade no desenvolvimento dessa tarefa, conquanto os integrantes da turma tiveram

consenso ao identificar os aspectos que interferem na composição da mensagem elaborada pelos autores dos textos analisados.

Em seguida, a professora solicitou que os estudantes lessem a crônica "As palavras que ninguém diz", de Carlos Drummond de Andrade. As reações foram diversas, com destaque para os comentários acerca do vocabulário empregado pelo autor. Havia muitas palavras desconhecidas por grande parte dos alunos, que sentiram necessidade de fazer consulta ao dicionário. Quanto a essa questão, eles foram orientados a circularem esses itens, para, posteriormente, elaborarem um vocabulário com eles.

Para verificar se houve compreensão global das ideias do texto, foram propostas estas questões:

(1) Provavelmente, com que intenção o autor escreveu a crônica?

(2) Você concorda com o autor, quando ele diz que "ninguém aprende mais nada na escola", considerando o vocabulário ativo de uma pessoa?

(3) Por que, em sua opinião, algumas palavras deixam de ser usadas pelos falantes de uma língua?

Em resposta à primeira questão, foram encontradas estas respostas.

(i) "Carlos Drummond queria mostrar que muitas pessoas não conhecem o significado de várias palavras da Língua Portuguesa. Ele empregou algumas dessas palavras no texto dele, mas, mesmo assim, foi possível entender a mensagem";

(ii) "O autor pretendia confundir os leitores, testando-os para verificar se eles conheciam muitas palavras empregadas no texto";

(iii) "O escritor quis comprovar que, nos dias de hoje, muitas palavras deixaram de ser usadas no dia a dia pelas pessoas e que isso é uma coisa natural, com o passar do tempo";

(iv) "Como há muitas palavras desconhecidas da maioria dos estudantes, parece que o autor quis mostrar que é necessário consultar o dicionário na hora de ler um texto e que é preciso saber o significado das palavras para compreender as ideias de um escritor";

(v) "A crônica foi escrita com a intenção de promover o humor, uma brincadeira que o autor fez ao usar palavras tão desconhecidas pelos estudantes. Há, também, uma crítica implícita ao fato de que o vocabulário dos alunos é um pouco limitado";

(vi) "O autor escreveu a crônica para citar palavras que não são mais ensinadas ou faladas, revelando uma indignação pelo fato de as pessoas não possuírem um vocabulário mais amplo";

(vii) "Drummond quis mostrar que o vocabulário da Língua Portuguesa é muito grande e que nem sempre todas as pessoas conhecem as palavras que existem";

(viii) "Parece que o autor se sentia inquieto e angustiado por perceber que as pessoas não conhecem mais tantas palavras, como acontecia antigamente. Muitas dessas palavras deixaram de ser usadas na época atual";

(ix) "A crônica foi elaborada com o emprego de muitas palavras da Língua Portuguesa que não são conhecidas, que ninguém nem sequer ouviu, muito menos que usa no dia a dia";

(x) "O autor quis criticar a gramática, a linguagem formal, cheia de regras".

Com relação à segunda pergunta, os alunos alegaram que

(i) "Não concordo com o autor, pois, na escola, os alunos aprendem sim o necessário para o entendimento mútuo em um diálogo. Quando o estudante não conhece o significado de uma palavra, é só procurá-la no dicionário";

(ii) "Não concordo com o autor, porque cada pessoa possui seu vocabulário e nem por isso ele deixa de se comunicar. A cada momento surge algo novo para aprender e se a escola fosse ensinar tudo, demoraria bastante";

(iii) "As pessoas aprendem muitas coisas na escola, mas não aprendem o uso das palavras citadas no texto, o que não significa que não aprendam nada. Os estudantes aprendem o necessário para levar uma vida sem problemas, conseguindo se comunicar perfeitamente bem em várias situações';

(iv) "Atualmente, as escolas, de fato, ensinam coisas importantes para a população, como o modo de escrever novas palavras para adicioná-las ao vocabulário, além de histórias e fatos sobre o nosso mundo";

(v) "A língua se modifica ao longo do tempo, assim algumas palavras vão sendo modificadas e, muitas vezes, vão caindo em desuso. Então, atualmente, aprendemos muito Português na escola";

(vi) "Eu discordo do autor, já que as palavras utilizadas por ele não fazem parte do vocabulário que as pessoas utilizam em seu cotidiano";

(vii) "Se uma pessoa não conhece o significado de todas as palavras da Língua Portuguesa, não significa que ela seja analfabeta. Há outras formas de medir o conhecimento de uma pessoa";

(viii) "O autor está certo, pois o vocabulário usado no dia a dia muitas vezes não tem o respeito pelas regras gramaticais aprendidas na escola";

(ix) "As pessoas aprendem muito na escola, porém é ensinado apenas aquilo que lhes será útil, o que não é o caso dos vocábulos usados no texto, já que estes estão tão saturados e não são usados atualmente";

(x) "O autor está generalizando, porque há alunos que aprendem muita coisa na escola, basta que eles se interessem e coloquem em prática o que foi ensinado".

Para a terceira questão, seguem-se algumas respostas.

(i) "Muitas palavras deixam de ser usadas pelos falantes de uma língua, porque sempre há uma reinvenção no vocabulário desses falantes";

(ii) "Normalmente as palavras muito formais deixam de ser usadas";

(iii) "Algumas palavras são de um uso mais formal e não são usadas no dia a dia. Em consequência, deixam de ser usadas pelos falantes";

(iv) "Na minha opinião, as palavras mudam como qualquer outra coisa, porque uma hora tudo precisa ser renovado e não ficar sempre igual, comum. Por isso, algumas palavras deixam de ser usadas";

(v) "As palavras que são consideradas difíceis no nosso dia a dia possuem significados simples, podendo ser substituídas por palavras mais fáceis com o mesmo significado";

(vi) "Acho que algumas palavras estão em desuso por serem muito complicadas, por serem formais. Com isso, não são muito usadas pela maioria, por significarem coisas não mais usadas ou que foram substituídas";

(vii) "Algumas pessoas, na verdade, valem-se de devidos termos apenas ocasionalmente, como termos formais. Apesar disso, talvez o ambiente social e as companhias façam com que as pessoas deixem de usar certos termos";

(viii) "Sempre estão surgindo novas palavras. As palavras também envelhecem";

(ix) "O tempo passa e o mundo se moderniza com novas tecnologias e, juntamente, com novas palavras no léxico. Assim, o vocabulário antigo vai caindo em desuso e vai sendo substituído por palavras novas de comunicação";

(x) "Alguns falantes de uma língua deixam de utilizar certas palavras, pois elas não se adequam mais à época em que vivem, tendo em vista que palavras novas sempre surgem".

Ao analisar o conteúdo das respostas dos alunos, esta professora chegou à conclusão de que houve assimilação dos fatores que promovem tanto o surgimento quanto o desaparecimento de palavras, no que se refere à frequência com que são usadas. Além disso, eles argumentaram que não existe obrigatoriedade de as pessoas saberem todas as palavras que existem, devido ao grande número de itens lexicais constituintes da Língua Portuguesa. Segundo o que se pôde depreender da fala deles, não é a quantidade de palavras que uma pessoa emprega o fator determinante para mensurar o nível de conhecimento dela. Ademais eles afirmaram, em geral, que não é função da escola ensinar palavras novas, mas que isso é um processo natural, resultante da convivência com o outro, da leitura.

Quanto às palavras indicadas para o glossário da crônica, elas se encontram relacionadas no quadro abaixo, com o respectivo significado ou com a explicação do sentido de cada uma delas.

Quadro 9: Significado de palavras do glossário dos alunos.

diadelfo	Diz-se da ligadura existente entre os dois órgãos masculinos da flor.
ilapso	Segundo os crentes, influxo por meio do qual Deus estabelece comunicação com as pessoas.
utor	Aquele que busca vingança.
beltiano	Relativo ou pertencente a uma divisão da Era Proterozóica na América do Norte.
paranzela	Espécie de barco italiano.
oniquito	Espécie de alabastro que contém ônix.
alfitete	Massa obtida a partir da mistura de ovos, açúcar, manteiga e vinho, que tem vários usos culinários.
paguilha	O mesmo que pagante.
piara	Bando de animais.
boedrômia	Festa celebrada em Atenas.
poslimínio	Restituição de direitos civis a quem os tinha por ausência em cativeiro.
talambor	Fechadura de segredo.
siricaia	Creme preparado com açúcar, leite, ovos e aromatizado com canela.
remuito	Aumentativo de muito.
hapaxismo	Termo, locução, palavra que ocorre uma vez em um documento ou em uma obra literária e que pode ser alongada por apenas uma citação.
borborigmo	Ruído surdo ou rouco dos intestinos, produzido por gases.
auriscálpio	Instrumento usado para limpar os ouvidos.
aversamento	Antipatia; repulsa.
cristadelfo	Seita religiosa existente nos Estados Unidos.
gamarologia	Relativo à língua e dialetos com verbetes.
estratólogo	Estudioso das rochas.
vitrice	Diz-se de quem conseguiu vitória; vencedor.
seral	Diz-se de qualquer comunidade vegetal em evolução.
cinquete	Aquele que comete erros.
abatiguera	Estado do milharal, depois da colheita.
mirioftalmo	Aquele que tem muitos olhos.
Ignaro	Ignorante; inculto.
pitéu	Comida apetitosa e saborosa; moça bonita.
subsiles	Múmias de figuras humanas usadas no sacrifício, em Roma.

Fonte: Elaboração própria.

Apesar de muitas palavras desse quadro não fazerem parte do vocabulário cotidiano e usual dos estudantes, a oportunidade de aprender novos itens lexicais foi importante, pois os alunos puderam realizar um trabalho de pesquisa ao dicionário. Além disso, eles perceberam alguns radicais de domínio mais geral, o que possibilitou uma associação de ideias com outras palavras do campo do conhecimento deles.

Em outra aula, os alunos se dedicaram à leitura do texto "O vendedor de palavras", de Fábio Renyol, cuja temática é semelhante à da crônica de Drummond. Essa leitura fluiu de forma mais dinâmica, uma vez que à apresentação de uma palavra considerada em desuso seguia-se o esclarecimento do sentido dela. A professora pediu a uma dupla de estudantes para ler a história em voz alta, simulando a conversa entre as personagens do relato e outro aluno para fazer o papel do narrador.

Para conferir o entendimento do conteúdo do texto e da assimilação das ideias por parte do aluno, foram propostas as questões a seguir.

(1) Em que aspectos (tema, gênero e linguagem) o texto se assemelha ao de Carlos Drummond de Andrade?

(2) O que causou estranheza às pessoas que passavam pela banca do protagonista?

(3) De acordo com o protagonista, que fato o motivou a montar a barraca de vendas?

Quanto à primeira questão, foi consenso entre os estudantes que os dois textos possuem temática semelhante, já que os autores empregam palavras que não são mais usadas com tanta frequência. O texto de Renyol foi considerado mais engraçado, representando uma leitura mais prazerosa.

Para a segunda questão, houve respostas um pouco diferenciadas, mas que, basicamente, revelaram a compreensão da maioria dos integrantes da turma.

(i) "As pessoas não conheciam a palavra que estava escrita no cartaz exposto pelo dono da banca";

(ii) "Na feira, um homem estava vendendo palavras por cinquenta centavos. Podiam custar mais caro um pouquinho";

(iii) "Não é nada comum uma pessoa vender palavras para os outros comprarem";

(iv) "Muitas pessoas não sabiam o significado de 'histriônico' e, por isso, paravam para perguntar ao dono da banca";

(v) "Ninguém conhecia o produto vendido pelo homem. Apesar da curiosidade, somente uma pessoa perguntou do que se tratava";

(vi) "O método de vender palavras foi visto de forma muito esquisita por várias pessoas, que, além do mais, desconheciam o significado delas";
(vii) "As pessoas nunca tinham visto alguém que estava disposto a vender algo tão abstrato quanto as palavras. Talvez ele fosse um louco":
(viii) "As palavras não podem ser entendidas como o objeto de valor comercial, mas sim intelectual";
(ix) "Havia, na feira, uma banca em que o homem queria vender um pouco de conhecimento para as pessoas";
(x) "As pessoas que andavam pela feira não entenderam o homem estar vendendo palavras".

A respeito da terceira questão, também se percebeu que os estudantes reconheceram que a motivação inicial do protagonista foi o fato de ele ter assistido a um programa na televisão a respeito da afirmação de que o brasileiro lê pouco e tem um parco vocabulário. Então ele decidiu ir a um lugar de mais movimento e constatar essa teoria. Muitos alunos alegaram não terem lido ou visto ou mesmo ouvido qualquer uma das palavras postas à venda pelo homem.

Com a intenção de construir um mural, esta pesquisadora pediu aos alunos que cada um apresentasse dez palavras que não são mais utilizadas com alta frequência na fala diária das pessoas e nem são encontradas em textos contemporâneos. O resultado encontra-se no quadro a seguir.

Quadro 10: Palavras da fala diária relacionadas pelos alunos.

fuzarca	bagunça; confusão
ergástulo	cadeia
patacoada	disparate
caquixie	enfraquecimento extremo
obumbrar	escurecer; tornar fosco
carraspana	bebedeira
endoado	dolorido
pedantear	alardear sabedoria que não tem
hominal	relativo ou pertencente ao homem
cisura	rompimento
escovilhar	limpar
empeiticar	teimar
urbe	cidade
propínquo	vizinho
dúbio	incerto

óbice	obstáculo
recrudescer	agravar
gazear	cantar
tábido	corrupto
magote	grupo
sonido	estrondo
ximbica	casa de apostas
inócuo	inofensivo
pacóvio	imbecil
sirigaita	moça mal educada
abjeto	infame
adrede	propositadamente
combalir	enfraquecer
faiscador	garimpeiro
desditoso	infeliz
úbere	infância
convescote	piquenique

Fonte: Elaboração Própria.

Este foi um momento, tendo como base as respostas dos alunos, de rica troca de experiências, de compartilhamento de informações, de organização de um trabalho coletivo, que resultou numa "promoção" de palavras no corredor da escola. A turma reproduziu uma espécie de banca de feira e fez como o protagonista da história: "vendeu" as palavras. Só que, neste caso, a finalidade era apresentar aos demais estudantes das outras turmas o conjunto de novas palavras aprendidas pelos alunos-colaboradores das duas turmas nas quais esta pesquisadora ministra aulas de Língua Portuguesa. Cada palavra do vocabulário do texto de Drummond e do elaborado pela turma a partir de pesquisa em domicílio foi escrita em uma ficha, com letras em destaque e, no verso dela, encontrava-se o respectivo significado. Havia mais de um exemplar de cada palavra, de modo que os demais estudantes pudessem levar duas ou três palavras consigo.

Em aula seguinte, foi pedido aos estudantes que, em duplas, construíssem um texto em que as palavras "compradas" fossem empregadas.

Apresentam-se, a seguir, alguns dos textos produzidos.

(i) "Certa vez.um amigo pedanteava em sua jactância hominal.

- Eu zelo pelo aurido ornato real.

Então eu disse para ele:

- Cala-te! Não suporto pedanteios. Tu apenas escovilhas o auri, faiscador!

- Pois pare de empeiticar! Dou-lhe cissura. Sou faiscador e, quando encontrar uma pedra garrida e tu vieres, desditos, à minha porta, não atenderei!";

(ii) "Uma garota aboletou-se de adrede em uma mesa onde estava um alfarrábio. Ela estava combalida de grado, porém era abjeta. Embora possuísse grande jactância, a garota era demasiado pulsilânime. Ela vivia tergiversando, até que um dia profaçou";

(iii) "O menino começou um quiproquó no colégio, depois de dizer que a namorada do amigo era uma sirigaita, que só usava roupas chumbregas. O namorado ameaçou chapoletar o garoto, que parecia ter ido a uma carraspana na noite anterior e estava zonzo. A garota tentou acalmar o namorado, dizendo que o encrenqueiro era pacóvio, porém inócuo. Mas não adiantou. Ele teve uma veneta e causou uma fuzarca na sala de aula e a diretora precisou lhe dar um safanão";

(iv) "Já era tarde da noite e a ximbica estava cheia de sirigaitas e tábidos. Um homem ofereceu um orbe de ouro a quem o vencesse nas cartas. As pessoas queriam ver a orbe e se formou um quiproquó. O homem atirou um copo contra a parede, causando um grande sonido. A fuzarca foi se dispersando, mas um magote planejava roubar a orbe e, se fosse preciso, haveria um diorese. O magote foi sustado ao perceberem que o homem havia sumido e levado a orbe junto";

(v) "Era sua vez de recitar um poema. Para ele, o prêmio era dúbio, já que podia ver a jactância dos jurados. Pegou seu alfarrábio e pode perceber a ojeriza dos presentes em relação à simplicidade. Começou a recitar o poema, quando um presente o profez:

- Esse poema cheio de ambages e de evasivas serve apenas para tergivesar! Esse histriônico acha que pode vir acabar com o concurso";

(vi) "Fui a uma festa chumbrega e encontrei uma conhecida. Ela é pulsilânime, mas ela acabou entrando em um quiproquó e saiu machucada, porque foi chapoletada. Essa conhecida entrou na briga pelo fato de ter um pouco de jactância e de ficar tergiversando toda hora. Ela é bastante divertida, só que faz ambages e balela sobre as pessoas. Além disso, faz profaço com as coisas e adora alfarrábios";

(vii) "Era um sujeito muito histriônico, debochado até. Cometia os mais inconvenientes profaços e dizia as maiores evasivas. Não conhecia um só alfarrábio e se dizia aldaz, contudo se abespinhou quando viu a enorme beleza da filha do coronel. Um pitéu! O sogro perguntava-lhe se não era muita jactância pedir a mão da moca. Sentia que o estavam tergiversando, mas o sujeito alegava que era apenas o amor.";

(viii) "João tinha dezenove anos e ainda adorava fazer fuzarcas. Sempre que ia ao bar, provocava uma carraspana e acabava gerando uma confusão. Um dia, bebeu tanto, que ficou

pulsilânime. Começou a ficar histriônico e começou a realizar ambages com o dono da loja, ao invés de pagá-lo. Este que era beltiano aprontou um barraco e deu um safanão em João. Ligaram então para a polícia e ambos foram parar no ergástulo."

Apenas para esclarecimento, foram transcritos quatro textos de cada turma, porque a atividade foi produzida em duplas.

E, com o intuito de dar continuidade ao debate, à troca de ideias a respeito do tema, propôs-se a leitura oral, com os alunos, do poema de Cecília Meireles intitulado "Ai, palavras". Não se fez, neste trabalho, nenhuma análise dos resultados dessa atividade, uma vez que ela não chegou a ser aplicada nas turmas. Ela foi acrescentada posteriormente, depois de a proposta de intervenção ter sido revisada pela autora deste trabalho.

Posteriormente foi que aos alunos que observassem o emprego de duas palavras – abensonhadas/ esminhocar -, para que identificassem os mecanismos por meio dos quais elas foram criadas. No enunciado da questão, já se afirmou que elas eram neologismos. E, com base na resposta da maioria dos estudantes, eles entenderam o processo de formação empregado para formar as palavras e compreenderam o significado delas.

(i) "É possível entender o significado dos neologismos, pois ambos são misturas de duas palavras que explicam o sentido delas";

(ii) "Podemos compreender as palavras, uma vez que se assemelham a palavras já existentes na Língua Portuguesa";

(iii) "Não foi difícil entender o significado das palavras, não só pelo fato da ajuda das imagens, mas também pela própria estrutura dos termos, os quais parecem ter sido 'juntados' uns com os outros";

(iv) "Pela fala das personagens e usando a intuição, o entendimento do significado das palavras do texto foi fácil";

(v) "As palavras foram resultado da união de outras palavras com a mesma entonação, com o mesmo sentido";

(vi) "As palavras não existem na Língua Portuguesa, contudo são derivadas de outras, são transformadas em verbos";

(vii) "As palavras empregadas nos dois textos foram criadas a partir da união de palavras existentes na Língua Portuguesa e possuem estrutura semelhante. Por isso, não houve dificuldade para compreender o sentido delas";

(viii) "Por causa do contexto, das imagens e da estrutura das palavras, elas foram facilmente entendidas";

(ix) "As palavras são variações de outras já existentes na Língua Portuguesa";

(x) "Pode-se identifica, em cada uma das palavras, aquelas que deram origem a ela".

Julga-se importante mencionar que os alunos não tinham estudado os processos de formação de palavras, tais como a derivação e a composição. Mesmo sem essa fundamentação, eles perceberam a criação das duas palavras como resultantes da união de elementos mórficos já existentes em outros itens lexicais da Língua Portuguesa. Além disso, eles recorreram, também, ao contexto, considerando a situação representada nos dois textos e as imagens contidas neles.

Procedeu-se à leitura do texto "Hipotrélico", logo no início o autor esclarece a palavra que compõe o título se trata de um neologismo. Mais adiante, ele explica o possível sentido atribuído a ela e cita outros exemplos desse processo de criação. Ele mesmo vai apresentando teorias, exemplos e defende a ideia de que essa característica da língua é bastante pertinente e que faz parte da natureza da língua. Segundo ele, as pessoas não são obrigadas a conhecer todas as palavras existem e que elas têm o direito de inventar novas, desde que lhes atendam às intenções comunicativas. Aliás, essa é uma das riquezas de um idioma. Portanto, considera- se que o objetivo estabelecido foi cumprido.

Na elaboração do vocabulário do texto, conforme solicitado na atividade, os estudantes listaram algumas palavras que eles consideraram neologismos. Como não se pretendia aprofundar nas questões relacionadas à conceituação desse processo, apenas eles foram orientados para que se baseassem na opinião deles. Posteriormente, foi feita uma verificação da validade das respostas, com consultas ao Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, seguido de uma confirmação do significado dos termos identificados como neologismos em dicionário.

Quadro 11: Vocabulário dos neologismos do texto "Hipotrélico".

neologismo	significado
posturar	fazer pose
nasóculos	óculos para se pôr sobre o nariz
fádico	encantador
postrídio	o dia seguinte
vesperal	conjunto de vespas
preconício	aquilo que acontece antes de um evento
protofonia	voz que sai de um microfone
convescote	aquele que trabalha junto com outro
lucivéu	que se parece com um véu
mamila	criança que mama

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora, com base nas respostas dos alunos.

A próxima atividade, relativa ao “internetês”, também não foi aplicada, visto que, à época, ela ainda não integrava a proposta de intervenção elaborada.

Na Oficina 5, a maioria dos estudantes alegou que, no colégio militar, gosta da disciplina, da organização da escola, dos eventos desportivos, das apresentações artísticas, mas que não gosta do rigor quanto à disciplina, do uniforme, da falta de liberdade em alguns aspectos, tais como o padrão do cabelo. Ou seja, pode parecer um contrassenso, mas se observa que o quesito “disciplina” foi indicado duas vezes.

Quanto à análise do poema, eles identificaram que o autor destaca a uniformidade nas marchas militares – a cadência -, a nobreza das atitudes, a participação na história do Brasil, o orgulho por pertencer a essa categoria (a dos soldados). Como elementos lexicais que remetem ao contexto de uma instituição educacional dessa natureza, eles citaram as seguintes palavras e/expressões: cadência, bandeira, lutar, pátria, comando.

No que se refere ao conjunto dos termos militares, ele constituiu o vocabulário constante no livreto, o qual se encontra como adendo deste trabalho. Vale destacar que o trabalho de pesquisa para a compilação desses termos constituiu momento bastante enriquecedor, porque representou uma oportunidade de investigação dos elementos lexicais usados nesse contexto no próprio ambiente de estudo e em casa. Os alunos se dedicaram com afinco à tarefa de investigação dos termos utilizados diariamente no contexto escolar. Essa atividade consistia em compilar os itens lexicais empregados para denominar as vestimentas e as partes delas, para designar ações e comportamentos, para denominar itens, objetos e alimentos que são típicos desse ambiente. Por se tratar de, em verdade, um resgate de informações – muitas delas – já conhecidas pelos estudantes, essa atividade foi realizada no tempo previsto. Acrescenta-se que alguns termos, utilizados em sua maioria pelos militares, foram apresentados pela professora-pesquisadora, que também organizou uma lista de nomes
– substantivos, adjetivos, interjeições – usados com frequência pelos integrantes das forças armadas. Dessa maneira, obteve-se um rol bem expressivo de termos.

Ao final da aplicação das cinco oficinas, solicitou-se a cada aluno que respondesse a um questionário constituído por seis questões abertas, simples e bem diretas, de maneira que esse estudante pudesse demonstrar se houve assimilação de certos aspetos relacionados à variação linguística, como, por exemplo, o conceito de “erro”, e também que ele tecesse os comentários e as críticas relativas à estruturação das oficinas, aos instrumentos utilizados para se trabalhar o tema. De posse desse material, a professora- pesquisadora pôde conhecer a opinião dos alunos-colaboradores, o que constitui importante instrumento para se estabelecer

um parâmetro quanto ao propósito inicial desta pesquisa. Foi possível notar que, dentre os setenta envolvidos no processo, todos responderam às questões; no entanto, alguns se restringiram a reproduzir parcialmente o conteúdo da pergunta, não criando oportunidade efetiva para que as hipóteses de pesquisa pudessem ser respondidas. Porém, a maioria apresentou sentenças bem formuladas, expondo seu ponto de vista, permitindo que se pudessem apresentar as opiniões do grupo. Isso constituiu um aspecto importante para a análise dos resultados. Destaca-se que os alunos não foram obrigados a responder ao questionário e que essa tarefa não foi impositiva; ao contrário, a professora-pesquisadora, em conversa com as duas turmas, explicou a necessidade e a relevância dessas respostas para este trabalho. Assim se conseguiu uma participação expressiva dos estudantes nesta parte da oficina e nas posteriores.

As seis questões se encontram reproduzidas no quadro a seguir.

Quadro 12: Questionário aplicado após a realização das cinco oficinas.

1) O que significa "variação linguística"?
2) Pode-se dizer que uma pessoa fala "certo" ou que "fala errado"? Justifique a resposta.
3) O que se entende por "norma padrão" e por "norma culta"? Existe diferença entre elas?
4) Com a realização das oficinas, você considera que houve oportunidade real de ampliação do seu vocabulário? Justifique a resposta.
5) Na sua opinião, as atividades propostas nas oficinas estavam apropriadas para a faixa etária da turma, considerando o grau de complexidade, a linguagem utilizada, o objetivo pretendido?
6) Escreva uma crítica (positiva e/ou negativa) a respeito das atividades realizadas durante a aplicação das oficinas pedagógicas.

Fonte: Elaboração própria.

Das respostas elaboradas para as seis questões, foram aqui transcritas seis de cada uma delas, sendo que três eram de estudantes do gênero feminino e três, do masculino. O número diminuto de respostas registradas nesta pesquisa se deve ao fato de o conteúdo das respostas serem bastante similares.

Para a questão 1, os alunos disseram que

(i) "Variação linguística é tudo que se refere às maneiras diferentes como as pessoas falam, tais como as gírias, os sotaques e as palavras variadas são estilo de variação";

(ii) "É a maneira de falar das pessoas, que só varia de acordo com sua região";

(iii) "Variação linguística é a diversidade que na forma de como falar com gírias, sotaques e etc, dependendo de fatores históricos, geográficos, socioculturais. A variação linguística é a maneira diferenciada de uma comunidade falar";

(iv) "É a maneira de falar das pessoas, que se varia de acordo com a região";

(v) "Variação linguística é como são chamadas as diferentes formas de se falar uma língua, sendo dividida em quatro tipos: sociocultural, que está relacionada com o nível de escolaridade, sexo, idade, entre outras condições do falante; geográfica, relacionada aonde o falante vive; situacional ou histórica";

(vi) "A variação linguística é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida por intermédio das variações históricas e regionais. Em um mesmo país, com um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações por seu falante";

(vii) "Variação linguística é o movimento comum e natural de uma língua, que varia principalmente por fatores históricos e culturais. É o modo pelo qual ela se usa sistemática e correntemente, de acordo com o contexto histórico, geográfico e sociocultural no qual os falantes dessa língua se manifestam verbalmente";

(viii) "A variação linguística é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida pelas variações históricas e regionais. Uma mesma língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes";

(ix) "A variação linguística pode ser percebida quando pessoas de um mesmo país utilizam termos diferentes para dar nome à mesma coisa ou quando usam gírias diferentes";

(x) "Existe variação linguística no jeito como as pessoas falam umas com as outras, em várias situações do dia a dia. Uma pessoa da região Norte emprega termos diferentes de um morador da região Sul".

Quanto à questão 2), foi dito que

(i) "Não se pode dizer que existe uma pessoa que fala certo ou errado, pois não existe português certo. Existe as normas padrões e cultas, mas isso não discrimina uma pessoa e seu modo de falar.";

(ii) "Não há certo e errado na maneira de falar. Somente podemos considerar a língua errada gramaticalmente";

(iii) "A fala de certas pessoas, como as que vivem na roça, não pode ser considerada errada, pois foi assim que eles aprenderam";

(iv) "Com a variação linguística, não é possível afirmar que uma pessoa fala certo ou errado, já que, dependendo das condições como ocorre a conversa, o falante falará de formas diferentes, porém corretas";

(v) "Pode-se dizer que é relativo, que cada época tem sua influência. Antigamente falavam um português muito rico, comparado ao de Portugal. Ou seja, cada estado possui um jeito de falar, que muitas vezes pode ser errados para nós mas certo para eles";

(vi) "Em minha opinião, de maneira geral, não podemos dizer que uma pessoa fala 'certo' ou 'errado'. Existem pessoas que puderam ter melhor acesso à educação e ao conhecimento, no entanto, não são todos que podem ter, logo devemos respeitar suas condições";

(vii) "É possível dizer que não há nem certo nem errado, pois é importante entender que o conceito de certo e de errado deve ser substituído pelo de adequado e inadequado, pois devemos na hora de escolher a variante é preciso perguntar se ela está adequada ao interlocutor, à situação de comunicação";

(viii) "Com a variação linguística, não é possível afirmar que uma pessoa fala certo ou errado, já que, dependendo das condições como ocorre a conversa, o falante empregará formas diferentes, porém corretas";

(ix) "A fala de uma pessoa não pode ser considerada certa ou errada, pois há uma grande variação linguística presente no Brasil";

(x) "Não há um jeito correto de falar, porque dependendo de onde uma pessoa cresceu, o modo de falar lá é o certo para ela".

A respeito da questão 3), afirmaram que

(i) "A norma padrão é a correta gramaticalmente; por outro lado, a culta se refere àquela utilizada por pessoas cultas";

(ii)) "A norma culta é o modo de falar ou de escrever corretamente sem erros";

(iii) "Norma padrão entende-se por ser a linguagem que todos devem entender. Já a norma culta é a linguagem pertencente ao um lugar de prestígio";

(iv) "A norma padrão é um tipo de linguagem a qual todos os falantes da língua portuguesa entendem. A norma culta é um conjunto de padrões linguísticos rigorosos que diferem o uso correto de uma língua";

(v) "A norma padrão é a variedade linguística da classe social formada pelos falantes que, por terem elevado nível de escolaridade e maior influência política, tinham maior prestígio social. A norma culta é classificada como formal e informal. Sendo assim, a norma padrão é gramaticalmente correta e a culta se refere à cultura das pessoas";

(v) "Norma padrão é falar sem erros gramaticais (ou escrever). Por outro lado, o culto se refere àquela utilizada por pessoas cultas";

(vi) "A norma padrão está vinculada a uma língua modelo, é marcada pela língua produzida em certo momento da história. A norma culta é a que resulta da prática da língua em um meio social";

(vii) "A norma padrão da língua portuguesa é aquela que todos os falantes entendem. É a regra considerada como padrão para todas as demais normas. A norma culta é o conjunto de práticas linguísticas pertencentes ao lugar ou à classe social de maior prestígios num determinado país";

(viii) "A norma padrão é aquela que estabelece uma maneira de se usar a Língua Portuguesa, só que de forma idealizada. Somente é empregada em situações de muita formalidade. Já a norma culta é usada pela maioria das pessoas que frequentaram a escola";

(ix) ""A língua padrão é a considerada gramaticalmente correta e a culta é utilizada popularmente por pessoas da cidade";

9x) "A norma padrão é aquela que seria considerada ideal de ser utilizada por todos os falantes, mas isso não acontece, porque nem todos são iguais. Já a norma culta é um modelo menos formal, utilizado pelas pessoas que frequentaram a escola e aprenderam algumas regras gramaticais".

Já para a questão 4), os alunos declararam que

(i) "Tive a oportunidade de ampliar meu vocabulário por meio das leituras e projetos";

(ii) "Na maioria das vezes, eu ampliei meu vocabulário, pois aprendi novas palavras, novos termos";

(iii) "Pude conhecer e aprender novas palavras por meio dos textos lidos em sala e pelas palavras apresentadas pelos meus colegas";

(iv) "Com a realização das oficinas, eu descobri palavras novas e muitas palavras que eu nem sabia que existia agora sei que posso utilizalas sabendo seus significados";

(v) "Com a realização das oficinas, pude ampliar o meu vocabulário, visando também o aperfeiçoamento linguístico";

(vi) "O meu vocabulário ampliou por causa das oficinas. Eu aprendi novas palavras, como jactância, histriônico, entre outras palavras que eu posso trocar em meu vocabulário e também com as atividades feitas em sala";

(vii) "Meu vocabulário está bem mais extenso depois das aulas dadas pela professora";

(viii) "Eu ampliei meu vocabulário com o fato de que eu ainda não tinha conhecimento de muitas palavras de acordo com o local e a época como foi usada a palavra";

(ix) "Todos os alunos tiveram oportunidade de ampliar seu vocabulário ativo, visto que nós compartilhamos muitos dos locais onde já vivemos";

(x) "Meu vocabulário mudou bastante, pois, com as idas ao laboratório de informática e com as aulas dinâmicas meu aprendizado foi ficando melhor".

A respeito da questão 5), pôde-se depreender que

(i) "As oficinas estavam de acordo com a faixa etária e tiveram grandes oportunidades de aprendizado para nossa idade";

(ii) "As atividades foram fáceis de entender e de serem realizadas. Mesmo havendo palavras desconhecidas em alguns textos, ficou claro o enunciado e o que o professor queria que fizéssemos";

(iii) "As aulas estão sendo muito boas, pois com a boa dinâmica e a mudança de ambiente da sala, inclusive com as idas ao laboratório de informática para a realização de pesquisas, nos ajudou bastante no aprendizado";

(iv) "Houve alguns momentos em que os textos pareciam longos e que seriam chatos de ler; mas, com o vídeo de um deles, com a leitura feita pela professora, interpretando a história, fez com que a gente se envolvesse mais nas atividades";

(v) "Algumas questões estavam difíceis, pois nem sempre eu conhecia o significado de muitas palavras de alguns textos. Por isso, precisei pesquisar bastante, perguntar para outras pessoas e até procurar o significado das palavras no dicionário";

(vi) "Na minha opinião, as oficinas foram muito boas, porque, na maioria das vezes, as aulas são desgastantes, já essas que estamos tendo não";

(vii) "Apesar de eu entender o que era para fazer em cada questão, havia palavras muito difíceis, antigas, que não são da minha época. Isso foi complicado, porque precisei usar o dicionário muitas vezes";

(ix) "Em algumas atividades senti dificuldade porque havia palavras que eu não conhecia, nem sabia que existia. Teve um texto que nem parecia estar escrito em português, que era outra língua.";

(x) "A professora mostrou vários tipos de textos de vários autores de lugares diferentes. Acho que ela queria que nós aprendêssemos muitas palavras da língua portuguesa. Isso foi muito bom, porque tivemos uma ideia da diversidade da cultura e da língua brasileira".

Para a última questão, obtiveram-se as seguintes respostas:

(i) "As atividades foram interativas e dinâmicas, nos prendendo melhor ao conteúdo da matéria";

(ii) "Eu achei as oficinas muito dinâmicas e divertidas, porque elas ampliam o nosso conhecimento e são mais fáceis de entender";

(iii) "Algumas atividades tinham palavras desconhecidas, que mesmo procurando na internet não hajamos o significado das palavras";

(iv) "A minha crítica sem dúvida seria positiva, porque eu amo essas aulas dinâmicas, faz com que eu me interesse pela matéria e faz com que minhas notas melhorem";

(v) "As atividades realizadas são muito boas, pois são atividades diferentes a cada dia tanto feitas na sala de aula quanto nas do laboratório e quanto mais exercícios mais o costume de ler e produzir";

(vi) "As aulas das oficinas de variação linguística foram muito boas, pois tive uma maior interação com meus colegas e com o professor. Falamos onde cada um nasceu e as gírias faladas nessas regiões";

(vii) "De vez em quando, era confuso entender o exercício proposto, pois se não tivéssemos feito o primeiro exercício não seria possível fazer o próximo";

(viii) "As atividades foram dinâmicas e divertidas, fazendo com que os alunos se interessassem pelo assunto e aprendessem mais sobre variação linguística, conhecendo novas palavras de outras regiões do Brasil";

(ix) "Com as discussões realizadas durante as oficinas, entendi que cada pessoa precisa saber se comunicar de acordo com o lugar onde está, de acordo com as pessoas com quem conversa. Ninguém fala melhor do que o outro, porque cada um teve uma experiência de vida diferente. É isso que importa";

(x) "Eu gostei das oficinas, porque elas foram um desafio para mim. Alguns colegas ficaram desanimados, com preguiça de procurar o significado de palavras desconhecidas. A professora sempre nos ajudava e nos incentivava a aprender mais coisas novas".

Uma vez que já havia sido feito o esclarecimento a respeito da base teórica a respeito da variação linguística, da norma linguística, das modificações no léxico, os alunos deveriam produzir um pequeno texto, com base em uma tira, acerca desse tema. Abaixo estão alguns deles.

(i) "Os anos se passam e os falantes de uma língua muda seus hábitos, costumes e seu modo de viver. Assim, a língua acompanha essa evolução e muda junto";

(ii) "O léxico é um dos mais importantes aspectos da Língua Portuguesa quem vem mudando junto com o decorrer do tempo. Esse próprio fator, junto com as influências vocabulares de diferentes regiões do mundo e de diferentes povos que podem até ser nossos ancestrais, além da globalização influenciou nosso vocabulário para que esse se tronasse o que é hoje e o que amanhã poderá ser";

(iii) "A construção do léxico de uma língua vem com a formação social. Cada vez que a sociedade se transforma, cada vez simplifica ainda mais a maneira de se falar;"

(iv) "A constituição do léxico de uma língua está em constante alteração, pois, a cada dia que passa, palavras morrem e nascem. Vários fatores influenciam e interferem na formação do léxico, como o fator geográfico, cultural, geográfico, social, temporal:

(v) "As palavras que fazem parte do léxico estão sujeitas a constantes alterações, em função do desenvolvimento da língua falada e escrita. Um neologismo ou uma palavra antiga com acepções novas são, com frequência, acrescidos ao conteúdo:

(vi) "O vocabulário vai mudando de acordo com que as pessoas usam e vão surgindo novas palavras a cada dia que passa e as novas tecnologias que surgem vão mudando o estilo de fala";

(v) "Pode-se dizer que, quando o tempo passa, o léxico e tudo o engloba as transforma em resultado negativo, a frase fica muito menos rica. Às vezes acaba até falando sem sentido a frase:

(vi) "Cada época, lugar, classe social, idade, ambiente de trabalho, escola, possui sua peculiaridade. Os linguajares utilizados variam de forma que existam ambientes adequados para cada um. As mudanças e as influências ocorridas na sociedade é proveniente das diferentes agrupações humanas no vocabulário das pessoas;

(vii) "As palavras que fazem parte do léxico estão sujeitas a constantes alterações em função do desenvolvimento da língua tanto falada quanto escrita. Um neologismo ou palavras antigas com acepções novas são, com frequência, acrescidas ao seu conteúdo";

(viii) "A língua é uma estrutura maleável que apresenta variações e está sempre em constante mudança e essas mudanças podem ocorrer no léxico, na sintaxe e na semântica. As variações duram um longo período dentro da comunidade linguística, até que se estabilize. Muitas línguas europeias vêm das ínguas antigas. A língua portuguesa originou-se a partir do latim. As línguas derivadas do latim são chamadas neolatinas ou românicas. As constantes mudanças e o tempo de estabilização interfere na constituição do léxico e a colonização influenciam na constituição do vocabulário";

(ix) "A constituição do léxico de uma língua pode ser caracterizada pela substituição constante de palavras e de expressões. Essa formação do vocabulário de uma língua tem relação com as situações históricas, com as mudanças na forma de viver, na convivência com outros indivíduos e no diálogo. Além disso, outro fator que influencia no vocabulário de uma língua é a modernização, o surgimento das redes sociais e novos instrumentos de integração

das pessoas. Uma escolha lexical mais prática e simples é aquela que faz parte do cotidiano dos falantes da língua portuguesa";

(x) "As palavras que fazem parte do léxico estão sujeitas a constantes alterações em função do desenvolvimento da língua falada e escrita. Um neologismo ou palavras antigas com acepções novas são, com frequência, modificadas quanto ao seu sentido."

Houve entendimento da turma quanto aos fatores que interferem na constituição do léxico de uma língua, bem como no vocabulário de uma pessoa. Os estudantes assimilaram bem a ideia de que a língua se ajusta às situações de usos, que as palavras empregadas pelo falante dependem de vários fatores, tais como a convivência com outras pessoas, a finalidade com que se desenvolve a conversação, o ambiente em que se passam os eventos. Perceber isso foi um ponto muito positivo para esta pesquisadora, uma vez que o trabalho desenvolvido durante as oficinas rendeu bons frutos.

Pretendia-se, nesse momento, promover discussões orais a respeito do assunto que vem sendo discutido desde a aplicação da primeira oficina. Nessa parte final, pela fala dos estudantes, já se podia notar uma mudança de postura quanto a esse tema. Pelo menos, ficou evidente, pelo discurso da maioria, que a variação linguística é fator constitutivo da língua, que ela sempre existiu e que sempre existirá e que, o mais importante de toda essa questão, é as pessoas se adaptarem às situações de usos e se saírem bem em todos os eventos comunicativos dos quais participa diariamente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal característica da sociedade brasileira nos últimos anos tem sido a grande mobilidade da população do campo para a cidade. Esse fenômeno se justifica pelo intenso processo de urbanização e pela expansão da fronteira agrícola. Dessa forma, pessoas de diversas regiões geográficas diferentes passam a conviver com usuários de falares diferentes. Somado a esses fatores, ainda se pode mencionar a miscigenação de etnias sob a qual se formou o povo brasileiro. São muitas línguas em constante contato, o que, certamente, interfere na maneira como as pessoas usam a Língua Portuguesa para se comunicar com seus pares nos diversos contextos nos quais se interagem cotidianamente.

Na escola, a principal mudança pode ser definida com a divulgação dos PCN, documento que traz orientações a respeito da nova visão de língua em uso na sociedade. Foram introduzidos conceitos fundamentados nos estudos desenvolvidos por pesquisadores da área da Sociolinguística, de maneira que se considerassem fatores que influenciam as escolhas dos falantes para se adequarem à situação interativa em que se encontram. Desse modo, vão caindo por terra conceitos antes tão amplamente divulgados e praticados no ambiente escolar, tais como a noção de “certo” e de “errado”. O impacto da aplicação de uma pedagogia focada no conhecimento prévio do estudante foi positiva; no entanto, gerou muitos incômodos nos profissionais ainda apegados a tradições da gramática normativa.

A língua deve ser entendida sob o ponto de vista social, cultural, o que explica modificações no uso que dela se faz, dado o caráter da heterogeneidade que a define. Por isso, retomando os PCN, foi bastante significativa a inserção das variações linguísticas como objeto de estudo nas aulas de Língua Portuguesa. Não se pode mais negar a existência delas ou querer neutralizá-las, apregoando ainda para os alunos a necessidade de se usar uma norma-padrão, tida como o modelo a ser seguido por todos. É impossível querer que todos os brasileiros empreguem a língua da mesma maneira e em qualquer situação, porque, na realidade, isso não acontece. A língua apresenta variação sim, o que é perfeitamente normal e aceitável. Isso não implica que os estudantes não tenham direito a conhecer a norma culta e até mesmo a padrão, mas o principal é que esse estudante tenha a consciência de que ele precisa se ajustar a cada um dos eventos sociais dos quais participa, para que consiga transitar bem e de forma eficiente nesses ambientes.

É preciso que a variação linguística não seja entendida como fruto de mudanças casuais, aleatórias; ao contrário, ela é estruturada, o que se comprova pela frequência dos usos de uma ou de outra estrutura gramatical, de determinados itens lexicais.

O objetivo que motivou a realização desta pesquisa era o de contribuir com o professor de Língua Portuguesa, por meio de uma proposta de intervenção, para que ele tenha uma sugestão e um norte para trabalhar as atividades elaboradas em forma de oficinas pedagógicas, como uma ferramenta a mais para promover a ampliação do léxico, pra reconhecer os processos de variação lexical e para identificar as possibilidades de usos do léxico. Para que se pudesse cumprir o propósito inicialmente estabelecido, foi criado o Caderno de Atividades para o Estudo das Variações Linguísticas – Copeval -, no qual constam as orientações e direcionamentos para o docente trabalhar em sala de aula os exercícios programados para cada finalidade específica.

Esse objetivo tem fundamentação, uma vez que há poucos materiais didáticos voltados para a abordagem da variação linguística como uma forma de valorização de diversos usos da língua, os quais nem sempre são devidamente reconhecidos no meio escolar. Dessa forma, com a organização de atividades direcionadas para esse estudo, pretende-se subsidiar e auxiliar o colega de profissão que deseje ampliar os estudos da língua com os seus, não se restringindo a repetição de conceitos preconizados e arraigados na gramática normativa.

As atividades, antes de serem apresentadas para docentes que possam aplicá-las, foram testadas pela autora deste trabalho, a qual também atua como regente de classe. Por essa razão, elas foram realizadas com alunos do nono ano de uma instituição militar de ensino, escola pública. E, tendo em vista esse fato, tornou-se possível identificar e corrigir eventuais falhas, reformular estratégias, a fim de que se obtivesse êxito quanto ao desejo de se promoverem, em sala de aula, discussões a respeito da aceitação de outras formas de usos da língua que não sejam somente aquelas tidas como modelo de correção. E, como se pôde constatar, por meio das opiniões dos alunos-colaboradores - as quais se encontram registradas no capítulo de análise dos resultados - houve produtividade na consecução dessas oficinas e, consequentemente, das metas traçadas – no que tange a despertar a conscientização acerca da validação de diferentes formas de expressão e a desenvolver atitudes contra preconceitos de naturezas distintas, principalmente o linguístico. Portanto, considera-se que o objetivo geral proposto foi conquistado, uma vez que o produto final encontra-se à disposição dos professores de Língua Portuguesa que desejam trabalhar com mais ênfase a questão da variação linguística.

Com a exploração dessa temática, por meio das oficinas pedagógicas e, posteriormente, dos resultados conquistados com a realização das atividades, fica claro que, efetivamente, a escola assume cada vez mais papel importante e fundamental na formação do estudante, de modo a levá-lo a atuar adequadamente nos contextos de interação social dos

quais participa no seu dia a dia. E também fica evidente que o professor deve ser o elo condutor desse processo, de maneira a promover situações de reflexão a respeito dos diferentes falares encontrados em determinados ambientes, mas que essas variações constituem elemento primordial para o enriquecimento do vocabulário ativo dos discentes. Ademais, mostrar para esses meninos e essas meninas que o "erro" é, na verdade, uma institucionalização arbitrária. Desse modo, eles entenderão que o importante é entender o outro e se fazer entender. Por isso, não importam os itens lexicais utilizados por eles, desde que eles sejam apropriados à intencionalidade comunicativa.

Como esta pesquisa se desenvolveu em uma instituição militar de ensino, a qual se caracteriza por apresentar peculiaridades quanto à implantação de regras, por vezes, tidas como tradicionais, principalmente no aspecto disciplinar, entende-se que isso constituiu um desafio a mais. Essa afirmação se fundamenta no fato de que, trabalhar a temática da variação linguística, em uma escola onde os padrões de comportamentos nem sempre se coadunam com os do ambiente exterior. Dessa maneira, não raras vezes existe um choque de realidades. E, já que, na referida instituição, nas aulas e nas avaliações de Língua Portuguesa ainda se tem, como meta, a utilização da norma culta, a disseminação das ideias de valorização das muitas maneiras de que o falante dispõe para se comunicar não é uma missão fácil. Muitas vezes, houve confronto de opiniões, mesmo entre os integrantes da equipe do mencionado componente curricular. Em contrapartida, torna-se importante reconhecer que essa divergência traz bastantes contribuições positivas para a discussão e a consolidação da realidade da variação linguística existente em nosso país.

Ainda em referência ao lócus desta pesquisa, identifica-se outra particularidade, qual seja a de que, em uma mesma turma, há alunos oriundos de muitas regiões brasileiras e até mesmo de outros países. Isso faz com que se percebam falares e saberes diferentes, o que não pode ser desconsiderado e despercebido pelo professor. Ao contrário, compete a ele aproveitar essa característica e aproveitá-la em favor dos próprios estudantes, que poderão ter contato com outros modos de expressão. Assim, haveria vasta troca de experiências e muitas possibilidades de conhecimento de outros usos linguísticos.

Em relação às hipóteses de pesquisa, estabelecidas logo que a autora se propôs a realizá-la, quais sejam a de verificar se as diferenças linguísticas dos estudantes não são consideradas quando da reconstrução e da ampliação do vocabulário ativo do aluno; se os alunos não têm consciência da riqueza vocabular presente na sala de aula e, ainda, se se nota preconceito quanto a certos usos da língua, apresentam-se as conclusões a que esta professora chegou. A primeira suposição, de fato, se concretizou. Em duas turmas do nono ano, havia

estudantes oriundos de 24 estados brasileiros (incluindo o Distrito Federal) e não se encontrou nenhum registro de que essa multiplicidade de falares era utilizada para levar os alunos a conhecerem e - posteriormente – utilizarem itens lexicais recorrentes em certas regiões. Quanto à segunda questão, também não se identificou nenhuma ação efetiva para se utilizar a pluralidade social, cultural, geográfica como elemento primordial para a valorização dos usos da língua, encontrados em tantos lugares do território nacional. No que diz respeito à terceira proposição, não se constatou a prática de ações voltadas para a discriminação de falares diferentes em uma mesma turma. Talvez essa constatação se fundamente no fato de que, como se trata de uma realidade dessa instituição abrigar estudantes originários de diversas regiões do país, o que, de certa forma, leva à conclusão de que esses alunos estão habituados a conviver com colegas provindos de tantos lugares diferentes.

Com base nessas constatações, retorna-se ao objetivo global dessa pesquisa – a elaboração de material didático para o professor de Língua Portuguesa – e se chega à conclusão de que a meta foi cumprida. Mesmo que as atividades propostas para o estudo da variação linguística semântico-lexical não abarquem todos os âmbitos desse tema, houve muitas oportunidades de os estudantes conhecerem o acervo vocabular do colega, de lerem textos produzidos por autores de diferentes locais do Brasil, de discutirem ideias, de pensarem as razões da diversidade linguística de um país tão grande e tão rico culturalmente. Reconhece-se que, somente com a realização deste trabalho de pesquisa, não é suficiente para solucionar o problema da falta de material pedagógico a respeito desse assunto e nem que essas atividades da proposta de intervenção serão suficientes para auxiliar esse docente a tratar dessa questão. Aliás, é um assunto inesgotável, porque o tempo não para e as mudanças sempre irão acontecer, o que repercute diretamente na língua.

Uma vez que as hipóteses foram testadas e confirmadas após a aplicação da proposta de intervenção, sabe-se que se tem um caminho já traçado para dar continuidade ao estudo das variações linguísticas. No entanto, ainda há muito a ser investigado e analisado, no sentido de transformar as aulas de Língua Portuguesa em momentos prazerosos de descobertas acerca das possibilidades de usos dos itens lexicais de que o falante dispõe. E, além disso, de mostrar ao estudante uma noção de erro devidamente desconstruída, levando-o a compreender que o essencial não é como se diz, mas o quê, quando e onde, apropriadamente.

Acredita-se que, com o desenvolvimento desse trabalho, foi possível apresentar para os docentes algumas sugestões de abordagem da temática da variação linguística em sala de aula, bem como criar condições para os alunos reconhecerem outras formas de usos, para ampliarem seu vocabulário ativo, para respeitarem maneiras diferentes de se expressar, para

valorizarem o falar do outro. Os resultados obtidos e apresentados por meio de gráficos e de análise crítica mostraram a eficácia das atividades planejadas, mas que há necessidade de se fazer um ajuste quanto ao tempo destinado à aplicação das oficinas. Deve-se, dessa forma, destinar mais tempo para a realização dessas atividades, para que se obtenha sucesso na realização dos objetivos estabelecidos.

Almeja-se que tanto o Caderno de atividades – versão para o professor e versão para o aluno – seja publicado, a fim de que a proposta de intervenção, na sua íntegra, esteja acessível aos docentes que desejam utilizá-las em suas aulas.

REFERÊNCIAS

ABBADE, C. **A lexicologia e a teoria dos campos lexicais.** Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. 2011, p. 1332

ANTUNES, I. **Território das palavras:** estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

AULETE, C. Novíssimo **Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa.** Organizador: Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

AZAMBUJA, J. Q.; SOUZA, M. L. R. O estudo do texto como técnica de ensino. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **Técnicas de ensino: por que não?** 21. ed. Campinas: Papirus, 2016.

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa.** São Paulo: Publifolha, 2009.

BAGNO, M. **A linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, métodos, campo de atuação e de cooperação. In: **SEMINÁRIO DO GEL**, 39. 1991, Franca. Anais... Franca: UNIFRAN, 1991, p. 182-189.

_____. Relações de significação nas unidades lexicais. In: CARVALHO, N. M.; SILVA, M. E. B. **Anais do 1º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL**. Recife, 1998. p. 19-40.

_____. **Dicionário, vocabulário, glossário**: concepções. In: ALVES, I. M. (Org.) A constituição da normalização terminológica no Brasil.2 ed. São Paulo.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BASÍLIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Teoria lexical**. Série princípios, 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Estruturas lexicais do português**: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.

BIDERMAN, M.T.C. Conceito linguístico de palavra. In BASILIO, Margarida. (Org.). **A delimitação de unidades lexicais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. v. 1.

_____. **Conceito linguístico de palavra**. Palavra, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 81-97, 1999.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 11-20.

BORTONI-RICARDO, S.M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Nós cheguemu na escola, e agora**? São Paulo: Parábola, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Com direito à palavra**: dicionários em sala de aula. Elaboração: Egon Rangel. Brasília: MEC/SEB, 2012.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1978.

CANDAU, V. M.. **Educação em Direitos Humanos**: uma proposta de trabalho. **CANDAU, VM, ZENAIDE, MNT**, Rio de Janeiro, 1999.

CARDOSO, S. A.. **Geolinguística**: **tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CORCIONE, D. A questão da Formação de Assessores, dirigentes e Lideranças Intermediárias Para o Movimento Popular e Sindical. Debate, **CESE**, Porto Alegre, n. 3, ano IV, maio 1994. (Coletânea de textos)

CORTES, S. M. V. **Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, PPGS-IFCH/UFRGS, v. 9, p. 11-47, 1998.

COSERIU, E. **Lições de linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1980.

CYRANKA, L. M. **Dos dialetos populares às variedades cultas**: a sociolinguística na escola. Juiz de Fora: UFJF, 2014.

DRUMMOND, C. **As palavras que ninguém diz.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

DUBOIS, J. **Dicionário de linguística.** São Paulo: Cultrix, 1973.

FALKEMBACH, E. M. F. **Diário de campo**: um instrumento de reflexão. Contexto e educação, Ijuí, v. 2, n. 7, p. 19-24, jul.-set. 1987.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em Educação Matemática**: percursos teóricos e metodológicos. Campinas: Autores Associados, 2006, 226p.

FLEURI, R. M. **Texto apresentado no III Seminário de Pesquisa em Educação Região Sul de Coordenadores de Pós-graduação**. Porto Alegre: UFSC, 2000.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P.; SOHR, I. **Medo e ousadia**. O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FROMM, G. Obras lexicográficas e terminológicas: definições. In: **Revista Factus**, nº 2, 2004.

FROMM, G. Termo Língua. Subárea Linguística. In: **Votec** – Vocabulário Técnico Online. 2012. Disponível em: <http://pos.voteconline.com.br/> Acesso em: 30 jun. 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

ILARI, R. **A linguística e o ensino da Língua Portuguesa.** São Paulo: Martins Fontes, 1985.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente:** a língua que estudamos; a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LABOV, W. **Padrões sociolinguisticos**. Trad. Marcos Bagno, MaryScherre. São Paulo: Parábola Editorial, (1972) 2008.

LAGARES, X.; BAGNO, M. **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LEWGOY, A. M. B.; ARRUDA, M. P. Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: a experiência do diário digital. **Revista Textos e Contextos: coletâneas em Serviço Social, Porto Alegre: EDIPUCRS**, n. 2, p. 115-130, 2004.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança sociolinguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, M. A.; VIEIRA, S.R.; TAVARES, M. A. **Ensino do Português e Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.

MCDAVID JR, R.I. **Dialetos Padrão e Subpadrão Britânico e Norte-americano**. In: William Bright, Socioliguistics, Nova York-Paris, Mouton-The Hague, 1972, p. 73.

MEIRA, L. L; PINHEIRO, M.A. **Produção de sentidos no uso que se faz de gráficos**. Estudos de Psicologia, 2007. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n2/a01v12n2.pdf>. Acesso em: 3 maio 2017.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. Editora Contexto, 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NETO, S. L. **Contos gauchescos**. Porto Alegre: LP&M, 1984.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PERINI, M. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

POTTIER, B. A substância do significado. In: **Linguística geral:** teoria e descrição. trad. adap. Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença; Universidade Santa Úrsula, 1978. p. 61– 96.

PRETI, D. **Sociolinguística**: os níveis da fala. São Paulo: Edusp, 2003.

REY-DEBOVE, J. **Léxico e dicionário**. Tradução de Clóvis Barleta de Morais. Alfa, São Paulo, v. 28, p. 45-69, 1984. Suplemento.

SANTOS, I. P.; CRISTIANINI, A. C. (Orgs.). **Sociogeolinguística em questão**: reflexões e análises. São Paulo: Paulistana, 2012.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

THIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1992.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VEIGA, I. P. A. **Técnicas de ensino**: novos tempos, novas configurações. Campinas: Papirus, 2006.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006.

VIEIRA, S. **Como Elaborar Questionários**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

WELKER, H. A. **Dicionários:** uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2003.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário sociolinguístico.

Aluno-colaborador nº_____(a ser preenchido pela professora).

Turma:_____(a ser preenchido pela professora).

1) Idade (até o dia da aplicação deste questionário):_____.

2) Gênero: ( ) masculino ( ) feminino.

3) Naturalidade (estado):_____.

4) Idade com que veio morar em Brasília (caso não seja natural da localidade):_____.

5) A – Domicílios, épocas e permanência fora de Brasília: _____

B – Motivo (s) do afastamento: _____

6) Naturalidade (estado)

A – do pai:_____.

B – da mãe:_____.

ANEXO B – Questionário a respeito das aulas de Língua Portuguesa.

Questionário

Aluno-colaborador nº_____(a ser preenchido pela professora).

Turma:_____(a ser preenchido pela professora).

Prezado (a) aluno (a),

A sua colaboração e a sua participação é muito importante para a realização desta pesquisa. Para isso, responda às questões abaixo, assinalando a(s) resposta(s) que julgar apropriada(s). Quando for solicitado, explicite sua opinião a respeito de aspectos relacionados ao estudo da Língua Portuguesa em sala de aula.

1) Gosta mais de

( ) produção de texto.

( ) interpretação de texto.

( ) gramática.

2) Você considera mais difícil

( ) produção de texto.

( ) interpretação de texto.

( ) gramática.

3) Lê obras literárias

( ) sempre.

( ) nunca.

( ) às vezes.

( ) somente as indicadas pela escola.

4) Relê o que escreve

( ) sempre.

( ) nunca.

( ) às vezes.

5) Gosta de estudar Língua Portuguesa

( ) sim.

( ) não.

Justificativa:_____.

6) Considera o estudo da Língua Portuguesa

( ) fácil.

( ) difícil.

( ) mais ou menos.

Justificativa:_____.

7) Comete muitos "erros" nas produções escritas

( ) sim.

( ) não.

( ) mais ou menos.

Justificativa:_____.

8) A língua empregada em sala de aula e cobrada pelo professor nas avaliações escritas é

( ) formal.

( ) informal.

( ) padrão.

( ) não padrão.

( ) culta.

( ) coloquial.

( ) Outra (especificar):_____.

Justificativa:_____.

9) Os conteúdos ministrados nas aulas de Língua Portuguesa são utilizadas, de forma prática, no seu dia a dia

( ) sim.

( ) não.

Justificativa:_____.

10) Qual deve ser a maneira mais eficiente de se estudar a Língua Portuguesa na sala de aula?

_____

_____

_____

PROPOSTA DE ESTUDO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM INSTITUIÇÃO MILITAR DE ENSINO



Produto desenvolvido pela profª. Maria Goretti de Araújo Boudens.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9
OFICINA 1: O Português no e do Brasil 14
Módulo 1 14
Módulo 2 17
OFICINA 2: Uma língua, vários usos 24
Módulo 1 24
Módulo 2 34
OFICINA 3: "Não há uma língua portuguesa, há línguas em português" (José Saramago) 37
Módulo 1 37
Módulo 2 56
OFICINA 4: Palavras vêm, palavras vão 60
Módulo 1 60
Módulo 2 75
OFICINA 5: No Colégio Militar se diz assim 89
Módulo 1 89
Módulo 2 91
REFERÊNCIAS 92

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Folha de papel sulfite..... 22
Imagem 2: Folha de papel pardo 23
Imagem 3: Brô MC’s lança novo clipe nas aldeias de Dourados. 51
Imagem 4: *Emoticons.* 81
Imagem 5: *Emojis*..... 82

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cruzadinha para ser preenchida pelo aluno 28
Figura 2: Cruzadinha com as respostas. 30
Figura 3: Glossário de palavras recorrentes da região Sul 46
Figura 4: Expressões recorrentes na região Sul..... 48
Figura 5: Cartazes para transcrição de expressões típicas da linguagem mineira 51
Figura 6: *Emoticons*..... 85
Figura 7: Acrônimos. 85
Figura 8: Abreviações..... 87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Comparativo da origem dos alunos. 19

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Outras palavras que podem ser usadas para elaborar cruzadinha..... 31
Quadro 2: Palavras e expressões recorrentes na região e respectivos significados.....
Quadro 3: Lista de palavras que caíram em desuso..... 73
Quadro 4: Vocabulário do texto “Hipotrélico”..... 81
Quadro 5: Descrição do que gosta e do que não gosta no colégio militar..... 89

LISTA DE TEXTOS

Texto 1: Diversidade 14
Texto 2: Cartum 16
Texto 3: Unificação linguística, que clareza! 25
Texto 4: Marítimo goleia “Briosa” 26
Texto 5: Fragmento de notícia jornalística 33
Texto 6: História em Quadrinhos. 36
Texto 7: Letra da música “Só o Ome” 38
Texto 8: Trezentas onças 39
Texto 9: O sotaque das mineiras 49
Texto 10: Eju orendive 52
Texto 11: Tradução do texto “Eju orendive” – “Pra revolucionar” 53
Texto 12: Charge 57
Texto 13: Charge 57
Texto 14: Charge 57
Texto 15: Charge 58
Texto 16: Charge 58
Texto 17: Trinha 58
Texto 18: Charge 59
Texto 19: Tirinha 59
Texto 20: Letra da música “Como uma onda” 61
Texto 21: História em quadrinhos de 1869 63
Texto 22: Texto publicitário. veiculado em 1909 66
Texto 23: Página da primeira edição do jornal Correio Braziliense de 1808 67
Texto 24: Poema escrito no final do Século XX, por Cacaso 67
Texto 25: Poema digital, veiculado na internet em 2000 68
Texto 26: As palavras que ninguém diz. 68
Texto 27: O vendedor de palavras. 70
Texto 28: Tirinha 73
Texto 29: Ai, Palavras! 75
Texto 30: Capa de livro 77
Texto 31: Tirinha 77
Texto 32: Hipotrélico 78

Texto 33: Postagem no Twitter 81
Texto 34: Blz 82
Texto 35: Internetês 82
Texto 36: Cartum 83
Texto 37: Charge 83
Texto 38: Colégio Militar 90

APRESENTAÇÃO

Prezado (a) professor (a),

Entende-se que o estudante traz consigo, logo que se insere no contexto escolar, uma experiência de linguagem, que o torna único. Durante o período anterior ao seu ingresso nesse ambiente de educação formal, esse sujeito vem desenvolvendo, no(s) contexto(s) social(is) do(s) qual(is) participa, uma gramática própria, resultante das experiências vivenciadas na família, na igreja, com os amigos. E para que ele estabeleça comunicação e possa interagir em cada um desses contextos, faz-se necessário usar a língua de forma adequada.

Aparentemente a língua oficial de um país apresenta uma concepção de homogeneidade, já que existe uma normatização para determinados contextos e usos da língua. Entretanto, há que se reconhecer a variação linguística nos usos diários que o falante faz da língua materna, evidência da heterogeneidade sistemática da língua. Essa realidade encontra respaldo em Labov (1972), segundo quem "O caráter sociolinguístico da variação está fundamentado no estudo da estrutura e da evolução da língua no contexto social da fala". Ou seja, não se pode ignorar o princípio da diversidade.

No Brasil, o professor de Língua Portuguesa se depara com uma multiplicidade de falares, de vocabulários ativos diferentes, e compete a ele lidar com essa situação. Dessa forma, a instituição responsável pela educação formal do aluno não pode ficar à margem dessa realidade. Em virtude desse fenômeno sociocultural, tornou-se urgente uma reformulação no currículo, na abordagem dos conteúdos, de modo a se conduzir o processo de ensino-aprendizagem valorizando a variação linguística. Os órgãos governamentais responsáveis pela condução do processo educacional do país criaram, em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais[1] - PCN, documento oficial, que traz orientações para os docentes embasarem a sua prática pedagógica, inclusive com a prerrogativa dessa variação.

De acordo com o estabelecido nos PCN, a escola precisa conhecer a realidade linguística do seu aluno para, então, elaborar o projeto pedagógico a ser aplicado, no sentido de que

> A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa, está se falando de uma unidade linguística que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua

[1] Ressalta-se a importância de o professor ler os PCN, a fim de conhecer a proposta pedagógica elaborada com o propósito de se trabalharem as habilidades e as competências adequadas para o processo de ensino- aprendizagem.

> nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes das comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (BRASIL, 1998, p.29).

Vale destacar que se entende não ser fácil a tarefa de lidar com as variações linguísticas presentes em uma sala de aula e que o professor nem sempre consegue se desvincular dos preceitos da gramática normativa. Além disso, sabe-se que não se dispõe de fórmulas mágicas para solucionar essa questão e que são inúmeras as dúvidas a respeito de como administrar esse desafio. Os livros didáticos – apoio pedagógico frequentemente utilizado pelo docente - têm um enfoque mais centrado no estudo dos gêneros textuais, na produção deles, nas estruturas sintáticas tradicionais ou no emprego desta ou daquela regra gramatical. Pouco espaço é destinado ao estudo da variação linguística; ao reconhecimento de mais de uma forma válida de uso da língua; à existência de mais de um significado para um mesmo item lexical, de mais de um item lexical para se nomear um mesmo objeto/ser, de mais de uma maneira de o falante se expressar, de mais de uma possibilidade de se construir uma mensagem.

Dessa maneira, o objetivo da criação deste material pedagógico – Caderno de Oficinas Pedagógicas para Estudo das Variações Linguísticas – Copeval (versão para professores) - se fundamenta na necessidade de disponibilizar para o docente de Língua Portuguesa uma proposta de atividades as quais estão centradas no reconhecimento e na valorização da variação linguística. A abordagem desse tema foi feita de forma gradual, levando o aluno a conhecer a origem da nossa língua, a perceber as razões por que ocorre variação nos usos dos itens lexicais, a aceitar a diferença linguística no ambiente escolar, a identificar os mecanismos de formação, de criação, de desaparecimento de palavras ou de vocábulos, tais como arcaísmos, deslexicalização[2], lexicalização[3], relexicalização[4].

O público-alvo desta proposta de intervenção é o nono ano do Ensino Fundamental II, mas as questões aqui apresentadas podem ser adaptadas para outras séries, conforme seja a finalidade do professor.

A concepção das atividades em forma de oficinas pedagógicas se deu em virtude de se entender que elas constituem uma estratégia eficiente de construção coletiva de

---

[2] A deslexicalização pode ser entendida como o processo que leva determinado item lexical ao desuso, mesmo que ele ainda integre o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP. Castilho (2010, p. 117) define esse fenômeno como a *morte das palavras*.

[3] A lexicalização é incorporação de novos termos ao vocabulário de uma determinada comunidade social, os quais são partilhados pelos integrantes desse grupo (FIORIN, 1999, p. 93-99).

[4] Relexicalizar significa gerar "novas palavras que são estabelecidas como alternativas às existentes, ou em oposições a elas" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 240).

conhecimentos, já que representam uma forma de interação entre os estudantes. Desse modo, promovem-se oportunidades de manifestação de opiniões, de concordância com a dos colegas ou de discordância delas, de questionamentos, de reflexão, de desmitificação de preconceitos. E, tendo em vista essa intenção, foram preparadas cinco oficinas, divididas em dois módulos, nos quais se aborda um aspecto específico do tema.

Há, em cada um das oficinas, a especificação dos objetivos propostos para a realização das atividades previstas; a indicação das estratégias sugeridas para serem empregadas na aplicação dos exercícios; a descrição dessas atividades; os procedimentos a serem adotados; boxes com informações adicionais e/ou explicações complementares para orientar o docente quanto à metodologia de desenvolvimento de um ou mais tópicos. Adotou-se uma estrutura básica de abordagem do tema: um texto motivador inicial, que pode ser um poema, uma letra de música, uma charge, um texto em prosa. A partir dele, são promovidas discussões relacionadas ao assunto em questão para, com base no conhecimento prévio da turma, se proceder à resolução dos exercícios programados. Os estudantes terão oportunidade de verbalizar ideias, pensamentos, bem como de pesquisar acerca de algo desconhecido, de trocar informações com o colega e de se manifestar também por meio da escrita. Após a execução dos dois módulos, apresenta-se uma sugestão de culminância do trabalho desenvolvido, de modo a ser apresentarem os resultados desse processo: um glossário com termos recorrentes no lugar de origem do estudante; uma exposição com palavras/expressões indicadas pelos próprios alunos e que representam a diversidade linguística no país; a retextualização[5] de uma história em quadrinhos, com o uso de termos/expressões extraídas do glossário já elaborado por eles; uma mostra de termos de origem indígena que passaram a constituir o léxico da Língua Portuguesa; uma pesquisa a respeito de palavras/expressões em desuso e apresentadas em mural na escola; uma produção de poema com o uso de neologismos; uma elaboração de texto que represente uma conversa em ambiente virtual de comunicação, com o uso de termos próprios dessa linguagem; um vocabulário com termos utilizados no ambiente militar de ensino. Além do material impresso, o professor encontrará, ao final deste volume, em anexo, um cd-rom (contendo os arquivos dos vídeos, dos slides em extensão ppt (*PowerPoint)*, dos clipes das músicas utilizados nas oficinas).

Na Oficina 1, intitulada "O Português no e do Brasil", procura-se, no Módulo 1, sensibilizar o estudante para que ele reconheça algumas formas de diversidade – inclusive a de aspecto semântico-lexical -, a importância delas para a construção da cultura de um povo.

[5] De acordo com Marcuschi (1999, p.133), a retextualização representa a passagem da fala para a escrita, o qual envolve operações de compreensão do que foi dito por alguém.

Ainda se espera, por meio das discussões mediadas, que haja uma minimização de atitudes de preconceito de qualquer natureza, principalmente o linguístico. Já no Módulo 2, trata-se especificamente do entendimento da variação diatópica, aquela que se caracteriza pela utilização de itens lexicais diferentes para nomear um mesmo ser em virtude da região e do contexto sociocultural do falante e do reconhecimento de aspectos que promovem a constituição do léxico de um idioma.

A Oficina 2, denominada "Uma língua; vários usos", basicamente está centrada na origem e na formação da Língua Portuguesa. Tanto no Módulo 1 quanto no Módulo 2, faz-se um breve estudo do percurso histórico da língua oficial do país, destacando a influência dos povos indígenas nativos, dos africanos escravizados e dos colonizadores nas regiões geográficas, seja na estruturação da cultura seja na constituição do léxico. Ainda se pretende estabelecer uma comparação, quanto ao emprego de itens lexicais, entre o Português europeu e o Português brasileiro. Já se começa a introduzir, inclusive, o conceito de norma linguística.

Na Oficina 3 - "Não há uma língua portuguesa, há línguas em português" -, tem-se como foco as variações que acontecem na Língua Portuguesa em virtude de fatores sociais que influenciam o surgimento e/ou o desaparecimento de palavras e de expressões, além dos parâmetros utilizados para a(s) definição(ões) mais recorrentes de "norma". Com esses subsídios, já será possível promover discussão com a turma acerca do que se considera "certo" e "errado" em relação aos usos da Língua Portuguesa. No Módulo 1, apresentam-se textos produzidos por escritores de diferentes regiões do país, a fim de que os alunos possam comparar os itens lexicais recorrentes desses lugares, conhecê-los e, a partir daí, ampliar o próprio acervo lexical; no Módulo 2, pretende-se que o aluno conheça as denominações atribuídas às variações linguísticas, fundamentadas nos estudos Sociolinguísticos, e que ele tenha clareza quanto à necessidade de adequação da fala aos contextos de usos.

Na Oficina 4, nomeada "Palavras vêm; palavras vão", mostra-se o caráter mutável da língua, cujo reflexo repercute principalmente no léxico. No Módulo 1, expõem-se alguns processos que promovem a incorporação de palavras de outros idiomas, a criação de novos termos (lexicalização), o desuso de alguns itens lexicais em razão da passagem do tempo e as transformações ocorridas em vários campos do saber, a mudança de significado de palavras e de expressões conforme o contexto de uso e a intencionalidade discursiva. No Módulo 2, pela leitura de textos, procura-se levar o aluno a tentar compreender o sentido de palavras estranhas ao seu acervo lexical, fazendo consultas ao dicionário, por exemplo. Ainda nessa parte, destina-se um espaço para o reconhecimento das relações semânticas que o aluno possa

estabelecer com base no contexto endofórico, antes de partir para as relações com o contexto exofórico.

Na Oficina 5, a qual se chamou de “No colégio militar se diz assim...”, no Módulo 1, o texto base é um poema escrito por um ex-aluno, no qual ele revela suas impressões a respeito da instituição militar de ensino. Com base nesse texto, procura-se conhecer a opinião dos discentes em relação à rotina do colégio. No Módulo 2, visa-se levar os alunos a compilarem esses termos e agrupá-los em um vocabulário, com base nas características específicas desse ambiente e dos termos empregados em situações do cotidiano escolar.

Espera-se que, após a realização das oficinas, de fato, se perceba que, tanto na fala quanto na escrita dos alunos, tenha havido uma ampliação vocabular, que eles tenham conseguido desconstruir a noção de “erro”, entendendo que se faz necessário adotar o critério da adequação no ato de escolha dos itens lexicais em certas situações comunicativas e que tenham percebido a riqueza cultural e lexical presente no ambiente de uma sala de aula.

Quanto ao professor, almeja-se que a proposta de intervenção ora apresentada tenha sido útil para que ocorra uma mudança de postura no trato da variação linguística com os alunos, considerando-a como fator preponderante para o enriquecimento do acervo lexical dos estudantes, que ela sirva como material complementar para o planejamento das aulas, como ponto de partida para uma visão mais real da língua e que ela possa trazer contribuições para uma diminuição do preconceito linguístico.

Que a sua prática pedagógica possa ser ainda mais motivadora, ainda mais inovadora, proporcionando aos seus alunos um conceito de língua que se aproxima da realidade dele, quebrando os tabus de que a Língua Portuguesa é uma matéria difícil, de que o estudante não sabe falar o próprio idioma, de que ele não sabe escrever direito. Que também a sua consciência linguística seja ampliada, aceitando e valorizando as outras formas de usos da língua, aproveitando essa característica da heterogeneidade para formar usuários e falantes cada vez mais competentes.

Bom trabalho!

Professora Maria Goretti de Araújo Boudens.

OFICINA 1: O Português no e do Brasil

Módulo 1

Objetivos.

- Sensibilizar os alunos quanto à existência da diversidade, fenômeno importante para a cultura de determinado local.
- Levar os alunos a perceberem que a diversidade pode ocorrer em relação à etnia, à localização geográfica do falante, aos grupos sociais, aos usos da língua e ao léxico.

Estratégias.

- Reprodução do vídeo da música *Diversidade,* de Lenine.
- Discussão a respeito do tema "diversidade", a partir da letra da música.
- Leitura de cartum.

Atividades.

1) Exibição do vídeo *Diversidade*, de Lenine, e leitura da versão impressa da letra da música.

Texto 1: Diversidade.

Se foi pra diferenciar
Que Deus criou a diferença
Que irá nos aproximar
Intuir o que Ele pensa
Se cada ser é só um
E cada um com sua crença
Tudo é raro, nada é comum
Diversidade é a sentença

Que seria do adeus
Sem o retorno
Que seria do nu
Sem o adorno
Que seria do sim
Sem o talvez e o não
Que seria de mim

Sem a compreensão
Que a vida é repleta
E o olhar do poeta
Percebe na sua presença
O toque de Deus
A vela no breu
A chama da diferença

A humanidade caminha
Atropelando os sinais
A história vai repetindo
Os erros que o homem traz
O mundo segue girando
Carente de amor e paz
Se cada cabeça é um mundo
Cada um é muito mais

Que seria do caos
Sem a paz
Que seria da dor
Sem o que lhe apraz
Que seria do não
Sem o talvez e o sim
Que seria de mim...
O que seria de nós

Que a vida é repleta
E o olhar do poeta
Percebe na sua presença
O toque de Deus
A vela no breu
A chama da diferença.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=29Mj-8RdvUE>. Acesso em: 2 jun 2016.

Questões para discussão oral.

- O que se observa nas imagens do vídeo?
- Qual a ideia central da letra da música?
- Qual o provável objetivo do autor ao compor a canção *Diversidade*?
- As pessoas do Brasil são diferentes umas das outras em relação a quê?
- Aliando as imagens do vídeo ao título da música, a que conclusão se pode chegar quanto ao tema "diversidade"?

2) Leitura e análise do cartum, de autoria do argentino Quino, o criador da personagem Mafalda.

Texto 2: Cartum.



Fonte: Google. Disponível em: Disponível em: <http://chebolas.blogspot.com.br/2014/02/charge-foto-e-frase-do-dia_16.html>. Acesso em: 12 jul 2016.

Questões para discussão oral.

- Quais as ideias comuns entre a letra da música e o cartum?
- Para a construção da identidade cultural de um povo, é importante haver diferenças entre as pessoas? Por quê?

Módulo 2

Objetivos.

- Reconhecer a existência da Língua Portuguesa na sua forma padrão e a existência de outras formas válidas de uso desse idioma.
- Identificar características peculiares à Língua Portuguesa falada no Brasil.
- Promover reflexão a respeito da questão da variação linguística, inerente às línguas naturais, a qual é bastante perceptível no idioma falado no Brasil.
- Reconhecer as variações da Língua Portuguesa, identificando as marcas linguísticas e as regularidades específicas de cada uma.

Estratégias.

- Exibição de vídeo em que se mostra o modo de falar e o vocabulário utilizado pelos falantes nativos das regiões do país.
- Reflexão a respeito da dinamicidade da língua e da existência da variação linguística.
- Identificação de diferenças no falar das pessoas naturais das regiões do país, principalmente em relação ao aspecto semântico-lexical.
- Comentários acerca das razões pelas quais ocorrem variações na língua materna.
- Utilização do Mapa Geográfico do Brasil para que cada aluno identifique o estado em que nasceu.
- Elaboração de um quadro, pelos alunos, com exemplos de palavras que compõem a variação semântico-lexical da região brasileira de onde cada estudante da escola se originou, as quais compõem seu vocabulário ativo.
- Construção de um gráfico, no qual sejam indicadas as regiões de onde provêm os alunos da turma.
- Exibição de vídeo acerca da temática da variação linguística no Brasil.
- Discussão a respeito do reconhecimento, por parte do aluno, da existência da variação linguística.

Atividades.

1) Reprodução do vídeo - *Jornalismo - Série sobre a língua portuguesa explica a origem dos sotaques* - Bloco 1. Discussão, com a turma, a respeito das informações contidas no vídeo, de modo que sejam ouvidas as opiniões do aluno, que elas sejam respeitadas e que se chegue a um

consenso no que concerne à variação linguística (por que elas surgem, quais fatores interferem nesse processo, que diferenças são percebidas no contexto da sala de aula).

Vídeo - Jornalismo - *Série sobre a língua portuguesa explica a origem dos sotaques* - Bloco 1.mp4

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GqEbcH9GXBY>. Acesso em: 3 jun 2016.

2) Indicação pelo aluno, no Mapa do Brasil, do estado onde ele nasceu (com a marcação de um X).



Fonte: Google. Disponível em: < www.google.com.br>. Acesso em: 3 jun 2016.

Professor(a): Seria interessante ter um mapa em tamanho maior afixado na lousa. Solicitar que cada aluno diga o nome do estado onde nasceu. Faça o registro desses dados no quadro de giz, de modo que se tenha um resultado quantitativo das informações.

3) Elaboração, com os dados anotados no quadro de giz, de um gráfico comparativo dos estados de origem dos alunos da turma.

Gráfico 1: Comparativo da origem dos alunos.



Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora.

Professor(a): O aluno oralmente poderá descrever o lugar onde nasceu, abordando características físicas, culturais, lexicais.

3) Discussão, coordenada pelo professor, a respeito de semelhanças e de diferenças entre o modo de falar das pessoas de determinada região, aproveitando o momento para reforçar a necessidade de se respeitarem as variações linguísticas.

Questões para discussão em grupo.

- Por qual(ais) razão(ões) existe(m) variações na língua?
- Pode-se afirmar que em alguma região/localidade do Brasil se fala melhor ou pior?
- Qual a justificativa para a sua resposta à questão anterior?
- Em relação à fala de usuários de determinadas regiões, você considera que existem preconceitos?

4) Análise das informações contidas no vídeo a ser mostrado - *Sotaques do Brasil desvenda as diferentes formas de falar do brasileiro* - a respeito da variação linguística na língua falada no Brasil. Em seguida, formação de grupo com estudantes que tenham nascido no mesmo estado. Elaboração, em conjunto, de uma lista com, pelo menos, dez palavras/expressões que são usadas de maneira recorrente em sua região para, posteriormente, apresentá-las aos colegas. Utilizar o quadro a seguir.

Fonte: Jornal Hoje. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WwP_b48TpgE>. Acesso em: 4 jun 2016.

Quadro 1: Palavra/expressão/significado – estado de origem.

Nome do estado:_____

palavra/expressão	significado

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora.

Professor(a): Caso todos os alunos da turma tenham nascido na mesma localidade ou tenham morado em Brasília a maior parte de sua vida, proponha a eles que completem a lista com palavras que sejam recorrentes em seu meio familiar ou que peçam ajuda a demais membros da família para conseguirem coletar um número significativo de itens lexicais. Além disso, procure também saber se o estudante morou em outro estado do país e, nesse caso, tenha ouvido palavras diferentes daquelas que ele está acostumado a empregar para denominar um mesmo objeto, de forma que se perceba a variação linguística. Ainda se pode organizarem os grupos, na sala de aula, considerando, além do local o gênero, a faixa etária. Se houver estudante(s) estrangeiro(s), verifique o estado em que ele(s) aprendeu(ram) a falar a Língua Portuguesa como segunda língua e inclua-o(s) no(s) grupo(s).

5) Após a apresentação das palavras/expressões pelos grupos, o professor coordenará a elaboração de um quadro com elas. Cada aluno falará em voz alta o item lexical, o respectivo significado e a origem. Os colegas deverão anotar no quadro abaixo esses itens lexicais, até preencher todos os espaços. Chamar a atenção deles para que procurem escrever aquelas palavras ou expressões até então desconhecidas ou que, por algum motivo, chamaram a atenção deles.

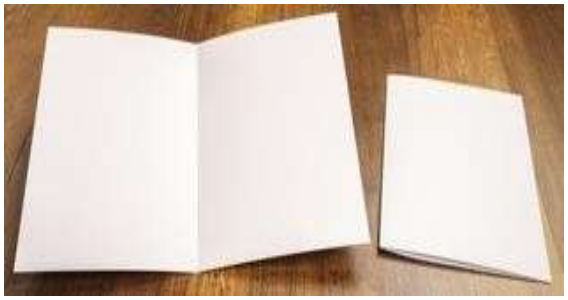
Quadro 2: Lista de itens lexicais, dos respectivos significados e origem do aluno.

palavra/expressão	**significado**	**origem**

Culminância.

O professor dividirá a turma em grupos, de acordo com a quantidade de estados de origem dos alunos da turma. Cada equipe receberá o mapa de um dos estados, algumas fichas feitas de papel sulfite dobradas ao meio e palavras/expressões registradas em uma tira de papel (as quais foram retiradas dos quadros preenchidos pelo aluno no exercício anterior). Posteriormente será feita uma exposição desse mural para toda a escola. Esses mesmos itens lexicais irão compor o glossário da turma.

Imagem 1: Folha de papel sulfite.



Fonte: Google. Disponível em<http://br.freepik.com/fotos-vetores-gratis/dobrado>. Acesso em: jun 2016.

Observação: é possível que cada grupo receba mais de um mapa.

Depois que cada grupo tiver concluído a tarefa, o professor deverá recolher os mapas e as fichas com as palavras coladas (com os respectivos significados) e fixá-los em um mural feito com papel pardo. Esse mural deverá ficar exposto para as demais turmas.

Imagem 2: Folha de papel pardo.



Fonte: Google. Disponível em:<http://stardoseuparrassaro.blogspot.com.br/2013/05/como-forrar-o-fundo-da-gaiola.html>. Acesso em:4 jun2016.

OFICINA 2: Uma língua, vários usos

Módulo 1

Objetivos.

- Conhecer um pouco da história da origem da Língua Portuguesa.
- Comparar a Língua Portuguesa falada no Brasil e em Portugal, identificando algumas diferenças.
- Conhecer o trabalho realizado pelo Museu da Língua Portuguesa, por meio de um vídeo institucional, no que se refere à origem e à formação do léxico do nosso idioma.
- Identificar as influências de outras nações na colonização dos estados brasileiros.

Estratégias.

- Apresentação breve da história da formação da Língua Portuguesa com uso slides projetados por meio de *DataShow*.
- Exibição de um vídeo a respeito da variação linguística no Brasil.
- Leitura de uma crônica na qual se aborda a temática das diferenças lexicais entre Brasil e Portugal.
- Discussão a respeito da(s) influência(s) de outras culturas na cultura brasileira e da forma como isso se reflete na constituição do léxico da Língua Portuguesa falada no Brasil.

Atividades.

1) Explicação acerca do surgimento da Língua Portuguesa, até sua chegada ao Brasil. Indicação dos países onde ela é o idioma oficial e o nome de outros lugares do mundo em que ela é usada por determinada comunidade social.

2) Leitura do texto *Unificação linguística, que clareza!,* de Millôr Fernandes.

Professor (a): O aluno deverá ler a primeira parte do texto para ler. É importante que sejam ouvidos os comentários e percebidas as reações provocadas pela presença de itens lexicais que são recorrentes da Língua Portuguesa falada em Portugal. Logo depois, solicitar que seja lida a segunda parte, com a reprodução da mesma mensagem escrita no Português brasileiro. Explicar aos alunos que se trata de um único texto, dividido intencionalmente em duas partes e, então,

peça a eles para fazerem a leitura integral desse texto. Aproveitar a ocasião para discutir com eles se essa diferença lexical compromete o entendimento da mensagem e a comunicação entre os falantes das duas variantes do Português.

Texto 3: Unificação linguística, que clareza!

Parte 1

Tem aí meia dúzia de urnigos, na calada da noite, arquitetando um plano para a "unificação" da língua portuguesa. Escrevi o trecho abaixo em português de Portugal para vocês verem como será fácil essa unificação. Estava a conduzir meu automóvel numa azinhaga com um borracho muito gira ao lado, quando dei com uma bossa na estrada de circunvalação que um bera teve a lata de deixar. Escapei de me espalhar à justa. Em havendo um bufete à frente convidei a chavala a um copo. Botei o chiante na berma e ornamos ao criado de mesa, uma sande de fiambre em carcaça eu, e ela um miau. O panasqueiro, com jeito de marialva paneleiro, um chalado de pinha, embora nos tratando nas palminhas, trouxe- nos a sande com a carcaça esturrada (e sem caganitas!) e, faltando-lhe o miau, deu-nos um prego duro.

Parte 2

Como talvez vocês não tenham entendido alguma coisa, traduzo em brasileiro, também conhecido como português do Brasil.

Eu dirigia meu carro por um caminho de pedras tendo ao lado uma gata espetacular, quando vi um lombo na estrada de contorno que um escroto teve o descaramento de fazer. Por pouco não bati nele. Como havia em frente uma lanchonete, convidei a mina a tomar um drinque. Coloquei o carro no acostamento e pedimos ao garçom sanduíche de presunto com pão de forma eu, e ela sanduíche de lombinho. O gozador, com jeito de dom Juan bicha, muito louco, embora nos tratando muito bem, trouxe o sanduíche com o pão queimado (e sem azeitonas!) e, não tendo sanduíche de lombinho, trouxe um de churrasquinho duro.

Fonte: Google. Disponível em: < http://projetoseeduc.cecierj.edu.br/eja/recurso-multimidia-professor/portugues/novaeja/m1u02/Portugues_do_Brasil_e_portugues_de_Portugal.pdf>. Acesso em: 2 jun 2016.

Questões para discussão oral.

- Durante a leitura do texto, na primeira parte, você encontrou alguma dificuldade para entender a mensagem? Justifique.
- No primeiro parágrafo, o vocabulário usado pelo autor permite entender que ele considera a ideia da "unificação" uma ação positiva ou negativa?
- Qual aspecto da Língua Portuguesa foi abordado no texto?
- Na "tradução" do texto para o Português do Brasil, que palavras/expressões possibilitam a identificação da variação linguística utilizada pelo autor?

3) Leitura de uma notícia publicada no site da Rádio e Televisão de Portugal (RTP), em 8/12/2010.

Texto 4: Marítimo goleia "Briosa".

Cinco golos do Marítimo, dois apontados por Marquinho, permitiram aos insulares imporem a maior goleada sofrida em casa pela Académica de Coimbra esta época, por 5-1, no fecho da 13ª jornada da Liga portuguesa de futebol.

O Marítimo aproveitou a vitória moralizadora da semana passada frente ao Vitória de Guimarães e veio a Coimbra construir um resultado importante para a fuga aos lugares de despromoção.

A equipa, orientada por Jorge Costa, perdeu a oportunidade de se juntar aos lugares da frente do campeonato e de conseguir duas vitórias seguidas.

Os estudantes não puderam contar com Sougou, o segundo melhor marcador dos "estudantes" e o grande "alimentador" do ataque da equipa da casa, devido a castigo, enquanto Kléber não alinhou pelos insulares devido a lesão.

A partir daí, os insulares tomaram as rédeas do jogo, obrigando Peiser a duas intervenções de qualidade.

O caso do jogo surgiria bem perto da meia hora, num lance duvidoso, onde supostamente Nuno Coelho terá derrubado Djalma na grande área, tendo o árbitro apontado para a marca da grande penalidade, sob um coro de protestos dos homens da casa. Tchô encarregou-se de transformar o castigo no primeiro golo, aos 27 minutos.

Até o intervalo, houve uma fase monótona, apenas "despertada" por um remate à queima-roupa de Diogo Valente a obrigar Marcelo a defender o esférico para o canto.

Depois do intervalo, quando tudo fazia crer que a “Briosa” iria dar a volta ao texto com a entrada de mais um atacante para o lugar do médio Nuno Coelho, coube aos verde- rubros, mais moralizados, ampliarem para 2-0, numa jogada perfeita entre Luciano Amaral e Baba, que cabeceou sem qualquer oposição.

Logo a seguir, em uma jogada semelhante (e com o mesmo protagonista LucianoAmaral), Marquinho entrou bem e fez o terceiro golo dos madeirenses. O mesmo Marquinho iria bisar dez minutos depois, a passe de Djalma.

Até final viu-se uma leve reacção da Académica, apenas coroada com mais um golo de Miguel Fidalgo, aos 69, numa tarde infeliz para uma equipa que tem sido regular no seu recinto.

Os insulares selaram o 5-1 através do recém entrado Kanu, sem oposição na grande área.

Carlos Barros

Fonte: Google. Disponível em:<http//www.rtp.pt/noticias/index>. Acesso em: 2 jun 2016.

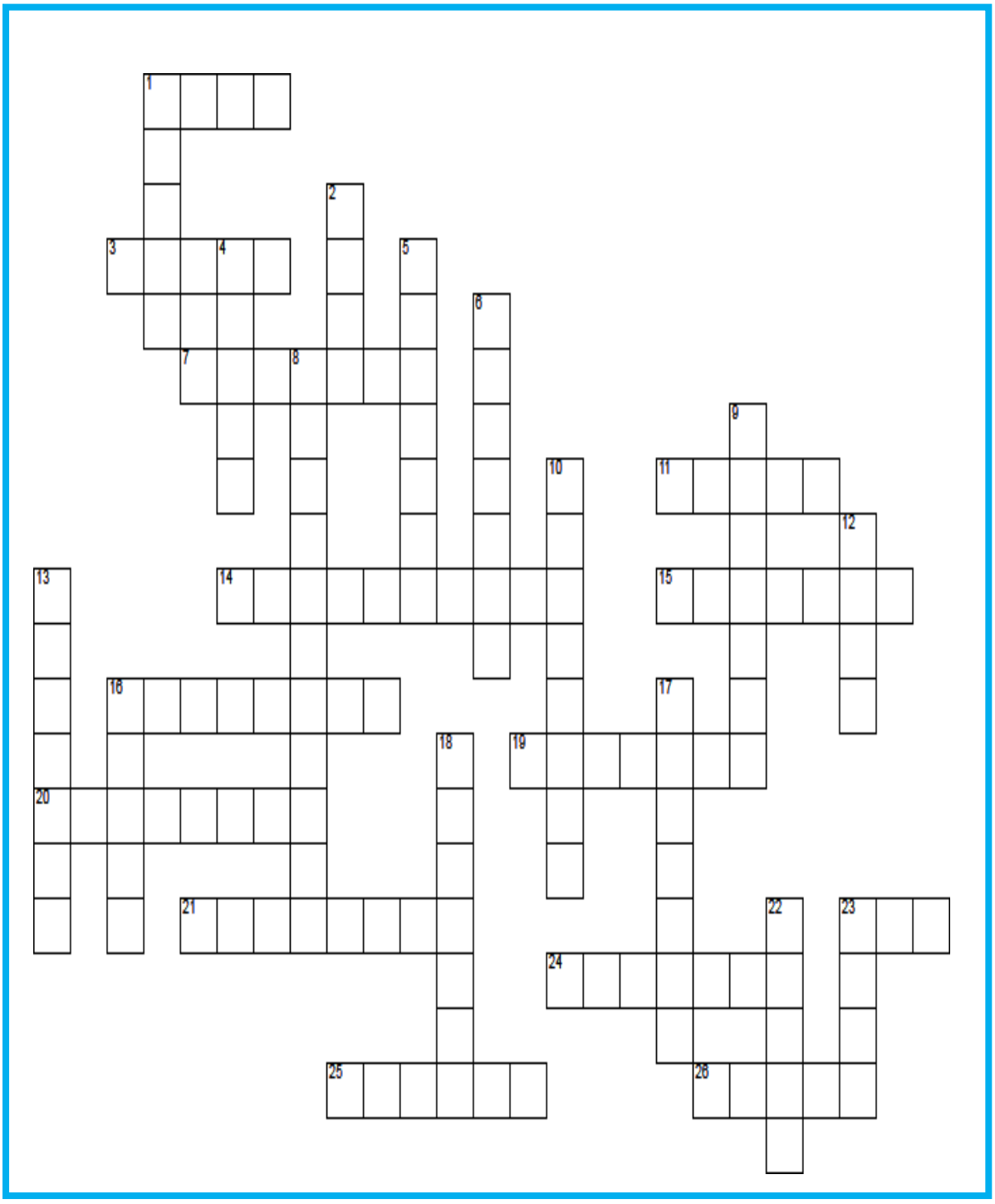
Questões para discussão oral.

- Qual o assunto abordado no texto? Que palavras/expressões estão relacionadas a esse assunto?
- Durante a leitura do texto, considerando as escolhas lexicais feitas pelo jornalista, houve palavra (s) que lhe causou (aram) estranhamento? Justifique.

4) Preenchimento dos quadrinhos da Palavra Cruzada, com as palavras do Português do Brasil que correspondem às palavras do Português de Portugal, as quais estão listadas nos itens Horizontal e Vertical. Caso nenhum desses itens seja de conhecimento da turma, recomendar que os alunos consultem a lista ao final da cruzadinha.

Figura 1: Cruzadinha para ser preenchida pelo aluno.

Variações entre o PB e o PE



Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora, com a utilização do programa *puzzle-maker*[6].

[6] Programa disponível em: <http://puzzlemaker.discoveryeducation.com/>. Acesso em: 23 ago. 2016.

Palavras/expressões do Português europeu

Horizontal

3. talho
4. propina
6. penso rápido
7. travão
8. claque
10. gelado
12. bica
16. sebenta
19. apartado
20. rebuçado
22. portagem
24. fato
26. peúgas
28. esférico
30. tira cápsula
31. hospedeira

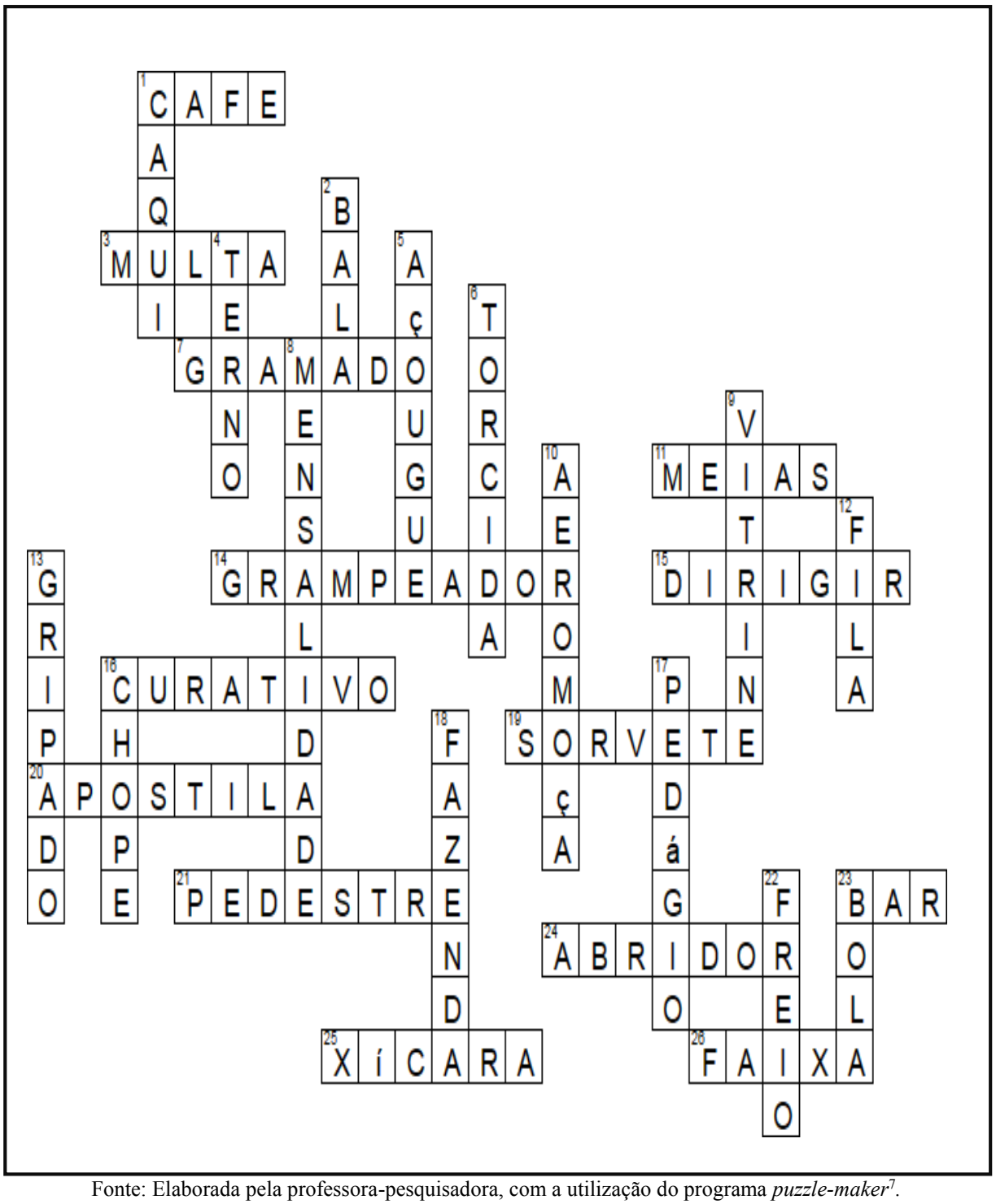
Vertical

1. pastilha elástica
2. banheiro
5. bicha
6. penso rápido
9. constipado
11. chávena
13. passadeira
14. relvado
15. montra
17. agrafador
18. coima
21. dióspiro
22. paragem
23. miúdo
25. autocarro
27. cueca
29.telemóvel

café – caqui – terno – multa – bala – gramado – mensalidade – açougue – torcida – grampeador – aeromoça – sorvete – meias – dirigir – vitrine – fila – curativo – gripado – curativo – chope – xícara – celular – pedágio – pedestre – faixa (de pedestre) – bar – freio – bola – abridor (de garrafas) – fazenda - curativo

Figura 2: Cruzadinha com as respostas.

Variações entre o PB e o PE



Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora, com a utilização do programa *puzzle-maker*[7].

[7] Programa disponível em: <http://puzzlemaker.discoveryeducation.com/>. Acesso em: 23 ago. 2016.

Professor(a): Seria enriquecedor apresentar outras palavras que caracterizam a variação lexical entre o Português brasileiro e o Português europeu. Esses itens poderão ser listados pelo próprio professor ou solicitar uma pesquisa para ampliar a lista. Além disso, ainda poderá ser exibido um vídeo em que se evidenciam essas diferenças, o qual se encontra disponível no seguinte link: <https://youtu.be/Ao_sfzhwnEc>.

Quadro 2: Outras palavras que podem ser usadas para ampliar a cruzadinha.

Português brasileiro	Português europeu
presunto	Fiambre
bacon	Presunto
mamadeira	Biberão
lixívia	água sanitária
utilização	Embarcação
dedo-duro	Chibo
muito	Bué
encanador	Picheleiro
placa de carro	Matrícula
prefixo de telefone (DDD)	Indicativo
tanque de combustível	Depósito
térreo	rés do chão
carteira de motorista	carta de condução
criança	Miúdo
guarda-chuva	Chuço
ponto de ônibus	Paragem
história em quadrinhos	banda desenhada
isopor	Esferovite
geladeira	Frigorífico
água-viva	Alforreca
ônibus	Autocarro
vaso sanitário	Retrete
telemóvel	Celular

frentista	Gasolineiro
concreto	Betão
favela	bairro de lata
delegacia	Esquadra
asfalto	Alcatrão
fusca	Carocha
pão francês	Carcaça
autoclismo	Descarga
cadarço	Atacador
xícara	Chávena
professor particular	Explicador
esmalte	Verniz

Disponível em: <http://onclkds.com/?zoneid=801499&pbk2=e86c5993ca8c70c3228b27c47172fe6b6381571742582036668&r=%2Foc%2Fhan&ab=137&uuid=0f1f5897-dedc-4409-936d-6318c64382e7&fs=1;http://sportsaddict.thewhizproducts.com/?chid=106&oid=668&crid=5151&subid=276991003483&pubid=801499> e em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=cr&ei=humPWO3wIcWlwATF9IPwDg#q=diferen%C3%A7as+entre+o+portugu%C3%AAs+do+brasil+e+de+portugal>. Acesso em: 3 jun 2016.

5) Exibição de um vídeo com a apresentação do Museu da Língua Portuguesa, sua localização, a finalidade com que foi criado, quais tipos de itens estão expostos nesse espaço cultural.

Vídeo – Idiomaterno – o Português brasileiro. mp4.

Disponível em:< https://youtu.be/ElQ5K2Bic_w>. Acesso em: 3 jun 2016.

Questões para discussão oral.

- Algum(ns) de você(s) já visitou(aram) o Museu da Língua Portuguesa?
- O que mais lhe chamou a atenção nas informações contidas no vídeo?
- De acordo com os responsáveis pelo Museu da Língua Portuguesa, com qual finalidade ele foi criado?

Professor (a): Recomenda-se comentar acerca do incêndio ocorrido na Estação da Luz, em São Paulo, lugar que abrigava o Museu da Língua Portuguesa, o qual foi totalmente destruído em dezembro de 2015. Segue o resumo de uma matéria publicada pelo Jornal Folha de São Paulo e duas imagens desse museu: uma de antes e outra de depois do acidente.

Texto 5: Fragmento de notícia jornalística.

INCÊNDIO DEVASTA MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

Um incêndio destruiu parte do prédio da Estação da Luz, patrimônio histórico da região central de São Paulo, erguido 148 anos atrás, e devastou toda a instalação do Museu da Língua Portuguesa, um dos mais visitados da cidade e abrigado no local desde 2006.





Fonte da notícia: Jornal Folha de São Paulo, 21 dezembro de 2015.
Fonte das imagens: Google.

Professor (a): Para a aula seguinte, quando será aplicado o Módulo 2, solicitar à turma que traga informações, coletadas por meio de pesquisa feita em casa, a respeito do(s) país(es) que colonizou(aram) cada um dos estados brasileiros. Não há necessidade de muitos detalhes, apenas o básico para que se entenda o uso de determinados itens lexicais (os quais tenham origem em outras línguas) nessas regiões, os quais tenham origem em outras línguas.

Módulo 2

Objetivos.

- Identificar, por meio de pesquisas a livros ou a sites, os povos que colonizaram as regiões brasileiras.
- Conhecer fatores culturais que promovem a existência das variações linguísticas semântico-lexicais.

Estratégias.

- Identificação do povo colonizador de cada região brasileira e o motivo pelo qual isso aconteceu.
- Exibição de vídeo no qual se aborda a temática da variação linguística.
- Discussão a respeito dos fatores culturais que influenciaram o surgimento das variações linguísticas na Língua Portuguesa falada no Brasil.

Atividades.

1) Apresentação do vídeo "Variação Linguística", para fundamentar melhor o tema da variação linguística no Brasil. Em seguida, solicitar ao aluno que responda às questões propostas.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_Y1-ibJcXW0&t=251s>. Acesso em: 3 jun 2016.

a) Quais os principais fatores que interferiram na constituição e na ampliação do léxico da Língua Portuguesa falada no Brasil?
b) Desde a oficialização da Língua Portuguesa no Brasil, que mudanças ocorreram em relação ao léxico.

2) Preenchimento do quadro abaixo, indicando o nome do país colonizador de cada região brasileira. Utilizar as informações contidas na pesquisa realizada.

Quadro 3: Colonizadores dos estados brasileiros e razões históricas dessa colonização.

Estado	Colonizador	Razões históricas/fatores
Acre		
Amazonas		
Rondônia		
Roraima		
Pará		
Paraná		
Amapá		
Mato Grosso do Sul		
Mato Grosso		
Tocantins		
Maranhão		
Goiás		
Distrito Federal[8]		
Minas Gerais		
Espírito Santo		
Rio de Janeiro		
São Paulo		
Rio Grande do Sul		
Rio Grande do Norte		
Paraíba		
Pernambuco		
Ceará		
Sergipe		
Alagoas		
Piauí		

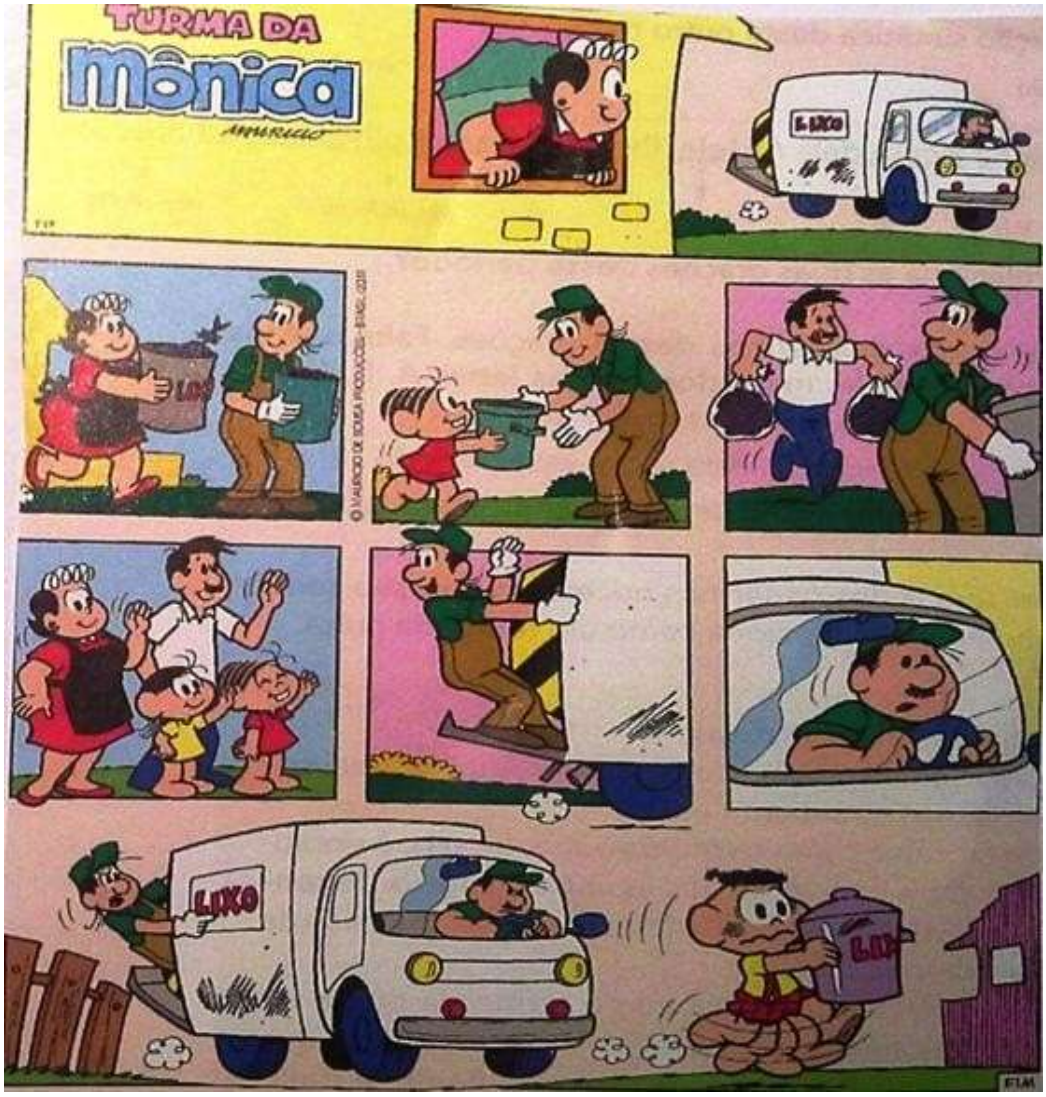
Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora.

[8] Nesta listagem, o Distrito Federal é considerado por nós como estado, pelo fato de nossa pesquisa ter sido realizada em Brasília-DF.

Culminância.

Leitura da história em quadrinhos, construída com linguagem não verbal. Logo depois, o aluno deverá contar os fatos em forma de prosa, reproduzindo os diálogos entre as personagens, imaginando que cada uma delas tenha nascido em determinado estado brasileiro (especificar o estado de origem de cada personagem, fazendo uma lista). Para tanto, essa personagem deverá usar a variação linguística que caracteriza o vocabulário dos falantes dos referidos estados (poderá ser consultada a lista elaborada na Oficina 1). Fazer o registro das falas em forma de discurso direto. Ao final, deverá ser atribuído um título à história criada.

Texto 6: História em Quadrinhos.



Disponível em: <http://monica.com.br/comics/turma.htm>. Acesso em: 3 jun 2016.

OFICINA 3: *"Não há uma língua portuguesa, há línguas em português"* (José Saramago)

Módulo 1

Objetivos.

- Reconhecer a variação semântico-lexical da Língua Portuguesa em textos na modalidade escrita e na modalidade oral.
- Perceber que fatores como sexo, idade, ambiente social, finalidade, interlocutores influenciam na escolha lexical dos falantes.
- Reconhecer as variações linguísticas semântico-lexicais do nosso idioma como formas válidas de uso.
- Identificar itens lexicais do Português falado no Brasil que estão presentes na letra da música do grupo de rap formado por indígenas.
- Promover discussão acerca do conceito de "certo" e de "errado" nos usos da língua, considerando a definição de norma padrão.

Estratégias.

- Exibição de vídeo com a música *Só o ôme*, de Noriel Vilela, e leitura da letra dessa canção.
- Análise de textos produzidos por autores de diferentes regiões do país.
- Discussão coordenada a respeito da importância da variação linguística na formação do léxico da Língua Portuguesa falada no Brasil.
- Mostra de vídeo com um clipe gravado por um grupo de rap indígena.

Atividades.

1) Reprodução do áudio da música *Só o ôme*, na interpretação de Noriel Vilela, gravada em 1974. O aluno terá uma cópia impressa da lera dessa canção.

Áudio - *Só o Ôme.*

Vídeo - Noriel Só o Ome 1974 (Excelente áudio).mp4. Disponível em: <https://youtu.be/ARvokcfL8ek>. Acesso em: 3 jun 2016.

Texto 7: Letra da música “Só o Ome”.

Ah mô fio do jeito que suncê tá
Só o ôme é que pode ti ajudá
Ah mô fio do jeito que suncê tá
Só o ôme é que pode ti ajudá

Suncê compra um garrafa de marafo
ftarafo que eu vai dizê o nome
fteia noite suncê na incruziada
Distampa a garrafa e chama o ôme
O galo vai cantá suncê escuta
Rêia tudo no chão que tá na hora E
se guáda noturno vem chegando
Suncê óia pa ele que ele vai andando

Ah mô fio do jeito que suncê tá
Só o ôme é que pode ti ajudá
Ah mô fio do jeito que suncê tá
Só o ôme é que pode ti ajudá

Eu estou ensinando isso a suncê
ftas suncê num tem sido muito bão
Tem sido mau fio mau marido
Inda puxa saco di patrão
Fez candonga di cumpanheiro seu
Ele botou feitiço em suncê
Agora só o ôme à meia noite
É que seu caso pode resolvê

Edenal Rodrigues – compositor

Disponível em: <https://youtu.be/ARvokcfL8ek>. Acesso em: 3 jun 2016.

Questões para discussão oral.

- Que elementos lexicais caracterizam o grupo social do qual o falante (no caso, o protagonista da história) faz parte?
- Em que tipo de ambiente social os fatos relatados no texto se passam?
- Que outras marcas linguísticas (além das lexicais) podem ser percebidas nas falas reproduzidas na letra da música? Com que finalidade elas foram empregadas?



c) Após a discussão a respeito dos aspectos lexicais contidos na letra da música, serão analisados textos de autores de diferentes regiões do país.

2) Exibição do vídeo-conto *Trezentas onças,* baseado no texto homônimo do escritor gaúcho Simões Lopes Neto (1984). O aluno terá o texto impresso para acompanhar a leitura, durante a narração oral dessa história. Na sequência, algumas questões deverão ser respondidas por escrito.

Vídeo - Trezentas Onças (Vídeo-Conto).mp4. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=7pRNWWlbvu4>. Acesso em: 3 jun 2016.

Texto 8: Trezentas onças.

Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha, onde devia pousar.

Parece que foi ontem! . . Era fevereiro; eu vinha abombado da troteada.

- Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato que está nos vendo, na beira do passo, desencilhei; e estendido nos pelegos, a cabeça no lombilho, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada morruda.

Despertando, ouvindo o ruído manso da água tão limpa e tão frescarolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar; até para quebrar a lombeira. . . e fui-me à água que nem capincho.

Debaixo da barranca, havia um fundão onde mergulhei umas quantas vezes; e sempre puxei umas braçadas, poucas, porque não tinha cancha para um bom nado.

E solito e no silêncio, tornei a vestir-me, encilhei o zaino e montei. Daquela vereda andei como três léguas, chegando à estância cedo ainda, obra assim de braça e meia de sol.

- Ah! Esqueci de dizer-lhe que andava comigo um cachorro brasino, um cusco mui esperto e bom vigia. Era das crianças, mas às vezes dava-lhe para acompanhar-me, e depois de sair à porteira, nem por nada fazia cava-volta, a não ser comigo. E nas viagens dormia sempre ao meu lado, sobre a ponta da carona, na cabeceira dos arreios.

Por sinal que uma noite. . .

Mas isso é outra cousa: vamos ao caso.

Durante a troteada, bem reparei que volta e meia o cusco parava-se na estrada e latia e corria para trás, e olhava-me, olhava-me e latia de novo e troteava um pouco sobre o rastro; - parecia que o bichinho estava me chamando! Mas como eu ia, ele tornava a alcançar-me, para daí a pouco recomeçar.

- Pois, amigo! Não lhe conto nada! Quando botei o pé em terra na ramada da estância, ao tempo que dava as – boas tardes! – ao dono da casa, aguentei um tirão seco no coração. . . não senti na cintura o peso da guaiaca!

Tinha perdido trezentas onças de ouro que levava, para pagamento de gados que ia levantar.

E logo passou-me pelos olhos um clarão de cegar, depois uns coriscos tirante a roxo, depois tudo me ficou cinzento, para escuro.

Era mui pobre – e ainda hoje, é como vancê sabe. . .-, estava começando a vida e o dinheiro era do meu patrão, um charqueador, sujeito de contas mui limpas e brabo como uma manga de pedras.

Assim, de meio assombrado, me fui repondo quando ouvi que indagavam:

- Então, patrício? Está doente?

- Obrigado! Não senhor, respondi, não é doença, é que sucedeu-me uma desgraça: perdi uma dinheirama do meu patrão. . .

- A la fresca!

- É verdade. . . Antes morresse, que isto! Que vai ele pensar agora de mim!

- É uma dos diabos, é. . .mas; não se acoquine, homem!

Nem o cusco brasino deu uns pulos ao focinho do cavalo, como querendo lambê-lo, e logo correu para a estrada, aos latidos. E olhava-me, e vinha e ia, e tornava a latir. . .

Ah! E num repente lembrei-me bem de tudo. Parecia que estava vendo o lugar da sesteada, o banho, a arrumação das roupas nuns galhos de Sarandi, e, em cima de uma pedra, a guaiaca e por cima dela o cinto das armas, e até uma ponta de cigarro de que tirei uma última tragada, antes de entrar na água, e que deixei espetada num espinho, ainda fumegando, soltando uma fitinha de fumaça azul, que subia, fininha e direita, no ar sem vento. . .; tudo, vi tudo.

Estava lá, na beirada do passo, a guaiaca. E o remédio era um só: tocar a meia rédea, antes que outros andantes passassem.

Num vu estava a cavalo; e mal isto, o cachorrito pegou a retouçar, numa alegria, gritando: - Deus me perdoe! – que até parecia fala!

E dei de rédea, dobrando o cotovelo do cercado.

Ali logo frenteei-me com uma comitiva de tropeiros, com grande cavalhada por diante, e que por certo vinha tomar pouso na estância. Na cruzada nos tocamos todos na aba do sombreiro; uns quantos vinham de balandrau enfiado. Sempre me deu uma coraçonada para fazer umas perguntas. . .mas engoli a língua.

Amaguei o corpo e, penicando de esporas, toquei a galope largo.

O cachorrinho ia ganiçando, ao lado, na sombra do cavalo, já mui comprida.

A estrada estendia-se deserta; à esquerda, os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite; á direita, o sol; muito baixo, vermelho- dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas.

Nos atoleiros, secos, nem um quero-quero: uma que outra perdiz, sorrateira, piava de manso por entre os pastos maduros; e longe, entre o resto da luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirada, do outro, alvejava a brancura de um joão-grande, voando, sereno,

quase sem mover as asas, como uma despedida triste, em que agente também não sacode os braços. . .

Foi caindo uma aragem fresca; e um silêncio grande, em tudo.

O zaino era um pingaço de lei; e o cachorrinho agora sossegado, meio de banda, de língua de fora e de rabo em pé, troteava miúdo e ligeiro, dentro da polvadeira rasteira que as patas do flete levantavam.

E entrou o sol; ficou nas alturas um clarão afogueado, como de incêndio, num pajonal; depois, o lusco-fusco; depois, cerrou a noite escura; depois, no céu, só estrelas. . .

O zaino atirava o freio e gemia no compasso do galope, comendo caminho. Bem por cima da minha cabeça, as Três Marias, tão bonitas, tão vivas, tão alinhadas, pareciam me acompanhar. Lembrei-me dos meus filhinhos, que as estavam vendo talvez; lembrei-me da minha mãe, do meu pai, que também as viram, quando eram crianças e que já as conheceram pelo seu nome de Marias, as Três Marias. Amigo! Vancê é moço, passa a sua vida rindo. . . Deus o conserve! Sem saber nunca como é pesada a tristeza dos campos quando o coração pena!

- Há tempos eu não chorava! Pois me vieram lágrimas, devagarinho, como gateando, subiram. . . tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho. . e ainda quentes, no arranco do galope lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!

Por entre as minhas lágrimas, como um sol cortando um chuvisqueiro, passou-me na lembrança a toada dum verso lá dos meus pagos:

"Quem canta refresca a alma, /Cantar adoça o sofrer, /Quem canta zomba da morte:

Cantar ajuda a viver!/Mas que cantar podia eu!"

O zaino respirou forte e sentou e sentou, trocando a orelha farejando no escuro: o bagual tinha reconhecido o lugar, estava no passo.

Senti o cachorrinho respirando, como assoleado. Apeei-me.

Não bulia uma folha; o silêncio, nas sombras do arvoredo, metia respeito. . . que medo não, que não entra em peito de gaúcho.

Embaixo o rumor da água pipocando sobre o pedregulho; vagalumes retouçando no escuro. Desci, dei com o lugar onde havia estado; tenteei os galhos do Sarandi; achei a pedra onde tinha posto a guaiaca e as armas; corri as mãos por todos os lados, mais pra lá, mais pra cá. . . Nada! Nada!

Então senti frio dentro da alma. . . o meu patrão ia dizer que eu o havia roubado! Roubado! Pois então eu ia lá perder as onças! Qual! Ladrão, ladrão, é que era!

E logo uma tenção ruim entrou-me nos miolos: eu devia matar-me, para não sofrer a vergonha daquela suposição. É; era o que eu devia fazer: matar-me. . . e já, aqui mesmo!

- Ah, patrício! Deus existe!

No refilão daquele tormento, olhei para diante e vi. . .as Três Marias luzindo na água. . . o cusco encarapitado na pedra, ao meu lado estava me lambendo a mão. E logo, logo, o zaino relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia ali perto, num oco de pau!

- Patrício! Não me avexo duma heresia; mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrelas, era ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a má tenção.

O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho, e aquele grilo cantador trouxe a esperança.

Eh, pucha! Patrício, eu sou mui rude. A gente vê caras, não vê corações. Pois o meu, dentro do peito, naquela hora estava como um espirilho ao sol, num descampado, no pino do meio-dia: era luz de Deus por todos os lados.

E já todo no meu sossego de homem, meti a pistola no cinto. Fechei um baio, bati o isqueiro e comecei a pitar.

E fui pensando. Tinha por minha culpa, exclusivamente por minha culpa, tinha perdido as trezentas onças, uma fortuna para mim. Agora. . . era vender o campito, a ponta de gado manso – tirando umas leiteiras para as crianças e a junta dos jaguanés lavradores – vender a tropilha dos colorados. . . e pronto! Isso havia de chegar, folgado; e caso mermasse a conta. Enfim, havia de se ver o jeito a dar. Porém, matar-se um homem, assim no mais. . . e chefe de família. . . isso, não!

E despacito vim subindo a barranca; assim que me sentiu, o zaino escarceou, mastigando o freio. Desmaneei-o, apresilhei o cabresto; o pingo agarrou a volta e eu montei, aliviado.

O cusco escaramuçou, contente; a trote e galope voltei para a estância.

Ao dobrar a esquina do cercado, enxerguei luz na casa; a cachorrada saiu logo, acuando. O zaino relinchou alegremente, sentindo os companheiros; do potreiro e outros relinchos vieram.

Apeei-me no galpão, arrumei as garras e soltei o pingo, que se rebolcou, com ganas.

Então fui para dentro: na porta dei o – Louvado seja Jesu-Cristo; boa noite! – e entrei, e comigo, rente, o cusco. Na sala do estancieiro havia uns quatro paisanos; era a comitiva que chegava quando eu saía; corria o amargo.

Em cima da mesa a chaleira e, ao lado dela, enroscada, como uma jararaca na ressolana, estava a minha guaiaca, barriguda, por certo com as trezentas onças dentro.

- Louvado seja Jesu-Cristo, patrício! Boa noite! Entonces, que tal le foi o susto?

E houve uma risada grande de gente boa.

Eu também fiquei-me rindo, olhando para a guaiaca e para o guaipeva, arrolhadito aos meus pés.

Simões Lopes Neto

Questões para discussão.

- Durante a leitura do texto, houve algum aspecto que comprometeu o entendimento do enredo? Justifique a resposta.
- Em que tipo de ambiente os fatos relatados ocorreram?
- Descreva o protagonista da história.
- Qual o conflito vivido pelo protagonista?
- Como foi o desfecho da história?

3) O texto foi produzido por um escritor gaúcho. Podem-se identificar, nele, algumas marcas linguísticas recorrentes nessa região. Preenchimento do esquema abaixo, escrevendo o significado de algumas expressões retiradas do conto.

Quadro 4: Expressões recorrentes na região Sul e os respectivos significados.

expressões recorrentes na região Sul	**significado/explicação do sentido**
mastigando o freio	
bati o isqueiro	
no arranco do galope	
comendo caminho	
tomar pouso na estância	
dei de rédea	
a la fresca	

brabo como uma manga de pedras	
tirante a roxo	
duma feita	
de braça e meia de sol	
num vu	
por me ficar	
lá dos meus pagos	

mastigando o freio: se segurando; tentando se controlar.
bati o isqueiro: acendi o cigarro.
trocando a orelha: tentando reconhecer o lugar.
no arranco do galope: na correria.
comendo caminho: andando apressado.
tomar pouso na estância: parar em uma casa para descansar.
dei de rédea: pôs o cavalo para correr.
a la fresca: expressão que indica admiração.
braba como uma manga de pedras: bastante irritado.
tive ganas de me banhar: ficou com vontade de tomar banho.
duma feita: em certa ocasião.
de braça e meia de sol: próximo ao meio-dia.
por me ficar: por se deixar abater.
vim varar: tive como destino; fui parar lá.

Fonte: Dicionário Caudas Aulete. Disponível em: < http://www.aulete.com.br/> e em <https://www.hagah.com.br/roteiros/dicionario-de-expressoes-gauchescas-aprenda-o-vocabulario-do-rio-grande- do-su.l. Acesso em:3 jun 2016.

4) Elaboração de um glossário com itens lexicais típicos da região gaúcha e escreva o respectivo significado. Se necessário, consultar o dicionário. Realizar a tarefa em grupo e, em seguida, compartilhar os resultados obtidos, para que o produto final seja um só. Dar continuidade à relação já iniciada, conforme figura, abaixo.

Figura 3: Glossário de palavras recorrentes da região Sul.



Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora.

Professor(a): Seguem algumas sugestões de palavras (e o respectivo significado) do texto.

abombado: cansado.

acoquine: acovarde.

amaguei: balancei o corpo para a frente, quando montado, para dar mais impulso ao cavalo.

apresilhar: prender.

arrodilhado: cercado; ajoelhado.

assoleado: cansado por causa da marcha.

avexa: dispensa; envergonha.

bagual: cavalo arisco; grande; bonito.

baio: de cor castanho-amarelado.

refilão: pegar de raspão; de leve.

ressolando: respirar com dificuldade.

retouçar: brincar, fazendo movimentos.

sesteada: lugar onde se almoça e se faz a sesta.

solito: sozinho.

tenção: propósito.

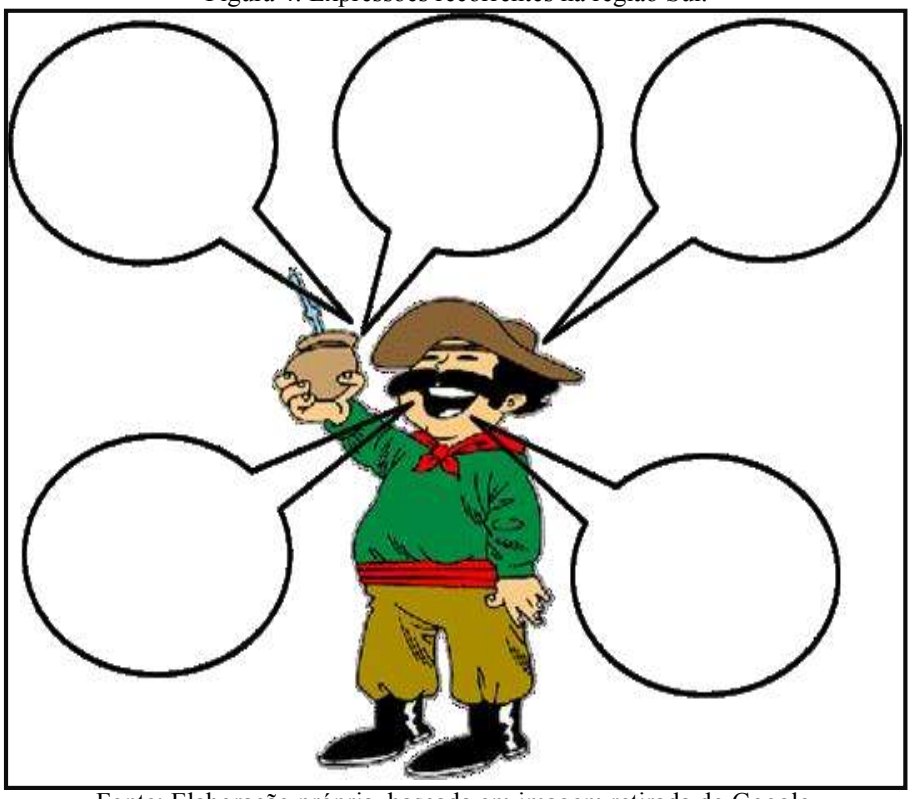
troteava: andava entre o passo e o galope.

zaino: cavalo de pelo acastanhado.

Fonte: Dicionário Caudas Aulete. Disponível em: < https://www.hagah.com.br/roteiros/dicionario-de-expressoes-gauchescas-aprenda-o-vocabulario-do-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 3jun 2016.

5) Transcrição do texto de algumas expressões que são marcas típicas da oralidade e que caracterizam o modo de falar do povo do Sul, preenchendo os balões abaixo.

Figura 4: Expressões recorrentes na região Sul.



Fonte: Elaboração própria, baseada em imagem retirada do Google.
Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjfiqbTAhUHUZAKHR9hCvcQjRwIBQ&url=http%3A%2F%2Fciadosgifs.blogspot.com%2F2014%2F11%2Fgauchos.html&psig=AFQjCNEOSmF8S5tUeIJtwnQtuwR4U1UBjw&ust=1492736273078721>. Acesso em: 3 jun 2016.

Professor (a): Assim que cada estudante fizer o seu registro dos itens lexicais considerados como pertencentes à variante da região Sul, pedir a eles que formem grupos de quatro alunos e que comparem a lista de cada um entre si. Logo em seguida, cada grupo deverá elaborar uma lista comum a todos os componentes do grupo e ler a ser exposta oralmente para a turma. É necessária a sua mediação, a fim de que seja elaborado um único vocabulário para todos.

6) Exibição do vídeo de um goiano contador de "causo", *Geraldinho - Causo da Bicicleta RARIDADE.mp4.*

Vídeo *Geraldinho - Causo da Bicicleta RARIDADE.mp4.*

Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=FL2L_IG843A>. Acesso em: 3 jun 2016.

Questões propostas.

- Descreva a personagem, considerando o contexto social e cultural em que ela vive.
- Registre, por escrito, um trecho da história contada por Geraldinho. Que marcas de variação podem ser percebidas na fala dessa personagem?
- Em sua opinião, Geraldinho fala "certo" ou "errado"? Justifique a resposta. Que critérios você utilizou para formular essa opinião?

7) Leitura de um texto do escritor mineiro Carlos Drummond de Andrade para responder às questões apresentadas, na sequência.

Texto 9: O sotaque das mineiras.

O sotaque das mineiras deveria ser ilegal, imoral ou engordar, já que tudo que é bom tem um desses horríveis efeitos colaterais, como é que o falar lindo e charmoso ficou de fora. Por que, meu Deus, que sotaque? Mineira devia nascer com uma tarja preta avisando: "Ouvi-la faz mal à saúde." Confesso: esse sotaque me desarma!

Certa vez, quase propus casamento a uma mineira que me ligou por engano. Elas têm um ódio mortal das palavras completas, preferem, sabe-se lá por que, abandoná-las no meio do caminho.

Os não-mineiros, ignorantes nas coisas de Minas, supõem, precipitada e levianamente, que os mineiros vivem apenas de uais, trens e sôs. Mineira não fala que o sujeito é competente, ele é bom de serviço. Nunca usam o famosíssimo tudo bem. Sempre perguntam "Cê tá boa?". Pra mim, isso é pleonasmo, perguntar se uma mineira tá boa é desnecessário.

O verbo mexer, para as mineiras, tem amplos significados. Quer dizer, por exemplo, trabalhar. Se lhe perguntarem: “Com o que que ocê mexe?”, querem saber o seu ofício.

Mineiras não dizem “apaixonado por”. Dizem, sabe-se lá por que, “sou doida com ele” (ele, no caso, pode ser você, um carro, um cachorro). Elas vivem apaixonadas “com” alguma coisa. Também elas não gostam do verbo conseguir, aqui você nunca consegue nada, você não dá conta.

Que mineiras nunca acaba as palavras todo mundo sabe. É um tal de bunitim, fechadim, pititim. Não caia na besteira de esperar um “vamos” completo de uma mineira, vc não ouvirá nunca. Preciso avisar à Língua Portuguesa que gosto muito dela, mas prefiro, com todo respeito, a mineira. Aqui certas regras não entram. O supermercado nunca tá lotado, sempre tá cheio de gente, não faz muitas compras, compra um tanto de coisa. Se, saindo do supermercado, a mineirinha vir um mendigo e ficar com pena, suspirará: Ai, gente, que dó! É provável que, a essa altura, o leitor esteja apaixonado pelas mineiras.

Mineiro não arruma briga, caça confusão. Capaz. . . Se você propõe algo e ela diz “capaz”. Você já ouviu esse “capaz”! É lindo! Quer dizer o quê? Sei lá, quer dizer “Cê acha que eu faço isso?” com algumas toneladas de ironia.

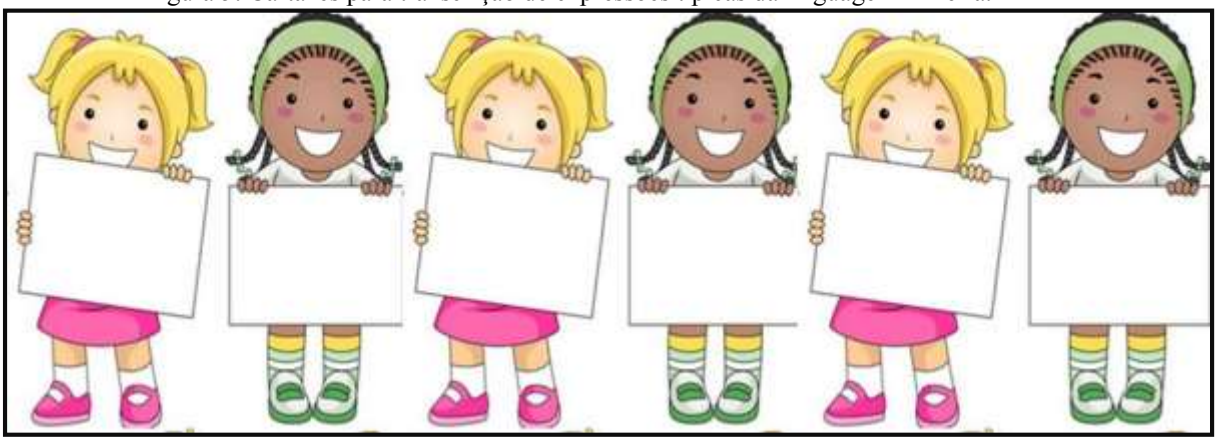
E o “nem”, já ouviu? Completo, ele fica “Ahhh nemmmmm”! Significa, amigo, que a mineira não vai fazer o que você propôs de jeito nenhum. Sou, não nego, suspeito. Minha inclinação é para perdoar, com louvor, os deslizes vocabulares das mineiras. Mineira não pergunta “Você vai?”. A pergunta mineiramente falando é “Cê não anima de ir”? O plural, então, é um problema. Um lindo problema, mas um problema. Se você, em conversa, falar “Fui lá comprar umas coisas, a mineira retruca “Ques coisa?”. O plural dá um pulo, sai das coisas e vai para o que. A fórmula mineira é sintética. E diz tudo. Até o “tchau” em Minas é personalizado. Aqui se diz “Tchau procê”, “tchau procês”. É útil deixar claro o destinatário do tchau. A conjugação dos verbos em Minas tem lá seus mistérios. Lindos mistérios!

Questões propostas.

- Quais características do falar da mulher mineira são destacadas no texto?
- Para o cronista, quais seriam os “deslizes” cometidos pelas mineiras em relação à Língua Portuguesa? Justifique a resposta.
- Explique a afirmação do autor: “Preciso avisar à Língua Portuguesa que gosto muito dela, mas prefiro, com todo respeito, a mineira”.

8) Transcrição de palavras/expressões típicas da linguagem da mulher mineira, com preenchimento dos cartazes, na figura, a seguir.

Figura 5: Cartazes para transcrição de expressões típicas da linguagem mineira.



Fonte: Adaptado do Google. Disponível em: <http://www.canstockphto.com.br>. Acesso em: 3 jun 2016.

9) Leitura de uma notícia a respeito de um grupo de rap formado por rapazes indígenas.

Professor(a): Comentar com a turma a respeito do fato de alguns grupos sociais constituírem uma minoria em nosso país e que eles buscam (muitas vezes), por meio da linguagem, expressar sua opinião e levar sua cultura ao conhecimento de outros grupos sociais. É o que acontece, por exemplo, com os indígenas. Portanto, antes de exibir o vídeo, explicar quem são os componentes do grupo, onde eles vivem. Para esse fim, segue uma notícia publicada em jornal, contendo informações básicas acerca desse grupo e mais um vídeo com outra música deles, intitulada "Koangagua". Sugere-se que, no texto escrito, os alunos grifem as palavras que têm relação (sonora, gráfica, semântica) com o Português brasileiro.

Imagem 3: Brô MC's lança novo clipe nas aldeias de Dourados.



Fonte: Dourado News.

O grupo de Rap Brô MC's, formado por quatro jovens moradores nas aldeias Jaguapiru e Bororó, Reserva Indígena de Dourados, divulgou o clipe da música Koangagua *[Nos dias de hoje, em português]*, que conta o dia a dia dentro das aldeias locais.

De acordo com o G1/MS, o terceiro clipe do grupo de rap guarani com imagem em alta definição e em estilo "vintage" foi produzido pela TV Guateka, um canal na internet criado para divulgar a cultura indígena, com o apoio de uma organização suíça e da Central Única das Favelas (Cufa) de Mato Grosso do Sul.

O Brô MC's é formado pelos jovens indígenas Bruno Veron, Clemerson Batista, Kelvin Peixoto e Charlie Peixoto.

O grupo foi criado em 2009, com o objetivo de valorizar a cultura indígena. As músicas são cantadas no idioma nativo e em português.

b) Exibição do vídeo - *Brô MC's Eju Orendive* - CLIPE OFICIAL- LEGENDADO. mp4., com a apresentação da letra da música.

Vídeo e letra disponíveis em:< https://www.youtube.com/watch?v=IBafJlZxT6s>. Acesso em: 3 jun 2016.

Texto 10: Eju orendive

ape che rap ndopai, ape che rap o nhepyru
ajapo po por amor e hendu faz favor
oime nhande jara pope,ndai mei ajuka
che ajerure nhande jarape omohendyhagua

nderape ha chera pe
ndaikuaai mbaepa ohasa nde akape
o grau da sua maldade, ndaikuai mbaepa re pens

povo contra povo ndokatui
e mopua nde aka
nde ne rasero ndaivairy
nhande jara ave hase oinunpanjave chupe
che aguahe a rima ko rap guarani ha kaiowa
nde ndo katui remanha, remanharo che rehe mbaeve nde rehechai
ape rap guarani oguahe pe henduhagua
ara ete orera aro,upeagui eju orendive
upeagui eju chendive e,e,eju chendive

refrão

che rohenoi eju orendive, venha com nós nessa levada
che rohenoi eju orendive, aldeia unida mostra a cara(2x)

jaha nhande guera ja guata
jaha nhande guera javya
jaha ja chuka karaipe ke che ha hae omee jaikopora
nde rehasaro che ypyrehe re manha vai che rehe
ha koanga che aime koape achuka mbaepa ore ro representa
ha koanga ape roime
ape oreko o sonha hagua
koanga a poranduta ndeve mbaeguipa nhande jajuka ha nhamano
upea ari ore roporahey
ava ha ava o jejukaromo
umi karaiguera o puka nhande rehe
umia agui eju orendive

refrão

che rohenoi eju orendive, venha com nós nessa levada
che rohenoi eju orendive, aldeia unida mostra a cara

Vídeo e letra disponíveis em:< https://www.youtube.com/watch?v=IBafJlZxT6s>. Acesso em: 3 jun 2016.

Texto 11: Tradução do texto “Eju orendive” – “Pra revolucionar”.

Aqui o meu rap não acabou, aqui meu rap está apenas começando
Eu faço por amor, escute por favor

está na mão do Senhor, não estou para matar
sempre peço a Deus que ilumine o seu caminho
o meu caminho
não sei o que se passa na sua cabeça
o grau da sua maldade, não sei o que você pensa
povo contra povo , não pode se matar
levante sua cabeça
se você chorar é uma vergonha
Jesus também chorou, quando ele apanhou

chego e rimo o rap Guarani e Kaiowá
se você não consegue me olhar e se olha não consegue me ver
aqui é o rap guarani que está
o tempo nos espera e estamos chegando, por isso venha com nós
Por isso venha com nós

refrão

nós te chamamos pra revolucionar, venha com nós nessa levada
nós te chamamos pra revolucionar por isso, aldeia unida mostra a cara

vamos todos nós no rolê
vamos todos nós indígenas festejar
vamos mostrar para os homens brancos, que não existe diferença e podemos ser iguais
aquele boy passou por mim me olhando diferente
agora eu mostro pra você que eu sou capaz e eu estou aqui, mostrando pra você que a gente representa
agora estamos aqui
porque aqui tem índios sonhadores
agora te pergunto rapaz, por que nos matamos e morremos?
em cima desse fato a gente canta
índio e índio se matando
os brancos dando risada, por isso estou aqui pra defender meu povo
e por isso meu povo venha com nós

refrão

nós te chamamos pra revolucionar, venha com nós nessa levada

nós te chamamos pra revolucionar por isso, aldeia unida mostra a cara

Fonte: Banda Brô Mc's.

Questões propostas para discussão oral.

- Qual a influência dos indígenas na constituição do léxico do Português brasileiro?
- Por que, atualmente, os indígenas são considerados minorias étnicas?

Culminância.

Para o encerramento do módulo, levar a turma para o laboratório de informática – ou realizar consulta em obras documentais na biblioteca – e solicitar que pesquisem itens lexicais cuja origem seja o tupi seja o guarani. Registrar esses itens lexicais em fichas e organizar um mural com a exposição da coletânea da turma. Ilustrar esse mural.

Módulo 2

Objetivos.

- Identificar fatores, tais como sexo, idade, ambiente social, finalidade, interlocutores, que influenciam na escolha lexical do falante.
- Explicitar, por meio de slides projetados em *Data Show* a definição do vocábulo "norma", bem como o conceito de norma culta e de norma padrão na Língua Portuguesa.
- Apresentar os tipos de variação que ocorrem em uma língua e os possíveis fatores que promovem essas variações.
- Levar o aluno a entender a importância da adequação vocabular às diversas situações de uso da língua, de modo a tornar eficiente a comunicação.
- Promover discussão, com fundamentos na Sociolinguística, acerca do conceito de "certo" e de "errado" e da existência do preconceito linguístico.

Estratégias.

- Exibição de vídeo a respeito da existência da variação linguística no Brasil.
- Aula expositiva acerca das normas linguísticas e os tipos de variação ocorridas na Língua Portuguesa, com a utilização de slides projetados em *PowerPoint*.
- Análise de textos para o aluno identificar a variação presente em cada um deles, bem como os fatores que influenciaram a existência dessas variações.
- Exibição de um vídeo, no qual o organizador da exposição "Menas – o certo do errado, o errado do certo", explica como foi idealizada a mostra e os objetivos que a nortearam.

Atividades.

1) Exibição do vídeo: Exposição - Menas - Museu da Língua Portuguesa.mp4

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PZcppSdG8cg>. Acesso em: 3 jun 2016.

Questões para discussão.

- Qual a provável intenção dos organizadores da exposição, ao utilizar a palavra "Menas" – considerada incorreta segundo a norma padrão – para intitular a mostra?
- Para você, o que significa falar "certo" ou falar "errado"?

- Qual o efeito de sentido obtido com o jogo de palavras no título: “O certo do errado, o errado do certo”?

2) Apresentação, em slides projetados em *PowerPoint*, dos tipos de variação linguística existentes.

3) Leitura de tirinhas.

O aluno deverá apresentar uma explicação para o fator que promoveu a variação linguística em cada situação, nos textos seguintes.

Texto 12: Charge.



Fonte: Google. Disponível em: <https://www.humortadela.com.br>. Acesso em: 12 jul 2016.

Texto 13: Charge.



Fonte: Google. Disponível em:<https://amazonaws.com/descomplica-blog>. Acesso em: 12 jul 2017.

Texto 14: Charge.



Fonte: Google. Disponível em: <https://www.cartunista.com.br>. Acesso em: 12 jul 2016.

Texto 15: Charge.



Fonte: Google. Disponível em: <https://exato7b.wordpress.com/2014/03/05/variacoes-linguisticas/>. Acesso em: 12 jul 2016.

Texto 16: Charge.



Fonte: Google. Disponível em: <http://www.ivancabral.com/2013/08/charge-do-dia-medicos-estrangeiros.html>. Acesso em: 12 jul 2016.

Texto 17: Tirinha.



Fonte: Google.Disponível em: <http://www.diogosalles.com.br/tirinhas.asp>. Acesso em: 12 jul 2016.

Texto 18: Charge.



Fonte: Google. Disponível em: <http://maisunifra.com.br>. Acesso em:12 jul 2016.

Culminância.

Leitura de tira.

Texto 19: Tirinha.



Fonte: Google. Disponível em: <http://blogspot.com.br>. Acesso em: 12 jul 2016.

Com base nas discussões e na troca de informações a respeito da existência e da importância da variação linguística para a ampliação lexical de uma pessoa, escreva um miniconto relatando o que aconteceu na situação retratada nos quadrinhos, acima.

OFICINA 4: Palavras vêm, palavras vão...

Módulo 1

Objetivos.

- Perceber que, de acordo com o contexto cultural vivido pela sociedade, ocorrem alterações no conjunto de palavras que constituem o léxico do falante.
- Reconhecer que há palavras que caem em desuso e outras são criadas, conforme a necessidade sociocomunicativa do falante.
- Identificar, em textos lidos em sala de aula, itens lexicais que são pouco usuais na atualidade.
- Reconhecer que a língua é mutável e sofre alterações no léxico, com o passar do tempo, de acordo com a região, conforme o grupo social, em consonância com a finalidade, dentre outros fatores.
- Identificar os processos por meio dos quais são formadas as palavras, como o estrangeirismo e o neologismo.

Estratégias.

- Audição da música "Como uma onda", de Lulu Santos, como motivação para a abordagem do tema a ser estudado no módulo.
- Leitura de textos escritos em diferentes épocas.
- Leitura de textos em que são apresentados exemplos de palavras consideradas arcaísmos.
- Análise de tirinhas em que se aborda a temática das mudanças ocorridas com o léxico.
- Pesquisa, em dicionários, de termos que caíram em desuso.
- Pesquisa a respeito das palavras que representam a linguagem utilizada na internet, em ambientes virtuais de comunicação.

Atividades.

1) Audição da música "Como uma onda", do cantor brasileiro Lulu Santos e leitura da letra. O aluno poderá fazer a leitura da letra da música impressa, enquanto será feita a exibição do clipe.

Texto 20: Letra da música "Como uma onda".

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará

A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente
Viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo
No mundo
Não adianta fugir
Nem mentir
Pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Nada do que foi será
De novo do jeito
Que já foi um dia
udo passa
Tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente
Viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo
No mundo
Não adianta fugir
Nem mentir pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar

Como uma onda no mar

Como uma onda no mar

Disponível em:< https://youtu.be/SWYrOzQhYlY>. Acesso em: 14 jul 2016.

Apresentação do clipe da música.

Vídeo - Como uma Onda - Lulu Santos.mp4

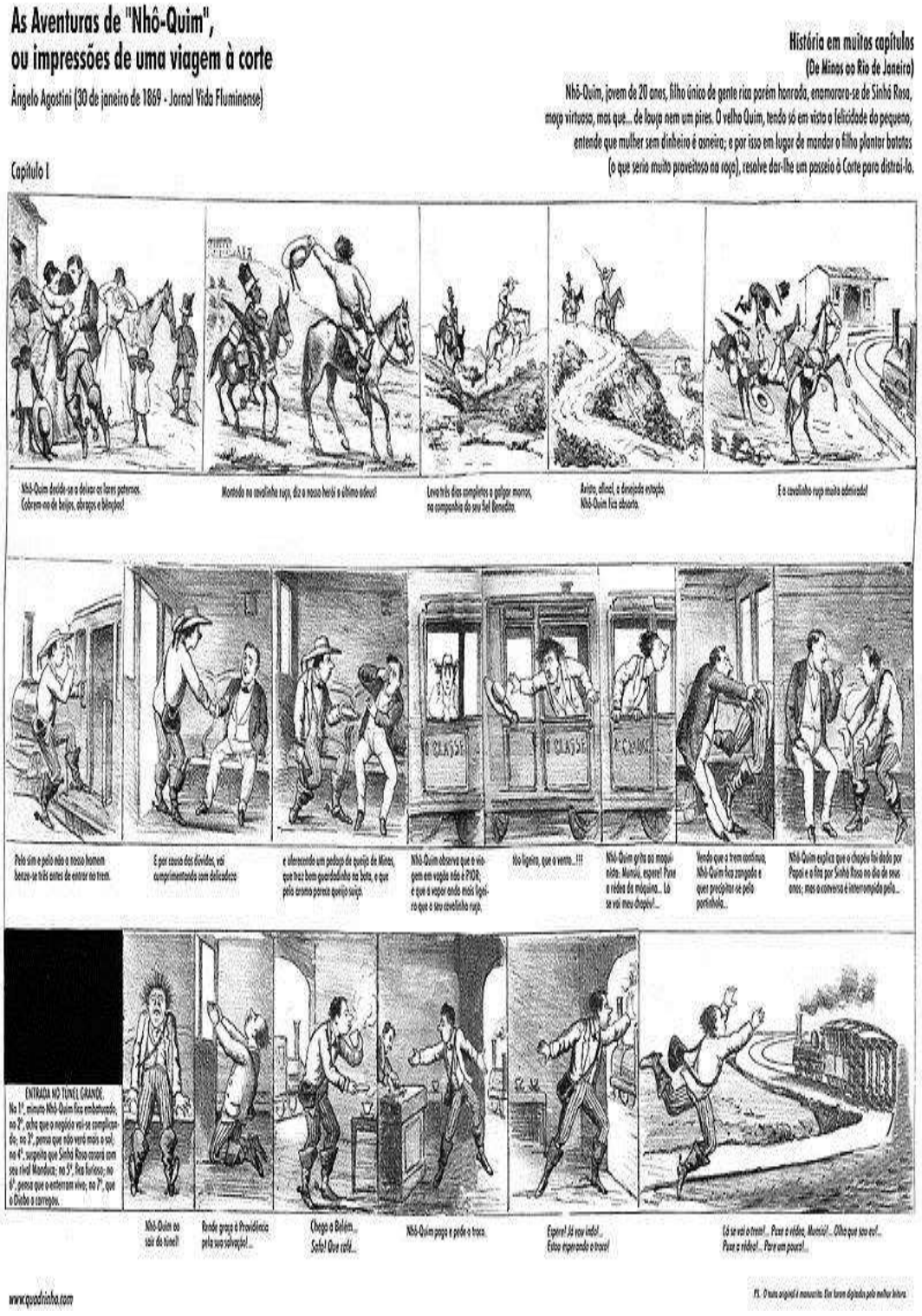
Disponível em:< https://youtu.be/SWYrOzQhYlY>. Acesso em: 14 jul 2016.

Questões para discussão oral.

- De acordo com o autor, por que as mudanças na vida de uma pessoa são inevitáveis?
- Em relação às palavras de uma língua, que fatores podem promover mudanças no léxico?

2) Análise de textos de gêneros variados**.**

Texto 21: História em quadrinhos de 1869.



Fonte: Google. Disponível em:< http://www.universohq.com/universo-paralelo/dia-do-quadrinho-nacional-ou-dia-nacional-dos-quadrinhos>. Acesso em:13 jul 2016.

Transcrição do texto História em Quadrinhos de 1869.

As aventuras de Nhô Quim, ou impressões de uma viagem à corte

Angelo Agostini (30 de janeiro de 1869 – Jornal Vida Fluminense)

História de muitos capítulos (de Minas Gerais ao Rio de Janeiro)

Nhô Quim, jovem de 20 anos, filho único de gente rica porém honrada, enamora-se de Sinhá Rosa, moça virtuosa, mas que... de louça nem um pires. O velho Quim, tendo só em vista a felicidade do pequeno, entende que mulher sem dinheiro é asneira; e, por isso, em lugar de mandar o filho plantar batatas (o que seria muito proveitoso na roça), resolve dar-lhe um passeio à corte para distraí-lo.

Capítulo 1

Nhô Quim decide a deixar-lhe os lares paternos.
Cobrem-no de beijos, abraços e bênçãos.
Montado no cavalinho riço, diz o norro herói o último adeus!
Leva três dias completos a galgar morros, na companhia do seu fiel Benedito.
Avista, afinal, a desejada estação.
Nhô Quim fica absorto.
E o cavalinho ruço muito admirado.
Pelo sim e pelo não o nosso homem benze-se três vezes antes de entrar no trem.
E por causa das dúvidas vai cumprimentando com delicadeza
e vai oferecendo um pedaço de queijo de Minar, que traz bem guardadinho na bota,
e que, pelo aroma, parece queijo suíço.
Nhô Quim observa que a viagem em vagão não pe PIOR;
e que o vapor anda mais ligeiro que seu cavalinho ruço.
Tão ligeiro que o vento...!!!
Nhô Quim grita ao maquinista: Monsiú, espere!
Puxe a rédea da máquina!
Lá se vai meu chapéu.
Vendo que o trem continua,
Nhô Quim fica zangado e
quer precipitar-se pela portinhola.
Nhô Quim explica que o chapéu dado
por papai e a fita por Sinhá Rosa, no dia de
seus anos, mas a conversa é interrompida pela
ENTRADA NO TÚNEL GRANDE.
No 1ºminuto, Nhô Quim fica embatucado;
no 2º, acha que o negócio vai se complicando;
no 3º, pensa que não verá mais o sol;
no 4º, suspeita que Sinhá Rosa casará com seu rival Manduca;
no 5º, fica furioso; no 6º, pensa que o enterram vivo;
no 7º, que o diabo o levou.
Nhô Quim ao sair do túnel!

Rende graça à Providência pela sua salvação!

Chega a belém.

Safa!... Que café!

Nhô Quim paga e pede o troco.

Espere! Já vou indo!

Estou esperando o troco.

Espere! Já vou indo!

Lá se vai o trem!...

Puxa a rédea, Munsiú!

Puxe a rédea!...

Pare um pouco!...

Texto 22: Texto publicitário de 1909.



Fonte: Google. Disponível em:<http://www.saopauloantiga.com.br/bau-da-propaganda/>. Acesso em: 16 jul 2016.

Texto 23: Página da primeira edição do jornal Correio Braziliense de 1808.

CORREIO BRAZILIENSE

DE JUNHO, 1808.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvéra lá chegara.
CAMOENS, c. VII. e. 14.

Introducçaõ.

O PRIMEIRO dever do hómem em sóciedade he ser util aos membros della; e cada um deve, segundo as suas forças Phisicas, ou Moraes, administrar, em beneficio da mesma, os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a educaçaõ lhe prestou. O individuo, que abrange o bem geral d'uma sociedade, vem a ser o membro mais distincto della: as luzes, que elle espalha, tîram das trevas, ou da illuzaõ, aquelles, que a ignorancia precipitou no labyrintho da apathia, da inepcia, e do engano. Ninguem mais util pois do que aquelle que se destina a mostrar, com evidencia, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do fucturo. Tal tem sido o trabalho dos redactores das folhas publicas, quando estes, munidos de uma critica saã, e de uma censura adequada, represêntam os factos do momento, as reflexoens sobre o passado, e as soldidas conjecturas sobre o futuro.

Devem-se à Naçaõ Portugueza as primeiras luzes destas obras, que excitam a curiosidade publica. Foi em Lisboa, na imprensa de Craesbock, em 1649, que este Redactor traçou, com evidencia, debaixo do nome de Boletim os acontecimentos da guerra da acclamaçaõ de D. Joaõ o Quarto. Neste folhéto se vîam os factos, taes quaes a verdade os devia pintar, e desta obra interessante se valeo, ao depois, o Conde da Ericeira, para escrever a historia da acclamaçaõ com tanta censura, e acertada critica, como fez.

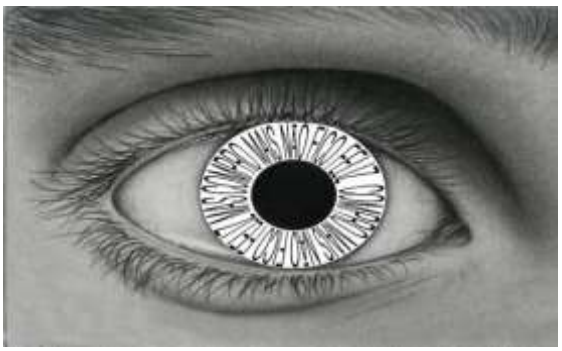
Disponível em: <www.casadasfocas.com.br>. Acesso em: 16 jun 2016. Autoria: Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça.

Texto 24: Poema escrito no final do Século XX, por Cacaso.

E com vocês, a modernidade

fteu verso é profundamente romântico,
Choram cavaquinhos luares se derramam e vai
Por aí a longa sombra de rumores e ciganos,
Ai que saudades que tenho dos meus negros verdes anos.
Cacaso (2002, p. 113).

Texto 25: Poema digital, veiculado na internet em 2000.



Fonte: Google. Disponível em: <www. sarautropeiro.blogspot.com.br>. Acesso em: 3 jun 2016.

Professor(a), debater com a turma a intencionalidade discursiva presente em cada texto, os recursos gráficos e linguísticos empregados pelos autores. É importante que os alunos percebam que a produção de um texto está relacionada a vários fatores, tais como o locutor, o interlocutor, o veículo de comunicação, a época de criação.

Questão para discussão oral.

a) Quais as modificações quanto ao uso da linguagem podem ser percebidas nos textos em análise?

3) Leitura da crônica "As palavras que ninguém diz", de Carlos Drummond de Andrade.

Texto 26: As palavras que ninguém diz.

– Sabe o que é diadelfo? Não sabe. É isso aí: ninguém aprende mais nada na escola, não há professor que ensine o que é diadelfo. Entretanto, basta você sair por aí, na Gávea, e dá de cara com pencas de diadelfos. Tão fácil distingui-los. Pelo visto, sou capaz de jurar que você também nunca experimentou a emoção do ilapso. Ou por outra: pode ter experimentado, mas sem identificá-lo pelo nome. Não alcançou a maravilhosa consciência de haver merecido o ilapso. Conheci um nordestino que na mocidade exercera a profissão de ultor, e que ignorava o que é ultor; como é que pode ser tão mau profissional?

Praticamente as coisas deixaram de ser nomeadas na boca dos falantes. O vocabulário azulou. São incapazes de reconhecer o que é beltiano, e mais ainda de qualificá-lo. Paranzela, já ouviu falar? Conhece entre suas relações quem algum dia falou em oniquito? Se vou ao Number One e peço alfitetes, pensam que estou louco, acham que quero comer alfinetes. Não adianta argumentar que, como paguilha, faço jus a maior consideração; de resto, sabem lá o que é paguilha?

Olhe, não é só a piara que ignora tudo, inclusive que ela é piara. Os da alta, é a mesma coisa. Participei de umas boedrômias em certa mansão do Cosme Velho, e pude verificar que todos, satisfeitíssimos com o que faziam, estavam longe de imaginar que tudo aquilo que se passava em torno da piscina eram boedrômias, autênticas boedrômias. Uma situação de poslimínio é absolutamente indecifrável para muitos doutores que conheço. E quantos só dorme sossegados se têm talambor a protegê-los, desconhecendo embora que instalaram um talambor em casa?

Menino você gosta remuito de siricaia e não sabe o que é siricaia e o que é remuito? Santa ignorância! Mas que o seu pai, professor ilustre, pratique o hapaxismo e nem desconfie de ser harpaxista, meus pêsames às codornas. Lamentável, ainda, a incontinência de seus borborigmos em reuniões sociais, pois não?

Quanta gente por aí precisando de auriscálpio, e se aconselho que procure obter um, fica perturbada, imaginando coisas. Chega a manifestar aversamento, sem o mesmo desconfiar do que seja aversamento. Do português, não aprendem um pigalho. Aventure-se alguém, numa roda seleta, a falar em cristadelfos. Os que se julgam mais informados pensarão que nos referimos às porcelanas de Delft.

Pessoas que adoram determinados pitéus, não as visita a mínima noção da gamaralogia (não quer dizer que sejam gamadas, é outra coisa muito diferente) . dispomos de alguns estratólogos, a que ninguém trata pela correta denominação, e se esta for mencionada, haverá quem suponha tratar-se de peritos em rodoviarismo ou em extrato de contas. Fui cumprimentar uma campeã de tênis, chamando-a lindamente de vitrice, e ela se abespinhou. Achou talvez algo de venéfico no vocábulo. Sabe tênis e não sabe o idioma.

Vamos dar uma volta seral? Propus a outra moça, que arregalou os olhos. Não houve meio de convencê-la de que pretendia leva-la por aí, sob a paz das estrelas. Imagine se eu lhe propusesse subsiles. Ainda que eu aplicasse o máximo de catexe, não conseguiria nada. E talvez até ela chamasse a polícia.

Bem, não estou exagerando. Você que me ouve, sabe (pelo menos isso) que eu evito toda e qualquer espécie de cinquete. Ah, também não sabe o que é cinquete? Era de se esperar. Não posso falar que sua cabeça mais parece uma abatiguera, porque, a

bem dizer, você nunca plantou nada aí, em consequência nada aí se pode colher. Certas coisas a gente vê logo, não carece ser mirioftalmo. Passe bem, ignaro, ou melhor, passe mal! Carlos Drummond de Andrade.

Fonte: Google. Disponível em: <http:// Mineiramente Drummond, 2007>. Acesso em:16 jul 2016.

Questões para discussão.

- Estabeleça uma hipótese para justifica a intenção do autor com a produção da crônica?
- Você concorda com o autor, quando ele diz que "ninguém aprende mais nada na escola", considerando o vocabulário ativo de uma pessoa?
- Por que, em sua opinião, algumas palavras deixam de ser usadas pelos falantes de uma língua?

a) Transcrever, do texto, as palavras que, segundo o autor, não são mais utilizadas pelas pessoas no cotidiano. Em dupla, comparar as palavras transcritas com o colega e organizar uma única lista. Na sequência, elaboração de um glossário do texto para toda a turma.

4) Leitura do texto "O vendedor de palavras", de Fábio Renyol.

Texto 27: O vendedor de palavras.

Ouviu dizer que o Brasil sofria de uma grave falta de palavras. Em um programa de TV, viu uma escritora lamentando que não se liam livros nesta terra, por isso as palavras estavam em falta na praça. O mal tinha até nome de batismo, como qualquer doença grande, "indigência lexical". Comerciante de tino que era, não perdeu tempo em ter uma ideia fantástica. Pegou dicionário, mesa e cartolina e saiu ao mercado cavar espaço entre os camelôs.

Entre uma banca de relógios e outra de lingerie instalou a sua: uma mesa, o dicionário e a cartolina na qual se lia: "Histriônico — apenas R$ 0,50!".

Demorou quase quatro horas para que o primeiro de mais de cinquenta curiosos parasse e perguntasse.

— O que o senhor está vendendo?

— Palavras, meu senhor. A promoção do dia é histriônico a cinquenta centavos, como diz a placa.

— O senhor não pode vender palavras. Elas não são suas. Palavras são de todos.

— O senhor sabe o significado de histriônico?

— Não.

— Então o senhor não a tem. Não vendo algo que as pessoas já têm ou coisas de que elas não precisem.

— Mas eu posso pegar essa palavra de graça no dicionário.

— O senhor tem dicionário em casa?

— Não. Mas eu poderia muito bem ir à biblioteca pública e consultar um.

— O senhor estava indo à biblioteca?

— Não. Na verdade, eu estou a caminho do supermercado.

— Então veio ao lugar certo. O senhor está para comprar o feijão e a alface, pode muito bem levar para casa uma palavra por apenas cinquenta centavos de real!

— Eu não vou usar essa palavra. Vou pagar para depois esquecê-la?

— Se o senhor não comer a alface ela acaba apodrecendo na geladeira e terá de jogá-la fora e o feijão caruncha.

— O que pretende com isso? Vai ficar rico vendendo palavras?

— O senhor conhece Nélida Piñon?

— Não.

— É uma escritora. Esta manhã, ela disse na televisão que o País sofre com a falta de palavras, pois os livros são muito pouco lidos por aqui.

— E por que o senhor não vende livros?

— Justamente por isso. As pessoas não compram as palavras no atacado, portanto eu as vendo no varejo.

— E o que as pessoas vão fazer com as palavras? Palavras são palavras, não enchem barriga.

— A escritora também disse que cada palavra corresponde a um pensamento. Se temos poucas palavras, pensamos pouco. Se eu vender uma palavra por dia, trabalhando duzentos dias por ano, serão duzentos novos pensamentos cem por cento brasileiros. Isso sem contar os que furtam o meu produto. São como trombadinhas que saem correndo com os relógios do meu colega aqui do lado. Olhe aquela senhora com o carrinho de feira dobrando a esquina. Com aquela carinha de dona-de-casa ela nunca me enganou. Passou por aqui sorrateira. Olhou minha placa e deu um sorrisinho maroto se mordendo de curiosidade. Mas nem parou para perguntar. Eu tenho certeza de que ela tem um dicionário em casa. Assim que chegar lá, vai abri-lo e me roubar a carga. Suponho que para cada pessoa que se dispõe a comprar uma palavra, pelo menos cinco a roubarão. Então eu provocarei mil pensamentos novos em um ano de trabalho.

— O senhor não acha muita pretensão? Pegar um...

— Jactância.

— Pegar um livro velho...

— Alfarrábio.

— O senhor me interrompe!

— Profaço.

— Está me enrolando, não é?

— Tergiversando.

— Quanta lenga-lenga...

— Ambages.

— Ambages?

— Pode ser também evasivas.

— Eu sou mesmo um banana para dar trela para gente como você!

— Pusilânime.

— O senhor é engraçadinho, não?

— Finalmente chegamos: histriônico!

— Adeus.

— Ei! Vai embora sem pagar?

— Tome seus cinquenta centavos.

— São três reais e cinquenta.

— Como é?

— Pelas minhas contas, são oito palavras novas que eu acabei de entregar para o senhor. Só histriônico estava na promoção, mas como o senhor se mostrou interessado, faço todas pelo mesmo preço.

— Mas oito palavras seriam quatro reais, certo?

— É que quem leva ambages ganha uma evasiva, entende?

— Tem troco para cinco?

Disponível em:< http://www.releituras.com/freynol_vendedor.asp>. Acesso em: 3 jun 2016.

Questões propostas.

- Qual a temática abordada no texto? Em que aspectos (tema, gênero e linguagem) este texto se assemelha ao de Carlos Drummond de Andrade?
- O que causou estranheza às pessoas que passavam pela banca do protagonista?
- De acordo com o protagonista, que fato o motivou a montar a barraca de vendas?
- Sublinhe, no texto, as palavras vendidas pelo protagonista. Você conhecia alguma(s) dela(s)?
- Imagine-se no lugar do vendedor e pesquise (em casa com os parentes; na internet; em livros de literatura brasileira; em dicionários) palavras que já não são mais

utilizadas. Organize, em dupla, uma relação com, pelo menos, cinco termos e promova, na sala de aula, a "venda dessas expressões", apresentando-as para os colegas. Escreva cada uma delas em uma ficha e exponha-as no mural da sala.

Quadro 4: Lista de palavras que caíram em desuso.

FICHAS PARA OS ALUNOS ESCREVEREM AS PALAVRAS A SEREM "VENDIDAS"				

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora.

5) Leitura da tirinha, a seguir, publicada na internet.

Texto 28: Tirinha.



Fonte: Google. Disponível em:<http://diariodakiro.blogspot.com.br/2011_03_19_archive.html>. Acesso em:16 jul 2016.

a) Após a leitura da tirinha, cada aluno deverá escrever um pequeno texto, explicando o que acontece com a constituição do léxico de uma língua e quais os fatores que influenciam essa formação e nela interferem.

Módulo 2

Objetivos.

- Reconhecer os processos por meio dos quais podem se formar novas palavras.
- Identificar fatores que influenciam no surgimento de novas palavras.
- Promover atividades em que se perceba o uso de palavras novas.
- Reconhecer a intencionalidade do escritor ao utilizar palavras inventadas.

Estratégias.

- Leitura do poema "Ai, Palavras!", de Cecília Meireles.
- Leitura de textos de autores de épocas diferentes e de textos de gêneros variados.
- Identificação e nomeação dos processos de formação de palavras, com o uso de slides projetados em *Power Point*.

Atividades.

1) Leitura do poema "Ai, Palavras!", de Cecília Meireles.

Texto 29: Ai, Palavras!

Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai palavras,
sois o vento, ides no vento,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!
Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!
Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta; o
mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois audácia,
calúnia, fúria, derrota…
A liberdade das almas,

ai! com letras se elabora…
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil como o vidro
e mais que o são poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam…

Cecília Meireles

Disponível em: <https://lusografias.wordpress.com/2007/04/29/ai-palavras/>. Acesso em: 15 de nov. 2015.

Professor(a): É importante lembrar que, durante a leitura e a análise, os alunos

[redacted]

mesmos itens lexicais.

Questões propostas.

- A que "potência" das palavras a autora se refere?
- A autora caracteriza a palavra com dois adjetivos de sentidos opostos: "frágil" e "poderosa". Considerando o conteúdo do poema, explique em que situação uma palavra assume a primeira característica e uma em que ela assume a segunda. Represente cada uma dessas situações com um exemplo da vida real.
- De acordo com as ideias contidas no texto, para que servem as palavras?
- De que maneira a palavra se "forma" e se "transforma"? Exemplifique cada um desses processos.
- Explique o sentido dos versos "Todo o sentido da vida/ principia à vossa porta", relacionando-os ao conteúdo do poema e às situações de uso dos itens lexicais de uma língua.
- Nos versos "Sois de vento, ides no vento e quedais,/ com sorte nova!", é possível reconhecer que característica dos itens lexicais que constituem uma língua?

- A autora do poema, a respeito das palavras, afirma que “sois o sonho e sois a audácia, calúnia, fúria, derrota”. Escreva duas frases empregando a mesma palavra, de forma que em uma ela tenha sentido positivo e na outra, negativo.

2) Leitura de textos.

Texto 30: Capa de livro.



Fonte: COUTO (1987).

Professor(a): Investigar se a turma conhece o autor da obra. Comentar a respeito do autor e do conteúdo abordado por ele. Segue uma análise do livro, a qual pode ser utilizada como referência.

Depois de quase trinta anos de guerra, Moçambique vive agora um período de paz. Nessas *Estórias abensonhadas*, o premiado escritor Mia Couto capta um país em transição. Numa prosa poética e carregada das tradições orais africanas, o autor tece pequenas fábulas e registros que, sem irromper em grandes acontecimentos, capturam os movimentos íntimos dessa passagem. Aqui, fantasia e realidade se entrelaçam e se impõem uma à outra, como num reflexo do próprio continente africano. O rio que atravessa essas veredas é a prosa de Mia Couto. Frequentemente comparada à de Guimarães Rosa e Gabriel Garcia Márquez, sua escrita transforma o falar das ruas em poesia, e carrega de magia a dura realidade de seu país. As palavras se combinam em inúmeros significados, e no menor dos enredos cabe tanto o lirismo quanto a guerra.

Fonte: Google. Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br>. Acesso em:16 jul 2016.

Texto 31: Tirinha.



Fonte: WATTERSON (2007, p. 101).

- a) Nos Textos 30 e 31, foram empregadas duas palavras que são consideradas neologismos: “abensonhadas” e “esminhocar". Apesar de elas não pertencerem oficialmente à Língua Portuguesa, foi possível compreender o sentido delas? Justifique a resposta.

4) Leitura do texto “Hipotrélico”, de João Guimarães Rosa.

Texto 32: Hipotrélico.

Há o hipotrélico. O termo é novo, de impesquisada origem e ainda sem definição que lhe apanhe em todas as pétalas o significado. Sabe-se, só, que vem do bom português. Para a prática, tome-se hipotrélico querendo dizer antipodático, sengraçante imprizido; ou talvez, vice-dito: indivíduo pedante importuno agudo, falta de respeito com a opinião alheia. Sob mais que, tratando-se de palavra inventada, e, como adiante se verá, embirrando o hipotrélico em não tolerar neologismos, começa ele por se negar nominalmente a própria existência.

Somos todos, neste ponto, um tenho ou cento hipotrélico? Salvo o excepto, um neologismo contunde, confunde, quase ofende. Perspica-nos a inércia que soneja em cada canto do espírito, e que se refestela com os bons hábitos estadados. Se é que um não se assuste: saia todo-o-mundo a empinar vocábulos seus, e aonde é que se vai dar com a língua tida e herdada? Assenta-nos bem à modéstia achar que o novo não valerá o velho; ajusta-se à melhor prudência relegar o progresso no passado.

Sobre o que, aliás, previu-se um bem decretado conceito: o de que só o povo tem o direito de se manifestar, neste público particular. Isto nos aquieta. A gente pensa em democráticas assembleias, comitês, comícios, para a vivíssima ação de desenvolver o idioma; senão que o inconsciente coletivo ou o Espírito Santo se exerçam a ditar a vários populares, a um tempo, as sábias, válidas inspirações. Haja para. Diz-se nos também, é certo, que tudo não passa de um engano de arte, leigo e tredo: que quem inventa palavras é sempre um indivíduo, elas, como as criaturas, costumando ter um pai

só; e que a comunidade contribui apenas dando-lhes ou fechando-lhes a circulação. Não importa. Na fecundidade do araque apura-se a vantajosa singeleza, e a sensatez da minha inocência supera as excelências do estudo. Pelo que terá de ser agreste ou inculto o neologista, e ainda melhor se analfabeto for.

Seja que no sem-tempo quotidiano, não nos lembremos das e muitíssimas que foram fabricadas com intenção – ao modo como Cícero fez qualidade ("qualitas"), Comte altruísmo, Stendhal egotismo, Guyau amoral, Bentham internaciona, Turguêniev niilista, Frocástor sífilis, Paracelso gnomo, Voltaire embaixatriz ("ambassadrice"), Van Helmont gás, Coelho Neto paredro, Ruy Barbosa egolatria, Alfredo Taunay necrotério; e mais e mais e mais, sem redobrar memória. Palavras em serviço efetivo, já hoje viradas naturais, com o fácil e jeito e unto de espontâneas, conforme o longo uso as sovou.

De acordo, concedemos. Mas, sob cláusula: a de que o termo engenhado venha tapar um vazio. Nem foi menos assim que o doutor Castro Lopes, a fim de banir galicismos, e embora se saindo com processo direto e didático, deixadas fora de conta quaisquer sutilezas psicológicas ou estéticas conseguiu pôr em praça pelo menos estes, como ele mesmo dizia, "produtos da indústria nacional filológica": cardápio, convescote, preconício, necrópole, ancenúbio, nasóculos, lucivéu e lucivelo, fádico, protofonia, vesperal, posturar, postrídio, postar (no correio) e mamila. E, donde: palavra nova, só se satisfizer uma precisão, constatada, incontestada.

Guimarães Rosa

Professor(a): Todas as pessoas citadas no texto, além das produções literárias,

[redacted]

Tuguêniev (1818/1883) – romancista e dramaturgo russo, um dos mestres da ficção.
Frocáster (1478/1553) – médico, matemático, geógrafo e poeta italiano.

Paracelso (1493/1541) – médico, alquimista, físico; a ele é creditada a criação do



Alfredo Taunay (1843/1899) – escritor, músico, professor, historiador e sociólogo brasileiro.

Fonte: Google. Disponível em: <www.wikipedia.com.br>. Acesso em: 16 jul 2016.

Questões propostas para serem respondidas por escrito.

a) O que as pessoas apresentadas, no quadro acima, têm em comum com Guimarães Rosa, para serem citadas em seu texto?

b) Elabore uma relação com neologismos empregados no texto “Hipotrélico”, explicando o sentido deles.

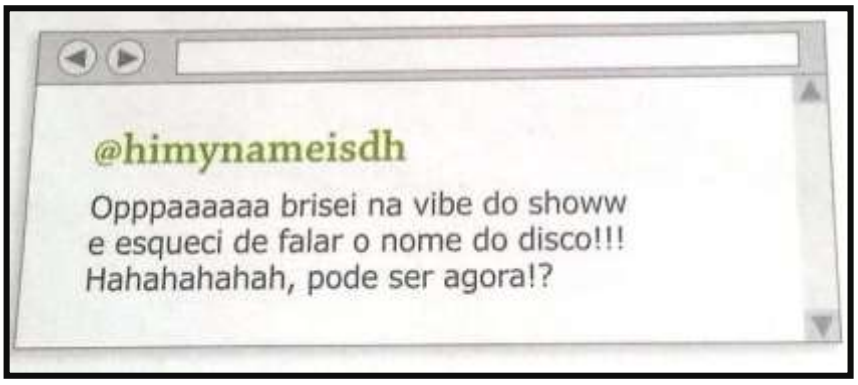
Quadro 5: Neologismos do texto “Hipotrélico”.

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora.

5) Aula expositiva com o uso de slides projetados em *DataShow,* a respeito da formação de palavras.

6) Leitura de textos.

Texto 33: Postagem no Twitter.



Fonte: Google. Disponível em: <http://twitter.com/#/himynameisdh/status/8476108325376>. Acesso em: 16 jul 2016.

Imagem 4: *Emoticons*.



Fonte: Google. Disponível em: <https://sheilaluiza.files.wordpress.com/2011/05/web.jpg>. Acesso em:16 jul 2016.

Texto 34: Blz.



Fonte: Google. Disponível em:<http://hardplus.com.br/blog/wp-content/uploads/Internet%C3%AAs.jpg>. Acesso em: 16 jul 2016.

Imagem 5: *Emojis.*



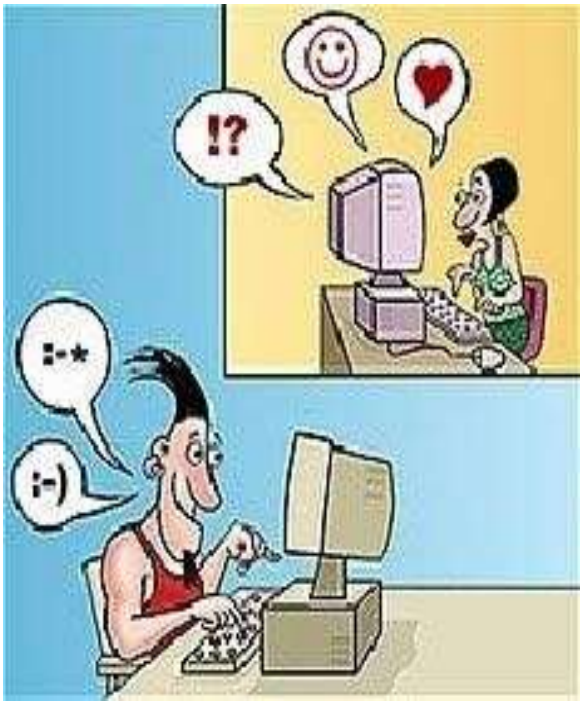
Fonte: Google. Disponível em:<http://brasilescola.uol.com.br/upload/e/img(3).jpg>. Acesso em: 16 jul 2016.

Texto 35: Internetês.



Fonte: Google. Disponível em:<http://revistaescola.abril.com.br/img/lingua-portuguesa/206-lingua-viva.jpg>. Acesso em:16 jul 2016.

Texto 36: Cartum.



Fonte: Google. Disponível em: < https://bolgspot.com>. Acesso em:16 jul 2016.

Texto 37: Charge.



Fonte: Google. Disponível em: <https//www.google.com.br>. Acesso em:16 jul 2016.

Questões propostas para discussão oral.

- Qual (is) a (s) característica (s) da linguagem usada na internet?
- A linguagem conhecida como "internetês" é considerada certa ou errada?
- Para você, o uso dessa linguagem interfere na escrita dos estudantes em tarefas escolares, tais como produções textuais? Fundamente a resposta.

Professor(a): Antes de iniciar a atividade seguinte, discutir com a turma a

[redacted]

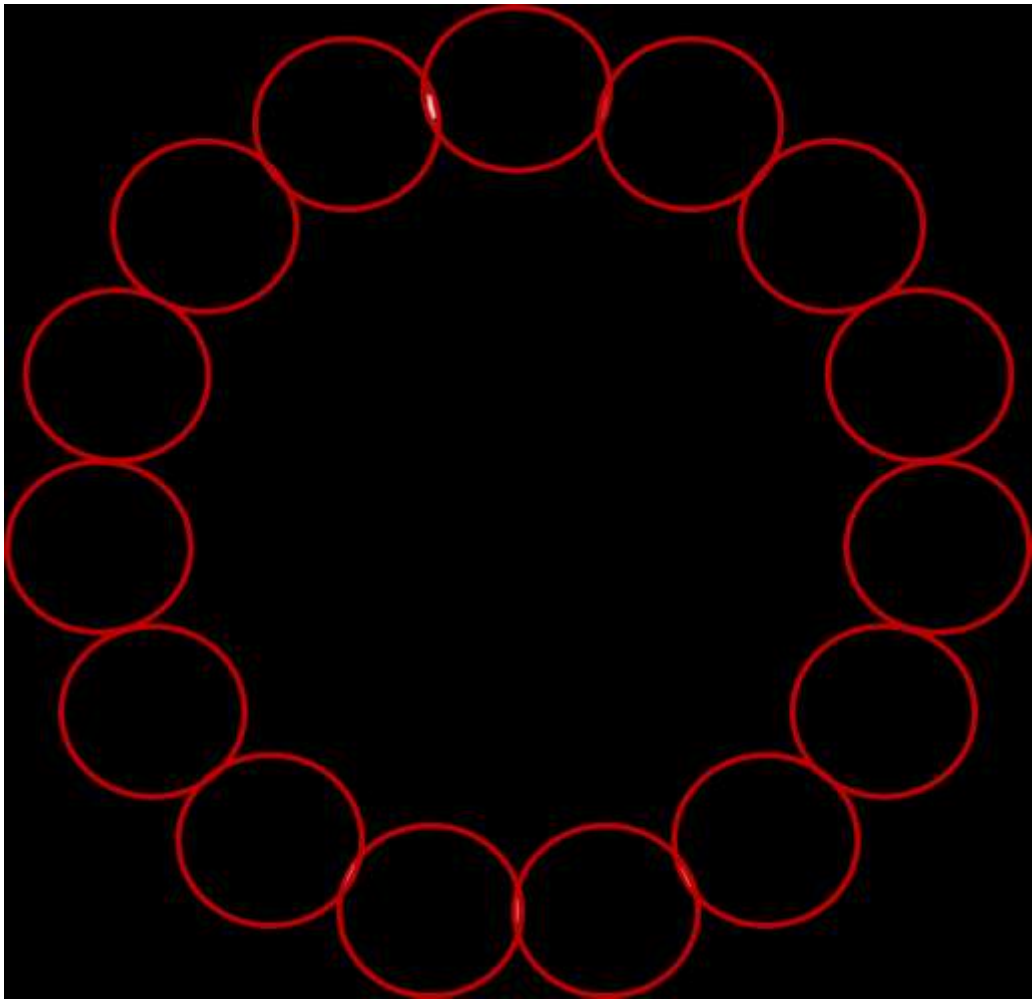
situações de interação nas redes sociais (verificar com eles a existência de outras formas vigentes).

7) Observação de imagens, nas quais estão reproduzidos alguns recursos utilizados em comunicação virtual. Para cada um desses sinais diacríticos que caracterizam o "internetês", apresentar uma lista com alguns deles e solicitar que o aluno amplie a lista. Seria importante que ele usasse o conhecimento prévio, mas se pode haver o compartilhamento de informações com os colegas ou que se faça uma consulta a *sites* da internet.

a) *Emoticons*.

Leitura do significado de alguns desses símbolos e ampliação da lista.

Figura 6: *Emoticons.*

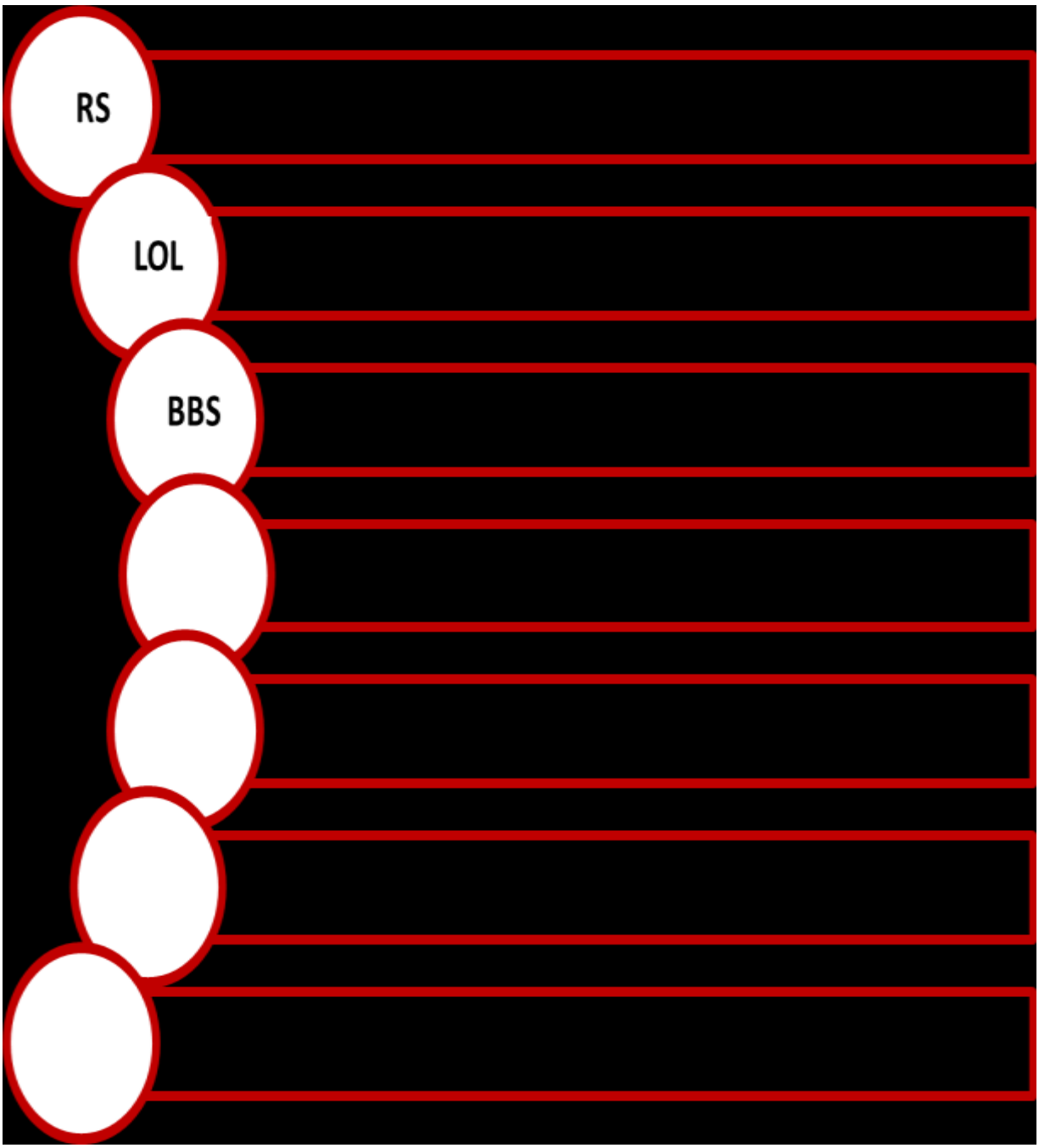


Fonte: Elaboração própria, com consulta a site da internet para identificação dos símbolos. Disponível em:< https://www. google. com. br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi8j-rX4qfTAhVJjp AKHexrBVYQj RwIBw&url= http%3A%2F%2Fwww. tecnoartenews.com%2Fnoticias%2Femoticons-para-facebook->. Acesso em:17 jul 2016

b) Acrônimos

Ampliação da lista de acrônimos, com o acréscimo de novos itens e os respectivos significados.

Figura 7: Acrônimos.



Fonte: Elaboração própria do esquema, com consultas a sites do Google para pesquisa a respeito dos acrônimos.

Disponível em: <http://www.purebreak.com.br/noticias/conheca-todas-siglas-e-abreviacoes-da-web-e-nunca-mais-fique-boiando-na-internet/4393>. Acesso em: 16 jul 2016.

c) *Emojis*.

Ampliação da lista de *emojis,* com o acréscimo de outros símbolos e dos respectivos significados.

Imagem 6: *Emojis.*



Fonte: Google. Disponível em: <https://www.getemoji.com>. Acesso em: 16 jun 2016.

d) Abreviações.

Acréscimo de outras abreviações usadas na comunicação virtual, completando o quadro.

Figura 8: Abreviações.

abreviação	Significado
flw	Falou
vdd	Verdade
ctz	Certeza

Fonte: Elaborada pela professora–pesquisadora, com imagem do SmartGráfico.

Culminância.

Os alunos deverão se reunir em grupos de, no máximo, quatro alunos. Empregando os sinais diacríticos próprios do internetês, na modalidade escrita, elaborarão um diálogo entre duas ou mais personagens. A sequência de falas deve apresentar coerência e coesão. Assim que o texto estiver pronto, sob a orientação do professor, trocar o texto com outra dupla de colegas. Ler, em parceria com o colega de dupla, o texto recebido. O professor solicitará que algumas duplas leiam o texto em voz alta, para verificar se houve compreensão da mensagem.

Retomar o texto produzido por você e sua dupla. Reescrevê-lo na modalidade escrita da Língua Portuguesa, empregando parágrafos, sinais de pontuação e demais recursos necessários para a organização das ideias.

OFICINA 5: No Colégio Militar se diz assim. . .

Módulo 1

Objetivos

- Identificar, com os alunos, o perfil de uma instituição militar de ensino.
- Reconhecer as características peculiares de uma instituição militar de ensino.
- Analisar as ideias contidas em um poema escrito por um ex-aluno de colégio militar.

Estratégias

- Descrição de uma instituição militar de ensino.
- Elaboração de uma lista na qual sejam apresentados aspectos positivos e negativos de se estudar em uma instituição militar de ensino, conforme a visão de cada aluno.
- Leitura e análise do poema, escrito por um ex-aluno, cuja temática é o colégio militar.

Atividades

1) Por meio de uma conversa informal, perguntar aos alunos as razões que os levaram a estudar no colégio militar.

2) Solicitar aos alunos que cada um escreva cinco razões pelas quais ele gosta de estudar no colégio militar e cinco por que não gosta.

Quadro 6: Descrição do que gosta e do que não gosta no colégio militar.

No colégio militar, eu gosto de	No colégio militar, eu não gosto de

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora, com recurso do SmartGráfico.

2) Leitura de poema.

Texto 38: Colégio Militar.

Colégio ftilitar, menino embora...
Eu segui na cadência do teu passo.
Teu comando atendi, chegada a hora,
e depus meu destino em teu regaço.

Seguir quisera o teu luminoso traço
da glória tua, que se revigora
e nos há de cingir, Brasil afora,
num nobre, heroico e gigantesco abraço.

Colégio ftilitar, a tua história,
hei de guardá-la sempre na memória,
fazendo do teu culto uma bandeira.

Que eu possa te servir sempre e honrar!
Porque servir-te é o mesmo que lutar
pela glória da pátria brasileira.

Cleverson da Silva Gomes (1949)

Questões para interpretação do poema.

- O poema pode ser considerado uma homenagem ao colégio militar. Que aspectos da instituição são destacados no texto?
- Que itens lexicais remetem ao contexto de uma instituição militar?

Módulo 2

Objetivos.

- Identificar termos que são usados em situações do cotidiano em uma instituição militar de ensino.
- Reconhecer a variação linguística predominante no ambiente de uma instituição militar de ensino.
- Elaborar um vocabulário com termos utilizados pelos alunos no contexto da instituição militar de ensino.

Estratégias.

- Elaboração de uma lista de termos utilizados no ambiente escolar, pelos alunos, em grupos de até quatro componentes.
- Construção do vocabulário pelos alunos, com os termos listados, agrupados conforme o campo semântico a que pertencem.
- Utilização de hipertexto para a formulação do vocabulário.

Atividades.

As atividades serão realizadas no Laboratório de Informática, com a utilização de hipertexto para a produção do vocabulário.

1) Em duplas, os alunos deverão escrever palavras/expressões que são utilizadas por eles e por demais integrantes da instituição no contexto do colégio militar. Podem ser termos relacionados à vestimenta, a atitudes, a documentos, a objetos, a comandos, a locais.

2) Cada dupla encaminhará, por e-mail, a lista dos termos para o professor.

3) Assim que todas as listas forem enviadas ao professor, este, juntamente com os alunos, fará uma seleção das palavras/expressões que fazem parte do campo semântico do colégio militar. Depois, será feita uma elaboração do vocabulário que, posteriormente, será publicado em forma de livreto, na escola. Com todos os itens lexicais enviados pela dupla, será elaborado um vocabulário com termos utilizados no ambiente militar de ensino, a ser publicado em forma de livreto.

REFERÊNCIAS

ABREVIAÇÕES. Disponível em: <https://www.google.com.br/search>. Acesso em: 11 fev 2017.

ABREVIAÇÕES E ACRÔNIMOS. Disponível em: <www.purebreak.com.br/noticias/conheca-todas-siglas-e-abreviacoes-da-web-e-nunca-mais-fique-boiando-na-internet/4393>. Acesso em: 5 jul. 2016.

ACRÔNIMOS NAS REDES SOCIAIS. Disponível em: <https://sheilaluiza.files.wordpress.com/2011/05/web.jpg>. Acesso em: 3 jul. 2016.

AGOSTINI (1869). Texto 1 - **As aventuras de Nhô-Quim**. Disponível em: <http://www.universohq.com/universo-paralelo/dia-do-quadrinho-nacional-ou-dia-nacional-dos-quadrinhos>. Acesso em: 3 jul. 2016.

A LÍNGUA É VIVA. Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/lingua-viva-423717.shtml>. Acesso em: 3 jul.2016.

ANDRADE, C. D. **O sotaque das mineiras**. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/poesias/3628050>. Acesso em: 7 jul. 2016.

BRÔ MC'S. Música **Eju Orendive.** Clipe Oficial- Legendado. Disponível em: <https://youtu.be/oLbhGYfDmQg>. Acesso em: 4 jul.2016.

BRÔ MC'S. Música **Koagangua**. Vídeo e letra disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBafJlZxT6s>. Acesso em: 4 jul.2016.

CACASO, **Lero-lero**. Rio de Janeiro: 9 Letras, 2002.

CARTUM MAFALDA. Disponível em: <Fonte: http://chebolas.blogspot.com.br/2014/02/charge-foto-e-frase-do-dia_16.html>. Acesso em 22 ago. 2016.

CAUDAS AULETE. Dicionário. Disponível em: < http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 5 jul. 2016.

COMPANHIA DAS LETRAS. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br>. Acesso em: 5 jul. 2016.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**. Lisboa: Caminho, 1987.

DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES GAUCHESCAS. Disponível em: <https://www.hagah.com.br/roteiros/dicionario-de-expressoes-gauchescas-aprenda-o-vocabulario-do-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 5 jul. 2016.

DOURADO NEWS. **Grupo de rap.** Disponível em: <http://www.douradosnews.com.br/noticias/cultura-lazer/koangagua-bro-mc-s-lanca-novo-clipe-nas-aldeias-de-dourados>. Acesso em: 4 jul.2016.

EMOJIS 1. Disponível em: <http://getemoji.com/>. Acesso em: 5 jul. 2016.

EMOJIS 2. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/upload/e/img(3).jpg>. Acesso em: 3 jul.2016.

EXPOSIÇÃO. **Menas**. Museu da Língua Portuguesa. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=PZcppSdG8cg>. Acesso em: 2 jun.2016.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. Temas e figuras: a seleção lexical. In: ___**Para entender o texto**: leitura e produção. 15 ed. São Paulo: Ática, 1999.

GERALDINHO. **Causo da Bicicleta**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FL2L_IG843A>. Acesso em: 3 jun. 2016.

IDIOMATERNO – o Português brasileiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OzKEfEHi7ag&t=75s>. Acesso em: 4 jun 2016.

IMAGENS. Disponível em: <https://loacweb.wordpress.com/>. Acesso em: 5 jul. 2016.

GOMES, C. S. **Colégio militar** . 1949.

INTERNETÊS HARDPLUS. Disponível em: <http://hardplus.com.br/blog/internetes-linguagem-mundo-virtual/>. Acesso em: 3 jul. 2016.

JORNAL HOJE. **Sotaques do Brasil desvenda as diferentes formas de falar do brasileiro.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WwP_b48TpgE>. Acesso em: 2 jun. 2016.

JORNALISMO. **Série sobre a língua**. Video. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GqEbcH9GXBY>Acesso em: 2 jun.2016.

LENINE. **Diversidade**. Vídeo. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=29Mj-8RdvUE>. Acesso em: 5 jun. 2016.

LINGUAGEM DAS REDES SOCIAIS. Disponível em: < http://twitter.com/#/himynameisdh/status/8476108325376>. Acesso em: 3 jul.2016.

LOPES, S. **Trezentas Onças**. Contos Gauchescos. In: Entrevero. LP&M Editores. Porto Alegre: 1984. Pág. 27. Edição especial para a MPM Propaganda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7pRNWWlbvu4>. Acesso em: 2 jul. 2016.

MAPA GEOGRÁFICO DO BRASIL COM SEUS RESPECTIVOS ESTADOS. Disponível em: <www.google.com.br>. Acesso em: 2 jul.2016.

MEIRELES, C. **Ai, Palavras!** Poema. Disponível em: <https://lusografias.wordpress.com/2007/04/29/ai-palavras/>. Acesso em: 3 jul. 2016.

NOTÍCIA. **Marítimo goleia «Briosa»**. Rádio RTP. Disponível em: <http//www.rtp.pt/noticias/index>. Acesso em: 3 jul.2016.

NOTÍCIAS DE PORTUGAL. Disponível em: <www.rtp.pt/noticias/>. Acesso em: 5 jul. 2016.

PROPAGANDAS. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/bau-da-propaganda/>. Acesso em: 5 jul. 2016.

QUADRINHOS DIVERSOS. Disponível em: <https://www.humortadela.com.br>. Acesso em: 5 jul. 2016.

REYNOL, F. **O vendedor de palavras**. Disponível em: <http://www.releituras.com/ne_freynol_vendedor.asp>. Acesso em: 15 jun. 2016.

ROSA, G. **Terceiras estórias**. São Paulo: Nova Fronteira, 2010.

SANTOS, L. **Como uma Onda**. Música. Disponível em:<https://youtu.be/SWYrOzQhYlY>. Acesso em: 5 jul. 2016.

SOFTWARE. **Puzzle-Maker**. Disponível em: <http://puzzlemaker.discoveryeducation.com/>. Acesso em: 23 ago. 2016.

TEXTO A. Disponível em: <https://www.humortadela.com.br>. Acesso em: 3 jul.2016.

TEXTO B. Disponível em:<https://amazonaws.com/descomplica-blog>. Acesso em: 3 jul 2016.

TEXTO C. Disponível em: <https://www.cartunista.com.br>. Acesso em: 3 jul. 2016.

TEXTO D. Disponível em: <https://www.wordpress.com.br>. Acesso em: 3 jul. 2016.

TEXTOS E. Disponível em: <http://www.ivancabral.com/2013/08/charge-do-dia-medicos-estrangeiros.html>. Acesso em 3 jul. 2016.

TEXTO F. Disponível em: < http://www.diogosalles.com.br/tirinhas.asp >. Acesso em 3 jul 2016.

TEXTO G. Disponível em: <http://maisunifra.com.br>. Acesso em: 3 jul 2016.

TEXTO 1. **As aventuras de Nhô Quim**. Disponível em:< http://www.universohq.com/universo-paralelo/dia-do-quadrinho-nacional-ou-dia-nacional-dos-quadrinhos>. Acesso em:13 jul 2016.

TEXTO 2. **Propaganda Seios**. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/bau-da-propaganda/>. Acesso em: 13 jul 2016.

TEXTO 3. **Correio Braziliense** – Edição de 1808. Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. Disponível em: <http://www.itu.com.br/conteudo/detalhe.asp?cod_conteudo=14000>. Acesso em: 2 jun. 2016.

TEXTO 4. **E com vocês, a modernidade**. Cacaso, 2002. Disponível em: <http://www.poemasefrases.com.br/2013/03/cacaso-e-com-voces-modernidade.html>. Acesso em: 2 jun 2016.

TEXTO 5. **Poema Digital**. Disponível em: <http://sarautropeiro.blogspot.com.br/2011/12/serie-poemas-digitais-consumismo-premio.html >. Acesso em: 2 jun. 2016.

TEXTO BRASIL ESCOLA: Disponível em: <https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br>. Acesso em: 3 jul 2016.

TIRINHA IDADE MÉDIA. Disponível em: <http://diariodakiro.blogspot.com.br/2011_03_19_archive.html>. Acesso em: 3 jul 2016.

VILELA, N. Só o ôme. 1974. Música. Disponível em: <https://youtu.be/ARvokcfL8ek>. Acesso em: 2 jul. 2016.

WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo: e foi assim que tudo começou**. São Paulo: Conrad, 2007.

XAVIER, A.C. A (in)sustentável leveza do internetês**. Como lidar com essa realidade virtual na escola?** In: Estudo de Língua Portuguesa: Oralidade e Escrita. Org. Vanda Maria Elias. São Paulo: Contexto, 2014.

PROPOSTA DE ESTUDO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM INSTITUIÇÃO MILITAR DE ENSINO

Caderno de Oficinas Pedagógicas para Estudo das Variações Linguísticas – Copeval

(Versão para aluno)



Produto desenvolvido pela profª. Maria Goretti de Araújo Boudens.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 104
OFICINA 1: O Português no e do Brasil 108
Módulo 1 108
Módulo 2 111
OFICINA 2: Uma língua, vários usos 116
Módulo 1 116
Módulo 2 122
OFICINA 3: "Não há uma língua portuguesa, há línguas em português" (José Saramago) 125
Módulo 1 125
Módulo 2 141
OFICINA 4: Palavras vêm, palavras vão 146
Módulo 1 146
Módulo 2 159
OFICINA 5: No Colégio Militar se diz assim 171
Módulo 1 171
Módulo 2 173
REFERÊNCIAS 174

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Brô MC’s lança novo clipe nas aldeias de Dourados.**Erro! Indicador não definido.**
Imagem 2: *Emoticons* 164
Imagem 3: *Emojis* 164
Imagem 4: *Emojis* 169

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa Geográfico do Brasil, com seus respectivos estados. 111
Figura 2: Cruzadinha para ser preenchida pelo aluno 119
Figura 3: Glossário de palavras recorrentes da região Sul 133
Figura 4: Expressões recorrentes na região Sul..... 134
Figura 5: Cartazes para transcrição de expressões típicas da linguagem mineira 136
Figura 6: *Emoticons*..... 167
Figura 7: Acrônimos. 168
Figura 8: Abreviações..... 169

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Comparativo da origem dos alunos. 112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Palavra/expressão/significado – estado de origem 20
Quadro 2: Palavra/expressão/significado – de outros estados. 114
Quadro 3: Colonizadores dos estados brasileiros e razões históricas dessa colonização 35
Quadro 4: Palavras e expressões recorrentes na região e respectivos significados. 132
Quadro 5: Lista de palavras que caíram em desuso 157
Quadro 6: Vocabulário do texto “Hipotrélico” 163
Quadro 7: Descrição do que gosta e do que não gosta no colégio militar 171

LISTA DE TEXTOS

Texto 1: Diversidade 108
Texto 2: Cartum 110
Texto 3: Unificação linguística, que clareza! 116
Texto 4: Marítimo goleia "Briosa" 118
Texto 5: Fragmento de notícia jornalística 121
Texto 6: História em Quadrinhos. 124
Texto 7: Letra da música "Só o Ome" 125
Texto 8: Trezentas onças 127
Texto 9: O sotaque das mineiras 135
Texto 10: Eju orendive 137
Texto 11: Tradução do texto "Eju orendive" – "Pra revolucionar" 138
Texto 12: Charge 142
Texto 13: Charge 142
Texto 14: Charge 143
Texto 15: Charge 143
Texto 16: Charge 143
Texto 17: Tirinha 144
Texto 18: Charge 144
Texto 19: Tirinha 144
Texto 20: Letra da música "Como uma onda" 146
Texto 21: História em quadrinhos de 1869 148
Texto 22: Texto publicitário de 1909 150
Texto 23: Página da primeira edição do jornal Correio Braziliense de 1808 150
Texto 24: Poema escrito no final do Século XX, por Cacaso 151
Texto 25: Poema digital, veiculado na internet em 2000 152
Texto 26: As palavras que ninguém diz. 152
Texto 27: O vendedor de palavras. 154
Texto 28: Tirinha 158
Texto 29: Ai, Palavras! 159
Texto 30: Capa de livro 161
Texto 31: Tirinha 161
Texto 32: Hipotrélico 162
Texto 33: Postagem no *Twitter* 164
Texto 34: Blz 164

Texto 35: Internetês. 165
Texto 36: Cartum 165
Texto 37: Charge 165
Texto 38: Colégio Militar 171

APRESENTAÇÃO

Prezado(a) aluno(a),

Em sala de aula, encontram-se diversidade nos falares, uma vez que os estudantes são oriundos de ambiente socioculturais diferentes e esses fatores interferem no uso da língua. Portanto, tem-se, na escola, um espaço bastante apropriado para levar o reconhecimento do caráter heterogêneo da língua, valorizando e respeitando o emprego de outros itens lexicais que não fazem parte do seu universo.

Quando você ingressa na escola, traz consigo uma experiência de linguagem, que o torna único. Durante o período anterior à sua participação nesse ambiente de educação formal, vem desenvolvendo, no(s) contexto(s) social(is) do(s) qual(is) participa, uma gramática própria, resultante das experiências vivenciadas na família, na igreja, com os amigos. E para que você estabeleça comunicação e possa interagir em cada um desses contextos, faz-se necessário usar a língua de forma adequada. A variação é inerente a qualquer língua natural, ocorrendo em diversos níveis, tais como na pronúncia, na sintaxe, no vocabulário.

Dessa maneira, o objetivo da criação deste material pedagógico se fundamenta na necessidade de disponibilizar para o professor de Língua Portuguesa e para o aluno atividades complementares, como uma proposta, as quais estão centradas no reconhecimento e na valorização da variação linguística. Essas atividades foram elaboradas em forma de oficinas, instrumento por meio da qual o conhecimento é construído coletivamente, de maneira que haja integração e interação dos estudantes entre eles e também entre eles e o professor.

As atividades que compõem este Caderno têm, como finalidade principal, levar o aluno do nono ano do Ensino Fundamental II a conhecer a origem da nossa língua, a perceber as razões por que ocorre variação nos usos dos itens lexicais, a aceitar a diferença linguística no ambiente escolar, a identificar os mecanismos de formação, de criação, de desaparecimento de palavras ou de vocábulos.

A concepção dessas atividades em forma de oficinas pedagógicas se deu em virtude de se entender que essa é uma estratégia eficiente de construção coletiva de conhecimentos, já que representa uma forma de interação entre os estudantes. Estes, durante a realização das tarefas, têm oportunidade de manifestar opiniões, de concordar com a dos colegas ou de discordar delas, de questionar, de refletir, de desmitificar preconceitos. E, tendo em vista essa intenção, foram elaboradas cinco oficinas, sendo todas elas configuradas em dois módulos, nos quais se aborda um aspecto específico do tema.

Há, em cada uma das oficinas, a especificação dos objetivos propostos para a realização das atividades previstas e os exercícios a serem realizados. Adotou-se uma estrutura básica de abordagem do tema: um texto motivador inicial, que pode ser um poema, uma letra de música, uma charge, um texto em prosa. A partir desse texto, são promovidas discussões relacionadas ao assunto em questão para, com base no conhecimento prévio da turma, se proceder à resolução das atividades programadas. Você terá oportunidade de verbalizar ideias, pensamentos, bem como de pesquisar acerca de algo desconhecido, de trocar informações com o colega e de manifestar por meio da escrita.

Após a execução dos dois módulos, apresenta-se uma sugestão de atividade para a culminância do trabalho desenvolvido, de modo a ser apresentarem os resultados desse processo: um glossário com termos recorrentes no lugar de origem do estudante; uma exposição com palavras/expressões indicadas pelos próprios alunos e que representam a diversidade linguística no país; a produção de uma história em quadrinhos, com o uso de termos/expressões extraídas do glossário já elaborado por eles; uma mostra de termos de origem tupi-guarani que passaram a constituir o léxico da Língua Portuguesa; uma pesquisa a respeito de palavras/expressões em desuso e apresentadas em mural na escola; uma produção de poema com o uso de neologismos; uma elaboração de texto que represente uma conversa em ambiente virtual de comunicação, com o uso de termos próprios dessa linguagem; um vocabulário com termos utilizados no ambiente militar de ensino.

Na Oficina 1, intitulada “O Português no e do Brasil”, procura-se, no Módulo 1, sensibilizar o estudante para que ele reconheça algumas formas de diversidade – inclusive a de aspecto semântico-lexical -, a importância delas para a construção da cultura de um povo. Ainda se espera, por meio das discussões mediadas, que haja uma minimização de atitudes de preconceito de qualquer natureza, principalmente o linguístico. Já no Módulo 2, trata-se especificamente da utilização de itens lexicais diferentes para nomear um mesmo ser em virtude da região e do contexto sociocultural do falante e do reconhecimento de aspectos que promovem a constituição do léxico de um idioma.

A Oficina 2, denominada “Uma língua; vários usos”, basicamente está centrada na origem e na formação da Língua Portuguesa. Tanto no Módulo 1 quanto no Módulo 2, faz-se um breve estudo do percurso histórico da língua oficial do país, destacando a
influência dos povos indígenas nativos, dos africanos escravizados e dos colonizadores em cada uma das regiões geográficas seja na estruturação da cultura seja na constituição do léxico. Ainda se procura estabelecer uma comparação, quanto ao emprego de itens lexicais,

entre o Português europeu e o Português brasileiro. Já se começa a introduzir, também, o conceito de norma linguística.

Na Oficina 3 - "Não há uma língua portuguesa, há línguas em português" -, tem-se como foco as variações que acontecem na Língua Portuguesa em virtude dos fatores sociais que influenciam o surgimento e o desaparecimento de palavras e de expressões, além dos parâmetros utilizados para a(s) definição(ões) mais recorrentes de "norma". Com esses subsídios, já será possível promover discussão com a turma acerca do que se considera "certo" e "errado" em relação aos usos da Língua Portuguesa. No Módulo 1, apresentam-se textos produzidos por escritores de diferentes regiões do país, a fim de que os alunos possam comparar os itens lexicais recorrentes desses lugares, conhecê-los e, a partir daí, possam ampliar o próprio acervo lexical; no Módulo 2, pretende-se que o aluno conheça as denominações atribuídas às variações linguísticas, fundamentadas nos estudos Sociolinguísticos, e que ele tenha clareza quanto à necessidade de adequação da fala aos contextos de usos.

Na Oficina 4, nomeada "Palavras vêm; palavras vão", mostra-se caráter mutável da língua, cujo reflexo se dá principalmente no léxico. No Módulo 1, expõem-se alguns processos que promovem a incorporação de palavras de outros idiomas; da criação de novos termos; do desuso de alguns itens lexicais em razão da passagem do tempo e das transformações ocorridas em vários campos do saber; da mudança de significado de palavras e de expressões conforme o contexto de uso e a intencionalidade discursiva. No Módulo 2, pela leitura de textos, procura-se levar o aluno a tentar compreender o sentido de palavras estranhas ao acervo lexical, recorrendo aos próprios elementos linguísticos ou fazendo consultas ao dicionário, por exemplo. Ainda nessa parte, destina-se um espaço para o reconhecimento das relações semânticas que podem ser estabelecidas em um determinado contexto.

Na Oficina 5, a qual se chamou de "No colégio militar se diz assim...", no Módulo 1, o texto base é um poema escrito por um ex-aluno, no qual ele revela suas impressões a respeito da instituição militar de ensino. Com base nesse texto, procura-se coletar, dos alunos da turma, a opinião deles em relação à rotina do colégio. No Módulo 2, visa-se levar os alunos a compilarem esses termos e agrupá-los em um vocabulário, com base nas características específicas dessa instituição de ensino e dos termos empregados em situações do cotidiano escolar.

Espera-se que, após a realização das oficinas, de fato, se perceba que, tanto na

sua fala quanto na sua escrita, tenha havido uma ampliação vocabular, que eles tenham conseguido desconstruir a noção de “erro”, entendendo que se faz necessário adotar o critério da adequação no ato de escolha dos itens lexicais em certas situações comunicativas e que tenham percebido a riqueza cultural e lexical presente no ambiente de uma sala de aula. Que a proposta de intervenção ora apresentada seja útil para que ocorra uma mudança na sua postura quanto ao trato da variação linguística, considerando-a como fator preponderante para o enriquecimento do seu acervo lexical; que ela sirva como ponto de partida para uma visão mais real da língua e que ela possa trazer contribuições para uma diminuição do preconceito linguístico.

Bom trabalho e bons estudos!

Professora Maria Goretti de Araújo Boudens

OFICINA 1: O Português no e do Brasil

Módulo 1.

Objetivos.

- Sensibilizar os alunos quanto à existência da diversidade, fenômeno importante para a cultura de determinado local.
- Levar os alunos a perceberem que a diversidade pode ocorrer em relação à etnia, à localização geográfica do falante, aos grupos sociais, aos usos da língua e ao léxico.

Atividades.

2) Assista ao vídeo com a música, *Diversidade*, de Lenine, e acompanhe a letra impressa abaixo.

Texto 39: Diversidade.

Se foi pra diferenciar
Que Deus criou a diferença
Que irá nos aproximar
Intuir o que Ele pensa
Se cada ser é só um
E cada um com sua crença
Tudo é raro, nada é comum
Diversidade é a sentença

Que seria do adeus
Sem o retorno
Que seria do nu
Sem o adorno
Que seria do sim
Sem o talvez e o não
Que seria de mim
Sem a compreensão
Que a vida é repleta
E o olhar do poeta

Percebe na sua presença
O toque de Deus
A vela no breu
A chama da diferença

A humanidade caminha
Atropelando os sinais
A história vai repetindo
Os erros que o homem traz
O mundo segue girando
Carente de amor e paz
e cada cabeça é um mundo
Cada um é muito mais

Que seria do caos
Sem a paz
Que seria da dor
Sem o que lhe apraz
Que seria do não
Sem o talvez e o sim
Que seria de mim...
O que seria de nós

Que a vida é repleta
E o olhar do poeta
Percebe na sua presença
O toque de Deus
A vela no breu
A chama da diferença.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=29Mj-8RdvUE>. Acesso em: 2 jun 2016.

Questões para você refletir e participar das discussões orais mediadas pelo professor, manifestando sua opinião a respeito do assunto.

- O que se observa nas imagens do vídeo?
- Qual a ideia central da letra da música?
- Qual o provável objetivo do autor ao compor a canção *Diversidade*?
- As pessoas do Brasil são diferentes umas das outras em relação a quê?
- Aliando as imagens do vídeo ao título da música, a que conclusão se pode chegar quanto ao tema "diversidade"?

2) Leia e analise o cartum, de autoria do argentino Quino, o criador da personagem Mafalda.

Texto 40: Cartum.



Fonte: Google. Disponível em: Disponível em: <http://chebolas.blogspot.com.br/2014/02/charge-foto-e-frase-do-dia_16.html>. Acesso em: 12 jul 2016.

Depois das discussões a respeito do tema abordado na letra da música e no cartum, responda às questões abaixo. Utilize as linhas para fazer o registro das respostas.

a) Quais as ideias comuns entre a letra da música e o cartum?

_____

_____

b) Para a construção da identidade cultural de um povo, é importante haver diferenças entre as pessoas? Por quê?

_____

_____

Módulo 2.

Objetivos.

- Reconhecer a existência da Língua Portuguesa na sua forma padrão e a existência de outras formas válidas de uso desse idioma.
- Identificar características peculiares à Língua Portuguesa falada no Brasil.
- Promover reflexão a respeito da questão da variação linguística, inerente às línguas naturais, a qual é bastante perceptível no idioma falado no Brasil.
- Reconhecer as variações da Língua Portuguesa, identificando as marcas linguísticas e as regularidades específicas de cada uma.

Atividades.

4) Assista ao vídeo - *Jornalismo - Série sobre a língua portuguesa explica a origem dos sotaques* - Bloco 1. Participe da discussão mediada pelo professor, de modo a identificar as razões por que surgem as variações linguísticas, que fatores interferem nesse processo, que diferenças são percebidas no contexto da sala de aula.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GqEbcH9GXBY>. Acesso em: 3 jun 2016.

5) No Mapa do Brasil reproduzido a seguir, assinale com um X o estado onde você nasceu.

Figura 9: Mapa Geográfico do Brasil, com seus respectivos estados.



Fonte: Google. Disponível em: < www.google.com.br>. Acesso em: 3 jun 2016.

3) Com os dados obtidos após a conclusão do exercício 1 (os quais serão registrados no quadro e apresentado pelo professor), construa um gráfico comparativo, de modo a indicar a origem dos alunos da turma.

Gráfico 2: Comparativo da origem dos alunos.



Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora.

4) Após participar da discussão em grupo, coordenada pelo professor, anote as respostas para as questões abaixo.

a) Por qual(ais) razão(ões) existe(m) variações na língua?

_____

_____

b) Pode-se afirmar que em alguma região/localidade do Brasil se fala melhor ou pior?

_____

_____

c) Qual a justificativa para a sua resposta à questão anterior?

_____

_____

d) Em relação à fala de usuários de determinadas regiões, você considera que existem preconceitos?

_____

_____

5) Observe as informações contidas no vídeo *Sotaques do Brasil desvenda as diferentes formas de falar do brasileiro,* a respeito da variação linguística na língua falada no Brasil. Em seguida, forme grupo com colegas que tenham nascido no mesmo estado em que você. Elaborem, em conjunto, uma lista com, pelo menos, dez palavras/expressões que são usadas de maneira recorrente em sua região para, posteriormente, apresentá-las aos colegas. Utilize o quadro a seguir.

Fonte: Jornal Hoje. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WwP_b48TpgE>. Acesso em: 4 jun 2016.

Quadro 7: Palavra/expressão/significado – estado de origem.

Nome do estado:_____

palavra/expressão	significado

Fonte: Elaborado pela professora pesquisadora.

6) Enquanto seus colegas vão lendo os itens da lista deles, preencha o quadro abaixo com palavras/expressões recorrentes, bem como o significado de cada uma delas, do estado de origem dos colegas.

Quadro 8: Palavra/expressão/significado – de outros estados.

palavra/expressão	significado	origem

Fonte: Elaborado pela professora pesquisadora.

Culminância.

O professor dividirá a turma em grupos, de acordo com a quantidade de estados de origem dos alunos da turma. Cada equipe receberá o mapa de um dos estados, algumas fichas feitas de papel sulfite dobradas ao meio e palavras/expressões registradas em uma tira de papel (as quais foram retiradas dos quadros preenchidos pelo aluno no exercício anterior). Posteriormente será feita uma exposição desse mural para toda a escola.

OFICINA 2: Uma língua, vários usos

Módulo 1.

Objetivos.

- Conhecer um pouco da história da origem da Língua Portuguesa.
- Comparar a Língua Portuguesa falada no Brasil e em Portugal, identificando algumas diferenças.
- Conhecer o trabalho realizado pelo Museu da Língua Portuguesa, por meio de um vídeo institucional, no que se refere à origem e à formação do léxico do nosso idioma.
- Identificar as influências de outras nações na colonização dos estados brasileiros.

Atividades.

2) Observe, por meio de *slides* em *PowerPoint,* a explicação do professor a respeito surgimento da Língua Portuguesa, até sua chegada ao Brasil, em um breve histórico. Você conhecerá os países onde ela é o idioma oficial e o nome de outros lugares do mundo em que ela é usada por determinada comunidade social.

2) Abaixo, está reproduzido o texto *Unificação linguística, que clareza!,* escrito pelo brasileiro Millôr Fernandes.

a) Leia, primeiramente, a Parte 1.

Texto 41: Unificação linguística, que clareza!

Parte 1

Tem aí meia dúzia de urnigos, na calada da noite, arquitetando um plano para a "unificação" da língua portuguesa. Escrevi o trecho abaixo em português de Portugal para vocês verem como será fácil essa unificação. Estava a conduzir meu automóvel numa azinhaga com um borracho muito gira ao lado, quando dei com uma bossa na estrada de circunvalação que um bera teve a lata de deixar. Escapei de me espalhar à justa. Em havendo um bufete à frente convidei a chavala a um copo. Botei o chiante na berma e ornamos ao criado de mesa, uma sande de fiambre em carcaça eu, e ela um miau. O panasqueiro, com jeito de marialva paneleiro, um chalado de pinha, embora nos tratando nas palminhas, trouxe- nos a sande com a carcaça esturrada (e sem caganitas!) e, faltando-lhe o miau, deu-nos um prego duro.

b) Leia, agora, a Parte 2.

Parte 2

Como talvez vocês não tenham entendido alguma coisa, traduzo em brasileiro, também conhecido como português do Brasil.

Eu dirigia meu carro por um caminho de pedras tendo ao lado uma gata espetacular, quando vi um lombo na estrada de contorno que um escroto teve o descaramento de fazer. Por pouco não bati nele. Como havia em frente uma lanchonete, convidei a mina a tomar um drinque. Coloquei o carro no acostamento e pedimos ao garçom sanduíche de presunto com pão de forma eu, e ela sanduíche de lombinho. O gozador, com jeito de dom Juan bicha, muito louco, embora nos tratando muito bem, trouxe o sanduíche com o pão queimado (e sem azeitonas!) e, não tendo sanduíche de lombinho, trouxe um de churrasquinho duro.

Fonte: Google. Disponível em: < http://projetoseeduc.cecierj.edu.br/eja/recurso-multimidia-professor/portugues/novaeja/m1u02/Portugues_do_Brasil_e_portugues_de_Portugal.pdf>. Acesso em: 2 jun 2016.

3) Participe da discussão coordenada pelo professor, manifestando sua opinião a respeito das questões abaixo. Registre nos espaços, em seguida, sua resposta por escrito.

a) Durante a leitura do texto, na primeira parte, você encontrou alguma dificuldade para entender a mensagem? Justifique.

_____

_____

b) No primeiro parágrafo, o vocabulário usado pelo autor permite entender que ele considera a ideia da "unificação" uma ação positiva ou negativa?

_____

_____

c) Qual aspecto da Língua Portuguesa foi abordado no texto?

_____

_____

d) Na "tradução" do texto para o Português do Brasil, que palavras/expressões possibilitam a identificação da variação linguística utilizada pelo autor?

_____

_____

4) Leia uma notícia publicada no site da Rádio e Televisão de Portugal (RTP), em 8/12/2010.

Texto 42: Marítimo goleia "Briosa".

Cinco golos do Marítimo, dois apontados por Marquinho, permitiram aos insulares imporem a maior goleada sofrida em casa pela Académica de Coimbra esta época, por 5-1, no fecho da 13ª jornada da Liga portuguesa de futebol.

O Marítimo aproveitou a vitória moralizadora da semana passada frente ao Vitória de Guimarães e veio a Coimbra construir um resultado importante para a fuga aos lugares de despromoção.

A equipa, orientada por Jorge Costa, perdeu a oportunidade de se juntar aos lugares da frente do campeonato e de conseguir duas vitórias seguidas.

Os estudantes não puderam contar com Sougou, o segundo melhor marcador dos "estudantes" e o grande "alimentador" do ataque da equipa da casa, devido a castigo, enquanto Kléber não alinhou pelos insulares devido a lesão.

A partir daí, os insulares tomaram as rédeas do jogo, obrigando Peiser a duas intervenções de qualidade.

O caso do jogo surgiria bem perto da meia hora, num lance duvidoso, onde supostamente Nuno Coelho terá derrubado Djalma na grande área, tendo o árbitro apontado para a marca da grande penalidade, sob um coro de protestos dos homens da casa. Tchô encarregou-se de transformar o castigo no primeiro golo, aos 27 minutos.

Até o intervalo, houve uma fase monótona, apenas "despertada" por um remate à queima- roupa de Diogo Valente a obrigar Marcelo a defender o esférico para o canto.

Depois do intervalo, quando tudo fazia crer que a "Briosa" iria dar a volta ao texto com a entrada de mais um atacante para o lugar do médio Nuno Coelho, coube aos verde-rubros, mais moralizados, ampliarem para 2-0, numa jogada perfeita entre Luciano Amaral e Baba, que cabeceou sem qualquer oposição.

Logo a seguir, em uma jogada semelhante (e com o mesmo protagonista Luciano Amaral), Marquinho entrou bem e fez o terceiro golo dos madeirenses. O mesmo Marquinho iria bisar dez minutos depois, a passe de Djalma.

Até final viu-se uma leve reacção da Académica, apenas coroada com mais um golo de Miguel Fidalgo, aos 69, numa tarde infeliz para uma equipa que tem sido regular no seu recinto.

Os insulares selaram o 5-1 através do recém entrado Kanu, sem oposição na grande área.

Carlos Barros.

Fonte: Google. Disponível em:<http//www.rtp.pt/noticias/index>. Acesso em: 2 jun 2016.

a) Qual o assunto abordado no texto?

_____

_____

b) Que palavras/expressões estão relacionadas a esse assunto?

_____

_____

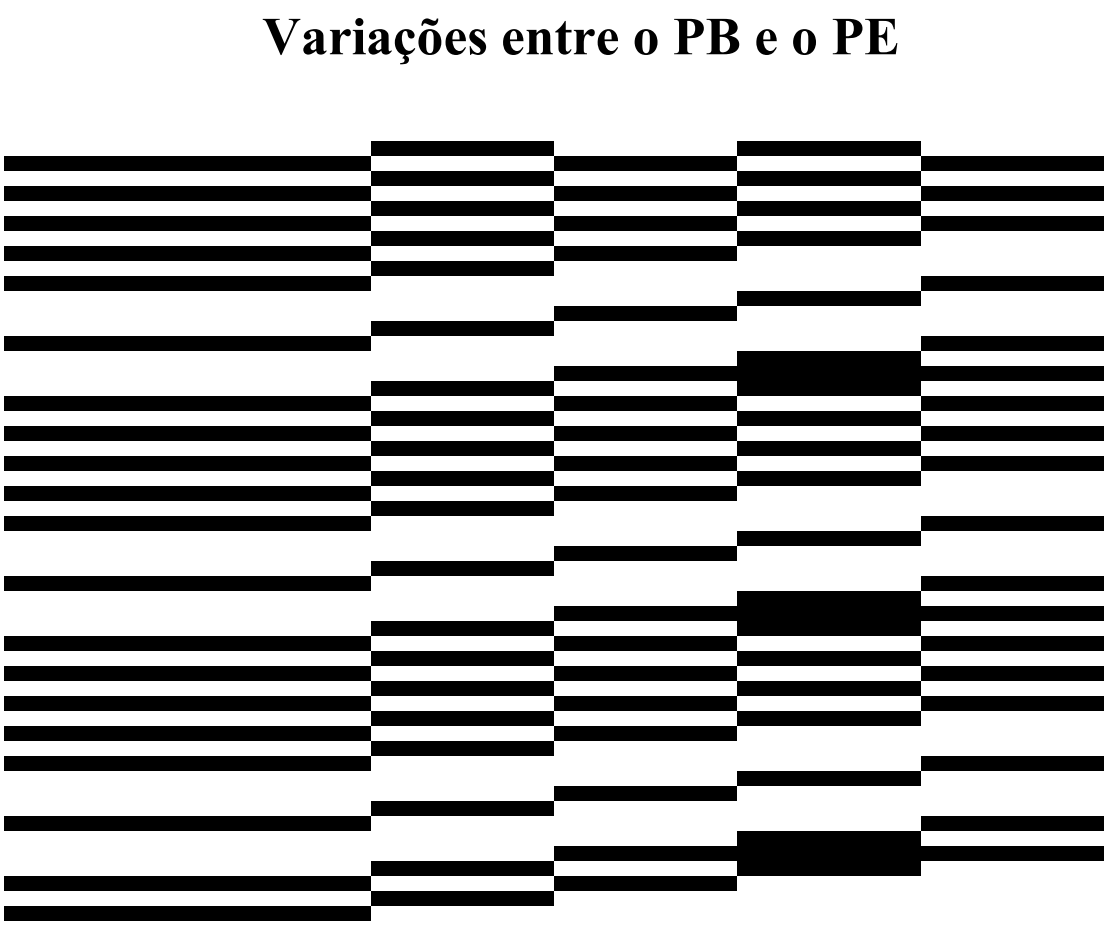
c) Durante a leitura do texto, considerando as escolhas lexicais feitas pelo jornalista, houve palavra (s) que lhe causou (aram) estranhamento? Justifique.

_____

_____

5) Preencha os quadrinhos da Palavra Cruzada. Tente identificar a palavra do Português brasileiro que corresponda a palavra do Português europeu relacionada na coluna Horizontal e na coluna Vertical. Em caso de dúvida, consulte o quadro ao final da cruzadinha.

Figura 10: Cruzadinha para ser preenchida pelo aluno.



Fonte: Elaborada pela professora-pesquisadora, com a utilização do programa *puzzle-maker*[9].

[9] Programa disponível em: <http://puzzlemaker.discoveryeducation.com/>. Acesso em: 23 ago. 2016.

Palavras/expressões do Português europeu

Horizontal	**Vertical**
3. talho	1. pastilha elástica
4. propina	2. banheiro
6. penso rápido	5. bicha
7. travão	6. penso rápido
8. claque	9. constipado
10. gelado	11. chávena
12. bica	13. passadeira
16. sebenta	14. relvado
19. apartado	15. montra
20. rebuçado	17. agrafador
22. portagem	18. coima
24. fato	21. dióspiro
26. peúgas	22. paragem
28. esférico	23. miúdo
30. tira cápsula	25. autocarro
31. hospedeira	27. cueca
	29.telemóvel

Em caso de dúvidas, consulte o quadro abaixo.

café – caqui – terno – multa – bala – gramado – mensalidade – açougue – torcida – grampeador – aeromoça – sorvete – meias – dirigir – vitrine – fila – curativo – gripado – curativo – chope – xícara – celular – pedágio – pedestre – faixa (de pedestre) – bar – freio – bola – abridor (de garrafas) – fazenda - curativo

6) Exibição de um vídeo com a apresentação do Museu da Língua Portuguesa, sua localização, a finalidade com que foi criado, quais tipos de itens estão expostos nesse espaço cultural. Vídeo – Idiomaterno – o Português brasileiro. mp4.

Disponível em:< https://youtu.be/ElQ5K2Bic_w>. Acesso em: 3 jun 2016.

Participe da discussão oral, respondendo às questões propostas pelo professor.

- Algum (ns) de você (s) já visitou (aram) o Museu da Língua Portuguesa?
- O que mais lhe chamou a atenção nas informações contidas no vídeo?
- De acordo com os responsáveis pelo Museu da Língua Portuguesa, com qual finalidade ele foi criado?

7) Leia este trecho de uma matéria publicada na Folha de São Paulo.

Texto 43: Fragmento de notícia jornalística.

INCÊNDIO DEVASTA MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

Um incêndio destruiu parte do prédio da Estação da Luz, patrimônio histórico da região central de São Paulo, erguido 148 anos atrás, e devastou toda a instalação do Museu da Língua Portuguesa, um dos mais visitados da cidade e abrigado no local desde 2006.





Fonte da notícia: Jornal Folha de São Paulo, 21 dezembro de 2015.
Fonte das imagens: Google.

Para a aula seguinte, faça uma pesquisa a respeito dos povos/países que colonizaram cada estado brasileiro e as razões por que esse fato aconteceu. Registre as informações obtidas no quadro 3, contido no Módulo 2.

Módulo 2.

Objetivos.

- Identificar, por meio de pesquisas a livros ou a sites, os povos que colonizaram as regiões brasileiras.
- Conhecer fatores culturais que promovem a existência das variações linguísticas semântico-lexicais.

Atividades.

1) Assista ao vídeo "Variação Linguística", para fundamentar melhor o tema da variação linguística no Brasil. Em seguida, com base nas informações contidas nessa mídia e nas informações obtidas por meio da pesquisa realizada em domicílio, responda às questões propostas.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_Y1-ibJcXW0&t=251s>. Acesso em: 3 jun 2016.

Com base nas discussões realizadas anteriormente e com as informações coletadas por meio de pesquisas, responda às questões abaixo.

a) Quais os principais fatores que interferiram na constituição e na ampliação do léxico da Língua Portuguesa falada no Brasil?

_____

_____

b) Desde a oficialização da Língua Portuguesa no Brasil, que mudanças ocorreram em relação ao léxico?

_____

_____

2) Complete o quadro abaixo com as informações coletadas por meio da pesquisa realizada em domicílio.

Quadro 9: Colonizadores dos estados brasileiros e razões históricas dessa colonização.

Estado	Colonizador	Razões históricas/fatores
Acre		
Amazonas		
Rondônia		

Roraima		
Pará		
Paraná		
Amapá		
Mato Grosso do Sul		
Mato Grosso		
Tocantins		
Maranhão		
Goiás		
Distrito Federal[10]		
Minas Gerais		
Espírito Santo		
Rio de Janeiro		
São Paulo		
Rio Grande do Sul		
Rio Grande do Norte		
Paraíba		
Pernambuco		
Ceará		
Sergipe		
Alagoas		
Piauí		

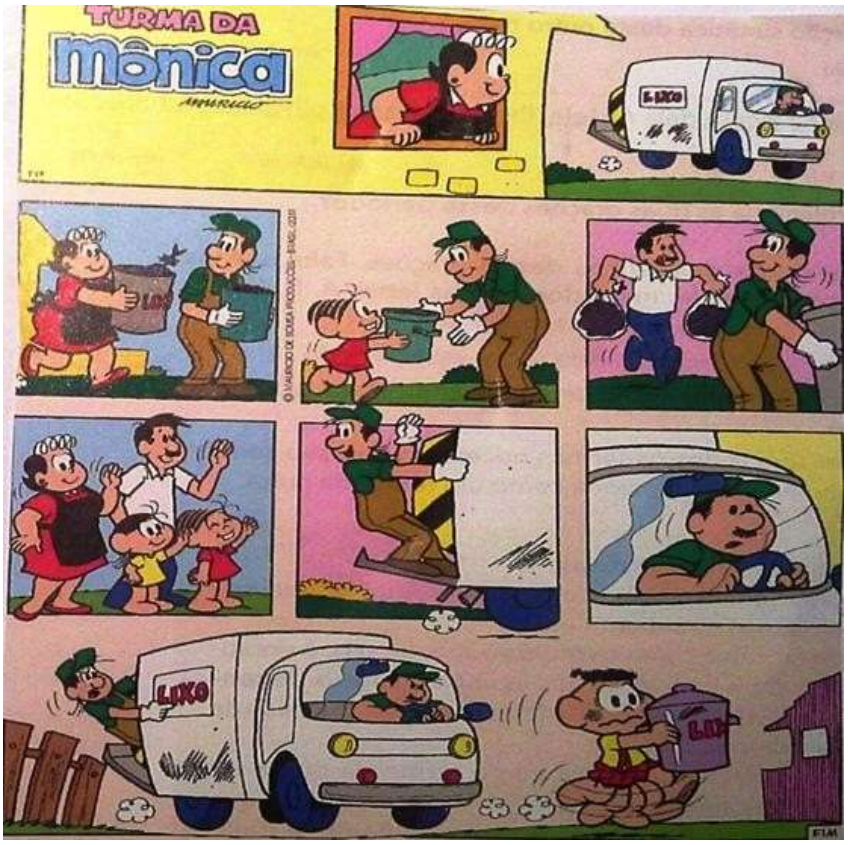
Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora.

Culminância.

Leia a história em quadrinhos a seguir, construída com linguagem não verbal. Logo depois, elabore os diálogos entre as personagens, imaginando que cada uma delas tenha nascido em determinado estado brasileiro (especificar o estado de origem de cada personagem, fazendo uma lista). Para tanto, essa personagem deverá usar a variante linguística que caracteriza o vocabulário dos falantes dos referidos estados (pode consultar a lista elaborada na Oficina 1. Faça o registro das falas em forma de discurso direto. Ao final, deverá ser atribuído um título à história criada.

[10] Nesta listagem, o Distrito Federal é considerado por nós como estado, pelo fato de nossa pesquisa ter sido realizada em Brasília-DF.

Texto 44: História em Quadrinhos.



Disponível em: <http://monica.com.br/comics/turma.htm>. Acesso em: 3 jun 2016

OFICINA 3: "Não há uma língua portuguesa, há línguas em português" (José Saramago)

Módulo 1.

Objetivos.

- Reconhecer a variação semântico-lexical da Língua Portuguesa em textos na modalidade escrita e na modalidade oral.
- Perceber que fatores como sexo, idade, ambiente social, finalidade, interlocutores influenciam na escolha lexical dos falantes.
- Reconhecer as variações linguísticas semântico-lexicais do nosso idioma como formas válidas de uso.
- Identificar itens lexicais do Português falado no Brasil que estão presentes na letra da música do grupo de rap formado por indígenas.
- Promover discussão acerca do conceito de "certo" e de "errado" nos usos da língua, considerando a definição de norma padrão.

Atividades.

1) Ouça o áudio da música *Só o ôme*, na interpretação de Noriel Vilela, gravada em 1974, e acompanhe a letra impressa a seguir.

Texto 45: Letra da música "Só o Ome".

Ah mô fio do jeito que suncê tá
Só o ôme é que pode ti ajudá
Ah mô fio do jeito que suncê tá
Só o ôme é que pode ti ajudá

Suncê compra um garrafa de marafo
ftarafo que eu vai dizê o nome
fteia noite suncê na incruziada
Distampa a garrafa e chama o ôme
O galo vai cantá suncê escuta
Rêia tudo no chão que tá na hora

E se guáda noturno vem chegando
Suncê óia pa ele que ele vai andando

Ah mô fio do jeito que suncê tá
Só o ôme é que pode ti ajudá
Ah mô fio do jeito que suncê tá
Só o ôme é que pode ti ajudá

Eu estou ensinando isso a suncê
ftas suncê num tem sido muito bão
Tem sido mau fio mau marido
Inda puxa saco di patrão
Fez candonga di cumpanheiro seu
Ele botou feitiço em suncê
Agora só o ôme à meia noite
É que seu caso pode resolvê

Edenal Rodrigues - compositor

Disponível em: <https://youtu.be/ARvokcfL8ek>. Acesso em: 3 jun 2016.

Participe da discussão oral conduzida pelo professor e, em seguida, responda às questões propostas.

a) Que elementos lexicais caracterizam o grupo social do qual o falante (no caso, o protagonista da história) faz parte?

_____

_____

b) Em que tipo de ambiente social se passam os fatos relatados no texto?

_____

_____

c) Que outras marcas linguísticas (além das lexicais) podem ser percebidas nas falas reproduzidas na letra da música? Com que finalidade elas foram empregadas?

2) Acompanhe a exibição do vídeo conto *Trezentas onças,* baseado no texto homônimo do escritor gaúcho Simões Lopes Neto (1984), e leia o texto impresso para acompanhar a leitura, durante a exibição do vídeo com a narrativa oral dessa história. Na sequência, algumas questões deverão ser respondidas por escrito.

Vídeo - Trezentas Onças (Vídeo-Conto).mp4. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=7pRNWWlbvu4>. Acesso em: 3 jun 2016.

Texto 46: Trezentas onças.

Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha, onde devia pousar.

Parece que foi ontem! . . Era fevereiro; eu vinha abombado da troteada.

- Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato que está nos vendo, na beira do passo, desencilhei; e estendido nos pelegos, a cabeça no lombilho, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada morruda.

Despertando, ouvindo o ruído manso da água tão limpa e tão frescarolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar; até para quebrar a lombeira. . . e fui-me à água que nem capincho.

Debaixo da barranca, havia um fundão onde mergulhei umas quantas vezes; e sempre puxei umas braçadas, poucas, porque não tinha cancha para um bom nado.

E solito e no silêncio, tornei a vestir-me, encilhei o zaino e montei. Daquela vereda andei como três léguas, chegando à estância cedo ainda, obra assim de braça e meia de sol.

- Ah! Esqueci de dizer-lhe que andava comigo um cachorro brasino, um cusco mui esperto e bom vigia. Era das crianças, mas às vezes dava-lhe para acompanhar-me, e depois de sair à porteira, nem por nada fazia cava-volta, a não ser comigo. E nas viagens dormia sempre ao meu lado, sobre a ponta da carona, na cabeceira dos arreios.

Por sinal que uma noite. . .

Mas isso é outra cousa: vamos ao caso.

Durante a troteada, bem reparei que volta e meia o cusco parava-se na estrada e latia e corria para trás, e olhava-me, olhava-me e latia de novo e troteava um pouco sobre o rastro; -

parecia que o bichinho estava me chamando! Mas como eu ia, ele tornava a alcançar-me, para daí a pouco recomeçar.

- Pois, amigo! Não lhe conto nada! Quando botei o pé em terra na ramada da estância, ao tempo que dava as – boas tardes! – ao dono da casa, aguentei um tirão seco no coração. . . não senti na cintura o peso da guaiaca!

Tinha perdido trezentas onças de ouro que levava, para pagamento de gados que ia levantar.

E logo passou-me pelos olhos um clarão de cegar, depois uns coriscos tirante a roxo, depois tudo me ficou cinzento, para escuro.

Era mui pobre – e ainda hoje, é como vancê sabe. . .-, estava começando a vida e o dinheiro era do meu patrão, um charqueador, sujeito de contas mui limpas e brabo como uma manga de pedras.

Assim, de meio assombrado, me fui repondo quando ouvi que indagavam:

- Então, patrício? Está doente?

- Obrigado! Não senhor, respondi, não é doença, é que sucedeu-me uma desgraça: perdi uma dinheirama do meu patrão. . .

- A la fresca!

- É verdade. . . Antes morresse, que isto! Que vai ele pensar agora de mim!

- É uma dos diabos, é. . .mas; não se acoquine, homem!

Nem o cusco brasino deu uns pulos ao focinho do cavalo, como querendo lambê-lo, e logo correu para a estrada, aos latidos. E olhava-me, e vinha e ia, e tornava a latir. . .

Ah! E num repente lembrei-me bem de tudo. Parecia que estava vendo o lugar da sesteada, o banho, a arrumação das roupas nuns galhos de Sarandi, e, em cima de uma pedra, a guaiaca e por cima dela o cinto das armas, e até uma ponta de cigarro de que tirei uma última tragada, antes de entrar na água, e que deixei espetada num espinho, ainda fumegando, soltando uma fitinha de fumaça azul, que subia, fininha e direita, no ar sem vento. . .; tudo, vi tudo.

Estava lá, na beirada do passo, a guaiaca. E o remédio era um só: tocar a meia rédea, antes que outros andantes passassem.

Num vu estava a cavalo; e mal isto, o cachorrito pegou a retouçar, numa alegria, gritando: - Deus me perdoe! – que até parecia fala!

E dei de rédea, dobrando o cotovelo do cercado.

Ali logo frenteei-me com uma comitiva de tropeiros, com grande cavalhada por diante, e que por certo vinha tomar pouso na estância. Na cruzada nos tocamos todos na aba do sombreiro; uns quantos vinham de balandrau enfiado. Sempre me deu uma coraçonada para fazer umas perguntas. . .mas engoli a língua.

Amaguei o corpo e, penicando de esporas, toquei a galope largo.

O cachorrinho ia ganiçando, ao lado, na sombra do cavalo, já mui comprida.

A estrada estendia-se deserta; à esquerda, os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite; á direita, o sol; muito baixo, vermelho- dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas.

Nos atoleiros, secos, nem um quero-quero: uma que outra perdiz, sorrateira, piava de manso por entre os pastos maduros; e longe, entre o resto da luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirada, do outro, alvejava a brancura de um joão-grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como uma despedida triste, em que agente também não sacode os braços. . .

Foi caindo uma aragem fresca; e um silêncio grande, em tudo.

O zaino era um pingaço de lei; e o cachorrinho agora sossegado, meio de banda, de língua de fora e de rabo em pé, troteava miúdo e ligeiro, dentro da polvadeira rasteira que as patas do flete levantavam.

E entrou o sol; ficou nas alturas um clarão afogueado, como de incêndio, num pajonal; depois, o lusco-fusco; depois, cerrou a noite escura; depois, no céu, só estrelas. . .

O zaino atirava o freio e gemia no compasso do galope, comendo caminho. Bem por cima da minha cabeça, as Três Marias, tão bonitas, tão vivas, tão alinhadas, pareciam me acompanhar. Lembrei-me dos meus filhinhos, que as estavam vendo talvez; lembrei-me da minha mãe, do meu pai, que também as viram, quando eram crianças e que já as conheceram pelo seu nome de Marias, as Três Marias. Amigo! Vancê é moço, passa a sua vida rindo. . . Deus o conserve! Sem saber nunca como é pesada a tristeza dos campos quando o coração pena!

- Há tempos eu não chorava! Pois me vieram lágrimas, devagarinho, como gateando, subiram. . . tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho. . e ainda quentes, no arranco do galope lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!

Por entre as minhas lágrimas, como um sol cortando um chuvisqueiro, passou-me na lembrança a toada dum verso lá dos meus pagos:

"Quem canta refresca a alma,

Cantar adoça o sofrer,

Quem canta zomba da morte:

Cantar ajuda a viver!

Mas que cantar podia eu!"

O zaino respirou forte e sentou e sentou, trocando a orelha farejando no escuro: o bagual tinha reconhecido o lugar, estava no passo.

Senti o cachorrinho respirando, como assoleado. Apeei-me.

Não bulia uma folha; o silêncio, nas sombras do arvoredo, metia respeito. . . que medo não, que não entra em peito de gaúcho.

Embaixo o rumor da água pipocando sobre o pedregulho; vagalumes retouçando no escuro. Desci, dei com o lugar onde havia estado; tenteei os galhos do Sarandi; achei a pedra onde tinha posto a guaiaca e as armas; corri as mãos por todos os lados, mais pra lá, mais pra cá. . . Nada! Nada!

Então senti frio dentro da alma. . . o meu patrão ia dizer que eu o havia roubado! Roubado! Pois então eu ia lá perder as onças! Qual! Ladrão, ladrão, é que era!

E logo uma tenção ruim entrou-me nos miolos: eu devia matar-me, para não sofrer a vergonha daquela suposição. É; era o que eu devia fazer: matar-me. . . e já, aqui mesmo!

- Ah, patrício! Deus existe!

No refilão daquele tormento, olhei para diante e vi. . .as Três Marias luzindo na água. . . o cusco encarapitado na pedra, ao meu lado estava me lambendo a mão. E logo, logo, o zaino relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia ali perto, num oco de pau!

- Patrício! Não me avexo duma heresia; mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrelas, era ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a má tenção.

O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho, e aquele grilo cantador trouxe a esperança.

Eh, pucha! Patrício, eu sou mui rude. A gente vê caras, não vê corações. Pois o meu, dentro do peito, naquela hora estava como um espirilho ao sol, num descampado, no pino do meio-dia: era luz de Deus por todos os lados.

E já todo no meu sossego de homem, meti a pistola no cinto. Fechei um baio, bati o isqueiro e comecei a pitar.

E fui pensando. Tinha por minha culpa, exclusivamente por minha culpa, tinha perdido as trezentas onças, uma fortuna para mim. Agora. . . era vender o campito, a ponta de gado manso – tirando umas leiteiras para as crianças e a junta dos jaguanés lavradores – vender a tropilha dos colorados. . . e pronto! Isso havia de chegar, folgado; e caso mermasse a conta. Enfim, havia de se ver o jeito a dar. Porém, matar-se um homem, assim no mais. . . e chefe de família. . . isso, não!

E despacito vim subindo a barranca; assim que me sentiu, o zaino escarceou, mastigando o freio. Desmaneei-o, apresilhei o cabresto; o pingo agarrou a volta e eu montei, aliviado.

O cusco escaramuçou, contente; a trote e galope voltei para a estância.

Ao dobrar a esquina do cercado, enxerguei luz na casa; a cachorrada saiu logo, acuando. O zaino relinchou alegremente, sentindo os companheiros; do potreiro e outros relinchos vieram.

Apeei-me no galpão, arrumei as garras e soltei o pingo, que se rebolcou, com ganas.

Então fui para dentro: na porta dei o – Louvado seja Jesu-Cristo; boa noite! – e entrei, e comigo, rente, o cusco. Na sala do estancieiro havia uns quatro paisanos; era a comitiva que chegava quando eu saía; corria o amargo.

Em cima da mesa a chaleira e, ao lado dela, enroscada, como uma jararaca na ressolana, estava a minha guaiaca, barriguda, por certo com as trezentas onças dentro.

- Louvado seja Jesu-Cristo, patrício! Boa noite! Entonces, que tal le foi o susto?

E houve uma risada grande de gente boa.

Eu também fiquei-me rindo, olhando para a guaiaca e para o guaipeva, arrolhadito aos meus pés.

Simões Lopes Neto

a) Durante a leitura do texto, houve algum aspecto que comprometeu o entendimento do enredo? Justifique a resposta.

_____

_____

b) Em que tipo de ambiente os fatos relatados ocorreram?

c) Qual o conflito vivido pela personagem central?

d) Como foi o desfecho da história?

3) No texto, podem-se identificar algumas marcas linguísticas típicas da região Sul. Transcreva-as no quadro a seguir, preenchendo-o com palavras/expressões e o respectivo significado.

Quadro 10: Expressões recorrentes na região Sul e respectivos significados/explicação do sentido.

expressões recorrentes na região Sul	**significado/explicação do sentido**
mastigando o freio	
bati o isqueiro	
no arranco do galope	
comendo caminho	
tomar pouso na estância	
dei de rédea	
a la fresca	
brabo como uma manga de pedras	
tive ganas de me banhar	
duma feita	
de braça e meia de sol	
por me ficar	
vim varar	

4) Elabore um glossário com itens lexicais típicos da região gaúcha e escreva o respectivo significado. Se necessário, consulte o dicionário. Realize a tarefa em grupo e, em seguida, compartilhe os resultados obtidos, para que o produto final seja um só. Dê continuidade à relação já iniciada, conforme figura, abaixo.

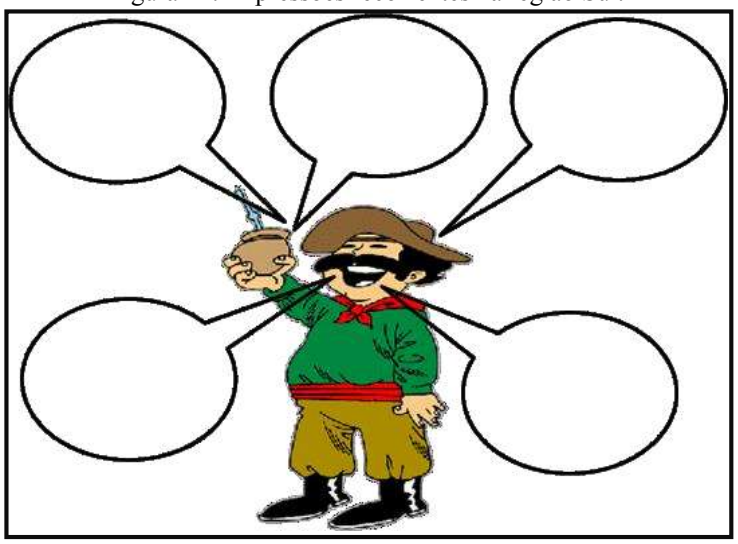
Figura 11: Glossário de palavras recorrentes da região Sul.



Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora.

5) Transcreva do texto algumas expressões que são marcas típicas da oralidade e que caracterizam o modo de falar do povo do Sul, preenchendo os balões abaixo.

Figura 12: Expressões recorrentes na região Sul.



Fonte: Elaboração própria, baseada em imagem retirada do Google.

Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjfiqbTAhUHUZAKHR9hCvcQjRwIBQ&url=http%3A%2F%2Fciadosgifs.blogspot.com%2F2014%2F11%2Fgauchos.html&psig=AFQjCNEOSmF8S5tUeIJtwnQtuwR4U1UBjw&ust=1492362730786721. Acesso em: 3 jun 2016.

6) Ouça, agora, uma história de um goiano contador de "causo", *Geraldinho - Causo da Bicicleta.* Logo depois, responda às questões.

Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=FL2L_IG843A>. Acesso em: 3 jun 2016.

a) Descreva a personagem, considerando o contexto social e cultural em que ela vive.

_____

_____

b) Registre, por escrito, um trecho da história contada por Geraldinho. Que marcas de variação podem ser percebidas na fala dessa personagem?

_____

_____

c) Em sua opinião, Geraldinho fala “certo” ou “errado”? Justifique a resposta. Que critérios você utilizou para formular essa opinião?

_____

_____

7) Leia um texto do escritor mineiro Carlos Drummond de Andrade para responder às questões apresentadas, na sequência.

Texto 47: O sotaque das mineiras.

O sotaque das mineiras deveria ser ilegal, imoral ou engordar, já que tudo que é bom tem um desses horríveis efeitos colaterais, como é que o falar lindo e charmoso ficou de fora. Por que, meu Deus, que sotaque? Mineira devia nascer com uma tarja preta avisando: "Ouvi-la faz mal à saúde." Confesso: esse sotaque me desarma!

Certa vez, quase propus casamento a uma mineira que me ligou por engano. Elas têm um ódio mortal das palavras completas, preferem, sabe-se lá por que, abandoná-las no meio do caminho.

Os não-mineiros, ignorantes nas coisas de Minas, supõem, precipitada e levianamente, que os mineiros vivem apenas de uais, trens e sôs. Mineira não fala que o sujeito é competente, ele é bom de serviço. Nunca usam o famosíssimo tudo bem. Sempre perguntam "Cê tá boa?". Pra mim, isso é pleonasmo, perguntar se uma mineira tá boa é desnecessário.

O verbo mexer, para as mineiras, tem amplos significados. Quer dizer, por exemplo, trabalhar. Se lhe perguntarem: "Com o que que ocê mexe?", querem saber o seu ofício.

Mineiras não dizem "apaixonado por". Dizem, sabe-se lá por que, "sou doida com ele" (ele, no caso, pode ser você, um carro, um cachorro). Elas vivem apaixonadas "com" alguma coisa. Também elas não gostam do verbo conseguir, aqui você nunca consegue nada, você não dá conta.

Que mineiras nunca acaba as palavras todo mundo sabe. É um tal de bunitim, fechadim, pititim. Não caia na besteira de esperar um "vamos" completo de uma mineira, vc não ouvirá nunca. Preciso avisar à Língua Portuguesa que gosto muito dela, mas prefiro, com todo respeito, a mineira. Aqui certas regras não entram. O supermercado nunca tá lotado, sempre tá cheio de gente, não faz muitas compras, compra um tanto de coisa. Se, saindo do supermercado, a mineirinha vir um mendigo e ficar com pena, suspirará: Ai, gente, que dó! É provável que, a essa altura, o leitor esteja apaixonado pelas mineiras.

Mineiro não arruma briga, caça confusão. Capaz. . . Se você propõe algo e ela diz "capaz". Você já ouviu esse "capaz"! É lindo! Quer dizer o quê? Sei lá, quer dizer "Cê acha que eu faço isso?" com algumas toneladas de ironia.

E o "nem", já ouviu? Completo, ele fica "Ahhh nemmmmm"! Significa, amigo, que a mineira não vai fazer o que você propôs de jeito nenhum. Sou, não nego, suspeito. Minha inclinação é para perdoar, com louvor, os deslizes vocabulares das mineiras. Mineira não

pergunta “Você vai?”. A pergunta mineiramente falando é “Cê não anima de ir”? O plural, então, é um problema. Um lindo problema, mas um problema. Se você, em conversa, falar “Fui lá comprar umas coisas, a mineira retruca “Ques coisa?”. O plural dá um pulo, sai das coisas e vai para o que. A fórmula mineira é sintética. E diz tudo. Até o “tchau” em Minas é personalizado. Aqui se diz “Tchau procê”, “tchau procês”. É útil deixar claro o destinatário do tchau. A conjugação dos verbos em Minas tem lá seus mistérios. Lindos mistérios!

Carlos Drummond de Andrade

a) Quais características do falar da mulher mineira são destacadas no texto?

_____

_____

b) Para o cronista, quais seriam os “deslizes” cometidos pelas mineiras em relação à Língua Portuguesa? Justifique a resposta.

_____

_____

c) Explique a afirmação do autor: “Preciso avisar à Língua Portuguesa que gosto muito dela, mas prefiro, com todo respeito, a mineira”.

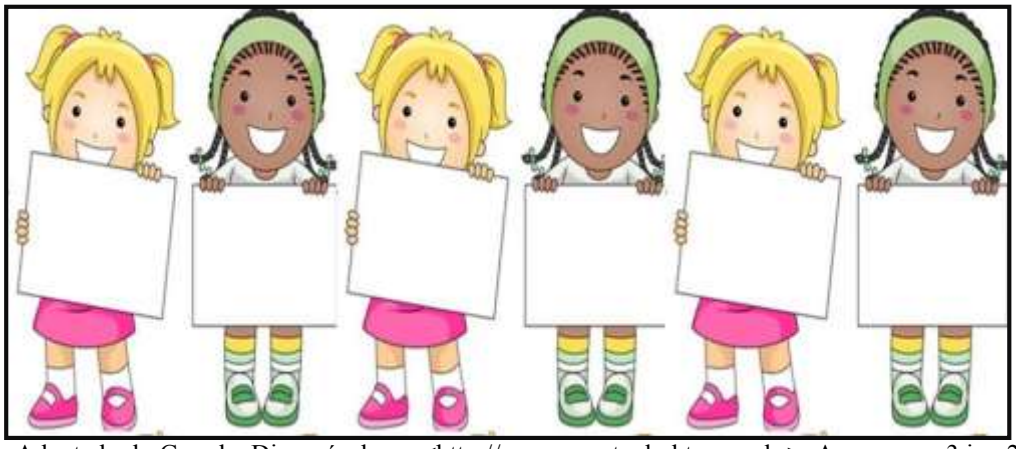
_____

_____

_____

8) Transcreva do texto palavras/expressões típicas da linguagem da mulher mineira, preenchendo os cartazes, na figura, a seguir.

Figura 13: Cartazes para transcrição de expressões típicas da linguagem mineira.



Fonte: Adaptado do Google. Disponível em: <http://www.canstockphto.com.br>. Acesso em: 3 jun 2016.

9) Conheça um grupo de rap formado por rapazes indígenas.

a) Acompanhe a exibição do vídeo - *Brô MC's Eju Orendive* e leia a letra da música apresentada abaixo.

Texto 48: Eju orendive.

ape che rap ndopai, ape che rap o nhepyru
ajapo po por amor e hendu faz favor
oime nhande jara pope, ndai mei ajuka
che ajerure nhande jarape omohendyhagua

nderape ha chera pe
ndaikuaai mbaepa ohasa nde akape
o grau da sua maldade, ndaikuai mbaepa re pens
povo contra povo ndokatui
e mopua nde aka
nde ne rasero ndaivairy
nhande jara ave hase oinunpanjave chupe
che aguahe a rima ko rap guarani ha kaiowa
nde ndo katui remanha, remanharo che rehe mbaeve nde rehechai
ape rap guarani oguahe pe henduhagua
ara ete orera aro, upeagui eju orendive
upeagui eju chendive e, e, eju chendive

refrão

che rohenoi eju orendive, venha com nós nessa levada
che rohenoi eju orendive, aldeia unida mostra a cara(2x)

jaha nhande guera ja guata
jaha nhande guera javya
jaha ja chuka karaipe ke che ha hae omee jaikopora
nde rehasaro che ypyrehe re manha vai che rehe
ha koanga che aime koape achuka mbaepa ore ro representa
ha koanga ape roime
ape oreko o sonha hagua
koanga a poranduta ndeve mbaeguipa nhande jajuka ha nhamano
upea ari ore roporahey
ava ha ava o jejukaromo
umi karaiguera o puka nhande rehe
umia agui eju orendive

refrão

che rohenoi eju orendive, venha com nós nessa levada
che rohenoi eju orendive, aldeia unida mostra a cara

Vídeo e letra disponíveis em:< https://www.youtube.com/watch?v=IBafJlZxT6s>. Acesso em: 3 jun 2016.

Veja a tradução da letra da música.

Texto 49: Tradução do texto "Eju orendive" – "Pra revolucionar".

Aqui o meu rap não acabou, aqui meu rap está apenas começando
Eu faço por amor, escute, por favor
está na mão do Senhor, não estou para matar
sempre peço a Deus que ilumine o seu caminho
o meu caminho
não sei o que se passa na sua cabeça
o grau da sua maldade, não sei o que você pensa
povo contra povo , não pode se matar
levante sua cabeça
se você chorar é uma vergonha

Jesus também chorou, quando ele apanhou

chego e rimo o rap Guarani e Kaiowá
se você não consegue me olhar e se olha não consegue me ver
aqui é o rap guarani que está
o tempo nos espera e estamos chegando, por isso venha com nós
Por isso venha com nós

refrão

nós te chamamos pra revolucionar, venha com nós nessa levada
nós te chamamos pra revolucionar por isso, aldeia unida mostra a cara

vamos todos nós no rolê
vamos todos nós indígenas festejar
vamos mostrar para os homens brancos, que não existe diferença e podemos ser iguais
aquele boy passou por mim me olhando diferente
agora eu mostro pra você que eu sou capaz e eu estou aqui, mostrando pra você que a gente representa
agora estamos aqui
porque aqui tem índios sonhadores
agora te pergunto rapaz, por que nos matamos e morremos?
em cima desse fato a gente canta
índio e índio se matando
os brancos dando risada, por isso estou aqui pra defender meu povo
e por isso meu povo venha com nós

refrão

nós te chamamos pra revolucionar, venha com nós nessa levada
nós te chamamos pra revolucionar por isso, aldeia unida mostra a cara

Fonte: Banda Brô MC's.

b) Qual a influência dos indígenas na constituição do léxico do Português brasileiro?

_____

_____

c) Por que, atualmente, os indígenas são considerados minorias étnicas?

_____

_____

Culminância.

Sob a orientação do professor, registre esses itens lexicais em fichas e organize um mural com a exposição da coletânea de palavras ou de expressões da turma. Ilustre esse mural com imagens que caracterizam a cultura indígena ou que representem os elementos pesquisados.

Módulo 2.

Objetivos.

- Identificar fatores, tais como sexo, idade, ambiente social, finalidade, interlocutores, que influenciam na escolha lexical do falante.
- Explicitar, por meio de slides projetados em *Data Show* a definição do vocábulo "norma", bem como o conceito de norma culta e de norma padrão na Língua Portuguesa.
- Apresentar os tipos de variação que ocorrem em uma língua e os possíveis fatores que promovem essas variações.
- Levar o aluno a entender a importância da adequação vocabular às diversas situações de uso da língua, de modo a tornar eficiente a comunicação.
- Promover discussão, com fundamentos na Sociolinguística, acerca do conceito de "certo" e de "errado" e da existência do preconceito linguístico.

Atividades.

1) No Museu da Língua Portuguesa, foi organizada uma exposição intitulada "Menas – o certo do errado, o errado do certo". Assista a um vídeo em que seja exibida uma explicação a respeito da finalidade dessa exposição. Responda, depois, às questões.

Vídeo e letra disponíveis em:< https://www.youtube.com/watch?v=IBafJlZxT6s>. Acesso em: 3 jun 2016.

a) Qual a provável intenção dos organizadores da exposição, ao utilizar a palavra "Menas" – considerada incorreta segundo a norma padrão – para intitular a mostra?

_____

_____

b) Para você, o que significa falar "certo" ou falar "errado"?

_____

_____

c) Qual o efeito de sentido obtido com o jogo de palavras no título: "O certo do errado, o errado do certo"?

_____

_____

2) O professor fará uma breve explanação, com o uso de em slides projetados em *PowerPoint*, a respeito dos tipos de variação linguística existentes.

3) Leia os textos a seguir. Explique, em cada uma deles, o fator que promoveu a variação linguística.

Texto 50: Charge.



Fonte: Google. Disponível em: <https://www.humortadela.com.br>. Acesso em: 12 jul 2016.

_____

_____

Texto 51: Charge.



Fonte: Google. Disponível em:<https://amazonaws.com/descomplica-blog>. Acesso em: 12 jul 2017.

_____

_____

Texto 52: Charge.



Fonte: Google. Disponível em: <https://www.cartunista.com.br>. Acesso em: 12 jul 2016.

Texto 53: Charge.



Fonte: Google. Disponível em: <https://exato7b.wordpress.com/2014/03/05/variacoes-linguisticas/>. Acesso em: 12 jul 2016.

Texto 54: Charge.



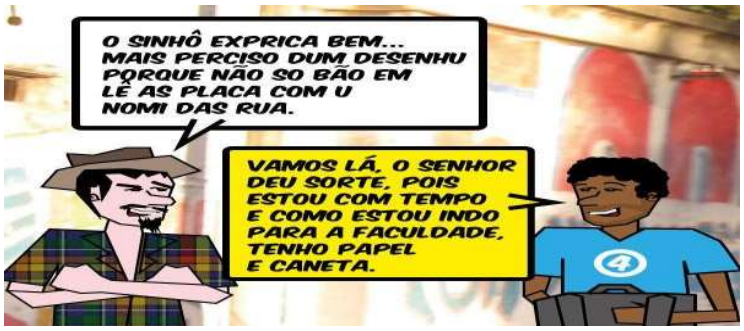
Fonte: Google. Disponível em: <http://www.ivancabral.com/2013/08/charge-do-dia-medicos-estrangeiros.html>. Acesso em: 12 jul 2016.

Texto 55: Tirinha.



Fonte: Google.Disponível em: <http://www.diogosalles.com.br/tirinhas.asp>. Acesso em: 12 jul 2016.

Texto 56: Charge.



Fonte: Google. Disponível em: <http://maisunifra.com.br>. Acesso em:12 jul 2016.

Culminância.

Leia a tirinha a seguir.

Texto 57: Tirinha.



Fonte: Google. Disponível em: <http://blogspot.com.br>. Acesso em: 12 jul 2016.

Com base nas discussões e na troca de informações a respeito da existência e da importância da variação linguística para a ampliação lexical de uma pessoa, escreva um miniconto relatando o que aconteceu na situação retratada nos quadrinhos, acima.

_____

_____

_____

OFICINA 4: Palavras vêm, palavras vão...

Módulo 1.

Objetivos.

- Perceber que, de acordo com o contexto cultural vivido pela sociedade, ocorrem alterações no conjunto de palavras que constituem o léxico do falante.
- Reconhecer que há palavras que caem em desuso e outras são criadas, conforme a necessidade sociocomunicativa do falante.
- Identificar, em textos lidos em sala de aula, itens lexicais que são pouco usuais na atualidade.
- Reconhecer que a língua é mutável e sofre alterações no léxico, com o passar do tempo, de acordo com a região, conforme o grupo social, em consonância com a finalidade, dentre outros fatores.
- Reconhecer os processos por meio dos quais são formadas as palavras, como o estrangeirismo e o neologismo.

Atividades.

1) Ouça a reprodução da música "Como uma onda", do cantor brasileiro Lulu Santos e leia a letra impressa.

Texto 58: Letra da música "Como uma onda".

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente
Viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo
No mundo
Não adianta fugir

Nem mentir

Pra si mesmo agora

Há tanta vida lá fora

Aqui dentro sempre

Como uma onda no mar

Como uma onda no mar

Como uma onda no mar

Nada do que foi será

De novo do jeito

Que já foi um dia

Tudo passa

Tudo sempre passará

A vida vem em ondas

Como um mar

Num indo e vindo infinito

Tudo que se vê não é

Igual ao que a gente

Viu há um segundo

Tudo muda o tempo todo

No mundo

Não adianta fugir

Nem mentir pra si mesmo agora

Há tanta vida lá fora

Aqui dentro sempre

Como uma onda no mar

Como uma onda no mar

Como uma onda no mar

Como uma onda no mar

Como uma onda no mar

Disponível em:< https://youtu.be/SWYrOzQhYlY>. Acesso em: 14 jul 2016.

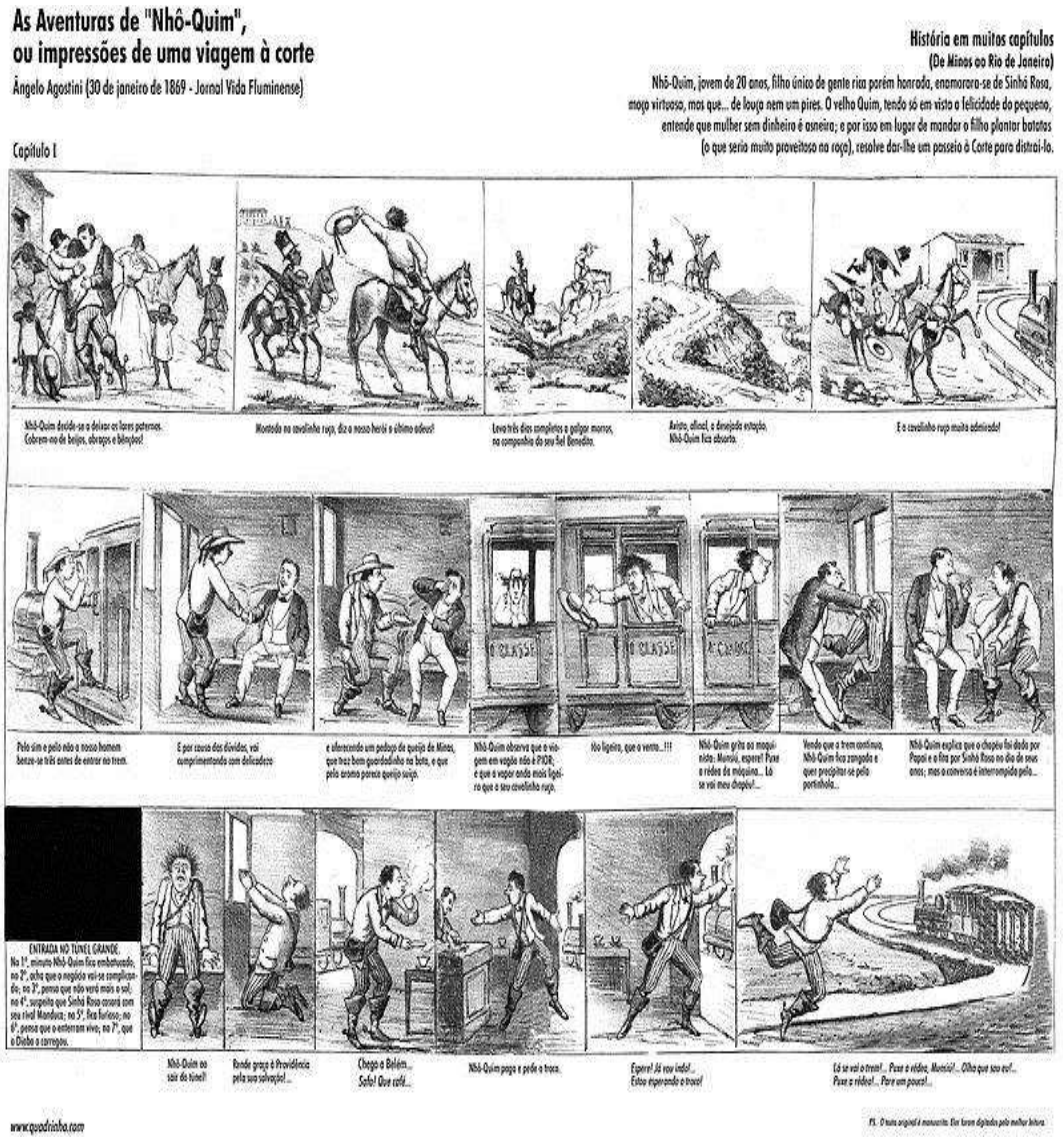
Resolva as questões a seguir, de modo a analisar o conteúdo da letra da música.

a) De acordo com o autor, por que as mudanças na vida de uma pessoa são inevitáveis?

b) Em relação às palavras de uma língua, que fatores podem promover mudanças no léxico?

2) Analise os textos de gêneros variados apresentados, a seguir**.**

Texto 59: História em quadrinhos de 1869.



Fonte:Google. Disponível em:< http://www.universohq.com/universo-paralelo/dia-do-quadrinho-nacional-ou-dia-nacional-dos-quadrinhos>. Acesso em:13 jul 2016.

Transcrição do texto História em Quadrinhos de 1869.

Leia, abaixo, a transcrição da história.

As aventuras de Nhô Quim, ou impressões de uma viagem à corte

Angelo Agostini (30 de janeiro de 1869 – Jornal Vida Fluminense)

História de muitos capítulos (de Minas Gerais ao Rio de Janeiro)

Nhô Quim, jovem de 20 anos, filho único de gente rica porém honrada, enamora-se de Sinhá Rosa, moça virtuosa, mas que... de louça nem um pires. O velho Quim, tendo só em vista a felicidade do pequeno, entende que mulher sem dinheiro é asneira; e, por isso, em lugar de mandar o filho plantar batatas (o que seria muito proveitoso na roça), resolve dar-lhe um passeio à corte para distraí- lo.

Capítulo 1

Nhô Quim decide a deixar-lhe os lares paternos.
Cobrem-no de beijos, abraços e bênçãos.
Montado no cavalinho riço, diz o norro herói o último adeus!
Leva três dias completos a galgar morros, na companhia do seu fiel Benedito.
Avista, afinal, a desejada estação.
Nhô Quim fica absorto.
E o cavalinho ruço muito admirado.
Pelo sim e pelo não o nosso homem benze-se três vezes antes de entrar no trem.
E por causa das dúvidas vai cumprimentando com delicadeza
e vai oferecendo um pedaço de queijo de Minar, que traz bem guardadinho na bota,
e que, pelo aroma, parece queijo suíço.
Nhô Quim observa que a viagem em vagão não pe PIOR;
e que o vapor anda mais ligeiro que seu cavalinho ruço.
Tão ligeiro que o vento...!!!
Nhô Quim grita ao maquinista: Monsiú, espere!
Puxe a rédea da máquina!
Lá se vai meu chapéu.
Vendo que o trem continua,
Nhô Quim fica zangado e
quer precipitar-se pela portinhola.
Nhô Quim explica que o chapéu dado
por papai e a fita por Sinhá Rosa, no dia de
seus anos, mas a conversa é interrompida pela

ENTRADA NO TÚNEL GRANDE.

No 1ºminuto, Nhô Quim fica embatucado;

no 2º, acha que o negócio vai se complicando;

no 3º, pensa que não verá mais o sol;

no 4º, suspeita que Sinhá Rosa casará com seu rival Manduca;

no 5º, fica furioso; no 6º, pensa que o enterram vivo;

no 7º, que o diabo o levou.

Nhô Quim ao sair do túnel!

Rende graça à Providência pela sua salvação!

Chega a belém.

Safa!... Que café!

Nhô Quim paga e pede o troco.

Espere! Já vou indo!

Estou esperando o troco.

Espere! Já vou indo!

Lá se vai o trem!...

Puxa a rédea, Munsiú!

Puxe a rédea!...

Pare um pouco!...

Texto 60: Texto publicitário de 1909.



Fonte: Google. Disponível em:<http://www.saopauloantiga.com.br/bau-da-propaganda/>. Acesso em: 16 jul 2016.

Texto 61: Página da primeira edição do jornal Correio Braziliense de 1808.

CORREIO BRAZILIENSE

DE JUNHO, 1808.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvéra lá chegara.

CAMOENS, c. VII. e. 14.

Introducçaõ.

O PRIMEIRO dever do hómem em sóciedade he ser util aos membros della; e cada um deve, segundo as suas forças Phisicas, ou Moraes, administrar, em beneficio da mesma, os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a educaçaõ lhe prestou. O individuo, que abrange o bem geral d'uma sociedade, vem a ser o membro mais distincto della: as luzes, que elle espalha, tîram das trevas, ou da illuzaõ, aquelles, que a ignorancia precipitou no labyrintho da apathia, da inepcia, e do engano. Ninguem mais util pois do que aquelle que se destina a mostrar, com evidencia, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do fucturo. Tal tem sido o trabalho dos redactores das folhas publicas, quando estes, munidos de uma critica saã, e de uma censura adequada, represêntam os factos do momento, as reflexoens sobre o passado, e as soldidas conjecturas sobre o futuro.

Devem-se à Naçaõ Portugueza as primeiras luzes destas obras, que excitam a curiosidade publica. Foi em Lisboa, na imprensa de Craesbeck, em 1649, que este Redactor traçou, com evidencia, debaixo do nome de Boletim os acontecimentos da guerra da acclamaçaõ de D. Joaõ o Quarto. Neste folhéto se vîam os factos, taes quaes a verdade os devia pintar, e desta obra interessante se valeo, ao depois, o Conde da Ericeira, para escrever a historia da acclamaçaõ com tanta censura, e acertada critica, como fez.

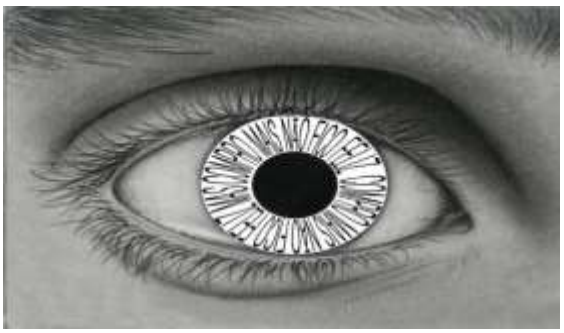
Disponível em: <www.casadasfocas.com.br>. Acesso em: 16 jun 2016. Autoria: Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça.

Texto 62: Poema escrito no final do Século XX, por Cacaso.

E com vocês, a modernidade

fteu verso é profundamente romântico,
Choram cavaquinhos luares se derramam e vai
Por aí a longa sombra de rumores e ciganos,
Ai que saudades que tenho dos meus negros verdes anos.
Cacaso (2002, p. 113).

Texto 63: Poema digital, veiculado na internet em 2000.



Fonte: Google. Disponível em: <www. sarautropeiro.blogspot.com.br>. Acesso em: 3 jun 2016.

Participe da discussão oral, sob a coordenação do professor e, em seguida, responda à questão proposta.

a) Quais as modificações quanto ao uso da linguagem podem ser percebidas nos textos em análise?

_____

_____

3) Leia a crônica "*As palavras que ninguém diz",* de Carlos Drummond de Andrade.

Texto 64: As palavras que ninguém diz.

−Sabe o que é diadelfo? Não sabe. É isso aí: ninguém aprende mais nada na escola, não há professor que ensine o que é diadelfo. Entretanto, basta você sair por aí, na Gávea, e dá de cara com pencas de diadelfos. Tão fácil distingui-los. Pelo visto, sou capaz de jurar que você também nunca experimentou a emoção do ilapso. Ou por outra: pode ter experimentado, mas sem identificá-lo pelo nome. Não alcançou a maravilhosa consciência de haver merecido o ilapso. Conheci um nordestino que na mocidade exercera a profissão de ultor, e que ignorava o que é ultor; como é que pode ser tão mau profissional?

Praticamente as coisas deixaram de ser nomeadas na boca dos falantes. O vocabulário azulou. São incapazes de reconhecer o que é beltiano, e mais ainda de qualificá-lo. Paranzela,

já ouviu falar? Conhece entre suas relações quem algum dia falou em oniquito? Se vou ao Number One e peço alfitetes, pensam que estou louco, acham que quero comer alfinetes. Não adianta argumentar que, como paguilha, faço jus a maior consideração; de resto, sabem lá o que é paguilha?

Olhe, não é só a piara que ignora tudo, inclusive que ela é piara. Os da alta, é a mesma coisa. Participei de umas boedrômias em certa mansão do Cosme Velho, e pude verificar que todos, satisfeitíssimos com o que faziam, estavam longe de imaginar que tudo aquilo que se passava em torno da piscina eram boedrômias, autênticas boedrômias. Uma situação de poslimínio é absolutamente indecifrável para muitos doutores que conheço. E quantos só dorme sossegados se têm talambor a protegê-los, desconhecendo embora que instalaram um talambor em casa?

Menino você gosta remuito de siricaia e não sabe o que é siricaia e o que é remuito? Santa ignorância! Mas que o seu pai, professor ilustre, pratique o hapaxismo e nem desconfie de ser harpaxista, meus pêsames às codornas. Lamentável, ainda, a incontinência de seus borborigmos em reuniões sociais, pois não?

Quanta gente por aí precisando de auriscálpio, e se aconselho que procure obter um, fica perturbada, imaginando coisas. Chega a manifestar aversamento, sem o mesmo desconfiar do que seja aversamento. Do português, não aprendem um pigalho. Aventure-se alguém, numa roda seleta, a falar em cristadelfos. Os que se julgam mais informados pensarão que nos referimos às porcelanas de Delft.

Pessoas que adoram determinados pitéus, não as visita a mínima noção da gamaralogia (não quer dizer que sejam gamadas, é outra coisa muito diferente) . dispomos de alguns estratólogos, a que ninguém trata pela correta denominação, e se esta for mencionada, haverá quem suponha tratar-se de peritos em rodoviarismo ou em extrato de contas. Fui cumprimentar uma campeã de tênis, chamando-a lindamente de vitrice, e ela se abespinhou. Achou talvez algo de venéfico no vocábulo. Sabe tênis e não sabe o idioma.

Vamos dar uma volta seral? Propus a outra moça, que arregalou os olhos. Não houve meio de convencê-la de que pretendia leva-la por aí, sob a paz das estrelas. Imagine se eu lhe propusesse subsiles. Ainda que eu aplicasse o máximo de catexe, não conseguiria nada. E talvez até ela chamasse a polícia.

Bem, não estou exagerando. Você que me ouve, sabe (pelo menos isso) que eu evito toda e qualquer espécie de cinquete. Ah, também não sabe o que é cinquete? Era de se esperar. Não posso falar que sua cabeça mais parece uma abatiguera, porque, a bem dizer,

você nunca plantou nada aí, em consequência nada aí se pode colher. Certas coisas a gente vê logo, não carece ser mirioftalmo. Passe bem, ignaro, ou melhor, passe mal! Carlos Drummond de Andrade.

Fonte: Google. Disponível em: <http:// Mineiramente Drummond, 2007>. Acesso em:16 jul 2016.

Após a realização de debate das ideias do texto em grupo, responda às questões.

a) Estabeleça uma hipótese para justifica a intenção do autor com a produção da crônica?

_____

_____

b) Você concorda com o autor, quando ele diz que "ninguém aprende mais nada na escola", considerando o vocabulário ativo de uma pessoa?

_____

_____

c) Por que, em sua opinião, algumas palavras deixam de ser usadas pelos falantes de uma língua?

_____

_____

d) Transcreva, do texto, as palavras que, segundo o autor, não são mais utilizadas pelas pessoas no cotidiano. Em dupla, compare as palavras transcritas por você e pelo colega e elabore uma única lista. A seguir, elabore um glossário do texto.

_____

_____

_____

4) Leia o texto "O vendedor de palavras", de Fábio Renyol.

Texto 65: O vendedor de palavras.

Ouviu dizer que o Brasil sofria de uma grave falta de palavras. Em um programa de TV, viu uma escritora lamentando que não se liam livros nesta terra, por isso as palavras estavam em falta na praça. O mal tinha até nome de batismo, como qualquer doença grande, "indigência lexical". Comerciante de tino que era, não perdeu tempo em ter uma ideia fantástica. Pegou dicionário, mesa e cartolina e saiu ao mercado cavar espaço entre os camelôs.

Entre uma banca de relógios e outra de lingerie instalou a sua: uma mesa, o dicionário e a cartolina na qual se lia: “Histriônico — apenas R$ 0,50!”.

Demorou quase quatro horas para que o primeiro de mais de cinquenta curiosos parasse e perguntasse.

— O que o senhor está vendendo?

— Palavras, meu senhor. A promoção do dia é histriônico a cinquenta centavos, como diz a placa.

— O senhor não pode vender palavras. Elas não são suas. Palavras são de todos.

— O senhor sabe o significado de histriônico?

— Não.

— Então o senhor não a tem. Não vendo algo que as pessoas já têm ou coisas de que elas não precisem.

— Mas eu posso pegar essa palavra de graça no dicionário.

— O senhor tem dicionário em casa?

— Não. Mas eu poderia muito bem ir à biblioteca pública e consultar um.

— O senhor estava indo à biblioteca?

— Não. Na verdade, eu estou a caminho do supermercado.

— Então veio ao lugar certo. O senhor está para comprar o feijão e a alface, pode muito bem levar para casa uma palavra por apenas cinquenta centavos de real!

— Eu não vou usar essa palavra. Vou pagar para depois esquecê-la?

— Se o senhor não comer a alface ela acaba apodrecendo na geladeira e terá de jogá-la fora e o feijão caruncha.

— O que pretende com isso? Vai ficar rico vendendo palavras?

— O senhor conhece Nélida Piñon?

— Não.

— É uma escritora. Esta manhã, ela disse na televisão que o País sofre com a falta de palavras, pois os livros são muito pouco lidos por aqui.

— E por que o senhor não vende livros?

— Justamente por isso. As pessoas não compram as palavras no atacado, portanto eu as vendo no varejo.

— E o que as pessoas vão fazer com as palavras? Palavras são palavras, não enchem barriga.

— A escritora também disse que cada palavra corresponde a um pensamento. Se temos poucas palavras, pensamos pouco. Se eu vender uma palavra por dia, trabalhando duzentos dias por ano, serão duzentos novos pensamentos cem por cento brasileiros. Isso sem contar os que furtam o meu produto. São como trombadinhas que saem correndo com os relógios do meu colega aqui do lado. Olhe aquela senhora com o carrinho de feira dobrando a esquina. Com aquela carinha de dona-de-casa ela nunca me enganou. Passou por aqui sorrateira. Olhou minha placa e deu um sorrisinho maroto se mordendo de curiosidade. Mas nem parou para perguntar. Eu tenho certeza de que ela tem um dicionário em casa. Assim que chegar lá, vai abri-lo e me roubar a carga. Suponho que para cada pessoa que se dispõe a comprar uma palavra, pelo menos cinco a roubarão. Então eu provocarei mil pensamentos novos em um ano de trabalho.

— O senhor não acha muita pretensão? Pegar um...

— Jactância.

— Pegar um livro velho...

— Alfarrábio.

— O senhor me interrompe!

— Profaço.

— Está me enrolando, não é?

— Tergiversando.

— Quanta lenga-lenga...

— Ambages.

— Ambages?

— Pode ser também evasivas.

— Eu sou mesmo um banana para dar trela para gente como você!

— Pusilânime.

— O senhor é engraçadinho, não?

— Finalmente chegamos: histriônico!

— Adeus.

— Ei! Vai embora sem pagar?

— Tome seus cinquenta centavos.

— São três reais e cinquenta.

— Como é?

— Pelas minhas contas, são oito palavras novas que eu acabei de entregar para o senhor. Só histriônico estava na promoção, mas como o senhor se mostrou interessado, faço todas pelo mesmo preço.

— Mas oito palavras seriam quatro reais, certo?

— É que quem leva ambages ganha uma evasiva, entende?

— Tem troco para cinco?

Disponível em:< http://www.releituras.com/freynol_vendedor.asp>. Acesso em: 3 jun 2016.

a) Qual a temática abordada no texto? Em que aspectos (tema, gênero e linguagem) este texto se assemelha ao de Carlos Drummond de Andrade?

_____

_____

b) O que causou estranheza às pessoas que passavam pela banca do protagonista?

_____

_____

c) De acordo com o protagonista, que fato o motivou a montar a barraca de vendas?

_____

_____

d) Sublinhe, no texto, as palavras vendidas pelo protagonista. Você conhecia alguma(s) dela(s)? e) Imagine-se no lugar do vendedor e pesquise (em casa com os parentes; na internet; em livros de literatura brasileira; em dicionários) palavras que já não são mais utilizadas. Organize, em dupla, uma relação com, pelo menos, cinco termos e promova, na sala de aula, a "venda dessas expressões", apresentando-as para os colegas. Escreva cada uma delas em uma ficha e exponha-as no mural da sala.

Quadro 11: Lista de palavras que caíram em desuso.

FICHAS PARA OS ALUNOS ESCREVEREM AS PALAVRAS A SEREM "VENDIDAS"				

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora.

5) Leia a tirinha, a seguir, publicada na internet.

Texto 66: Tirinha.



Fonte: Google. Disponível em:<http://diariodakiro.blogspot.com.br/2011_03_19_archive.html>. Acesso em:16 jul 2016.

b) Após a leitura da tirinha, escreva um pequeno texto, explicando o que acontece com a constituição do léxico de uma língua, os fatores que influenciam essa formação e nela interferem.

_____

_____

_____

_____

Módulo 2.

Objetivos.

- Reconhecer os processos por meio dos quais podem se formar novas palavras.
- Identificar fatores que influenciam no surgimento de novas palavras.
- Promover atividades em que se perceba o uso de palavras novas.
- Reconhecer a intencionalidade do escritor ao utilizar palavras inventadas.

Atividades.

2) Leia o poema "Ai, Palavras!", de Cecília Meireles.

Texto 67: Ai, Palavras!

Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai palavras,
sois o vento, ides no vento,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!
Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!
Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta; o
mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois audácia,
calúnia, fúria, derrota…
A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora…
E dos venenos humanos

sois a mais fina retorta:
frágil como o vidro
e mais que o são poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam…

Cecília Meireles

Disponível em: <https://lusografias.wordpress.com/2007/04/29/ai-palavras/>. Acesso em: 15 de nov. 2015.

a) A que "potência" das palavras a autora se refere?

_____

_____

b) A autora caracteriza a palavra com dois adjetivos de sentidos opostos: "frágil" e "poderosa". Considerando o conteúdo do poema, explique em que situação uma palavra assume a primeira característica e uma em que ela assume a segunda. Represente cada uma dessas situações com um exemplo da vida real.

_____

_____

c) De acordo com as ideias contidas no texto, para que servem as palavras?

_____

_____

d) De que maneira a palavra se "forma" e se "transforma"? Exemplifique cada um desses processos.

_____

_____

e) Explique o sentido dos versos "Todo o sentido da vida/ principia à vossa porta", relacionando-os ao conteúdo do poema e às situações de uso dos itens lexicais de uma língua.

_____

_____

f) Nos versos "Sois de vento, ides no vento e quedais,/ com sorte nova!", é possível reconhecer que característica dos itens lexicais que constituem uma língua?

_____

_____

g) A autora do poema, a respeito das palavras, afirma que “sois o sonho e sois a audácia, calúnia, fúria, derrota”. Escreva duas frases empregando a mesma palavra, de forma que em uma ela tenha sentido positivo e na outra, negativo.

_____

_____

2) Leia os textos, abaixo.

Texto 68: Capa de livro.



Fonte: COUTO (1987).

Texto 69: Tirinha.



Fonte: WATTERSON (2007, p. 101).

a) Nos textos 30 e 31, foram empregadas duas palavras que são consideradas neologismos: “abensonhadas” e “esminhocar”. Apesar de elas não pertencerem oficialmente à Língua Portuguesa, foi possível compreender o sentido de cada uma delas? Justifique a resposta.

_____

_____

3) Leia o texto de João Guimarães Rosa para identificar os neologismos criados por esse escritor.

Texto 70: Hipotrélico.

Há o hipotrélico. O termo é novo, de impesquisada origem e ainda sem definição que lhe apanhe em todas as pétalas o significado. Sabe-se, só, que vem do bom português. Para a prática, tome-se hipotrélico querendo dizer antipodático, sengraçante imprizido; ou talvez, vice-dito: indivíduo pedante importuno agudo, falta de respeito com a opinião alheia. Sob mais que, tratando-se de palavra inventada, e, como adiante se verá, embirrando o hipotrélico em não tolerar neologismos, começa ele por se negar nominalmente a própria existência.

Somos todos, neste ponto, um tenho ou cento hipotrélico? Salvo o excepto, um neologismo contunde, confunde, quase ofende. Perspica-nos a inércia que soneja em cada canto do espírito, e que se refestela com os bons hábitos estadados. Se é que um não se assuste: saia todo-o-mundo a empinar vocábulos seus, e aonde é que se vai dar com a língua tida e herdada? Assenta-nos bem à modéstia achar que o novo não valerá o velho; ajusta-se à melhor prudência relegar o progresso no passado.

Sobre o que, aliás, previu-se um bem decretado conceito: o de que só o povo tem o direito de se manifestar, neste público particular. Isto nos aquieta. A gente pensa em democráticas assembleias, comitês, comícios, para a vivíssima ação de desenvolver o idioma; senão que o inconsciente coletivo ou o Espírito Santo se exerçam a ditar a vários populares, a um tempo, as sábias, válidas inspirações. Haja para. Diz-se nos também, é certo, que tudo não passa de um engano de arte, leigo e tredo: que quem inventa palavras é sempre um indivíduo, elas, como as criaturas, costumando ter um pai só; e que a comunidade contribui apenas dando-lhes ou fechando-lhes a circulação. Não importa. Na fecundidade do araque apura-se a vantajosa singeleza, e a sensatez da minha inocência supera as excelências do estudo. Pelo que terá de ser agreste ou inculto o neologista, e ainda melhor se analfabeto for.

Seja que no sem-tempo quotidiano, não nos lembremos das e muitíssimas que foram fabricadas com intenção – ao modo como Cícero fez qualidade (“qualitas”), Comte altruísmo, Stendhal egotismo, Guyau amoral, Bentham internaciona, Turguêniev niilista, Frocástor sífilis, Paracelso gnomo, Voltaire embaixatriz (“ambassadrice”), Van Helmont gás, Coelho Neto paredro, Ruy Barbosa egolatria, Alfredo Taunay necrotério; e mais e mais e mais, sem redobrar memória. Palavras em serviço efetivo, já hoje viradas naturais, com o fácil e jeito e unto de espontâneas, conforme o longo uso as sovou.

De acordo, concedemos. Mas, sob cláusula: a de que o termo engenhado venha tapar um vazio. Nem foi menos assim que o doutor Castro Lopes, a fim de banir galicismos, e

embora se saindo com processo direto e didático, deixadas fora de conta quaisquer sutilezas psicológicas ou estéticas conseguiu pôr em praça pelo menos estes, como ele mesmo dizia, "produtos da indústria nacional filológica": cardápio, convescote, preconício, necrópole, ancenúbio, nasóculos, lucivéu e lucivelo, fádico, protofonia, vesperal, posturar, postrídio, postar (no correio) e mamila. E, donde: palavra nova, só se satisfizer uma precisão, constatada, incontestada.

Guimarães Rosa

Responda por escrito a estas questões.

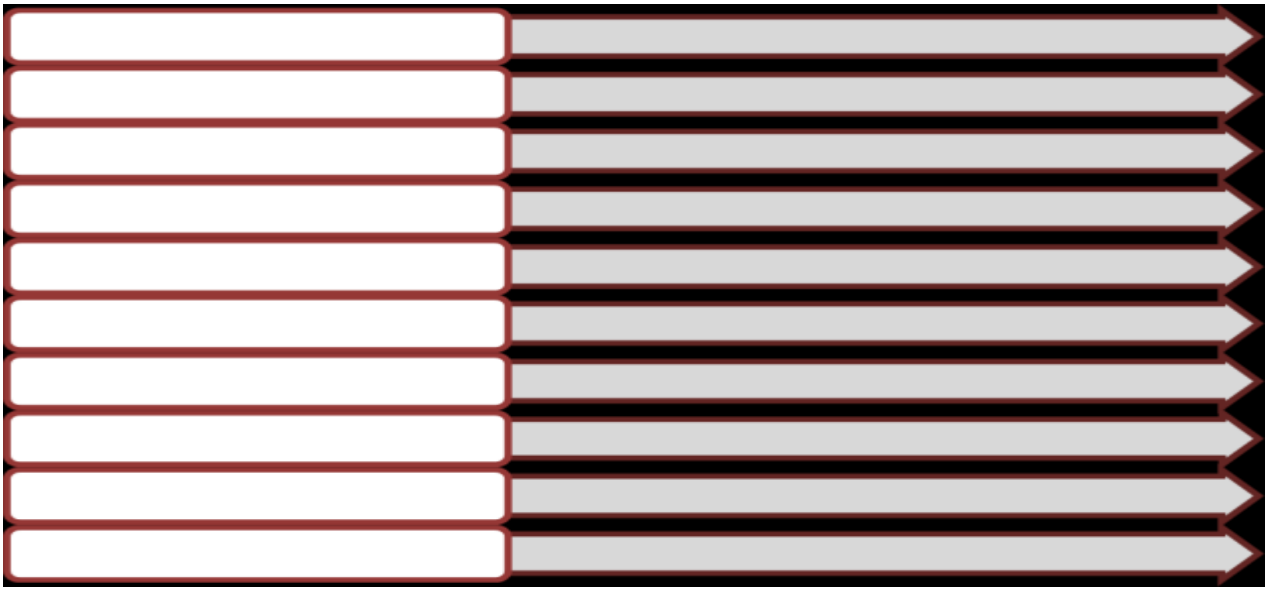
a) O que as pessoas apresentadas, no quadro acima, têm em comum com Guimarães Rosa, para serem citadas em seu texto?

_____

_____

b) Imagine que você deverá elaborar o vocabulário do texto "Hipotrélico", para explicar o sentido de alguns neologismos. Para isso, você deverá identificar os processos que foram usados para criar essas palavras.

Quadro 12: Vocabulário do texto "Hipotrélico".

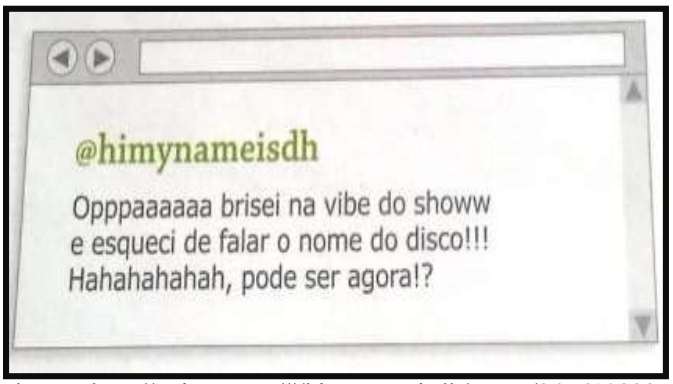


Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora.

4) Fique atento à aula expositiva ministrada pelo professor, com o uso de slides projetados em *DataShow,* a respeito dos mecanismos de formação de palavras.

5) Leia os seguintes textos.

Texto 71: Postagem no *Twitter*.



Fonte: Google. Disponível em: <http://twitter.com/#/himynameisdh/status/8476108325376>. Acesso em: 16 jul 2016.

Imagem 7: *Emoticons*.



Fonte: Google. Disponível em: <https://sheilaluiza.files.wordpress.com/2011/05/web.jpg>. Acesso em:16 jul 2016.

Texto 72: Blz.



Fonte: Google. Disponível em:<http://hardplus.com.br/blog/wp-content/uploads/Internet%C3%AAs.jpg>. Acesso em: 16jul 2016.

Imagem 8: *Emojis.*



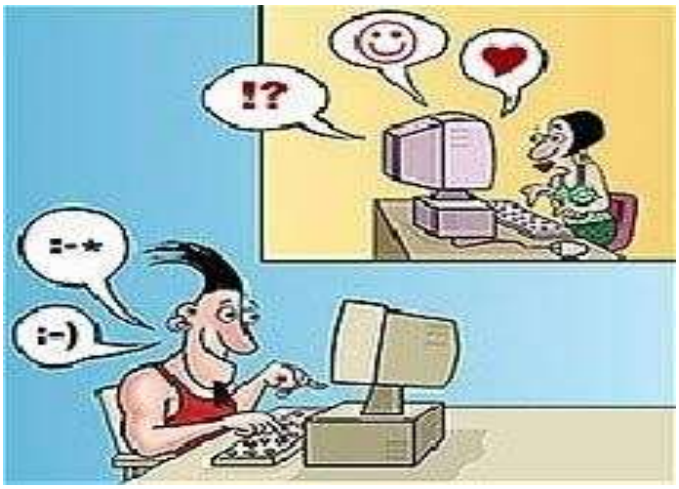
Fonte: Google. Disponível em:<http://brasilescola.uol.com.br/upload/e/img(3).jpg>. Acesso em: 16 jul 2016.

Texto 73: Internetês.



Fonte: Google. Disponível em:<http://revistaescola.abril.com.br/img/lingua-portuguesa/206-lingua-viva.jpg>. Acesso em:16 jul 2016.

Texto 74: Cartum.



Fonte: Google. Disponível em: < https://bolgspot.com>. Acesso em:16 jul 2016.

Texto 75: Charge.



Fonte: Google. Disponível em: <https//www.google.com.br>. Acesso em: 16 jul 2016.

Responda às questões propostas a seguir.

a) Qual (is) a (s) característica (s) da linguagem usada na internet?

_____

_____

b) A linguagem conhecida como "internetês" é considerada certa ou errada?

_____

_____

c) Para você, o uso dessa linguagem interfere na escrita dos estudantes em tarefas escolares, tais como produções textuais? Fundamente a resposta.

_____

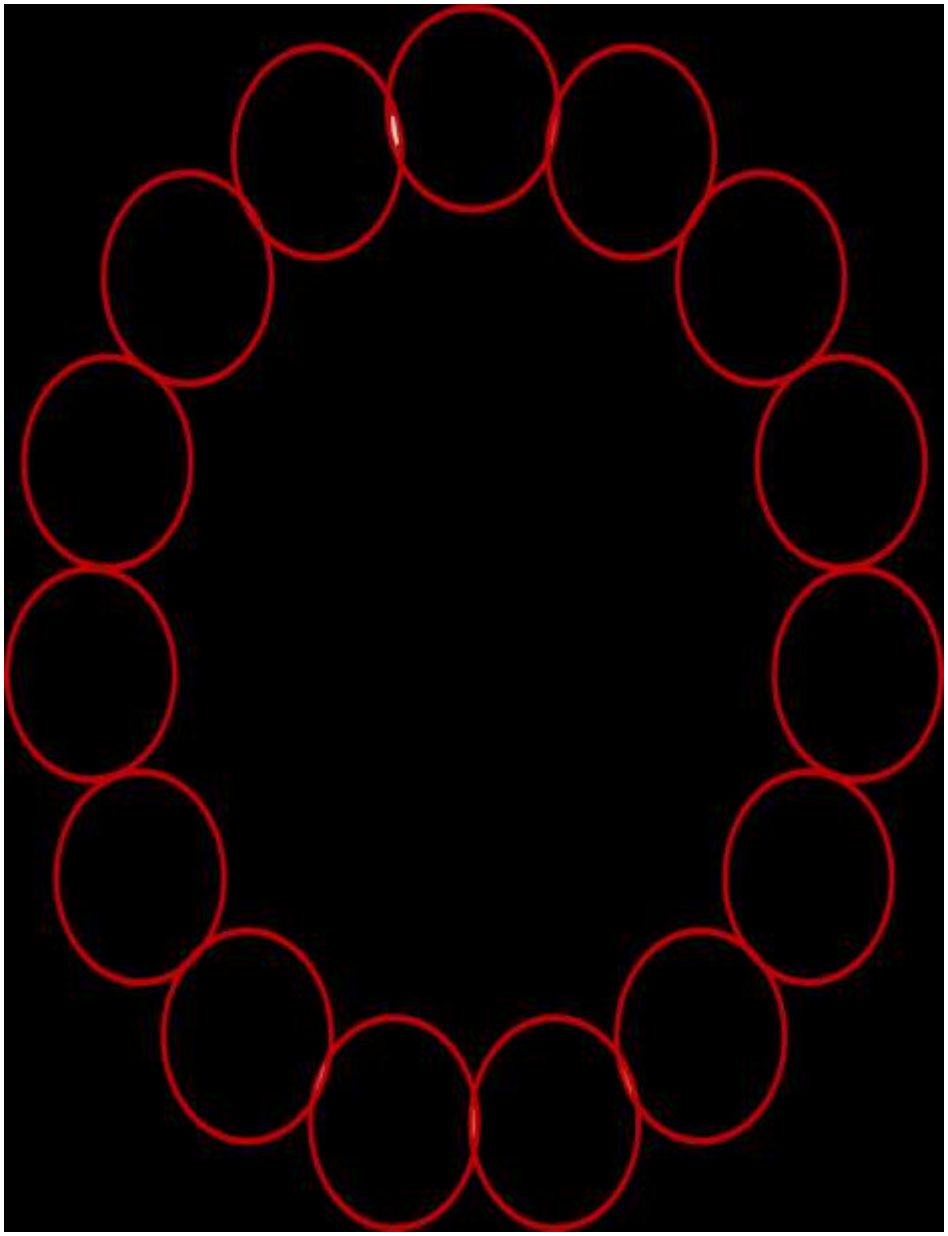
_____

6) Observe estas imagens, nas quais são reproduzidos alguns recursos utilizados em comunicação virtual. Para cada um desses sinais diacríticos que caracterizam o "internetês", apresenta-se uma lista com alguns deles. Você deverá ampliar essa lista. É importante que você empregue os sinais que já sejam do seu conhecimento, ou que troque informações com os colegas e, ainda se for necessário, consulte *sites*.

a) *Emoticons*.

Leia o significado de alguns desses símbolos e amplie a lista, abaixo.

Figura 14: *Emoticons.*

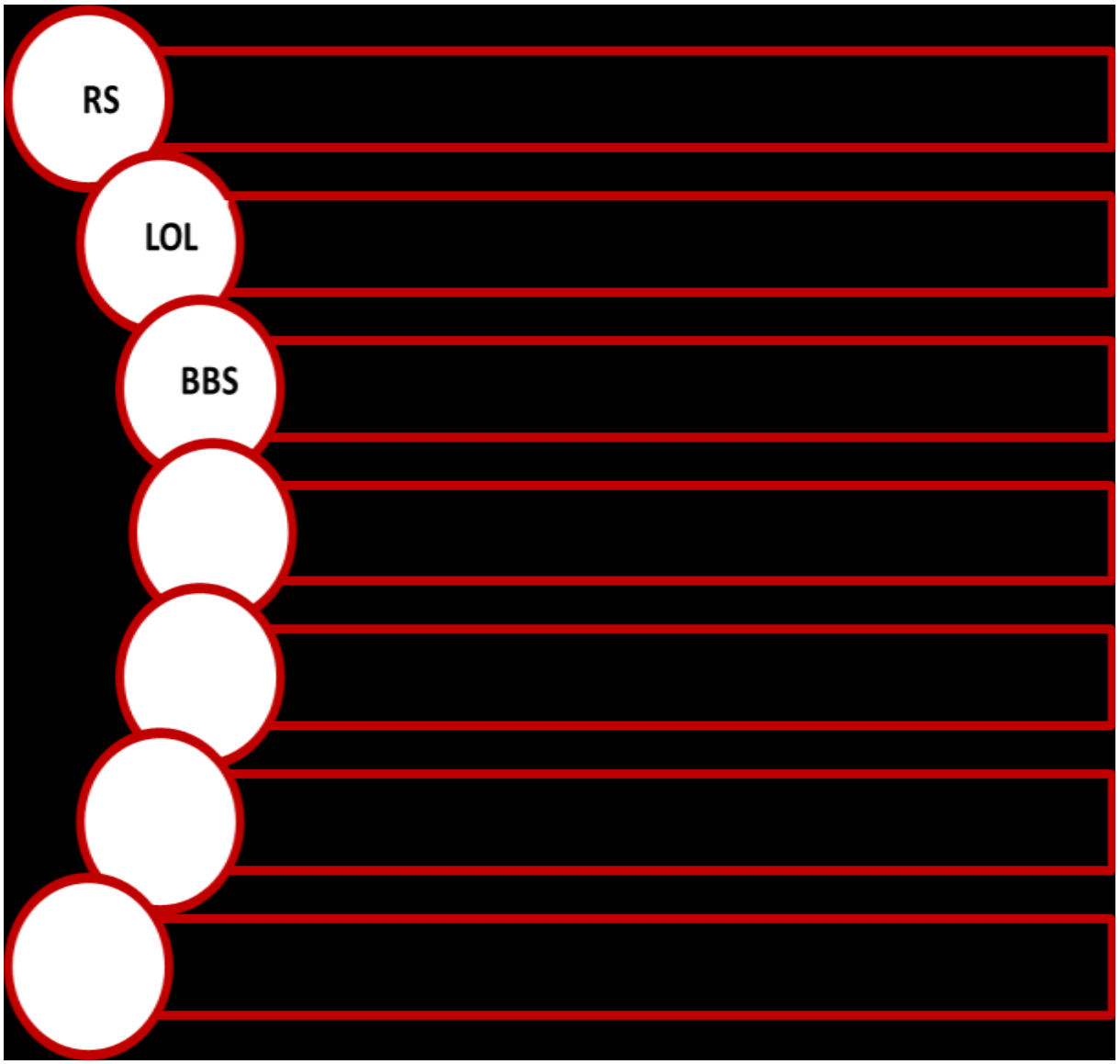


Fonte: Elaboração própria, com consulta a site da internet para identificação dos símbolos. Disponível em:< https://www. google. com. br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8 &ved=0ahUKEwi8j-rX4qfTAhVJjpAKHexrBVYQjRwIBw&url=http%3A%2F%2Fwww.tecnoartenews.com%2Fnoticias%2Femoticons-para-facebook->. Acesso em:17 jul 2016.

b) Acrônimos.

Amplie a lista de acrônimos, acrescentando novos elementos, seguidos dos respectivos significados.

Figura 15: Acrônimos.



Fonte: Elaboração própria do esquema, com consultas a sites do Google para pesquisa a respeito dos acrônimos.

Disponível em: <http://www.purebreak.com.br/noticias/conheca-todas-siglas-e-abreviacoes-da-web-e-nunca-mais-fique-boiando-na-internet/4393>. Acesso em:16 jul 2016.

c) *Emojis*.

Ampliação da lista de *emojis*, com os respectivos significados.

Imagem 9: *Emojis.*



Fonte: Google. Disponível em: <https://www.getemoji.com>. Acesso em: 16 jun 2016.

d) Abreviações.

Complete o quadro abaixo, acrescentando outras abreviações usadas na comunicação virtual.

Figura 16: Abreviações.

abreviação	Significado
flw	Falou
vdd	Verdade
ctz	Certeza



Fonte: Elaborada pela professora–pesquisadora, com imagem do *SmartGráfico*.

Culminância.

Reúna-se em grupos de, no máximo, quatro alunos. Empregando os sinais diacríticos próprios do internetês, na modalidade escrita, elabore um diálogo entre duas ou mais personagens. A sequência de falas deve apresentar coerência e coesão. Assim que o texto estiver pronto, sob a orientação do professor, troque o texto com outra dupla de colegas. Leia, em parceria com o colega de dupla, o texto recebido. O professor solicitará que algumas duplas leiam o texto em voz alta, para verificar se houve compreensão da mensagem.

Retome o texto produzido por você e sua dupla. Reescreva-o na modalidade escrita da Língua Portuguesa, empregando os recursos próprios dessa modalidade, tais como parágrafos, sinais de pontuação.

Produção do texto com a linguagem conhecida como “internetês”.

OFICINA 5: No Colégio Militar se diz assim. . .

Módulo 1.

Objetivos.

- Identificar, com os alunos, o perfil de uma instituição militar de ensino.
- Reconhecer as características peculiares de uma instituição militar de ensino.
- Analisar as ideias contidas em um poema escrito por um ex-aluno de colégio militar.

Atividades.

1) O que o motivou a estudar em uma instituição militar de ensino?

_____

_____

2) Escreva, no quadro abaixo, cinco razões pelas quais ele gosta de estudar no colégio militar e cinco por que não gosta.

Quadro 13: Descrição do que gosta e do que não gosta no colégio militar.

No colégio militar, eu gosto de	No colégio militar, eu não gosto de

Fonte: Elaborado pela professora-pesquisadora.

2) Leia o poema.

Texto 76: Colégio Militar.

Colégio ftilitar, menino embora...
Eu segui na cadência do teu passo.
Teu comando atendi, chegada a hora,

e depus meu destino em teu regaço.

Seguir quisera o teu luminoso traço
da glória tua, que se revigora
e nos há de cingir, Brasil afora,
num nobre, heroico e gigantesco abraço.

Colégio ftilitar, a tua história,
hei de guardá-la sempre na memória,
fazendo do teu culto uma bandeira.

Que eu possa te servir sempre e honrar!
Porque servir-te é o mesmo que lutar
pela glória da pátria brasileira.

Cleverson da Silva Gomes (1949)

a) O poema pode ser considerado uma homenagem ao colégio militar. Que aspectos da instituição são destacados no texto?

_____

_____

b) Que itens lexicais remetem ao contexto de uma instituição militar?

_____

_____

Módulo 2.

Objetivos.

- Identificar termos que são usados em situações do cotidiano em uma instituição militar de ensino.
- Reconhecer a variante linguística predominante no ambiente de uma instituição militar de ensino.
- Elaborar um glossário com termos utilizados pelos alunos no contexto da instituição militar de ensino.

Atividades.

4) A atividade será realizada no Laboratório de Informática, no ambiente virtual de ensino. Em dupla com um colega, escreva palavras/expressões utilizadas por vocês e por demais integrantes da instituição no contexto do colégio militar. Podem ser termos relacionados à vestimenta, a atitudes, a documentos, a objetos, a comandos.

5) Cada dupla encaminhará, por e-mail, a lista dos termos para o professor.

Culminância.

Com todos os itens lexicais enviados pela dupla, será elaborado um vocabulário com termos utilizados no ambiente militar de ensino. Esse vocabulário, posteriormente, será publicado em forma de livreto.

REFERÊNCIAS

ABREVIAÇÕES. Disponível em: <https://www.google.com.br/search>. Acesso em: 11 fev 2017.

ABREVIAÇÕES E ACRÔNIMOS. Disponível em: <www.purebreak.com.br/noticias/conheca-todas-siglas-e-abreviacoes-da-web-e-nunca-mais-fique-boiando-na-internet/4393>. Acesso em: 5 jul. 2016.

ACRÔNIMOS NAS REDES SOCIAIS. Disponível em: <https://sheilaluiza.files.wordpress.com/2011/05/web.jpg>. Acesso em: 3 jul. 2016.

AGOSTINI (1869). Texto 1 - **As aventuras de Nhô-Quim**. Disponível em: <http://www.universohq.com/universo-paralelo/dia-do-quadrinho-nacional-ou-dia-nacional-dos-quadrinhos>. Acesso em: 3 jul. 2016.

A LÍNGUA É VIVA. Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/lingua-viva-423717.shtml>. Acesso em: 3 jul.2016.

ANDRADE, C. D. **O sotaque das mineiras**. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/poesias/3628050>. Acesso em: 7 jul. 2016.

BRÔ MC'S. Música **Eju Orendive.** Clipe Oficial- Legendado. Disponível em: <https://youtu.be/oLbhGYfDmQg>. Acesso em: 4 jul.2016.

BRÔ MC'S. Música **Koagangua**. Vídeo e letra disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBafJlZxT6s>. Acesso em: 4 jul.2016.

CACASO, **Lero-lero**. Rio de Janeiro: 9 Letras, 2002.

CARTUM MAFALDA. Disponível em: <Fonte: http://chebolas.blogspot.com.br/2014/02/charge-foto-e-frase-do-dia_16.html>. Acesso em 22 ago. 2016.

CAUDAS AULETE. Dicionário. Disponível em: < http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 5 jul. 2016.

COMPANHIA DAS LETRAS. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br>. Acesso em: 5 jul. 2016.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**. Lisboa: Caminho, 1987.

DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES GAUCHESCAS. Disponível em: <https://www.hagah.com.br/roteiros/dicionario-de-expressoes-gauchescas-aprenda-o-vocabulario-do-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 5 jul. 2016.

DOURADO NEWS. **Grupo de rap.** Disponível em: <http://www.douradosnews.com.br/noticias/cultura-lazer/koangagua-bro-mc-s-lanca-novo-clipe-nas-aldeias-de-dourados>. Acesso em: 4 jul.2016.

EMOJIS 1. Disponível em: <http://getemoji.com/>. Acesso em: 5 jul. 2016.

EMOJIS 2. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/upload/e/img(3).jpg>. Acesso em: 3 jul.2016.

EXPOSIÇÃO. **Menas**. Museu da Língua Portuguesa. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=PZcppSdG8cg>. Acesso em: 2 jun.2016.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. Temas e figuras: a seleção lexical. In:____**Para entender o texto**: leitura e produção. 15 ed. São Paulo: Ática, 1999.

GERALDINHO. **Causo da Bicicleta**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FL2L_IG843A>. Acesso em: 3 jun. 2016.
IDIOMATERNO – o Português brasileiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OzKEfEHi7ag&t=75s>. Acesso em: 4 jun 2016.
IMAGENS. Disponível em: <https://loacweb.wordpress.com/>. Acesso em: 5 jul. 2016.

GOMES, C. S. **Colégio militar** . 1949.

INTERNETÊS HARDPLUS. Disponível em: <http://hardplus.com.br/blog/internetes-linguagem-mundo-virtual/>. Acesso em: 3 jul. 2016.

JORNAL HOJE. **Sotaques do Brasil desvenda as diferentes formas de falar do brasileiro.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WwP_b48TpgE>. Acesso em: 2 jun. 2016.

JORNALISMO. **Série sobre a língua**. Video. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GqEbcH9GXBY>Acesso em: 2 jun.2016.

LENINE. **Diversidade**. Vídeo. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=29Mj-8RdvUE>. Acesso em: 5 jun. 2016.

LINGUAGEM DAS REDES SOCIAIS. Disponível em: < http://twitter.com/#/himynameisdh/status/8476108325376>. Acesso em: 3 jul.2016.

LOPES, S. **Trezentas Onças**. Contos Gauchescos. In: Entrevero. LP&M Editores. Porto Alegre: 1984. Pág. 27. Edição especial para a MPM Propaganda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7pRNWWlbvu4>. Acesso em: 2 jul. 2016.

MAPA GEOGRÁFICO DO BRASIL COM SEUS RESPECTIVOS ESTADOS. Disponível em: <www.google.com.br>. Acesso em: 2 jul.2016.

MEIRELES, C. **Ai, Palavras!** Poema. Disponível em: <https://lusografias.wordpress.com/2007/04/29/ai-palavras/>. Acesso em: 3 jul. 2016.

NOTÍCIA. **Marítimo goleia «Briosa»**. Rádio RTP. Disponível em: <http//www.rtp.pt/noticias/index>. Acesso em: 3 jul.2016.

NOTÍCIAS DE PORTUGAL. Disponível em: <www.rtp.pt/noticias/>. Acesso em: 5 jul. 2016.

PROPAGANDAS. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/bau-da-propaganda/>. Acesso em: 5 jul. 2016.

QUADRINHOS DIVERSOS. Disponível em: <https://www.humortadela.com.br>. Acesso em: 5 jul. 2016.

REYNOL, F. **O vendedor de palavras**. Disponível em: <http://www.releituras.com/ne_freynol_vendedor.asp>. Acesso em: 15 jun. 2016.

ROSA, G. **Terceiras estórias**. São Paulo: Nova Fronteira, 2010.

SANTOS, L. **Como uma Onda**. Música. Disponível em:<https://youtu.be/SWYrOzQhYlY>. Acesso em: 5 jul. 2016.

SOFTWARE. **Puzzle-Maker**. Disponível em: <http://puzzlemaker.discoveryeducation.com/>. Acesso em: 23 ago. 2016.

TEXTO A. Disponível em: <https://www.humortadela.com.br>. Acesso em: 3 jul.2016.

TEXTO B. Disponível em:<https://amazonaws.com/descomplica-blog>. Acesso em: 3 jul 2016.

TEXTO C. Disponível em: <https://www.cartunista.com.br>. Acesso em: 3 jul. 2016.

TEXTO D. Disponível em: <https://www.wordpress.com.br>. Acesso em: 3 jul. 2016.

TEXTOS E. Disponível em: <http://www.ivancabral.com/2013/08/charge-do-dia-medicos-estrangeiros.html>. Acesso em 3 jul. 2016.

TEXTO F. Disponível em: < http://www.diogosalles.com.br/tirinhas.asp >. Acesso em 3 jul 2016.

TEXTO G. Disponível em: <http://maisunifra.com.br>. Acesso em: 3 jul 2016.

TEXTO 1. **As aventuras de Nhô Quim**. Disponível em:< http://www.universohq.com/universo-paralelo/dia-do-quadrinho-nacional-ou-dia-nacional-dos-quadrinhos>. Acesso em:13 jul 2016.

TEXTO 2. **Propaganda Seios**. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/bau-da-propaganda/>. Acesso em: 13 jul 2016.

TEXTO 3. **Correio Braziliense** – Edição de 1808. Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. Disponível em: <http://www.itu.com.br/conteudo/detalhe.asp?cod_conteudo=14000>. Acesso em: 2 jun. 2016.

TEXTO 4. **E com vocês, a modernidade**. Cacaso, 2002. Disponível em: <http://www.poemasefrases.com.br/2013/03/cacaso-e-com-voces-modernidade.html>. Acesso em: 2 jun 2016.

TEXTO 5. **Poema Digital**. Disponível em: <http://sarautropeiro.blogspot.com.br/2011/12/serie-poemas-digitais-consumismo-premio.html >. Acesso em: 2 jun. 2016.

TEXTO BRASIL ESCOLA: Disponível em: <https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br>. Acesso em: 3 jul 2016.

TIRINHA IDADE MÉDIA. Disponível em: <http://diariodakiro.blogspot.com.br/2011_03_19_archive.html>. Acesso em: 3 jul 2016.

VILELA, N. **Só o ôme**. 1974. Música. Disponível em: <https://youtu.be/ARvokcfL8ek>. Acesso em: 2 jul. 2016.

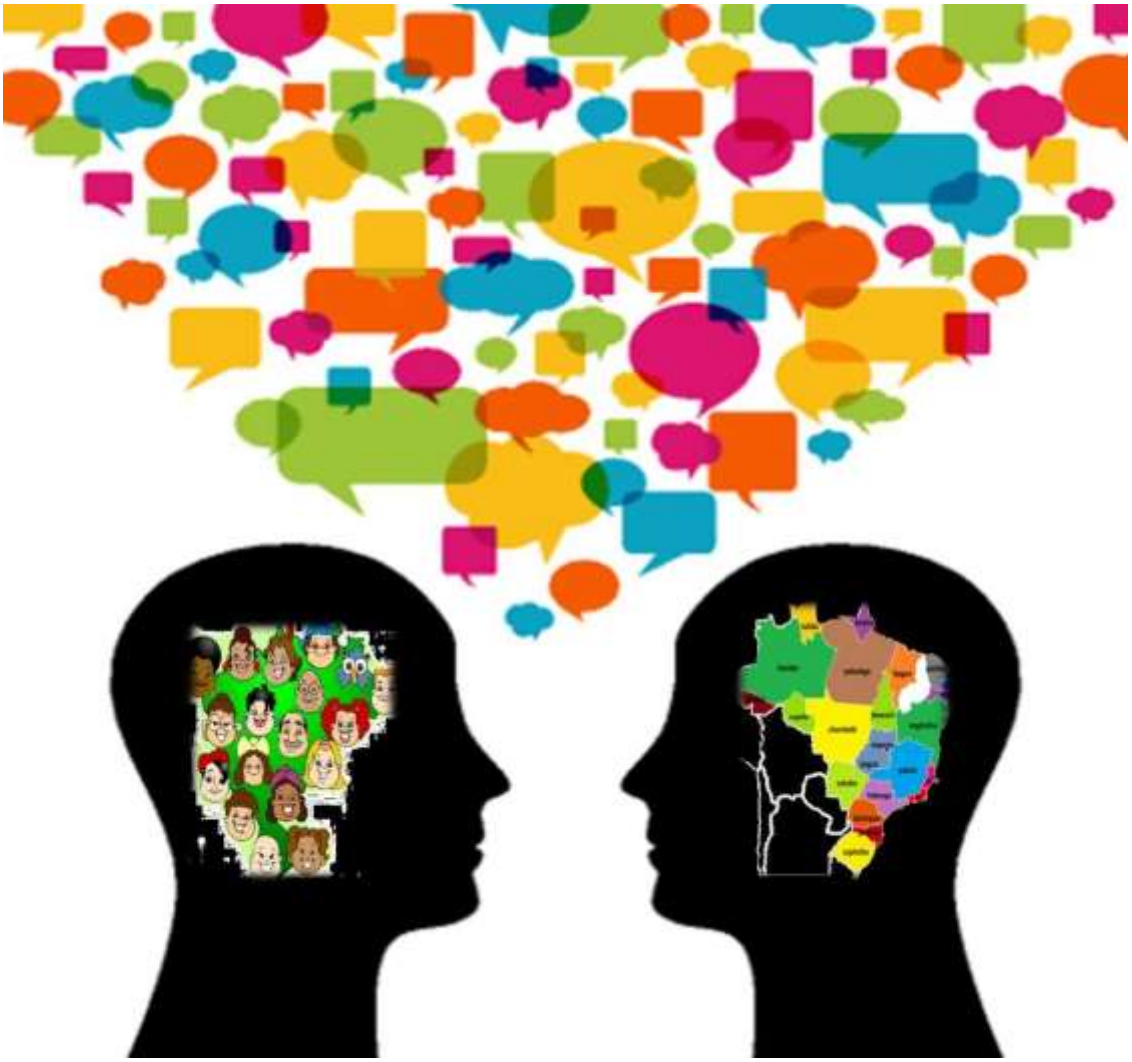
WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**: e foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad, 2007.

XAVIER, A.C. **A (in)sustentável leveza do internetês. Como lidar com essa realidade virtual na escola?** In: Estudo de Língua Portuguesa: Oralidade e Escrita. Org. Vanda Maria Elias. São Paulo: Contexto, 2014.

Prof.ª Maria Goretti de Araújo Boudens

Glossário

Caderno das Oficinas Pedagógicas para Estudo das Variações Linguísticas - Copeval



Apresentação

Este trabalho integra a pesquisa desenvolvida para o PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras -, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU -, intitulada "Proposta de Estudo de Variação Linguística em Instituição Militar de Ensino".

Trata-se de um dos produtos obtidos com a realização de oficinas pedagógicas em sala de aula, com setenta alunos de duas turmas do nono ano de um colégio militar, localizado em Brasília – DF. Nesse ambiente escolar, encontrou-se grande diversidade na origem dos estudantes, bem como na dos pais deles. A partir dessa constatação, ficou evidenciada a variação no modo como esses estudantes utilizam a língua, principalmente no que se refere ao léxico ativo no dia a dia. Durante a aplicação da proposta de intervenção, dados dessa multiplicidade de falares foram coletados e compilados neste livro, que representa o registro de palavras e de expressões recorrentes em muitos estados brasileiros, nos quais esses alunos-colaboradores nasceram.

Maria Goretti de Araújo Boudens

Sumário

Acre 181
Amapá 183
Amazonas 184
Bahia 188
Espírito Santo 194
Goiás 196
Maranhão 199
Mato Grosso 200
Mato Grosso do Sul 203
Minas Gerais 205
Pará 207
Paraíba 211
Paraná 214
Pernambuco 220
Rio de Janeiro 222
Rio Grande do Norte 226
Rio Grande do Sul 227
Rondônia 231
Roraima 233
Santa Catarina 235
São Paulo 237
Tocantins 241

Acre

afoçado: qualidade daquele que tem força para carregar muito peso.

alugar: incomodar muito uma pessoa.

babau: interjeição para indicar que não se vai receber o pagamento por uma conta.

bailar: dar-se mal em alguma situação.

boca de siri: aquele que guarda um segredo.

brejeiro: bêbado.

buiado: sortudo; satisfeito; repleto.

chapa: amigo.

cobreiro: ferida.

cutiar: acompanhar; paquerar; andar ao lado.

de primeiro: antigamente.

distiorar: destruir.

enganchado: aquele que trabalha ainda no serviço do dia anterior.

enrabar: engravidar.

estrapalhar: vender os produtos de forma barata.

faroba: enganação; conversa fiada; vantagem.

fora de órbita: desatento.

izipa: alergia.

lagartão: bêbado.

macetona: grande, enorme.

mão de mucura assada: pessoa muito apegada ao dinheiro.

pacuera: fígado.

panema: azar.

patrimônio: povoado.

pé de boi: trabalhador.

pegado: qualidade de quem trabalha sem interrupção.

perrengue: doença.

pinga: cachaça.

pipoca: biscoito de polvilho.

piseiro: festa.

pituca: coque no cabelo.

porrada: dose de bebida.

pura-bucha: que não presta; pessoa desagradável.

reinar: pensar.

solecar: sair repentinamente de um determinado lugar.

sungar: levantar.

taca: surra.

tamborete: banco bem pequeno.

teiró: antipatia.

tiu: cão.

vianda: comida servida em pensão.

Amapá

alvará: interjeição usada para demonstrar surpresa.

asilar: paquerar.

cabuçu: aquele que veio do interior.

charlar: ficar se exibindo.

chutado: corrido.

dizar; fugir.

gabola: metido.

gito: pequeno.

jacinta: libélula.

lamparinada: ato de beber a cachaça que está no copo de uma vez só.

limpeza: malandro.

liso: sem dinheiro.

malaco: ladrão; arruaceiro.

netatofe: não.

o carro pregou: o carro enguiçou.

paga pau: invejoso.

pissica: feitiço.

porronca: cigarro de maconha.

porrudo: gigante.

Amazonas

a como : quanto custa (interrogativa).

abarrotado: cheio demais.

abestado: bobo; abestalhado; abirobado; atoleimado.

abobrinha: besteira, coisa sem importância.

abuso: nojo.

acunhar: envolver-se amorosamente.

adubar: bajular; agradar.

afobado: apressado, impaciente.

afolosado: frouxo, largo.

agá: mentira.

agoniado: nervoso, inquieto.

alocé: distraído.

aperreado: apressado, muito nervoso, sem saber o que fazer diante de uma situação difícil.

aplumar: arrumar.

apoderar-se: apossar-se de algo sem permissão.

arengar: implicar, brigar.

ariar: lavar a louça com palha de aço ou areia.

arranca-toco: valentão.

arrastar asa: paquerar, dar em cima de alguém.

arredar: deslocar-se, mover-se para o lado para abrir espaço.

arremedar: imitar jocosamente.

arriar: pôr uma carga pesada no chão.

arrumação: invenção desnecessária.

atarracado: sujeito baixo, forte e macetado.

atentado: muito danado, inquieto, levado.

atochar: encher demais.

atolado: em dificuldades.

aviar: apressar.

avoado: disperso, desconcentrado.

babugem: resto de comida.

bacaba: mentira.

bagaceira: noitada.

baiacu: pessoa gorda.

baladeira: estilingue feito com forquilhas de goiabeira e tiras de borracha de câmara de ar.

baldear: vomitar.

biboca: lugar esquisito, de difícil acesso.

bicão: penetra.

bilora: desmaio, mal-estar.

biloto: verruga.

biriba: pequena lagartixa caseira.

birrento: aquele que implica à-toa com outras pessoas.

brear: colar.

brecha: chance.

bregueço: objeto imprestável ou de uso duvidoso.

bufa: peido silencioso.

liado: arredondado.

cabimento: sentido.

cambota: pessoa que tem os pés para dentro ou as pernas arqueadas.

cangote: parte posterior do pescoço.

cangula: desengonçado.

cara de tacho: desapontado.

caraminguá: dinheiro miúdo.

carapanã: pernilongo.

carregar: roubar.

cartaz: renome, fama, notoriedade.

carteira: mesa escolar; maço de cigarros.

casa do sem jeito: caso perdido.

catinga: cheiro forte.

cemitério: jogo de queimada.

chibata: maceta; porreta; coisa muito boa.

chinfra: sujeito afetado, metido a gostoso.

cobrinha: fila.

corte: fazenda; pedaço de tecido para fazer roupa.

cruzeta: gancho; cabide; falcatrua.

cuidar: apressar-se.

curiar: bisbilhotar, xeretar.

curriola: turma de amigos.

curuba: ferida.

desconforme: grande, demais, em excesso.

desembestado: descontrolado.

desmilinguido: sem graça, desarrumado, desajeitado.

desonerado: com diarreia.

emborcar: virar de ponta a cabeça.

empachado: empanzinado, cheio, estufado.

engilhado: enrugado.

esbandalhar: quebrar.

escangalhado: esculhambado; quebrado; sem funcionamento.

esgalamido: guloso, comilão.

extrato: perfume.

merenda: lanche.

mocorongo: desajeitado.

mofineza: fraqueza, indisposição, mal-estar.

neca de pitibiriba: de jeito nenhum.

no tempo do ronca: há muito tempo.

pagela: diário de classe.

panuveiro: confusão.

parada: ponto de ônibus.

pardioso: perrexé; desconfiado.

pastinha: franja.

pedir penico: desistir de alguma coisa por falta de coragem ou força.

pereba: ferida.

pernada: caminhada.

poronga: lanterna ou lamparina.

queimar: bronzear-se.

quiriri: deserto, silencioso, calmo; tristeza.

rabicho: extensão elétrica.

ratada: mancada, pisada de bola.

rebarba: resto de qualquer coisa.

reserva: pneu sobressalente; estepe.

sacopemba: gorda.

sambado: objeto com muito uso.

sapecar: bater.

sarjeta: meio-fio.

sarrafo: pancada.

seco: vazio.

serrinha de unha: lixa de unha.

tabefe: tapa.

tapado: sujeito que se deixa enganar; tolo.

tapuru: verme.

tarefa: dever de casa.

tigibu: tribufu; mulher baixinha e gorda.

tirar o couro: cobrar muito caro.

tirar: comprar a prazo.

travessa: tiara de cabelo.

travoso: pessoa difícil.

trela: conversa fiada.

variar: sair do juízo normal.

virado: pessoa trabalhadora.

visagem: assombração, fantasma.

xodó: favorito.

xumbrega: sem valor, comum.

zambeta: tonto.

zero-bala: renovado, pronto pra outra.

zimpado: rápido.

zoada: barulho.

Bahia

abestado: bobo; tabaréu; inocente.

abusar: aproveitar-se do outro a seu favor; explorar.

agoniado: incomodado; insatisfeito.

armengado: mal arrumado.

arrelia: nervosismo; falta de paciência.

bacio: penico.

biribano: moleque; criança.

boiado: cansado.

borboleta: catraca; roleta por onde se ingressa em determinado lugar.

bozenga: mulher feia; mulher mal humorada.

bufento: empoeirado; o que era de cor escura e vai esmaecendo.

califom: sutiã.

capiongo: triste.

capote: casaco; agasalho.

chapa: radiografia.

chibungo: traidor.

despongar: descer do ônibus.

engrisilha: confusão; bagunça; algo difícil de consertar.

esbregue: bronca.

graxeira: empregada doméstica.

leseira: cansaço.

mandu: problema; confusão.

mocofoiado: escondido.

mondrongo: coisa mal feita; acabamento ruim.

na bistunta: acerto feito sem haver regras preestabelecidas.

oreba: bobo; otário; fácil de ser enganado.

pacuçu: mulher feia.

pão donzelo: pão sem manteiga.

passeio: calçada.

patacho: relógio.

patapata: escovinha de cabelos, de plástico, com uma abertura para se enfiar o dedo e a segurar, enquanto se penteia.

precisão: necessidade.

presepeiro: aquele que fala demais, que chama atenção sobre si.

salabesquete: largado; esculhambado; desajeitado.

sibite: antipático; metido.

treta: malandragem; safadeza.

vara: pão.

venta: nariz.

Ceará

abaitolado: afeminado.
abirobado: bobo; apalermado; zuruó; papangu.
alfinim: espécie de rapadura.
apetrechado: dotado de beleza física.
arenga: briga; discussão; confusão.
arigó: bobo, matuto, abestado.
arriado: apaixonado.
arrumação: teimosia.
bater fofo: faltar a um encontro.
batoré: indivíduo baixinho.
biloto: botão usado para fechar roupas.
bocó: ignorante; alienado.
bruguelo: recém-nascido.
caçoar: zombar; fazer gozação de alguém.
cambito: pernas muito finas.
catiripapo: pancada; porrada; tapa; tabefe.
custar: demorar para chegar a algum lugar.
desenxavido: sem graça.
desmilinguido: desarrumado; desajeitado.
eguar: vagabundear.
emboléu: briga; confronto; discussão.
esgalamido: que come mais que todo mundo.
espilicute: vaidade.
estrovenga: algo esquisito; estranho; não confiável.
fuleiro: de má qualidade; ruim.
galalau: rapaz alto.
injeitar: rejeitar.
jaburu: pessoa muito feia.
judiar: maltratar.
lundu: mau humor.
malamanhado: mal vestido; desajeitado.

moco: surdo; que finge não ouvir.

papoco: explosão; grande estrondo.

pastinha: franja.

peia: surra; coça.

pelejar: trabalhar; procurar melhorar as condições de vida.

picardia: esperteza; pirraça.

pilora: falecimento.

pindaíba: pobreza.

rabugenta: pessoa muito zangada; sempre com raiva.

reborreia: sobra; o que não presta.

reiada: tapa; surra.

reimoso: alimento que não faz bem à saúde.

rola-bosta: pessoa insignificante.

roscofe: relógio de má qualidade.

saliente: pessoa intrometida; aquele que gosta de chamar a atenção.

sibite: qualidade de algo ou de alguém muito pequeno.

tabocada: erro muito grande; algo irrecuperável.

trubiscado: bêbado.

vitalina: mulher com idade já avançada e que nunca se casou.

xexo: falta ao compromisso.

zambeta: aquele que tem as pernas tortas; cambota.

Distrito Federal

agulhinha: via de acesso aos eixinhos e ao Eixão, reduzindo distâncias entre o comércio e essas pistas.
arrocha: ritmo musical; pressionar alguém para realizar uma ação.
bacana: pessoa legal; algo bom.
balão: rotatória.
baú: ônibus.
birita: bebida.
bloco: conjunto de torres vizinhas de um mesmo prédio.
bolo de noiva: anexo II do Palácio Itamaraty.
bomba: sanduíche.
botar fé: ter confiança.
cabuloso: muito bom.
camelo: bicicleta.
cana: policial.
careta: cigarro.
carreta: carro.
chegado: amigo.
cidade satélite: centros urbanos da capital do país.
colado: mais que amigo.
curtir um peso: ouvir um rap.
de rocha: papo sério ou de verdade.
dona: namorada.
eixão: espécie de avenida longa, exclusiva para automóveis de passeio, que liga a Asa Norte à Asa Sul.
eixo: espécie de avenida longa, que liga a Asa Norte à Asa Sul.
entrar numas: brigar.
esparro: coisa exagerada
ferrado: armado.
filé: gatinha.
frevo: festa.
fulerage: diz-se quando alguém está de brincadeira; algo sem valor.

gel: cerveja.

grilado: preocupado.

larica: fome.

lombrado: doidão; sem juízo.

magrela: bicicleta.

meter os ganho: fazer um assalto.

nangive: prostituta.

negode: pagode bem ruim.

paia pra caralho: algo que não presta.

papo estranho: conversa de homossexuais.

pardal: câmera eletrônica de vigilância.

peba: simples, de pouco valor.

pegar o beco: sair; ir embora.

pelada: jogo de futebol.

pera: homossexual.

plano piloto: abrange as áreas de Brasília que se encontram dentro do espaço traçado em forma de avião.

prego: pessoa que se deixa enganar; bobo; inocente.

prima: prostituta.

se liga na fita: presta atenção ao que alguém fala.

serrote: pessoa que pede cigarro.

tesourinha: local por onde se faz o retorno; acesso para as quadras.

zebrinha: micro ônibus que circula no Plano Piloto.

zero bala: bem conservado.

Espírito Santo

baldeiro: tratante; que não cumpre os compromissos.

bicueba: ferida; pereba.

bucha: esponja.

catar: roubar.

chapoca: coisa muito grande.

chapoletada: trombada entre veículos.

cidade: centro; região central de uma localidade.

corumba: demorado.

dar tilt: estragar.

duplicar: enlarguecer.

esburrar: entornar a água para dentro da panela.

estampa: boa ou má apresentação pessoal.

gafo: raso; ansioso.

gastura: algo desconfortável.

iá: interjeição que denota surpresa, admiração.

injuriado: nervoso; aborrecido.

massa: interjeição para indicar algo agradável.

muma: muqueca de siris pequenos.

palha: designação para algo sem valor.

panhar: pegar alguma coisa.

pão de sal: pão francês.

pocar fora: ir embora.

podrão: sanduíche feito com muitos ingredientes.

pomongado: lambuzado; sujo.

ponga: carona.

pongar: pegar carona.

retorno (do carro): baliza.

rock: qualquer tipo de festa.

saltar: descer do ônibus.

sati: fragmento de vidro quebrado.

sem doce: alimento com pouco açúcar.

sinal: semáforo.

taruíra: lagartixa.

usura: ganância.

viração: intestino.

Goiás

arredar: arrastar, tirar.

azucrinar: perturbar, encher o saco.

baculejo: averiguação policial.

badulaco: utensílio de pouco valor.

baguá: arredio; esquivo.

bandeira: plantação de milho.

barracão: casa.

baú ou buzu: ônibus coletivo.

bitelo: grande.

boiota: bobo.

briquitar: trabalhar.

caboclo: rapaz.

cachaço: porco.

calhau: pedra grande.

candango: trabalhador deslocado.

capenga: maleta de couro.

catilanga: mulher feia.

custoso: difícil; pessoa que não obedece às regras.

dar rata: cometer uma gafe.

demais da conta: muito, muito mesmo.

empachar: ter prisão de ventre.

encabulado: impressionado.

encafuar: guardar.

entojado: pretensioso.

erado: adulto.

espatifar: reduzir a cacos.

estafermo: bobo.

estorvo: impedimento.

estrovar: atrapalhar.

estrupício: feio, horrível.

excomungado: esquisito.

fera: bom; bonito.

ferrado: encrencado, enrolado.

frito: louco; maluco.

gazo: olho branco.

godo: lamaçal.

goiano do pé rachado: natural do estado de Goiás.

grilar: ficar bravo.

guariroba (gueroba): espécie de palmito de gosto amargo.

inzonar: ter preguiça.

jardineira: ônibus.

lascado: encrencado, enrolado.

latada: enrascada.

leva: multidão.

mala: mau elemento.

mampana: moleza.

maneiro: leve, de pouco peso.

mantena: grande.

maria izabel: arroz com carne de sol.

massa: bom, ótimo, excelente.

mocorongo: bobo.

mocozar: esconder.

mofino: doente.

muxiba: avarento; murcho; vazio.

palha: sem graça.

peia: surra.

pelejar: tentar.

pindaíba: falta de dinheiro.

piseiro: bagunça.

pular o córrego: passar dos limites.

purgante: pessoa chata, enjoada.

quando é fé: de repente; até que.

queijinho: rotatória de trânsito.

rata: fora.

rodeiar: dar a volta.

tamborete: banquinho de madeira.

tirar água do joelho: fazer xixi.

trem: objeto, coisa.

trupicar: tropeçar.

tunda: surra.

vazar: ir embora do lugar.

Maranhão

abestalhado: bobo, tolo.

amostrar: chamar a atenção para si.

arrelia: agonia, gastura; incômodo.

arremeda: imita.

aziado: pessoa que estraga, que atrapalha os planos do outro.

bogue: soco.

bojo: vaso sanitário.

broca: fome.

cabuloso: algo difícil de entender; grandioso.

cangote: pescoço.

canhenga: pessoa muito apegada ao dinheiro.

encabulado: envergonhado.

escangalhar: estragar.

fuleiro: ruim.

invocado: intrigado.

marocar: espionar.

mucura: feio.

quarilha: homossexual.

ralado: chato, inconveniente.

saliente: moleque, menino, brincalhão.

tiara: traca; enfeite de cabelo em forma de arco.

zilado: rápido.

Mato Grosso

abiscoitar: receber dinheiro; herdar.

afobar-se: apressar-se; agir com precipitação.

agachar-se: abaixar-se; humilhar-se.

agoniar: ficar aflito.

agravar: ofender; humilhar.

arreado: ignorante.

assungar: levantar.

assuntar: prestar atenção a alguma coisa.

avexar: envergonhar; apressar.

azangar: estragar.

badulacos: utensílios pobres de uma casa.

bafume: aflição.

baguá: pessoa de pouco trato; tímido.

balangar: balançar.

barbeiragem: guiar mal um automóvel.

barradão: grossas nuvens de chuva.

bestunto: bobo; tolo; ignorante.

bitelo: grande; enorme.

boiota: tolo; bobo.

briquitar: labutar; trabalhar.

caçar: procurar; buscar.

cadiquinho: pouquinho.

camarada: pessoa assalariada.

cambão: adultério.

candeeiro: luminária; lampião.

capanga: sacola de couro.

carreira: favor.

chifraina: de pouco valor.

cocá: galinha de angola.

coró: verme.

cuera: ruim; ordinário.

dar fé: perceber; notar.
desenfurnar: colocar para fora.
desguaritar: desgarrar. fugir.
dilatar: demorar.
doce: açúcar.
empachar: constipar; ficar inchado.
empatar: atrapalhar.
encafuar: esconder; guardar.
escanchelado: relaxado; desmontado.
espatifar: quebrar; reduzir a cacos.
estugar: mandar para a frente.
estumar: atiçar; provocar.
estuque: forro da casa.
estúrdio: esquisito; tolo.
foba: ruim.
fundura: profundidade.
gambirar: barganhar; fazer trocas.
gás: querosene.
gazo: cego; olho branco.
goderar: olhar para as guloseimas com vontade de comê-las.
horta: quintal.
indacas: procurar pretexto ou confusão para brigar com alguém.
macacoa: doença.
macaia: fumo de péssima qualidade.
mané-por-hora: sempre a mesma música.
maninho: ruim.
martelo: copo grosso para bebidas alcoólicas.
matar o bicho: tomar um aperitivo.
matungo: cavalo velho.
medir rua: passar o tempo à toa, na cidade.
metido a sebo: pessoa pretensiosa.
mofino: raquítico; adoentado.
mulher dama: prostituta.

muriçoca: pernilongo.

mutreco: desprezível.

pampeiro: alvoroço; confusão.

panema: azar.

patife: medroso.

pé de boi: pessoa muito trabalhadora.

pegar no estribo de alguém: bajular; agradar.

pinchar: jogar fora.

pinga: cachaça.

pipoca: biscoito feito de polvilho.

pirambeira: descida para um precipício.

pituca: coque no cabelo da mulher.

quitanda: doce.

quizila: antipatia.

reinar: pensar.

ringir: fazer barulho.

sapiroca: tersol; inflamação nos olhos.

sapituca: ataque de nervos; crise histérica.

sarapantar: assustar; amedrontar.

sarceiro: barulho.

sestro: costume; vício.

soca: sobra de fósforo aceso.

sopitado: afobado; agoniado.

taca: surra; pancada.

timba: gravidez.

tinhoso: teimoso; diabo.

torumbamba: barulho; confusão.

tralha: conjunto de utensílios para determinado serviço.

vianda: comida de pensão.

zoeira: barulho.

Mato Grosso do Sul

ajoujar: casar.

alá: interjeição usada para indicar espanto, surpresa.

arruinar: piorar o estado de saúde.

bagulho: coisa, objeto.

bandoleiro: pessoa sem destino certo.

banzé: bagunça; muito barulho.

bererê: dinheiro fácil; propina.

bolicho: mercearia.

breu: escuridão.

canhano: algo grande.

dar azia: provocar irritação em alguém; encher o sacão.

dar um pião: passear.

descabriado: descontrolado.

descer a lenha: falar mal de alguém.

despelhotado: pessoa sem juízo; desmiolado.

esgualepado: pessoa mal arrumada.

funda: estilingue.

guapo: prestativo.

gralha: pessoa que fala demais.

gruta: casa.

jacu: tímido; envergonhado.

manjar: entender.

maritaca: pessoa que fala sem parar; que fala demais.

matula: comida, levada em uma sacola, quando se vai para a roça, para lugar distante.

moagem: frescura; ser exigente demais com algo.

morgar: ter preguiça.

onça: pessoa brava, enraivecida, mal humorada.

pau rodado: pessoa que vem de outro lugar; forasteiro.

peita: camiseta.

pior: interjeição empregada para indicar que se concorda com algo, com a opinião de alguém.

priscar: ficar agitado.

prosear: conversar; bater papo.

queimada: flerte; paquera.

sapicuá: sacola de tecido usada para levar a matula para a roça.

treta: briga; confusão.

usurento: pessoa que só pensa em dinheiro.

vasilha: utensílio doméstico; panela.

vote: interjeição utilizada para indicar surpresa, espanto.

tentear: economizar.

zanzar: andar sem rumo.

zote: indivíduo preguiçoso.

zunir: fazer barulho.

Minas Gerais

acanhar: ficar envergonhado.

acudir: ajudar.

alpendre: pequena varanda.

amoitar: esconder as coisas, os fatos.

aprumar: ajeitar; endireitar.

arredar: mudar alguma coisa de lugar.

babujado: sujo; molhado.

barango: pessoa que não sabe se vestir; de mau gosto.

beleléu: lugar longe; morte.

besta quadrada: ignorante.

biboca: lugar longe, deserto, mal frequentado.

bicudo: bêbado.

bitelo: gordo; grande.

bobajada: bobeira; coisa sem importância.

bobiça: bobagem.

bololô: confusão; desarrumação.

breguete: termo usado para se referir a qualquer coisa.

bufunfa: dinheiro; grana.

burriscado: rabiscado; escrita feita com garranchos.

cacunda: costas.

cafungada: carinho; chamego.

cambito: perna fina.

cangote: pescoço.

cascar fora: sair correndo.

cata-jeca: ônibus que passa entre cidades do interior.

cata-nica: ônibus que circula dentro da cidade.

chispar: sair correndo.

chuchar: guardar.

constipar: gripar.

corgo: corruptela de córrego.

culiar: manipular.

dar manota: cometer um ato falho.

divera: verdade.

embondo: engano.

empanzinado: farto; cheio.

encafifado: desconfiado.

encafucado: encolhido; dentro de algum lugar.

encasquetar: cismar; incomodar com algo; ter ideia fixa.

entojo: pessoa enjoada, que se considera melhor que as outras.

estovado: pessoa descontrolada, desajeita; aquele que incomoda; atrapalhado.

estrebuchar: espernear; debater-se.

estribado: que tem muito dinheiro.

faniquito: chilique; ataque de nervos.

jacu: bobo; inocente.

lambiscar: provar um pouco da comida; petiscar.

lasqueira: algo inesperado.

levar uma tunda: apanhar; ser surrado.

lindura: boniteza; beleza.

manota: ato falho.

matutar: pensar.

mundaréu: grande quantidade de coisas.

muntueira: muitas coisas.

murrinha: pessoa chata; pão-duro.

murundu: morro pequeno.

neca de pitibiriba: nada; coisa nenhuma.

nó: abreviação da interjeição “Nossa Senhora”.

pelando: quente.

picar a mula: ir embora.

pititinha: coisa pequena; pessoa muito pequena ou delicada.

pra dedéu: demais.

rachar os bicos: morrer de rir.

rapa de tacho: filho mais novo; caçula.

talhar o sangue: provocar ou irritar alguém.

turrão: pessoa ranzinza; rabugento; brigão.

Pará

acesa: assanhada; fogosa.

acocar-se: abaixar-se.

abicorar: ficar por perto.

agasalhar: proteger; guardar.

apresentado: atrevido; enxerido.

arapuca: cabeleira; armadilha usada para pegar passarinho.

areia gulosa: areia movediça.

arisco: danado; ágil; ligeiro.

arredar: afastar.

arreparar: observar.

arremdedar: imitar.

assanhado: bagunçado.

avacalhado: desajeitado; mal arrumado; bagunçado.

avoado: distraído.

azucrinar: irritar; aborrecer.

bafo: mau hálito.

bala: bombom.

baladeira: estilingue.

baldear: vomitar.

baque: pancada; machucado.

barranco: ribanceira.

beirada: cercania; arredores.

belegueta: moça sem graça; que não chama a atenção, mas gosta de se aparecer.

benjamim: adaptador de tomada.

bilha: pequena moringa de barro para guardar água a ser consumida.

bocada: mordida.

bolo podre: bolo feito com farinha de tapioca.

boró: dinheiro trocado.

bombom: bala.

breguesso: coisa sem valor.

breu: escuridão.

buiado: endinheirado.

bustela: meleca; secreção nasal.

cabaço: virgindade.

caboquice: palhaçada; brincadeira.

cagoeta: fofoqueiro.

calango: lagarto verde; lagartixa.

calombo: inchaço.

candinha: faladeira; fofoqueira.

caninga: má sorte; azar.

carambelha: cambalhota.

catiroba: menina fácil, que fica com qualquer um.

catinga: mau-cheiro.

causo: fato; história; anedota.

cemitério: jogo de bola conhecido como queimada.

charque: carne seca; jabá.

chope: suco de frutas congelado que vem dentro de saco plástico.

cisma: desconfiança; preocupação.

cocota: prostituta.

cuia: casca do fruto da cuieira, usada como vasilhame.

cuíra: inquieto; curioso.

cumbuca: vaso feito de cabaça, no qual se guarda água.

curica: papagaio pequeno feito de papel.

danação: diabrura; travessura.

derrubar: dedurar.

disconforme: muito; exagerado.

embrabecer: ficar aborrecido.

encafifar: ficar envergonhado.

encarnar: ficar zombando de outra pessoa.

emperiquitada: moça bem arrumada.

esbandalhar (escangalhar): quebrar; destruir.

esmigalhar: amassar.

espeta-caju: cabelo liso.

estirão: caminhada longa em trecho sem curvas.

estripulia: travessura.

facada: preço alto pago por algo.

frito: estar em dificuldade.

furdunço: festa popular; bagunça.

gastura: mal estar; inquietação.

gazeteiro: aquele que falta à aula.

gito: pequeno.

gororoba: comida mal feita.

guariba: tosse forte e violenta.

igaçaba: pote de barro, que serve de depósito para água.

jerimum: abóbora.

joça: porcaria; coisa sem valor.

jururu: triste; melancólico; quieto.

lorota: mentira.

macaxeira: aipim; mandioca.

macaca: brincadeira semelhante à amarelinha.

maciota: sem esforço; com facilidade.

maldar: pensar mal de alguém.

malinar: mexer em alguma coisa; fazer travessura.

manemolência: moleza; fraqueza; indisposição.

mofino: adoentado.

molongó: adoentado; fraco; abatido.

mocegar: subir em transporte em movimento ou descer dele.

mordido: estressado; irritado.

morrinha: preguiça; indisposição.

ouriçada: moça assanhada, fogosa, na puberdade.

pai d'égua: algo excelente.

pau d'água: muita chuva.

pajureba: situação boa, favorável.

panela: dente estragado, cariado.

papeira: caxumba.

pão careca: pão francês.

paúra: gastura; aflição; irritação.

penico: urinol; mijador.

pequena: menina; garota.

pereba: ferida; lesão na pele.

peteca: bolinha de gude.

pipira: mulher que se interessa pelo namorado ou pelo marido de outra.

piquixito: garoto pequeno.

pira: sarna; ferida.

pirento: aquele que possui muitas feridas.

pissica: má sorte; azar.

pitar: fumar.

pito: arranjo feito com os cabelos em forma de coque.

ploc: prostituta.

poronga: lamparina.

potoca: mentira.

prenha: grávida.

puxada: construção que prolonga o corpo central da casa.

quebranto: mau-olhado.

ralhar: brigar; chamar à atenção.

ranzinza: teimoso; rabugento.

refastelar: descansar; distrair.

remendo: conserto feito em uma roupa.

sapecar: queimar; jogar fora.

saído: esperto; intrometido.

sagica: duro; enrijecido.

sarará: mestiço.

seboso: sujo; sem higiene.

selado: certo; combinado.

tabefe: tapa.

teba: grande; avantajado.

topada: tropeço.

travessa: tiara; arco usado para enfeitar os cabelos.

visagem: espírito; assombração.

visgo: rastro.

Paraíba

abuticado: diz-se dos olhos quando estão arregalados.

acunhar: aviar, executar determinada ação.

amarrado: sovina, mão-de-vaca.

amostrado: pessoa que gosta de se aparecer.

amuado: emburrado, chateado. também designa força ou intensidade.

amundiçado: pessoa sem modos, sem educação.

aperrear: aborrecer.

ariado: desorientado, sem rumo.

arisia: bobagem, assunto sem importância.

arretado: algo ou alguém muito bom. também significa estar com raiva.

arripunar: ter nojo, ânsia de vômito.

arrochado: pessoa de palavra, que cumpre o prometido.

arrombado: pessoa muito boa em determinada coisa que faz.

arrudeio: conversa preparatória que se tem antes de entrar no assunto principal.

azilado: pessoa sem eira nem beira, que não tem onde cair morta.

azogado: criança danada, que não para quieta.

bambo: sorte, algo de bom que acontece sem que se espere.

bigodete: garoto no início da adolescência, adolescente.

bigu: carona.

boiar: sobrar (referente a frutas, a carnes ou a verduras que não foram vendidas na feira).

brebote: doces, biscoitos, guloseimas, pequenas comidas.

bulir: mexer com algo ou com alguém.

cachete: envelope de comprimidos.

caçote: sapo pequeno; garotinho.

canguero: motorista ruim, que aprendeu dirigir há pouco tempo, inábil em alguma coisa.

catraia: prostituta de última categoria, mulher muito feia.

catrevage: feio ao extremo, quantidade de objetos, coisas, tralhas.

chamboque: reboco; lasca; pedaço.

confeito: bala.

catota: sujeira do nariz.

desembuchar: falar logo o que pretende.

desonerar: desandar; estragar a comida; ter diarreia, colocar algo a perder.
destreinado: ficar sem jeito, envergonhado.
emburacar: entrar sem pedir licença.
empachado: quem não fez a digestão, de barriga cheia ou inchada.
empalhar: atrapalhar algo ou alguém.
encangado: unido, pessoa que não se separa de alguém ou de alguma coisa.
encrinqulado: enrugado, encolhido.
engrisilha: coisa difícil de entender.
enguihar: engasgar, sentir vontade de vomitar.
ensacar: colocar a parte inferior da camisa para dentro da calça.
entojo: gastura, ânsia de vômito.
entuado: pessoa enraivecida, que nada a convence ou pessoa que canta afinado.
escacela: pasta em que se colocam documentos, material escolar.
escapar fedendo: sair ileso de um acidente; estar perto da morte.
estribado: rico, endinheirado.
ficar de mal: causar intriga; ficar sem falar com a pessoa.
filar: colar na prova.
fiteiro: pequeno comércio onde se vendem balas, cigarros.
folote: frouxo; folgado; fofo.
fubento: descolorido; desbotado; muito usado.
furnido: forte; robusto.
futi: diabo.
garapeira: pessoa oportunista.
gasguita: pessoa que grita muito.
goiapada: golada; beber o líquido de uma só vez.
goto: engolir em seco; engolir saliva.
guaribada: improviso; conserto; melhoria da aparência.
guelar: comer sem pagar; obter vantagem à custa de outro.
incréu: ateu; descrente.
infitete: pessoa que não merece confiança, aproveitador.
intratante: pessoa que promete e não cumpre; mentiroso.
lapiseira: apontador ou lápis.
juntada: porrada, batida.

mangar: rir da pessoa; caçoar; zombar.
melado: bêbado.
miaeiro: cofrinho para guardar moedas.
mói (corruptela de “molho”): termo usado para designar quantidade indeterminada.
mundiça (corruptela de “imundície): grupo de pessoas mal-educadas.
munganga: careta; gesticulação cômica.
naigada: pedaço, naco.
pantim: trejeitos, gestos exagerados.
peba: produto de segunda categoria, algo sem qualidade.
pedir penico: desculpar-se.
peinha: pequena porção; distância mínima.
peitiça: polêmica; irritação; questão de pequenas coisas.
pipoco: barulho, murro, porrada.
pitoco: botão que serve para ligar rádio, tevê, ventilador.
pivar: poivar; comer ou beber de graça.
presepada: estripulia, confusão, atitude desonesta ou ridícula.
puxavanco: puxar com muita força, de repente.
quengo: cabeça; crânio.
rabissaca: virar rapidamente o rosto para o lado em sinal de desdém ou de reprovação a algum tipo de proposta ou a uma cantada.
remanchoso: pessoa que demora demais para fazer as coisas.
ronceiro: lento, preguiçoso.
sibite: pessoa excessivamente magra.
talagada: de uma vez só.
trepeça: pessoa que atrapalha ou aborrece outra; algo feio ou de má qualidade.
troço: coisa ou pessoa imprestável.
troncho: torto, desaprumado.
tuia: certa quantidade de alguma coisa ruim.
vogar: ter validade.
xexeiro: ladrão, pessoa que furta algo, ou que deve e não paga.
xiringar: verter água, marejar, gotejar.

Paraná

acolchoado: cobertor feito de lã de carneiro.

aceiro: terreno limpo.

alcançar: pedir a alguém para pegar um objeto que está no alto.

alimentador: ônibus que vêm dos bairros e param no terminal central.

alugado: pessoa metida.

amarra: amargor de fruta que ainda está verde.

antipó: camada básica de asfalto.

apinchar: atirar; jogar.

apurado: com pressa para ir ao banheiro.

arrregado: algo bom.

as meia: partir alguma coisa pela metade.

avil: isqueiro.

azeite: óleo se soja.

azucrinar: encher a paciência de uma pessoa.

balada: festa.

baia: casa.

banquinha: banca de jornal.

barreado: carne desfiada, cozida em panela de barro.

batata salsa: mandioquinha.

bera: cerveja.

bexiga: balão de festa infantil.

bicho-cabeludo: aranha; taturana.

bidê: criado mudo; peça sanitária.

biquinho: tampa de válvula de pneus.

biscate: prostituta.

bocó: bobo; tolo.

bodoque: estilingue.

bolsa: mochila para se levar os materiais escolares.

bonde: ônibus.

borboletinha: pedaço da costela do boi, usada para cozido.

borrão: rascunho.

broa: pão de trigo.
bucuva: pancada na cabeça com a mão fechada.
bugiganga: coisa velha, sem valor.
búrico: búlica; jogo com bolinha de gude.
cabeça: pessoa.
caçador: jogo infantil conhecido como queimada.
cachorro: troca.
caipora: pessoa que sempre tem desculpas para tudo.
calça de brim: calça jeans.
calcinha: tipo de elástico para cabelo.
camarada: amigo.
canaleta: pista exclusiva para ônibus.
cancha: quadra poliesportiva.
cara dura: pessoa sem vergonha.
careta: cigarro.
carpim: meia masculina.
cartucho: saco de papel.
catina: chinelo de borracha.
catrefa: agrupamento de pessoas.
cerração: neblina; nevoeiro.
champinha: tampinha metálica de garrafa.
chavear: trancar à chave.
chachicho: salsichão típico da região.
chimia: qualquer doce em forma de pasta para passar no pão.
chineque: pão doce.
chuncho: algo mal feito.
churriu: dor de barriga; diarreia.
coro: surra.
cozido: embriagado.
croque: de cócoras; sentado sobre as pernas dobradas.
cueca virada: nome dado à rosquinha doce frita e passada em açúcar e canela.
cuequinha de veludo: pessoa que tem muito dinheiro.
cuque: espécie de torta recoberta de farelo de maçã ou de banana.

curitiboca: que tem mania de reclamar ou de pôr defeito em tudo.
de cara: expressão usada para indicar que a pessoa está inconformada.
de fianco: o mesmo que olhar desconfiado para alguém.
de varde: pessoa à toa, sem fazer nada.
descolar: pedir alguma coisa a amigos.
desgranhento: sujeito malvisto; desagradável.
dinheirudo: pessoa abastada, mas que vive lamentando a falta de dinheiro.
dois toques: coisa bem rápida.
dolangue: chaveco; mentira.
de a pé: andar a pé para algum lugar.
de volta: ir a algum lugar de novo.
descer: ir à praia.
empachado: estufado; cheio.
empenho: esforço.
encasquetado: pessoa que está desconfiada com alguma coisa.
enlear: embrulhar alguma coisa com uma folha de papel; enganar alguém.
ensebar: ficar enrolando para ver algo acontecer; perder tempo.
entrar de peru: entrar em algum lugar sem pagar.
esculhambado: estragado; avacalhado.
esguicho: mangueira.
espeto corrido: rodízio de carnes em churrascarias.
estarlete: fiscal de controle de estacionamento urbano; periquita.
expresso: ônibus expresso, o qual circula em canaletas especiais.
facão: mentira.
fazenda: peça de tecido.
fazer um cachorro: malandragem.
feição: rosto.
ferpa: pedaço bem pequeno de madeira que penetra nas mãos de quem a manuseia sem cuidado.
festerê: festa; show; lugar onde pessoas se divertem.
foco: lâmpada.
funhaca: cheiro desagradável de algo estragado e que estava embaixo de um cobertor.
gaiota: carrinho ou carrocinha usada por catadores de papel.

galinha de porão: pessoa que não toma sol e fica branquelo.
gambiarra: coisa mal feita, improvisada; de gosto duvidoso.
gasosa: refrigerante.
goiaba: ônibus de cor verde que circula entre os bairros.
goró: bebida de teor alcoólico.
gralha: indivíduo que não para de falar.
guapeca: cachorro sem raça definida.
guardamento: velório.
inhengo: tonto, bobo.
já hoje: agora mesmo; ainda há pouco.
jaleco: avental (uniforme).
jaguara: adjetivo usado para objetos/pessoas/animais de pouca ou nenhuma qualidade.
juntar: pegar algo que caiu no chão.
jururu: quieto.
laranja: pessoa que só fala bobagem.
latão; ônibus de qualquer tipo do transporte público.
levar um pacote: cair de moto.
lombada: quebra-molas.
lote: terreno.
ligeirinho: ônibus de circulação rápida, que para somente em estações tubo.
ligeirão: designação para o ônibus biarticulado.
magrão: referência à pessoa que não está presente.
mala: espécie mochila para se levar o material para a escola; pasta de colégio; pessoa chata, desagradável.
malaco: garoto de rua ou mendigo.
maloqueiro: vadio; vagabundo; arruaceiro; sujeito suspeito.
média: xícara de café com leite; pingado.
meio-fio: guia da calçada.
mimosa: fruta cítrica conhecida como tangerina.
momo: pessoa devagar, meio boba.
montanha: sanduíche que contém um bolo de carne.
nabas: porcaria.
na faixa: expressão usada para indicar tudo o que é sem custo; gratuito.

naipe: aparência; tipo; modos; jeito.

nape: ranho; secreção do nariz.

nega-maluca: bolo de chocolate com cobertura.

negócio: armazém; venda; botequim.

nhapa lambuja: um brinde que se ganha após efetuar uma compra.

palha: qualquer coisa que seja ridícula.

pão com vina: cachorro-quente.

pandorga: pipa, papagaio, quadrado.

panificadora: padaria.

passeio público: parque do centro da cidade, com animais de pequeno porte.

patente: vaso sanitário.

patrola: veículo usado para remoção de detritos; trator.

peça: cômodo de uma residência.

pechada: colisão de veículos.

penal: estojo para lápis, canetas.

periquita: guarda ou vigilante que fiscaliza o estacionamento.

pescoço: pessoa chata.

piá: garoto, menino.

pialo: enganação.

picareta: vendedor de carros usados.

pila: dinheiro.

pilantra: desonesto.

pira: coisa legal.

piriri: dor de barriga; diarreia.

pierogi: pastel cozido de requeijão com molho de manteiga e bacon.

pirulito: rapaz afeminado.

podar: ultrapassar um veículo.

poioca: alguma coisa.

polaco: pessoa loira.

posta: pedaço de carne.

pousar: dormir na casa de alguém.

pudim de pinga: indivíduo diariamente bêbado.

quati: moleza, preguiça.

rabicó: elástico de cabelo.

rápida: avenida para carros com fluxo veloz.

reba: sem qualidade; porcaria.

repuxo: fonte com chafariz.

rodízio: espeto corrido.

samango: guarda policial.

sanga: riacho.

sapecada: pinhão na brasa.

serelepe: esquilo.

setra: estilingue; bodoque; atiradeira.

sinaleiro: sinal; semáforo.

socorro: estepe, pneu reserva.

sortido: prato feito servido em alguns restaurantes.

subir: retornar da praia para a capital.

submarino: espécie de chope.

tigre: pessoa de mau gosto.

tombeira: caminhão; basculante.

tongo: indivíduo com pouca inteligência.

topete: franja.

traíra: pessoa que não cumpre o que diz.

tralha: pertences diversos para levar a algum lugar.

traquitana: atribuição feita a objetos esquisitos, estranhos.

trincheira: viaduto em que uma rua está no seu nível normal e outra passa por baixo dela.

tubo: ponto de ônibus para expressos e ligeirinhos.

tufinho: massa de ovos e trigo preparada com frango ao molho.

tunda: surra, pancada, sova.

vai vem: mão dupla.

vina: salsicha.

xixo: espeto de frango com legumes.

zorear: ficar esfregando um tecido dobrado ou a ponta de um travesseiro, ou ainda um bicho de pelúcia para passar o tempo ou até dormir.

Pernambuco

a pulso: à força; obrigado a fazer algo.

acochado: apertado.

açoite: chicote.

alcatifa: carpete.

altear: aumentar o volume de algum aparelho eletrônico.

amulegar: pegar; segurar o braço; abraçar.

aperreado: preocupado; com problemas.

arengar: discutir; brigar.

azuretado: confuso; no mundo da lua.

biliro: grampo de cabelo.

bodoque: estilingue; atiradeira.

borocochô: triste.

cafuçu: trabalhador braçal.

cangalha: pessoa com as pernas arqueadas.

carecer: precisar; necessitar.

chamegar: namorar.

chapoletada: pancada forte.

cococa: lagartixa.

comer brocha: passar apuros.

cotoco: pedaço; resto.

de rosca: algo muito difícil de ser realizado.

diadema: tiara; enfeite para cabelo em forma de arco.

esmolé: mendigo; pedinte.

fera: sujeito que acabou de ser aprovado no vestibular.

filar: olhar a prova do outro.

frouxo: medroso.

girador: rotatória.

greia: zoação; brincadeira.

invocado: raivoso; briguento.

leso: bobo.

liso: sem dinheiro.

macaxeira: mandioca.
malamanhado: mal arrumado.
maloqueiro: menino de rua.
marreteiro: ladrão.
matuto: pessoa do interior.
moringa: vaso de barro para armazenar água.
pantim: ficar com frescura.
peguento: suado.
peitica: pessoa insistente.
perronha: sujeito que joga futebol mal.
pipoco: estouro.
pirangueiro: sovina; pão-duro.
pitó: elástico de cabelo.
pitoco: coisa pequena.
relar: arranhar; encostar-se em alguém.
rodagem: estrada.
rolo: confusão.
sem um tostão furado: sem dinheiro.
tabacudo: bobo; abestalhado.
tabica: pão bisnaga.
tamborete de zona: sujeito baixinho.
tampa: sujeito bom em alguma coisa.
torar um aço: sentir um medo intenso.
torar: partir; quebrar.
trancelim: corrente de se usar no pescoço, com um pingente.
traquino: menino agitado.
tribufu: pessoa feia.
um pé lá e outro cá: ir a algum lugar e voltar rapidamente.
virado no molho de coentro: estar com tudo e não dever nada a ninguém.
xoxo: bem franzino ou bem pequeno.
zambeta: pessoa de pernas tortas.
zarolho: vesgo.
zoada: barulho; confusão.

Rio de Janeiro

0800: entrada livre em festa; sem custo.
22: pessoa louca, que tem problemas psicológicos.
71: enganador; trapaceiro.
a chapa esquentou: a situação está complicada.
abafar o caso: encerrar a discussão.
advogado de pobre: fofoqueiro.
arame liso: pessoa que conta vantagem, que não se compromete com nada.
arrastão: invasão a determinado local, por um grupo de pessoas, com a finalidade de roubar pertences.
arroz: aquela pessoa que só acompanha a outra; sujeito que vive rodeado de mulheres, mas não namora nenhuma delas.
azulzinho: remédio para impotência masculina.
babar: dar errado; quando algo não acontece como o previsto.
barraco: residência na favela.
bizu: dica; conselho.
boca de siri: manter segredo.
bolado: condição de incompreensão momentânea ou preocupação em qualquer nível; contrariado.
boleiro: jogador de futebol.
bonde: grupo de pessoas com o mesmo objetivo; ônibus; galera; cambada; turma; carona.
breja: cerveja.
bucha: indivíduo com marra de malandro, mas que não passa de um tremendo prego.
cabaço: sujeito trapalhão.
cabeçada: muitas pessoas reunidas em um mesmo local.
caído: de mau gosto; evento pouco divertido; alguém não muito atraente.
caneta: perna fina.
caô: mentira; assunto sem fundamento.
capa: preservativo sexual.
capital social: lista de amigos ou de conhecidos.
cara de pau: sujeito sem noção.

carteirada: exibição autoritária de poder.
caspa do diabo: cocaína.
caxangá: residência; moradia.
caxias: atitude rigorosa de quem cumpre as normas, as leis.
cerva: cerveja.
coé: aglutinação de “qual é”; cumprimento entre conhecidos.
conto: dinheiro; unidade monetária sem plural.
cria: nascido e morador do mesmo local.
da uru: produto falsificado.
dar 10 e a faixa: pedir em namoro, noivado ou casamento.
dar mole: refere-se à mulher que se deixa conquistar facilmente.
dar um tapa: fumar um cigarro comum.
dar um vazari: ir embora.
de raiz: muito antigo; original.
dindim: dinheiro.
doce: dinheiro.
dois palitos: ação rápida.
dura: solicitação do policial ao cidadão detido.
é pá pum: ação rápida.
embaçado: situação complicada.
escovar: levar uma surra violenta.
escrachar: falar o que pensa; não se conter.
esculachar: tornar pública uma verdade escondida; vencer o adversário de maneira humilhante; xingar.
espada: aquele que se diz heterossexual.
estar bolado: estar aborrecido.
estar uma uva: estar bem.
fanfarrão: contador de vantagens.
febre do rato: forte vontade, desejo.
fechar o paletó: falecer.
filé: mulher muito atraente.
fluir: acontecer; deixar que não haja interferência nos fatos.
gelo: cerveja.

goiaba: indivíduo distraído, que se isola, que fica sozinho.
guardar: marcar o gol.
ir para a pista: ir à rua em busca de aventura.
joelho: salgadinho feito com massa, presunto e queijo.
jogar de lateral: ser traído na relação amorosa.
maluco: cara, sujeito, indivíduo; forma de tratamento a alguma pessoa.
maneiro: bom, excelente.
marginal: bandido mesmo, aquele que mora nos morros e pratica atos criminosos.
marmita: relação afetiva, amorosa, não assumida publicamente.
média: xícara com leite e café.
mel: bebida alcoólica feita com cachaça e mel; qualidade de atrair atenção sentimental.
meter o pé: ir embora rapidamente de um lugar.
miar: provocar vômito.
mina: garota bonita.
moral: pedir ajuda a outra pessoa; tentar obter pequena vantagem.
mulher ou homem âncora: aquele(a) que faz você se enrolar.
mulher ou homem balão: aquele(a) que faz você progredir na vida.
na aba: aquele que sempre explora o outro.
negativado: indivíduo que nunca possui recursos financeiros; aquele que sempre esquece a carteira na hora de pagar a conta.
nego: pronome de tratamento equivalente a "você".
nem nem: aquele que não faz nada na vida; pessoa que não trabalha e não estuda.
night: festa; diversão noturna.
pagar mico: cometer erro.
papo reto: ir direto ao assunto.
parada: qualquer coisa; uma situação sem contexto.
pardal: radar.
partiu: indicação de saída para algum evento.
peidão: covarde, frouxo, borra-botas.
pela saco: pessoa chata; piegas; puxa-saco; baba-ovo; rabiola; pessoa que incomoda.
perder a linha: cometer ato inconsequente/insensato.
pessoalzinho: namoro não assumido publicamente.
pica: problema.

pisar na bola: cometer um erro.

plantar: entrar em local sem ser percebido.

porrada: quantidade de coisas.

poste: trave do campo de futebol.

pregadeira: prendedor de cabelo.

prego: pessoa inconveniente.

puto: indivíduo que comete muitas falhas.

puxar cadeia: passar um tempo no presídio.

queimar a largada: sair para almoçar antes do horário estabelecido.

quentinha: refeição equivalente ao almoço, vendida pronta, em embalagem de isopor.

rapa: fiscal de feira livre, de ambulantes.

rasteiro: pessoa muito organizada.

resenha: conversa descontraída entre amigos.

roer: gastar dinheiro alheio.

sangue: pessoa agradável; maneira.

se liga: espécie de apelo para chamar a atenção de alguém.

simpático: subordinado; submisso.

sinistro: qualidade positiva atribuída a alguém ou a alguma coisa.

só entregar a pizza: não tomar partido em discussões.

só no sapatinho: ação sigilosa; em silêncio; discretamente.

surra: agressão física.

tapa: chute (na bola).

traveco: homem que se veste de mulher.

tremer na base: ficar com medo de executar alguma tarefa.

trisca: cumprimento.

tudo na minha caixa: compromisso de pagar as despesas de todos.

tudo nosso: festa com fartura.

vacilão: aquele que não faz o combinado; sujeito honesto; distraído.

vendedor de cara: cirurgião plástico.

x9: delator; dedo duro.

zero bala: renovado.

Rio Grande do Norte

aperrear: perturbar, estressar.

arrodear: dar a volta.

avexar: verbo utilizado para pedir mais rapidez a alguém.

bagana: substantivo que designa doces, balas, chocolates, guloseimas em geral.

balaio de gato: expressão utilizada para denominar uma grande desorganização, confusão.

cabido: adjetivo para qualificar alguém muito intrometido.

cagado: alguém com muita sorte, sortudo.

cagar o cibazol: expressão utilizada em situações que alguém errou completamente, não obteve nenhum sucesso.

cangueiro: alguém que não dirige bem.

caningar: chatear, aborrecer alguém.

cu de burro: expressão utilizada como sinônimo de confusão, problema grande.

doidinho: substantivo utilizado para denominar aquela moça, aquele rapaz.

estribado: adjetivo para qualificar alguém muito rico, cheio de dinheiro e ainda que gosta de ostentar.

fuderoso: adjetivo que qualifica alguém ou algo como o máximo.

galado: adjetivo que denomina um rapaz que não presta. também utilizado como saudação entre amigos.

garantir: verbo para intitular alguém seguro de si ou do que está fazendo.

godelar: verbo para intitular a ação de conseguir algo de graça.

grear: rir muito, achar graça de alguma situação ou de alguém.

infeliz das costas: pessoa ruim.

marmota: pessoas ou coisas desajeitadas, fora de ordem, ou ainda feias.

pegar o beco: expressão utilizada para demonstrar a vontade de sair de algum lugar.

pirangueiro: aquele que pede muito, inconveniente.

presepada: situação incomum; artimanha.

resenha: últimas fofocas, novidades.

rolé: programa, saída, dar uma volta, passear.

Rio Grande do Sul

a la pucha! : expressão de surpresa, admiração ou espanto.

à meia guampa: levemente embriagado.

abichornado: triste, aborrecido, envergonhado.

abrir cancha: abrir espaço.

amargo: equivalente a chimarrão.

aprochegar-se: aproximar-se; chegar perto.

arrelia: ato de fazer pirraça.

aspa-torta: aborrecido, mal-humorado, desordeiro.

atucanado: atrapalhado; cheio de problemas.

bagual: homem valente, namorador.

baita: muito grande; muito bom.

bergamota: tangerina.

borracho: bêbado.

branquinho: doce de coco conhecido enrolado em formato redondo.

bergamota: tangerina, mexerica.

bolear a perna: descer do cavalo.

bolicho: boteco; bodega.

borracho: bêbado.

cacetinho: pão francês.

cair os butiás do bolso: ficar chocado, decepcionado, surpreso.

cancheiro: pessoa que tem habilidade com alguma coisa.

carpim: meia de homem.

chapa: radiografia; dentadura.

charlar: conversar.

chasque: mensagem; recado.

cheio de pau: homem muito bêbado.

china: mulher.

chinoca: prostituta.

chorar as pitangas: queixar-se de alguma coisa.

corpinho: sutiã.

cupincha: camarada; companheiro; amigo.

cusco: cachorro pequeno; cão vira-lata; guaipeca.

de laço a laço: em toda a extensão.

de prima: na primeira tentativa.

de vareio: vencer de forma fácil.

dente-seco: indivíduo valente, destemido.

desbotinado: adoidado; estourado.

despacito: devagar.

dobrar o cotovelo: beber.

em cima do laço: na hora.

embretado: enrascado, em apuros.

enrolar o poncho: preparar-se para sair.

entrevero: briga; confusão; desordem.

esgualepado: desarrumado; desengonçado; machucado, quebrado.

estar com o pé no estribo: estar pronto para sair; estar com pressa.

faceiro: contente, feliz.

fandango: festa popular; tipo de dança gaúcha.

fatiota: terno; vestimenta formada por paletó e gravata.

folhinha: calendário.

frio de renguear cusco: muito frio.

gaudério: gaúcho.

ginetear: montar em cavalo arisco.

guaiaca: cinto largo de couro, que serve para guardar armas ou facas e pequenos objetos.

guampa: chifre.

guasca: homem bonito, esperto.

haragano: vadio, vagabundo, preguiçoso.

hasta: até.

inticar: provocar, irritar.

jogar o pelego: arriscar-se; expôr-se a um perigo.

juntar os trapos: casar.

lagartear: expôr-se ao sol nos dias frios.

lamber a cria: mimar o filho.

largar de mão; desistir de algo.

lomba: terreno em declive.

macanudo: algo muito legal; qualquer coisa bonita.

mamão: indivíduo explorador.

manotaço: bofetada.

matear: tomar chimarrão.

minuano: vento frio que vem do sudoeste.

melena: cabelo.

negrinho: doce de leite condensado misturado com chocolate em pó.

num upa: rapidamente.

olhar de revesgueio: olhar atravessado; expressão usada para indicar desagrado, reprovação.

pago: lugar em que se nasceu ou foi criado.

pardal: controlador de velocidade.

passar o relho: dar uma surra.

patrão velho: Deus.

peleia: briga; luta; embate.

petiço: pequeno.

prenda: moça gaúcha.

pandorga: papagaio.

parelho: liso; homogêneo.

patente: vaso sanitário.

pechada: batida.

pedro e paulo: dupla de policiais militares; parceiros.

peleia: briga.

piá: garoto.

pila: dinheiro.

prenda: mulher do gaúcho; mulher bonita.

presepeiro: enganador.

querência: demonstração de afeição.

quebra-molas: lombada.

relho: chicote com cabo de madeira.

rincão: recanto; local afastado no campo.

riscar a estrada: sair a galope, disparar.

sarjeta: meio-fio.

sestear: dormir depois do almoço.

sinaleira: semáforo.

sentar o braço: surrar, espancar.

sofrenaço: puxão forte nas rédeas do cavalo para fazê-lo parar.

taipa: ignorante; pessoa sem instrução.

trago: bebida alcoólica.

terneiro: bezerro.

trava: freio; breque.

trotear: viajar.

trovar: conversar, prosear; xavecar.

tunda: surra.

um viva la pátria: expressão usada para indicar desordem; confusão.

uma-de-pé: briga; luta.

vivente: indivíduo.

voltear: passear.

xiru: amigo; pessoa mais velha e experiente.

xucro: cavalo arisco; pessoa grosseira.

Rondônia

abirobado: doido.

abofitar: pegar (roubar) alguma coisa e sair correndo.

aluguel: mentira.

amojada: mulher grávida: moça de seios fartos.

baladeira: estilingue.

bamburrar: ficar rico; ganhar muito dinheiro.

banho: balneário.

bregueço: coisa qualquer.

caba: maribondo.

capitão: bolinho de comida amassado com a mão.

catar: movimentar a linha do papagaio, fazendo-o ganhar altura.

cuidona: pessoa que se preocupa demais com a vida dos outros.

cutião: indivíduo que abandonou a vida em sociedade na cidade grande e foi morar sozinho, isolado.

dá nada não: expressão que significa “não tem problema”.

dar azia: perturbar, encher o saco.

embiocar: inclinar o papagaio para baixo.

época das águas: estação do ano em que chove muito, enchendo os rios.

escalado: sujeito intrometido, que se oferece para ser convidado.

esculhambar: destruir; quebrar; falar mal.

fim da rosca: fim da linha; limite.

fona: último a jogar (no jogo da peteca).

jerico: carro.

marcar: vacilar.

morcegar: pegar carona nas traseiras de automóveis, principalmente ônibus.

noia: qualquer droga ilícita.

noiado: usuário de droga ilícita; pessoa drogada.

nome: palavrão.

parar: hospedar-se; morar.

peteca: jogo de bolas de gude.

queidar: derrubar papagaio.

papagaio: pipa.

pindaíba: pescar com vara.

pipocar: aparecer.

pisero: bagunça, festa.

pisero: festa.

podar: ultrapassar um carro.

preá: indivíduo que tem muitos filhos.

provocar: vomitar.

rebenque: chicote de couro usado pelos cavaleiros.

rupelo: pessoa que não tem nada na vida.

só Jesus na causa: situação difícil de se resolver.

tilinga: prostituta.

torar a jaca: ganhar.

vazar na braquiária: desaparecer; sumir no mundo; ir embora.

Roraima

amarelar: sentir a pressão em determinada situação e fugir dela.

bacana: interessante; agradável.

ciscado: desconfiado.

curto e grosso: direto; sem rodeios.

de cor e salteado: decorado.

de peito aberto: com toda vontade.

desbocado: alguém que fala muito palavrão.

do cacete: muito bom; de qualidade.

dor de cotovelo: tristeza; decepção.

em aberto: ainda não finalizado; pendente; não pago.

encher linguiça: enrolar; ganhar tempo.

engrenar: começar a funcionar; dar resultado.

esquentar: ficar preocupado.

gamado: interessado; apaixonado.

gambiarra: ato ilegal.

guaribada: conserto; reparo; arrumação.

jacamin: indivíduo que cria o filho de outras pessoas.

maceta: algo grandioso.

panelaço: revolta.

pindaíba: pescar com vara.

preá: indivíduo que tem muitos filhos.

rebenque: chicote de couro usado pelos cavaleiros.

rupelo: indivíduo que não tem nada na vida.

telesé: usado para se referir a qualquer coisa.

tubão: soco no rosto.

vadiar: não ter responsabilidade sobre alguma coisa.

vaquinha: coleta de dinheiro.

vara de espichar couro: pessoa alta, comprida.

virar o disco: mudar de assunto.

voltar à estaca zero: recomeçar.

vuco-vuco: confusão; bagunça.

xodó: carinho especial.

zarolhos: vesgo.

Santa Catarina

abatumar: diz-se do bolo que não cresceu

abobado: metido; aquele que se julga melhor que os outros.

abrego: vento frio, normalmente vindo do sul.

abugiar: modo de se xingar alguém.

acarquetar: apertar, empurrar.

acha: lenha.

acoar: latir.

acuerar: tornar-se muito amigo.

afanar: roubar.

agaribar: ficar zangado.

ajojado: arrumado; ajeitado.

apipo: laranja azeda.

bacio: vaso sanitário.

baga/bago: semente; olho.

bestunto: pessoa estúpida, com cabeça de pouco alcance.

bispá: vigiar, prestar atenção.

bobiça: coisa sem importância.

boi ralado: carne moída.

bucica: boca pequena.

casa de instantinho: motel.

claps: alçapão pra pegar passarinho.

coça: surra.

dá-de-dedo: tomar satisfação.

disaoje: há pouco tempo.

embaciado: vidro sujo.

entanguido: agoniado; incomodado; magrelo.

esganado: egoísta.

estar apurado: estar com vontade de ir ao banheiro.

fazer biscoito pra viagem: expressão usada para indicar que uma pessoa está muito doente, quase morta.

galega: loira.

ganjudo: manhoso; cheio de manias.

guria: moça.

inticar: provocar.

ir pra cidade: ir para o centro.

jacarezinho de parede: lagartixa.

judiaria: maus tratos.

mandrião: pessoa preguiçosa, malandra.

manzanza: tolo, abobado.

meter a boca: xingar.

mobília nova: dentadura.

ninja: gíria usada para descrever uma pessoa que sabe muito de um ou de vários assuntos.

paranho: teias de aranha que ficam no canto das paredes.

pau de virá tripa: pessoa magrela e alta.

peca: bolinha de gude.

prabunito: coisa sem utilidade.

ranho: catarro; pessoa chata.

reinar: estar bravo.

sarar o pisado: curar uma ferida.

tanso: pessoa pouco inteligente.

toró: temporal, chuvarada.

viajar sem chapéu: morrer.

xaropear: incomodar.

xilóida: estilingue.

xuxca: mexer, cutucar.

zarco: ônibus.

zica: bicicleta.

São Paulo

à beça: muito; bastante.
aderbal: chamamento ou xingamento.
aí tu me trinca os ovo: quando se reclama de alguém ou de uma atitude de certa pessoa.
aí tu mente pro tio: quando o fato ou acontecimento narrado é inacreditável, ou quando o aderbal pensa que está sendo enganado.
alemão: pode ser usado como sinônimo de aderbal.
azar do Valdemar: usa-se normalmente para dizer algo que é errado, mas a preocupação com as consequências são mínimas.
azarar: paquerar; namorar.
azedar: dar errado.
bagulho: nome usado para se referir a qualquer coisa.
bater um fio: dar um telefonema.
bater uma xepa: almoçar.
bem bolado: trocar algo, dar um jeito em alguma coisa.
bicuda ou dedão: quando a bola é chutada com força.
busão: ônibus.
cabrito: algo não original.
cabuloso: muito bom; impressionante; sensacional.
campeão: nome usado, acompanhado de um gesto que simula um soco no ombro, para designar o mais aderbal de todos.
canetar: aplicar multa a motoristas de veículos automotores.
carta: carteira de habilitação.
catraca: roleta por onde o passageiro tem acesso ao assento dos ônibus, após o pagamento da tarifa.
colar: falar ao telefone durante muito tempo.
cota: hora.
coxinha: policial.
da hora: muito bonito, legal, da modo.
dar área: ir embora.
dar um rolê: passear; sair.
de vereda: de uma vez.

deixa comigo que eu sô canhoto: expressão usada para uma pessoa dizer que consegue realizar determinada tarefa ou cumprir uma missão.

desencanar: parar de ficar desconfiado.

detonar: falar mal de alguém.

é fria: é perigoso.

embaçado: complicado.

encher linguiça: falar muito e explicar pouco.

esquenta: festa.

farofeiro: mentiroso.

ficar na moral: fica quieto; calar-se.

ficar pequeno: ficou mal falado.

fita forte: produto de roubo.

fodão: campeão.

fubanga da peba: mulher muito feia.

futum: mau cheiro.

gambé: policial.

ganso: pessoa intrometida que fica dando palpite na conversa alheia.

gás: muito rápido.

geladinho: suco congelado em um saco plástico.

golfar: vomitar.

goma: casa; algum lugar específico.

groselha: assunto ou pessoa desagradável.

guia: calçada.

holerite: contracheque; bilhete para pagamento.

kissassa do cabelo de microfone: ser de outro planeta que invadiu a terra e proliferou-se numa velocidade impressionante.

komboza: perua, lotação.

larica: fome.

lombada: quebra-molas.

magrela: bicicleta.

mancada: erro.

manjar: entender bem do assunto.

mano: alguém; amigo.

mas é uma ave: termo usado para xingar o aderbal de burro.
mas é uma nuvem: variação de “mas é uma ave”.
micreiro: pessoa que mexe com microcomputadores.
miguelar: negar algo a alguém.
mina: mulher.
mocreia: mulher feia.
muamba: produtos importados ilegalmente.
muito louco: muito bonito, lindo.
na correria: muito atarefado.
na faixa: entrada livre.
orra: nterjeição usada para exprimir admiração, espanto; deboche, provocação; indignação.
osso: algo difícil, complicado; trabalho complexo.
paga pau: aquele que admira as coisas dos outros.
porrada: soco.
puxar um beck: fumar droga.
quebrada: vizinhança.
queimar o filme: fazer fofoca a respeito de alguém.
quilão: restaurante onde se vende comida a quilo.
rabo de galo: bebida feita com conhaque e cachaça, ambos na mesma medida.
rachar: dar muita risada; dividir a conta.
rango: comida; alimentação; xepa.
rasgado: musculoso; torado; trincado.
rasgar: sair correndo de algum lugar, a mando de alguém.
recalque: inveja.
renca: multidão; grupo grande de pessoas.
rodar: ter prejuízo; ser preso.
rolo: troca.
sacolão:lugar onde se compram frutas, legumes, verduras.
sair rolando: estar satisfeito após uma refeição.
salve: cumprimento; saudação.
sarado: bonito.
seco: preço fixo de entrada para uma festa, sem que haja consumação de bebidas ou de alimentos.

sentar o dedo: dar um tiro, matar alguém.

só se for agora: expressão usada em vão, somente pra ter o que falar.

socado: carro rebaixado.

sulfite: papel branco comum em formato A4.

tomar pau: ficar reprovado.

toró: chuva forte.

trampo: trabalho.

tranqueira: bagunça; muita coisa amontoada.

treta: briga.

truta: guarda costas, segurança de alguém.

uma pá de vezes: muitas vezes.

vacilar: marcar bobeira.

vazar: sair de algum lugar.

vibe: sensação; clima; algo agradável.

xepa: refeição; comida.

ximbica: carro velho.

zarpar: sair correndo.

zoar: fazer bagunça.

Tocantins

aloitar: lutar.

aluá: refrigerante caseiro feito de cascas de frutas cítricas.

aluado: doido; excêntrico.

aluir: ceder.

alumiar: clarear.

amancebar: juntar-se com uma mulher sem estar casado.

amarrotado: abatido.

amiudar: executar repetidamente.

anágua: espécie de saia fina que a mulher usa embaixo do vestido, para não deixar as partes do corpo à mostra.

ancho: convencido.

andar cercando frango: estar embriagado.

anjo: criança morta, colocada no caixão.

aparelho: vaso sanitário.

apartar: separar.

apetrechada: bonita.

apoquentar: perder a paciência.

apoucar: definhar; emagrecer.

aprochegar: aproximar.

apurado: constrangido.

arranca rabo: briga; arrelia; confusão.

arte: estripulia; bagunça.

avença: acordo.

azoretado: adoidado; sem juízo.

baba de quiabo: conversa mole.

bacorinho: criança pequena.

baculelê: confusão.

bagana: ponta de cigarro.

bamburrar: ficar rico.

bandulho: barriga; estômago; bucho; pandu.

banguela: desdentado.

banzo: nostálgico; saudoso.

baquear: cansar-se; ficar deprimido.

barafunda: confusão; caos.

barrigada: gravidez.

batuta: o que faz tudo certo.

beber o mijo: comemorar, com bebidas entre amigos, o nascimento do filho.

beira: carona.

berreiro: choro.

bestagem: bobagem; besteira.

bidu: adivinhação.

biloca: bola de gude.

boroca: mala.

bozó: jogo de azar.

breado: sujo.

brocoró: caipira.

bruaca: espécie de mala de formato quadrado e feita de couro cru.

bruguelo: menino novo.

buliçoso: pessoa que mexe em tudo.

cabojeiro: feiticeiro.

cabritagem: malandragem.

cafifa: implicância.

cafubira: coceira na pele.

calibrado: bêbado.

cambota: pessoa de pernas arqueadas.

caxingar: capangar; coxear.

cevado: gordo.

chaleirar: adular.

chanha: afeição.

chimbique: carro velho.

chimite: positivo.

cigarreira: banca de revistas.

cocó: penteado em forma de coque; cabelo enrolado no alto da cabeça.

coletivo: ônibus.

defluxo: gripe; catarro.

derrear: ir para algum lugar aleatório, sem rumo.

desconjurar: afastar.

despingolar: sair em disparada.

despique: zombaria.

destabocado: aquele que diz tudo que vem à mente.

desvalimento: pobreza.

diamba: maconha.

dozento: pessoa boa.

dunga: valentão.

eguar: vadiar; perambular.

embornal: saco de pano ou de couro usado para carregar coisas.

encafifado: aquele que está com ideia fixa.

encalcar: comprimir; apertar com as pontas dos dedos.

encamboar: andar sempre na companhia de alguém.

encanchelar: bagunçar.

encasquetar: pôr algo na cabeça; ter ideia fixa.

encher: engravidar.

encrespar: zangar-se; discordar.

enfarento: enjoado; intolerável; ranzinza.

enfastiado: sem fome; desanimado.

engambelar: enganar; tapear.

enginhar: enrugar.

esguelar: gritar.

fanfar: exibir-se.

faniquito: chilique.

fezinha: jogo; aposta.

filar: aproveitar-se de outra pessoa para conseguir alimento, bebida.

fissurado: aflito; preocupado.

foba: ordinário.

frege: confusão; rebuliço.

gabola: fanfarrão.

gaitada: gargalhada exagerada.

galhofa: brincadeira.

ganhador: osso, do peito das aves, em formato de forquilha.

garrancho: letra ruim.

gastura: incômodo.

gavar: elogiar.

grismelo: menino esmirrado e magro.

groja: gorjeta; propina.

homência: masculinidade.

incomodada: grávida que sente as dores do parto.

indaga: confusão.

indez: ovo que se coloca no ninho para atrair a galinha poedeira.

infuca: mentira.

inhaca: mau cheiro.

interessante: estado de gravidez.

jamegão: assinatura.

judiação: maltrato; malvadeza.

labigó: lagartixa.

ladainha: conversa repetida a respeito do mesmo assunto.

ladino: inteligente; esperto.

livuzia: assombração.

macoteiro: chefe político.

malacafento: pessoa suja, que não toma banho e nem troca a roupa.

malineza: travessura.

maludo: zangado.

maqueba: coxo; manquitola; manco.

meã: de tamanho médio.

mesmice: rotina; marasmo.

mexido: sobras de comida misturadas e requentadas com outros ingredientes.

mixuruca: coisa sem valor.

na bucha: na mesma hora.

nascida: tumor; furúnculo.

negra: última e decisiva partida de baralho.

novidade: gravidez.

obrar: defecar.

pabular: conversar fiado, à toa, sem compromisso.

pança: barriga.

queijinho: rotatória.

ralhar: repreender; brigar.

rebocar: aplicar uma camada de barro nas paredes antes de pintá-las.

refugo: sobra; resto.

repelão: bronca.

ressabiado: desconfiado.

saeta: doce da polpa de buriti.

saliente: intrometido.

sangangu: confusão; mandu.

sapecar: chamuscar; queimar os pelos.

sebaça: assalto.

simonte: rapé; pó de fumo para fazer cigarro.

sirieiro: desconfiado.

sorverter: sumir.

tabefe: tapa.

tapado: ignorante.

tição: pedaço de madeira ainda em brasa.

tifute: preto.

tiririca: sujeira acumulada na sola dos pés.

tribufu: pessoa feia.

urucubaca: azar; má sorte.

vadiar: vagabundear; andar à toa, sem fazer nada.

vago: desmaio.

varado: com muita fome.

variado: tonto; desmiolado; que perdeu o juízo.

verde: fresca (refere-se à qualidade da carne).

xerém: arroz quebrado.

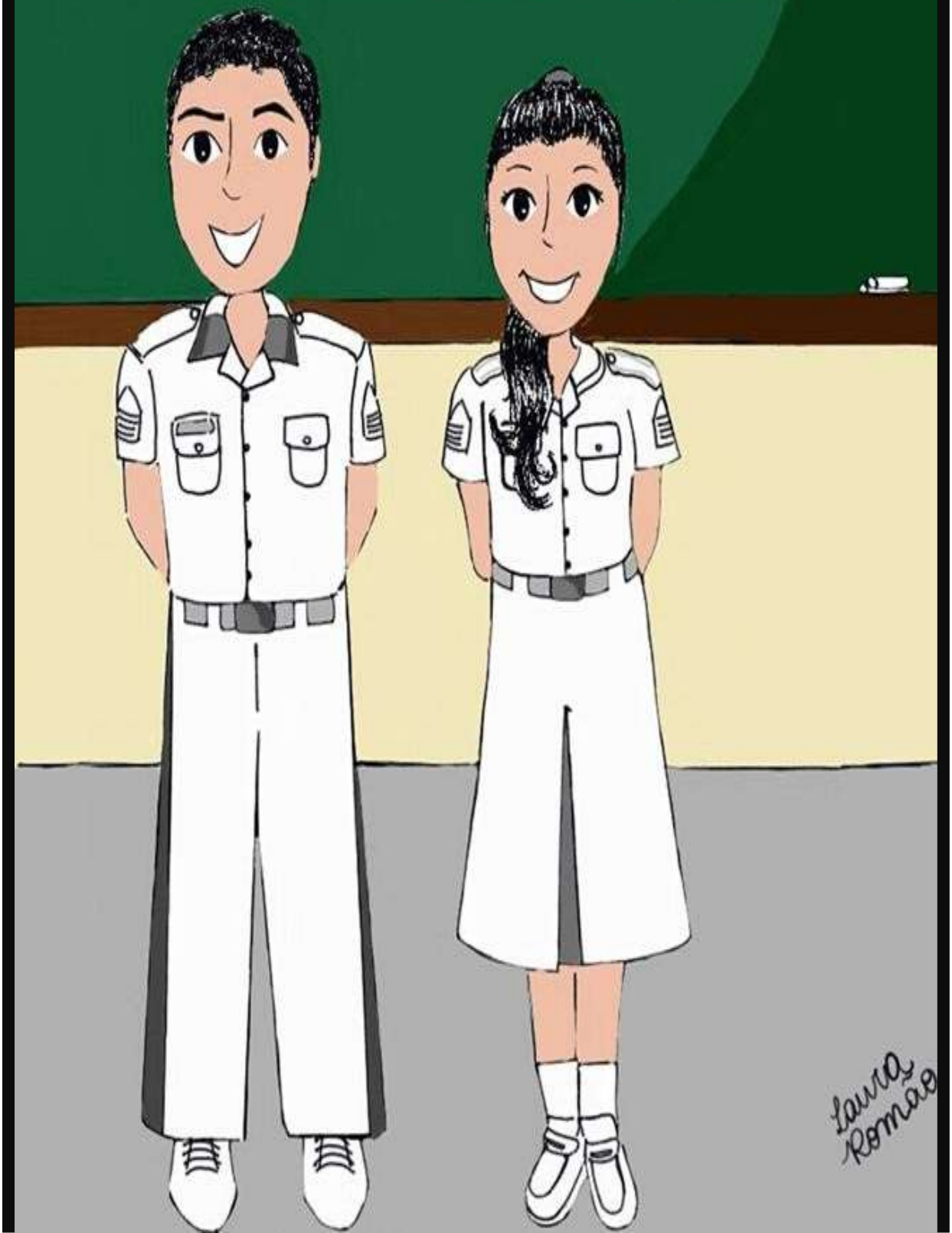
xumbregado: embriagado.

xuruba: sujo; imundo.

PROF.ª MARIA GORETTI DE ARAÚJO BOUDENS
Ilustração: Laura de Oliveira Romão

VOCABULÁRIO

Produto das Oficinas Copeval



Apresentação

Este vocabulário constitui um dos produtos resultantes da aplicação da proposta de intervenção, a qual integra a pesquisa desenvolvida a respeito do tema "Proposta de estudo da variação linguística em instituição militar de ensino", apresentada como trabalho de conclusão final do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, da Universidade Federal de Uberlândia - UFU.

Os itens lexicais que compõem este livreto foram coletados durante o período da realização das atividades, elaboradas em forma de oficinas pedagógicas, em sala de aula, com duas turmas do nono ano do Ensino Fundamental, localizada em Brasília, no Distrito Federal. A investigação ocorreu por meio de pesquisas: entrevistas a militares que trabalham na escola; consultas a documentos da escola, tais como a revista anual, os arquivos da biblioteca, o manual do aluno. Além dessas estratégias, procurou-se considerar o conhecimento prévio dos alunos, uma vez que eles estão inseridos nesse ambiente e estão acostumados ao uso do jargão militar. Assim, com base nos dados coletados pelos estudantes, foi possível compilá- los em um documento em forma de livreto, divulgando-os para a comunidade escolar.

Desse modo, a divulgação dos termos empregados no dia a dia de um contexto social formado por um grupo com características peculiares no que concerne aos propósitos de formação integral do estudante, bem como à linguagem utilizada em situações cotidianas. Entende-se que seja importante mostrar a riqueza cultural, à social e à lexical encontrada nesse contexto educacional.

Portanto, espera-se, também, que a multiplicidade de falares existente no Português brasileiro seja entendida como uma maneira de se ampliar o domínio lexical, aceitando, reconhecendo e validando outras maneiras de expressão linguística.

Maria Goretti de Araújo Boudens

A

abelha (adj.): aquele que está desligado; fazendo hora para não cumprir a obrigação.

abostar (v.): estar cansado.

abraçar (v.): aceitar determinada situação ou uma missão difícil.

abrigo (subst.): vestimenta constituída por uma calça de elástico, na cor azul, com listras laterais azul e branca, e uma camiseta de malha na cor que identifica a série do aluno. É usada no dia em que acontecem as aulas de Educação Física.

acochambrão (subst.): militar que sempre arranja alguma desculpa para não trabalhar; preguiçoso; enrolão.

acochambrar (v.): fugir do serviço; enrolar; fazer corpo mole; demonstrar intolerância em situações simples.

advertência (subst.): medida disciplinar aplicada a aluno que comete algum ato contraditório aos estabelecidos pela instituição; pode ser oral ou por escrito; punição branda.

alamar (subst.): um dos símbolos mais significativos do uniforme do colégio militar. Trata-se de um artefato feito por três cordas de algodão, sendo duas na cor bege e uma na cor vermelha, em formato de círculo, que fica pendurada na divisa do ombro esquerdo do uniforme. Tem direito ao alamar o aluno (a partir do oitavo ano) que, ao final do trimestre, obtiver nota 8,0 ou acima em todos os componentes curriculares e conceito "Bom" em comportamento.

alamarado (adj.): qualidade do aluno que conquistou o alamar.

Alameda Pau Brasil (subst.): nome da avenida interna do colégio, localizada em frente ao pavilhão do comando, onde, na data que marca o início da primavera, é plantada uma muda de pau brasil. A responsabilidade dessa missão compete à aluna que obteve o primeiro lugar na classificação geral do sexto ano no segundo trimestre e à aluna mais nova da companhia.

aloprar (v.): brigar; discutir; alterar; ato de deixar alguém nervoso; perder a paciência.

alteração (subst.): qualquer situação fora do comum a que está sujeito qualquer integrante do colégio, tais como indisciplina, atestado médico por motivo de saúde, mudança de graduação.

alvorada (subst.): momento da manhã que marca o início do dia no quartel.

amparado (subst.): aluno que, por ser filho de militar residente em Brasília, ingressa no colégio pelo sistema de sorteio.

ansperçada (subst.): refere-se ao militar engajado na sua missão; pessoa comprometida.

antigo (subst.): trata-se daquele indivíduo (militar, aluno ou civil) com mais tempo de atuação na organização militar.

AOE (sigla): Atividade de Orientação de Estudos; atividade aplicada como medida punitiva ao aluno que tiver cometido falta disciplinar grave. Acontece no contra turno ou no final de semana, quando o estudante realiza tarefa por escrito, passada por professores de todos os componentes curriculares.

AP (sigla): Avaliação Parcial; instrumento utilizado durante um tempo de aula para o professor mensurar a aprendizagem de determinado conteúdo.

APA (sigla): Avaliação Pós-Ação; indicação de aspectos positivos e/ou negativos resultantes de determinada atividade já realizada, concluída.

APM (sigla): Associação de Pais e Mestres; setor da escola responsável pelo auxílio a alunos no que concerne ao empréstimo de uniformes, à distribuição das becas para a formatura, à aquisição de livros usados. É mantida por conta da contribuição mensal paga mensalmente pelos estudantes.

APR (sigla) Avaliação Parcial de Recuperação; avaliação realizada durante o trimestre letivo, destinada a alunos que obtiveram nota inferior a 5,0.

arataca (subst.): nordestino.

armas (subst.): refere-se à carreira militar em uma das forças(Exército, Marinha ou Aeronáutica); insígnias de um brasão.

arrega (subst.): situação vantajosa para um militar, para um aluno, para um funcionário da organização militar.

arrego (subst.): alguém que não executou algo bem; desapontamento; desaprovação.

aspira (subst.): redução do termo "aspirante", relativo ao militar temporário, que ingressou por concurso público, para assumir contrato de oito anos de prestação de serviço às forças armadas. Depois de um período de dois meses de experiência, ele alça ao posto de tenente, patente máxima para esse tipo de militar.

até o talo (expressão conotativa): termo que designa algo que foi levado até as últimas consequências ou que está em uma situação extrema.

autoridade (subst.): poder legalmente conferido a um comandante por meio do qual lhe é requerido tomar decisões e emitir ordens que tenham efeito sobre áreas, sobre recursos humanos e materiais cuja jurisdição a ele tenha sido confiada.

avançar (v.): marchar em frente.

azar militar (subst.): infortúnio advindo das características da vida militar.
azimute (subst.): rota; rumo; admiração.

B

baba ovo (loc. adj.): expressão que designa uma pessoa puxa-caso, que tenta agradar alguém para obter algum benefício.
badaloso (adj.): afeminado.
baderna (subst.): bagunça; confusão.
baixa (subst.): internamento em hospitais ou enfermaria; ato ou efeito de desligar uma praça do serviço ativo; designação genérica das perdas ocorridas por ferimento, acidente ou doença.
baixado (adj.): aquele que está temporariamente inapto para atividades físicas, trabalhistas.
baixar (v.): ficar impedido de realizar instrução militar, trabalhar, assistir às aulas, participar das aulas de Educação Física por questões de saúde.
banquinho (subst.): aula ou instrução teórica.
barbada (subst.): coisa fácil de fazer.
barro (subst.): situação negativa que pode resultar de alguma ação.
bicharada (subst.): o primeiro ano do aluno no colégio.
bicho (subst.): aluno recém ingressado na instituição.
bichoforme (subst.): fardamento usado pelo aluno antes que ele receba o uniforme oficial da instituição. Trata-se de uma indumentária composta por caça jeans azul e camiseta de algodão branca.
bife de japona (expressão conotativa): utilizada para nomear o alimento, semelhante ao bife à milanesa, servido no cassino.
bisonho (adj.): sujeito que não faz nada direito; inexperiente nas situações da instituição militar; desligado; desatento; aquele que comete muitos erros.
bizu (subst.): dica; conselho; sugestão; manha; maneira de se facilitar a realização de alguma atividade.
bizurado (adj.): aquele que conhece todos os bizus; aquele que está preparado para todas as situações.
bobina (subst.): confusão; situação difícil de resolver.
bobinado (adj.): confuso; enrolado.
boca podre (expressão conotativa): missão muito desagradável, difícil, árdua.

bodosidade (subst.): coisas ruins, difíceis; característica de algo que se realiza com grande dificuldade.
bodoso (adj.): difícil de resolver.
boia (subst.): alimento; refeição.
boina (subst.): parte do uniforme diário do aluno (e do militar). Usada na cabeça, em espaços abertos tanto dentro quanto fora do colégio, representa a incorporação do aluno nas fileiras da força terrestre. A entrega da boina acontece durante uma solenidade formal, da qual participam autoridades do Exército, como maneira de oficializar o ingresso desse estudante à corporação. A boina é símbolo de união, de amizade, de respeito, de camaradagem, de civismo.
bostejador (adj.): aquele que fala demasiadamente, sem nexo, utilizando texto prolixo.
bostejar (v.): fazer algo inoportuno; falar besteira; proferir algo sem sentido ou sem fundamento.
Brasil (interjeição): expressão utilizada quando se deve aceitar uma missão desagradável ou ruim de se cumprir, uma vez que sacrifica interesses pessoais.
brasão (subst.): conjunto de figuras e de ornamentos que caracterizam uma nação, uma família.

C

CA (sigla): Corpo de Alunos; setor responsável pela disciplina do estudante no ambiente escolar.

cadeia de comando (expressão denotativa): sequência hierárquica de comandantes, por meio da qual é exercido o comando.

cagaço (subst.): medo.

cagada (subst.): erro; papel ridículo; atitude inapropriada.

camuflar (v.): ficar disfarçado, seja por meio do uso do uniforme cuja estampa se assemelha às folhas das árvores, seja por ficar disfarçando para não assumir algo.

canal de comando (expressão denotativa): trâmite de entendimento existente entre as diversas autoridades com responsabilidade de comando.

canga (v.): parceiro de atividades.

carangar (v.): passar frio.

carca (subst.): comando dado por superior para que o subordinado se retire imediatamente.

carcaça (subst.): porte físico.

carômetro (subst.): folha com fotos dos alunos de uma turma ou do pelotão de militares de um colégio militar.

cartear (v.): falar alguma coisa sem convicção alguma.

caserna (subst.): quartel.

cassino (subst.): refeitório para sargentos e para oficiais.

catanho (subst.): refeição composta por um sanduíche, algumas frutas, chocolate, suco de fruta ou refrigerante.

causídico (subst.): aquele que defende o outro; advogado.

cavalariça (subst.): responsável pelos animais ou pelos apetrechos de um militar superior.

caveirinha (subst.): bloco de anotações.

caveiroso (adj.): pessoa de trato difícil.

caxias (adj.): rigoroso; exigente; o que prima pela correção.

CB (sigla): cabo (referente ao posto de graduação).

CC (sigla): Conselho de Classe; reunião realizada ao final de cada trimestre, para avaliação do desempenho acadêmico do aluno.

CE (sigla): Conselho de Ensino; reunião realizada com o objetivo de tomar decisões acerca de aluno que esteja com nota de comportamento abaixo de 3,0. A decisão do grupo, constituído por professores do estudante, pelos monitores, pelo comandante do CA, pelo chefe da Divisão de Ensino e pelo comandante.

CEL (abrev.): coronel (posto de graduação na carreira militar).

celotex (substantivo): quadro de avisos afixado em todos os departamento da escola, inclusive em sala de aula.

cerrar (v.): utilizar objetos dos outros, sem pedi-los emprestado; roubar.

chafúrdio (subst.): situação de fracasso.

charlateira (subst.): dragona usada no ombro, feita de tecido e bordada com fio dourado, para indicar o posto de graduação e a arma a que pertence o militar ou o aluno (que opta pela carreira).

cheio de verniz (expressão conotativa): pessoa muito exigente, melindrosa.

chumbrega (adj.): mal feito; de péssima aparência.

Cia (abrev.): redução da palavra companhia, que se refere ao setor responsável pela organização diária de uma determinada série. Tem, como atribuições, verificar as faltas, registrar as alterações, conduzir a turma para outro local onde será ministrada a aula.

claviculário (subst.): quadro onde se dispõem as chaves das portas de determinado setor.

CMT (sigla): comandante.

cobertura (subst.): parte do fardamento utilizada na cabeça, podendo ser boné, quepe, boina, capacete.

cobre e alinha (expressão conotativa): garota feia.

cobre mira (expressão conotativa): pessoa pequena, baixa.

cobrear (v.): estudar escondido; esconder o bizu.

coça saco (expressão conotativa): indivíduo que demonstra má vontade na hora de realizar algo.

código de honra (expressão denotativa): conduta ética no ambiente de trabalho ou de estudo; respeito às normas. No colégio militar, é representada por um acróstico com a palavra LÍDER (lealdade e honestidade; iniciativa e nobreza de atitudes; disciplina e camaradagem; estudo e amor à cultura; respeito às normas do colégio militar).

colar as placas (expressão conotativa): ficar sem ação; ficar sem saber o que fazer diante de uma situação que gera tensão.

colocar fogo na moita (expressão conotativa): tirar alguém do anonimato.

continência (subst.): cumprimento formal entre alunos e militares; entre militares e subordinados.

copiar (v.): entender; estudar.

cotonete (subst.): roupa utilizada pelos novatos na corporação. Ela é constituída por calça azul jeans e camiseta de algodão branca.

coturno (subst.): bota de cano alto, amarrada por cordões, que compõe o fardamento camuflado.

cu de tropa (subst.): pessoa de baixa estatura, que fica na retaguarda da tropa.

culhão (subst.): adereço colorido, utilizado nos uniformes de gala, que serve para distinguir a série cursada pelo aluno. Corruptela de cordão.

culote (subst.): calça larga à altura dos quadris e justa do joelho para baixo, complementada por botas de cano alto. Pode ser usada tanto por homens quanto por mulheres quanto montam a cavalo.

D

dar a última forma (expressão conotativa): retirar o que disse; retratar-se.

dar o delta (expressão conotativa): não aceitar o pedido feito por algum militar ou aluno.

dar o golpe (expressão conotativa): burlar a regra de um regulamento.

dar o pronto (expressão conotativa): após o término da missão, reportar ao superior que a missão foi cumprida.

dar sopa na crista (expressão conotativa): aparecer muito e acabar se prejudicando por causa disso.

DE (sigla): Divisão de Ensino; local da escola onde ficam as coordenações dos professores, os supervisores e o diretor de ensino.

de rancho (expressão conotativa): colega; companheiro; aquele com quem se dividem as tarefas.

desembocar (v.): ação de cumprir uma missão com muita desenvoltura, criatividade e oportunidade.

desligamento (subst.): afastamento definitivo do aluno da instituição escolar, por falta gravíssima, por transferência ou por decisão da família.

desligado (adj.): aluno que não deixou de integrar a instituição.

desmanivrado (adj.): aquele que resolve os problemas rapidamente, com sucesso; eficiente.

desunido (adj.): que não se preocupa com o bem da tropa, mas apenas consigo mesmo; não tem espírito de equipe.

diretiva (subst.): documento que rege ação, conduta ou procedimento.

dispensa (subst.): autorização para não realizar determinada atividade física, tais como a apresentação da turma para o professor.

dispensado (adj.): característica do aluno que recebeu autorização para não realizar determinada atividade física.

dispositivo (subst.): modo particular por que são desdobrados, numa situação tática, os elementos de uma força.

dispositivo pronto (expressão): indicação de que o grupamento está preparado para realizar determinada atividade na hora em que foi prevista.

distintivo (subst.): escudo peninsular, filetado de ouro, contendo as cores representativas do Exército, sobre as quais está inscrita, em caracteres brancos, a designação da organização militar. Utilizado sobre o bolso esquerdo do uniforme escolar.

distintivo de bolso (expressão denotativa): escudo formado por colunatas brancas, simbolizando os traços arquitetônicos de Brasília, sobrepostas por uma estrela vermelha, de cinco pontas, filetada de prata, em cujo interior se encontra a imagem de um castelo (símbolo da instituição militar de ensino).

divisa (subst.): emblema usado em vestimentas/uniformes para indicar a série cursada pelo aluno; identificação da graduação; representação de alguma atividade extracurricular realizada pelo estudante (banda de música, por exemplo).

dragona (subst.): pala de tecido com bordado em dourado, usada no ombro.

E

ECD (código): em condições de.

elogio (subst.): recompensa - sob a forma de anotação na ficha escolar – feita ao aluno que participa, voluntariamente, de atividades extracurriculares; destaque positivo ao aluno.

em acha (loc.adj.): cansado; exausto; fatigado.

embromar (v.): fazer corpo mole; enrolar; não se esforçar.

embuste (subst.): enaltecimento da própria posição.

embusteragem (subst.): artifício utilizado para alguém se sobressair em uma atividade.

encarnerar (v.): seguir o outro sem saber o que está acontecendo.

encaveirar (v.): agravar; complicar; piorar.

engatilhado (adj.): tudo acertado e, na prática, dará certo.

engrenado (adj.): tudo acertado, mas, na prática, não dará certo.

enjambrar (v.): superar o outro na ordem de classificação.

enquadrado (adj.): disciplinado; aquele que cumpre todas as normas do sistema.

enquadrar (v.): disciplinar; punir.

enrolão (adj.): farsante; mentiroso; enganador.

ensarilhar (v.): abandonar a missão; deixar de estudar.

entrar em forma (expressão conotativa): ficar em fila, em formação militar.

escalão girafa (expressão conotativa): alto escalão.

escamotear (v.): fugir às responsabilidades; não cumprir a missão designada.

escore (subst.): grau atribuído a um item de uma questão em avaliação formal; nota.

esculápio (subst.): médico do batalhão.

esporro (subst.): bronca.

estandarte (subst.): símbolo em forma de bandeira, retangular, franjada em ouro. O fundo é na cor azul turquesa, com duas diagonais em forma de faixa nas cores amarela e verde, em cujo centro se encontra uma estrela de cinco pontas, a qual contém, no seu interior, um castelo de prata. Envolvendo o conjunto, encontra-se a inscrição “colégio militar”.

estar nas bicas (expressão conotativa): estar em situação desvantajosa.

estar voando (expressão conotativa): desatento; desligado.

estrume (subst.): indivíduo desclassificado; ruim; aquele que não consegue fazer as tarefas; largado.

explodir (v.): distribuir algo que está concentrado em um só lugar.

F

fazer ombro arma (expressão conotativa): retirar-se de um local sem permissão do superior.

fechar o escantilhão (expressão conotativa): passar a dica do que vai cair na prova.

ficar coberto e alinhado (expressão conotativa): estar enfileirado, um atrás do outro, obedecendo ao padrão de altura do maior para o menor.

ficar na m (maike) (expressão conotativa): ficar em situação desfavorável diante de pares, superiores ou subordinados, por fazer algo errado ou por estar desinformado.

FO (sigla): Ficha de Ocorrência; documento no qual se registram as alterações do aluno no que se refere a aspectos negativos (tanto pedagógica quanto disciplinarmente) e a aspectos positivos, tais como participação voluntária em eventos.

FOE (sigla): Ficha de Orientações de Estudos; relação das competências, das habilidades e dos descritores a serem cobrados do aluno na avaliação de estudos realizada ao final de cada trimestre.

frango explodido (expressão conotativa): frango assado, servido no refeitório da organização militar e do qual não se consegue identificar a parte da ave a ser degustada.

furriel (subst.): posto militar intermediário entre cabo e sargento; função ou cargo de quem é responsável por pagar/cobrar, como se fosse um tesoureiro.

G

gabaritar (v.): tirar nota máxima em uma avaliação; acertar todas as respostas.

gagá (adj.): aquele aluno muito dedicado, que estuda muito.

gaivota (subst.): forma de corrigir uma avaliação escrita. Registrada na cor azul, indica que houve acerto na resposta; na cor vermelha, erro. O número de escores pode variar de 10 a 100, mas a nota corresponde ao total de 10 pontos.

gaivota verde (expressão conotativa): na correção de uma prova, a questão que não esta correta, mas também não pode ser considerada errada; ordem superior.

gandola (subst.): blusão que compõe a parte superior do uniforme de instrução ou de serviço dos militares.

garança (adj.): palavra afrancesada, que serve para identificar a cor vermelha do uniforme escolar do aluno. Pode ser usada, também, como adjetivo.

GIP (sigla): Grau de Incentivo à Participação; bonificação concedida ao aluno que, nas avaliações parciais, obteve média igual ou superior a 5,0; corresponde a 0,5 de nota extra na média das avaliações parciais.

granadas (subst.): situações complicadas em que alguém se envolveu.

grau (subst.): nota obtida em avaliações formais. Corresponde a um numerário de 0 a dez.

guia de espadas (expressão denotativa): suporte acoplado ao cinto, em uniformes usados durante solenidades, para se colocar a espada; indicação do posto de graduação.

I

IAP (sigla): Instrumento de Avaliação Parcial; avaliação de aprendizagem aplicada aos alunos, a qual tem um tempo maior de realização do que uma hora-aula.

insígnia (subst.): emblema por meio do qual se indica a graduação, o posto ocupado pelo militar, a função exercida.

J

jângal (subst.): situação difícil; problema; dificuldade.

jubilado (adj.): aluno que, já tendo sido reprovado uma vez em alguma série na instituição militar, não obtém aprovação em outra série.

jubilar (v.): reprovar, pela segunda vez, na instituição militar.

juntar os cascos (expressão conotativa): deixar os pés juntos, em posição de sentido.

juramento (subst.): compromisso feito pelo integrante da instituição.

L

lavar (v.): dar-se bem nas avaliações.

legião de honra (expressão denotativa): grupo no qual ingressam alunos que demonstraram conduta exemplar durante o período letivo, seja no cumprimento das suas obrigações escolares, na disciplina consciente.

legionário (adj.): qualidade ou estado daquele que integra a legião de honra.

leite (subst.): dica da prova; ponto que vai ser verificado na prova.

livro de ouro: documento no qual constam as assinaturas dos alunos concluintes do terceiro ano do Ensino Médio.

lixão (adj.): aquele que não tem postura adequada.

localizômetro (subst.): mural afixado em cada uma das seções, no qual, ao lado da etiqueta com o nome do militar, indica-se o lugar onde esse funcionário estará durante o horário de expediente.

M

macaco (subst.): missão.

macete (subst.): dica; orientações que facilitam a realização de uma atividade.

macetoso (adj.): pessoa que tem muito jeito para resolver algum problema; aquele que conhece as melhores ou mais fáceis maneiras de solucionar questões complicadas..

mafrudo (adj.): forte; briguento; guerreiro.

MAJ (abrev.): major (posto de graduação).

majiin boo (subst.): garota que já namorou muitos colegas.

marcha sem cadência (expressão conotativa): andar a passos comuns, sem marchar.

marreta (subst.): crítica.

matar no peito (expressão conotativa): assumir as consequências de ato que venha a ter alguma repercussão.

mensagem a Garcia (expressão conotativa): equivale a dizer "é com você".

meter bronca (expressão conotativa): dar início ao cumprimento de uma missão, com energia e com determinação.

meter os cornos (expressão conotativa): estudar.

mijada (subst.): sermão de um superior.

missão (subst.): tarefa a ser cumprida, delegada por um superior.

mistério (subst.): exagero ao contar uma situação; mentira.

mocorongo (adj.): desajeitado; enrolado; que tem dificuldade em fazer as coisas.

moderno (adj.): o mais antigo de um grupo ou de uma guarnição.

moita (adj.): aquele que quase não aparece; calado; que faz segredo da sua situação.

monstro (adj.): novato; bicho.

morfeu (adj.): militar sonolento, que tira cochilo durante o serviço.

mucurento (adj.): fedorento.

mulambo (subst.): desleixado.

muquiço (subst.): aquele que tem péssima apresentação pessoal; que se apresenta com fardamento amassado, bota ou sapato sujo, cabelo fora do padrão.

N

NA (sigla): norte-americano (expressão usada para se referir a algo de boa qualidade).

na ativa (expressão conotativa): diz-se do militar que ainda não se aposentou.

NHS (código): na hora sai.

Nicodemus (subst.): nome do carneiro mascote da escola.

no pau da goiaba (expressão conotativa): relativo a quem está muito cansado, desanimado.

O

oferecidão (subst.): aquele que sempre se dispõe a fazer algo além do que lhe é pedido.

oficial de dia (expressão): nome atribuído ao responsável pela segurança do quartel, conforme escala.

ordenança: militar que trabalha com um comandante; secretário particular do comandante.

P

padrão (subst.): o que está em conformidade com o que consta no regulamento militar; o que está bem feito; exemplar.

pagar (v.): distribuir; entregar; delegar. Pode se referir à elaboração fácil de uma prova (pagar grau).

paisano (adj.): profissional civil, que atua na organização militar. Pode-se referir ao militar quando não está uniformizado.

pandareco (adj.): quebrado; danificado.

papinha (subst.): missão de fácil execução; rolha.

papirar (v.): estudar.

papiro (subst.): notas de aula; instruções.

pau (subst.): reprovação; escala de serviço do militar.

PC (sigla): Posto de Comando; lugar, no espaço físico onde ficam as salas de aula de determinada série, fica o responsável pela organização da disciplina nos corredores da sala, pelo controle da frequência dos alunos, pela computação das alterações do estudante.

pedir baixa (expressão conotativa): solicitar o desligamento corporação ou da instituição.

pega louco (expressão conotativa): vestimenta usada embaixo da farda em dias frios.

peixe (adj.): aquele que obtém vantagens por conhecer ou por ter familiar que ocupa posto superior e interfere em determinadas situações.

permanência (subst.): mesa situada no corredor onde se localizam as salas de aula, de forma que o responsável tenha condição de visualizar ambos os lados. O sargenteante, responsável por essa tarefa, fica nesse espaço durante as aulas e o recreio, de forma a atender os alunos nesses momentos, por exemplo, encaminhar o estudante à seção de saúde.

permissão (subst.): autorização para sair de sala, para se deslocar a outros setores da escola.

pica fumo (subst.): tenente.

piruar (v): dar-se oportunidade para que lhe seja dada a missão; mostrar-se desocupado; oferecer-se voluntariamente para alguma missão.

plaqueta (subst.): objeto em formato retangular, de plástico duro, no qual está registrado o nome de guerra do estudante. Ele deve estar afixado no bolso direito na parte da frente do uniforme.

PO (sigla): Posto de Observação; conhecimento de que o militar necessita para tomar uma decisão.

ponderão (adj.): questionador; aquele que costuma retrucar quando recebe uma ordem.
porraço (adj.): excelente; missão realizada com sucesso.
posição de sentido (expressão conotativa): ficar ereto, com os braços esticados ao lado do corpo, sem se mover, diante de uma autoridade.
postulão (adj.): característica daquele que sempre tem uma explicação, uma desculpa para os atos irregulares.
postular (v.): ter uma explicação bem detalhada e teórica para tudo.
prego (adj.): refere-se ao indivíduo que tenta enrolar o outro, que tenta se sair bem de uma situação difícil; pessoa enrolada.
preta (adj.): escala de serviço no sábado e no domingo.

Q

QSL (código): entendido; copiado.

R

rancheiro (subst.): indivíduo que faz as refeições no refeitório do quartel.

rancho (subst.): refeitório localizado no quartel.

raro (subst.): militar que é muito ruim, que faz tudo errado, mesmo as tarefas mais simples.

razão de defesa (expressão conotativa): descrição argumentativa que o aluno faz para contestar alguma punição que tenha recebido de um professor, de um monitor ou de algum militar.

reserva (subst.): corresponde à aposentadoria.

retaguarda (subst.): parte de trás de um batalhão; suporte.

retirada (subst.): punição recebida pelo aluno, quando ele comete atos disciplinares que, em muito, contrariam as normas estabelecidas no manual do aluno.

revista (subst.): inspeção da tropa e também da apresentação pessoal dos alunos.

rolha (subst.): aquilo que não é interessante; supérfluo; desagradável.

RRM (sigla): Reunião de Responsáveis e Mestres; evento que ocorre ao final de cada trimestre, com a entrega dos boletins escolares. Constitui momento de contato entre o responsável pelo aluno e o professor das disciplinas.

S

saco (adj.): inconveniente.

safo (adj.): esperto; malandro; que resolve os problemas.

SGT (sigla): sargento (posto de graduação).

sangrar (v.): sofrer.

sanhaço (subst.): situação instável; preocupante.

sargenteante (subst.): militar que atua como monitor de disciplina e é responsável por cuidar da permanência, verificando se os alunos estão dentro da sala em horários de aula, concedendo autorização para irem à seção de saúde ou à APM.

se jogar nas cordas (expressão conotativa): realizar, com afinco, uma tarefa designada.

SEAN (sigla): Sistema de Ensino e Aprendizagem por níveis; denominação dada às aulas de língua estrangeira, das quais o aluno participa conforme a sua habilidade e/ou proficiência em língua estrangeira moderna (Inglês e Espanhol), independentemente da série em que está cursando de forma regular.

SEF (sigla): seção de educação física; local onde acontecem as práticas de variados esportes.

sinezíforo (subst.): motorista da ambulância.

SO (sigla): suboficial (posto de graduação).

SOE (sigla): Serviço de Orientação Educacional; setor responsável pelo atendimento a os alunos para orientá-los quanto a aspectos disciplinares e relacionados ao desenvolvimento acadêmico; promove o contato da escola com a família.

SPE (sigla): Supervisão Escolar; setor da escola que trata diretamente do trabalho dos professores, organizando grade horária, marcando reuniões com pais/responsáveis pelos alunos.

suco de vermelho (expressão conotativa): nome dado ao suco servido no rancho, quando não se é possível identificar o sabor dele.

suga (subst.): grande esforço.

sugado (adj.): estado de quem está exausto.

ST (sigla): sub-tenente (posto de graduação).

T

tampa (subst.): cobertura; qualquer tipo de chapéu.

TEN (sigla): tenente (posto de graduação).

testa (subst.): parte da frente de um pelotão, de um agrupamento.

TFM (sigla): Treinamento Físico Militar; cumprimento das atividades físicas previstas para um militar na ativa.

tocar o rebu (expressão conotativa): colocar alguém ou um grupo sob pressão; amedrontar.

toceira (adj.): apático; desanimado.

torar (v.): dormir; tirar um cochilo.

torrar (v.): anotar o nome do aluno que comete alguma transgressão.

treva (subst.): aquele que não tem habilidade na prática de esportes e de atividades físicas.

U

última forma (expressão conotativa): retirar o que foi dito; corrigir-se.

unidos venceremos (expressão conotativa): nome dado ao arroz servido no rancho.

U (código): urgente.

UU (código): urgentíssimo.

V

vale grau (expressão conotativa): tarefa ou atividade para a qual será atribuída nota.

vampiro (adj.): militar da reserva; que está aposentado, mas continua trabalhando na organização militar.

vermelha (subst.): escala de serviço que acontece de segunda a sexta-feira.

VI (sigla): Verificação Imediata; instrumento avaliativo que pode ser aplicado ao final de cada aula expositiva.

viatura (subst.): carro.

voador (adj.): esquecido.

X

xerife (subst.): chefe da turma; o que está no comando do pelotão.

xexelento (adj.): trabalho feito com desleixo.

Z

zaralho (subst.): desordem; bagunça.

Zé Mané (expressão conotativa): refere-se a uma pessoa boba, que se deixa enganar facilmente.

zero último (expressão conotativa): aquele que fica em último lugar.

zero um (expressão conotativa): o melhor colocado da companhia; pode ser usado para nomear o comandante da instituição militar.